This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

UC-NRLF
$B 159 630

BERKELEY
LIBRARY
UNIVERSITY OF
CALIFORNIA

GOMES LEAL

O Anti-Cristo

SEGUNDA EDIÇÃO DO POEMA REFUNDIDO
E COMPLETO, E ACRESCENTADO COM

As Téses Selvagens

AILLAUD & C.ª
CASA EDITORA E DE COMMISSÃO
96, BOULEVARD MONTPARNASSE — PARIS
FILIAL, 242, RUA AUREA, 1.º — LISBOA
1908

O Anti-Cristo

Composto e impresso nas officinas a vapor da Imprensa Moderna, de Manoel Lello, Rua da Rainha D. Amelia, 63 — PORTO

Todos os direitos no reino e no estrangeiro
reservados

GOMES LEAL

O Anti-Cristo

Segunda edição do poema refundido
e completo, e acrescentado com

As Téses Selvagens

AILLAUD & C.ª
CASA EDITORA E DE COMMISSÃO
96: BOULEVARD MONTPARNASSE — PARIS
FILIAL, 242, RUA AUREA, 1.º — LISBOA

1907

Pmeus Pacs

Carta Aberta

Minha Mãe:

A Dôr agarrou-me pelos cabelos — como uma histérica ou uma endemoninháda — e sacudindo-me trez vezes no ar, aos repelões, para me despertar do meu desespero, bradou-me com uma voz que estrangulavam soluços:

— Vem comigo, coração revoltado e tempestuoso! Quéro mostrar-te os mares, os promontorios, as torrentes, as catarátas do Meu Imperio, a geografia dos Meus Estados.

E arrebatando-me no seu manto diabólico, como Mefistófeles ao Fausto, arrastou-me a uma região devastada e carbonisada pelos incendios: revolvida e escalavráda pelos vulcões: varrida e sacudida pelos cataclismos e as revoluções geológicas.

E berrou-me: — Olha lá em baixo. Mergulha a vista no insondavel.

Ali estão os mares de fogo das Lagrimas: acolá os vulcões eternamente acesos dos corações estrangulados: mais alem, os rochedos angulosos, os Himalaias batidos dos relampagos do Desespero: — ali em cima, aquellas gargantas negras, aquellas monstruosas lombádas de basalto, granito e calcareo, são os promontorios do Suicidio: — ali, as Ilhas do Abandono: — acolá em baixo, os infernos sem nome, as solidões lamacentas e pantanosas das lagrimas malditas e das dôres irremediaveis.

E eu tornei-lhe: — Fúria dos olhos ardídos, por que me trouxeste tão longe?...

Conheço um mapa mais tragico, uma esfera armilar mais tenebrosa, uma carta geografica mais horrivel ainda.

— Olha dentro da minha alma!

.....

.....

Pois bem, ó Mãe diléta, este meu estado de alma foi mortificádo e barbaro. Este periodo macábro e negro foi de uma realidade irrefragravel.

Eu senti-me afundar na Dúvida, como um naufrago n'um mar geládo dos polos. Senti-me vasquejar no *Maelstrom da Negação*, como um homem que degolam n'um descampádo, ou que estorcégam, a patinhar n'um cáos.

Mas agora sinto-me calmo. Agora sinto-me tranquilo e plácido.

Este poema em que se faz a apoteóse do homem primitivo e selvagem — *porem*, *sincero* — em

detrimento de uma Civilisação Ventruda e Pomposa — este poema em conflito com esta Siencia Materialista e Assopráda, com olhos de toupeira, e que apenas armada de uma coisa muito falivel e defeituosa, a que chama Rasão — e artilhada unicamente com cinco instrumentos de precisão excessivamente inferiores aos de certos insectos e aos dos selvagens, se atréve comtudo a elevar a sua Rotunda Sapiencia até á arrogancia de um Dogma: este poema audáz, mas convicto e inspirado pelo facho auroral da Consciencia, é o fruto da minha alma pacificada.

Ah! — querida Mãe! — ha quantos séculos a misera e ensanguentada Alma Humana tem rondádo ululante, de dia e de noite, á roda dos sete circulos malditos, que um materialismo acéfalo e grosseiro riscou em torno da Resplandecente Verdade, tracejando-lhe nos muros este distico ignobil e crapuloso: — *Só Existe a Materia! Tudo é Materia!*

Em roda d'esta legenda diabolica, a alma coletiva da humanidade tem escabujado angustiosamente, como o cachorro negro de Mefistófeles, encurraládo pelo pentagrama cabalistico do alquimista alemão, no seu laboratorio magico.

E, todavia, quão facil não seria a estes ventriloquos histriões do Materialismo Contemporaneo, a esta hora tão adeantada da Civilisação, e depois das estonteantes revelações de Gustavo Le Bon sobre a Materia Radiante, darem uns passos mais

na luminosa estrada de Damasco, e proclamarem bem alto, no meio do vasto assombro da cáfila ignára dos imbecís, que os aplaudem estarrecidos: — O *Espirito é tudo! Tudo é Espirito!*

Eu bem sei que este brádo alarmante resoaria em todo o orbe ateu, como o clarim barbaro de uma heresia barbara. Sobretudo nos arraiaes dos Filisteus dos *cinco sentidos omniscientes,* faria mesmo ruir e desabar de indignação as macissas muralhas da Pedanteria Oficial.

Mas só a sinceridade tocante d'estes sientistas flatulentos e verbosos,—agarrádos fanáticamente aos seus rotineiros papiros—é que unicamente os poderia salvar perante a posteridade, do monumental labéo e do irremediavel fracasso de todos os seus Caducos Dogmas, depois da fulminante descoberta do Radio.

Só proclamando esta imortal Verdade—se elles a compreendessem bem!—é que ficariam entendendo então que a Materia não é senão uma aparente *mascara,* que o Espirito faz tregeitear.

Só decifrando-a, se lhes tornaria compreensivel então, por que é que se pódem magnetisar tanto os seres animados como as coisas insensiveis e inorganicas, que parécem repousar secularmente na mais estúpida das inercias.

Só interpretando-a emfim, é que lhes seria demonstravel cabalmente, por que é que o atomo se desagréga da materia, e passa a ser uma certa minuscula massa de substancia variavel, e por

que é que a Materia não é como elles a apregoávam obsecadamente, uma ***substancia única, indestrutivel, e irredutivel.***

É por que alí onde o atomo se desagréga, alí onde elles afirmavam que era o seu invencivel reduto, ali é que se manifesta mais energicamente esse ***novo estado,*** que elles ainda não se atrevem a apelidar definitivamente, e é onde se rasgam com mais amplitude — como portões de chama — as barreiras maravilhosas do Invisivel, do Imponderavel, do Intangivel.

É alí que a sua Rasão desnorteáda cambaleia, e onde já lhes não podem prestar socorro os seus pobres cinco sentidos animaes, nem a sua sientifica Torre de Babel de papelão doirádo.

Mas replicar-me-hão os sientistas: — O agente que faz passar a Materia pelos seus quatro estados solido, fluidico, liquido, gazozo, não é senão o calor ou o frio. O que tem o Espirito com estas quatro passagens transitorias, com estas quatro transmutações e metamorfoses?...

E eu replicarei aos doutos filósofos, aos experimentalistas sabios: — Não existem realmente na Natureza, nem calor, nem frio, nem luz, nem som. O calor, vós o sabeis perfeitamente bem! não tem nenhuma realidade objectiva. Na sua essencia, elle não representa senão o maior ou menor numero de vibrações da luz, na mesma unidade do tempo. Mas o que é Luz senão Movimento?... O que é Movimento senão Vontade ou Pensamento?... O que é Pensamento senão Espirito?...

Suprimide o Espirito, tereis suprimido tudo. O Espirito é a unica fonte inicial do existente. E' o unico principio vital do agregado cósmico.

Mas perguntar-me-hão:—Como é que o Espirito se póde transformar n'este *quid*, que vulgarmente denominamos Materia?—Resistindo ao movimento, tornando-se portanto inerte, macisso, grave, espesso, ponderavel. Parar não significa morrer: por que o espirito não conhece a morte. Parar um pouco, significa cobrar forças: parar de mais, significa tornar-se espesso, macisso, material.

Quereis um exemplo pictural do meu arrasoádo?... Contemplae o magnifico quadro simbolico de Alberto Besnard em Paris. Quando Satanaz tomba das estrelas, arrasta na sua queda uma beldade diademáda de luz, chamada Materia, a qual pretende repousar alguns seculos á sombra das palmeiras do Paraizo Terreal, depois da sua viagem fadigosa pelas constelações. Mas o que irá suceder depois d'essa paragem tão dilatada, d'essa inercia secular dos amores, tão perigosa?... O pincel do pintor recusou-se a proseguir e deteve-se n'este ponto. Eu vou, porem, suprir a muita realissima lacúna. As formas femininas da beldade arredondar-se-hão cada vez mais, até se tornarem inestéticas, pesádas, desgraciosas. A auréola de luz apagar-se-ha pouco a pouco da sua fronte, primitivamente radiosa e aurilusente. O seu vôo, que direi eu?... a sua marcha tornar-se-ha espessa, macissa, pesada, desgeitosa, como a das aves noctambulas ou a dos albatrozes.

O que deverá fazer portanto a formosissima deidade, para retomar de novo o seu vôo agil, e as suas formas flebeis e vaporosas?... Empregar um processo um tanto semelhante ao de Curie. Recorrer áquellas sucessivas lavagens a que elle recorreu, para a extração dos sáes do Radio. Deve purificar-se nas santas lavagens da abstinencia e da puresa: desprender-se completamente dos estigmas lodosos dos insondaveis abismos de treva e lama, aonde as suas azas de espuma albente roçáram: voar, voar bem acima das regiões da Forma e do Tempo, a fim de tornar-se de novo, não a *Materia radiante*, como a apelidam indevidamente os sabios, mas sim esse surprendente espirito de luz que sempre foi, que ainda relativamente é, e que n'um proximo dia tornará a ser.

Resumindo: Espirito implica movimento. Materia implica inercia. Mas ambas procedem e se originam d'aquella inalteravel e divina Unidade que é Deus, o *Espirito dos Espiritos*, d'onde tudo dimana.

Se compreendestes bem a minha alegoría, perguntar-me-heis talvez, por que é que os filosofos materialistas nunca entreviram esta unica Substancia radiosa, esta resplandecente Unidade?... Por que os sabios positivistas teem-se fiádo unica e obstinadamente no testemunho experimental dos seus pobres cinco sentidos animaes, que os teem indusido a tão grosseiros e caricatos erros.

Flamarion, disse com um substancioso criterio:

—Vemos o sol, a lua, as estrelas darem voltas á roda de nós, e isso é falso. Vemos o sol levantar-se no horisonte, quando ainda está abaixo d'elle, e isso é falso. Sentimos a Terra imovel e isso tambem é falso. Escutamos sons harmoniosos no ar, e isso egualmente é falso, por quanto o ar transmite só ondulações silenciosas.

Flamarion poderia ter acrescentado ainda isto mais: —Cuidamos ver e mal vemos: cuidamos ouvir e escutamos mal: cuidamos cheirar e temos o olfato inferior ao dos selvagens e irracionaes: cuidamos gostar e temos um paladar variavel e defeituoso: cuidamos apalpar e não temos mais do que um defecientissimo tacto.

De facto: se metemos um bordão dentro de agua vemol-o torto, quando elle se mantém direito, e isto pelo fenómeno da refração. Se passamos por um local abobadádo e falamos, escutamos uma ou mais vozes que fazem éco, e prolongam as ultimas silabas das palavras que nós não prolongámos.

Isto por uma ilusão bem conhecida da acustica. Identicamente quanto ao paladar. Podemos saborear deleitosamente uma taça de Champagne, de Tokay, ou do *Lacrima-Cristi*, tendo apenas ingerido uns golos de agua salobra ou infecta, ou mesmo não tendo bebido nada, e isto pelo fenómeno bem notorio da sugestão e da hipnóse. Finalmente, podemos cuidar sentir o efeito de um cheiro pestifero no orgão do olfato, ou uma grave queimadura n'um braço ou n'uma perna, quando a

realidade é que ambas essas sensações desagradaveis ou dolorosas as sentimos no cérebro apenas, onde reside o pensamento.

Ora diser Pensamento o mesmo é que diser Espirito, porque o cérebro não é um orgão que géra a Idea: é o habitaculo onde ella se localisa, e aonde os nervos vão repicar aceleradamente como campainhas de alarme.

Em que se fundamenta pois tão arrogantemente essa apregoáda filosofia positivista, que se estriba apenas, como S. Thomé, em aliceres tão ilusorios, tão frangiveis, tão quebradiços?... Em quasi nada, ou mesmo *nada,* para poder resolver, com autoridade, problemas tão altos e prodigiosos como os da Psicologia Pura.

Eu tenho o maximo acatamento por uma certa Siencia pacificadora, que salva, que redime, que cura: — que é preciso enramar de loiros e de palmas: — incensar de aromas e balsamos raros: — ungir com aguas de nardos e aloés.

Mas abomino e digo *Ráca!* a uma certa outra Siencia, que fabríca explosivos e maquinas de guerra: que promove o envenenamento das populações em massa, pela falsificação dos géneros alimenticios: que se roja com humildade a todas as especulações vís da Ganancia, do Capital, ou do Cofre Forte: que bajúla arrastadamente o materialismo chué, o Omnipotentissimo Abdomen do Burguez.

Com que direito é que esta erronea Siencia

Experimental e Verboirral, que tantas derrotas conta já como de dogmas, póde ter ainda pretenções á infalibilidade pontifical, ella que tanto se riu das teorias prehistoricas e da existencia dos antipodas: da esfericidade da terra e da pluralidade dos mundos: e ultimamente da electricidade, do magnetismo, da sugestão, da hipnóse?... Com que direito póde chasquear do espiritualismo quem tanto chasqueou dos microbios de Raspail e da circulação de sangue de Hervey: do psiquismo de Wiliams Crookes e da materia radiante de Gustavo Le Bon, em conflicto com as excomunhões terriveis da Academia das Siencias de Paris e de Becquerel?... Com que direito, quem tanta vez se engana, se contradiz, se renéga a si proprio, e que ainda ha pouco, com a descoberta do Radio, teve que bater com um calháo nos peitos, e berrar estranguladamente *Mea culpa! Mea maxima culpa!* póde atribuir-se, com tão petulante vaidade, o Pontificado da Pura Rasão, quando ella só pode ter o do Materialismo, do Ateismo, ou do Diabolismo, indusindo ignobilmente as humanidades em erro, e decapitando do Cósmo imbecilmente Deus?...

Pois quê, acáso a Materia ter-se-ha enlaivádo e encanalhado tanto, dentro da sua ganga grosseira e réles, que pareça mais feia e asquerosa do que a hulha plebeia e negra, ou do que um pedregulho n'uma estrada, aos pontapés do forasteiro?... Não. A Materia é mais formosa, mais gentil, mais resplandecente, mais estética. E, todavia, n'esse des-

presivel carvão... n'esse bloco de carbone frio... n'esse calháo bestial e feio... está armasenada a luz magnifica e generosa do Sol. N'esse bronco minério, côr de um tição escuro, está agasalhado o santo lúme, a chama tépida, a faúlha mistica e sagrada.

Esse bloco de carvão vil é da familia radiosa dos *diamantes.*

Porque é pois que a Materia não estará em relação ao Espirito, como a hulha rustica e plebeia para o fino brilhante lapidado?... Identicas eternamente na essencia, ellas não são diversas, senão apenas na *mascara.*

Por que rasão, pois, ó doutos! ó sabios diplomados! vós sabeis reconhecer que o Homem é o produto da condensação do ar atmosférico, e recusais admitir a possibilidade de que o Universo seja *espirito organisado?*

Por que obsecação ilógica, recusareis, como uns antipodas da Verdade, ao Espirito, o que não recusais a uma certa mistura de oxigeneo, de carbone, de azóte, e mais um pouco de vapor de agua?...

Mas — minha querida Mãe — permite que me detenha aqui. Tu não és uma mulher vulgar decerto. Mas receio estar a aborrecer-te e a entediar-te com fastidiosas dissertações sientificas... ou antes anti-sientificas. Eu não sou um sabio diplomádo e oficial. Bem o sabes. Mas todavia não tenho em menos preço o não o ser. Sou um modesto pensa-

dor que observo, que cogito, que penso. Todavia, este poema tal como está: mesquinho e réfece como é: não toma por assunto a Siencia como o tomou outrora, por que, em materia religiosa, eu ha muito *descri d'ella.*

Tóma unicamente por tema a Consciencia, por que foi todo ditádo pela minha Consciencia.

E assim como a minha Consciencia, elle é tambem tal como eu sou, um produto da tua alma cristalina e singela.

Ofereço-te a ti e Áquelle — que foi teu Esposo e meu Pae — e que ainda hoje deixa cair sobre nós, das regiões estreládas, as suas celestiaes verdades.

Sim, celestiaes verdades, como as linguas flamantes do Espirito Santo aos Apostolos, n'aquella tarde deliciosa de Pentecostes.

Aceita-o, por que elle é como um rôlo alvo de incenso, que se eleva de uma ára simples — como as plumas das andorinhas nos telhados côr de rosa — como o aspeto espiritual de uma ermidinha entre oliveiras socegadas.

Aceita-o, porque é humilde como o fumosinho de um sertanejo larário... quando as ervagens cheiram a rosmaninho... quando emigram para as regiões dos lagos as garças brancas.

Teu filho que te ama

Antonio.

PREFACIO

ÁS TÉSES SELVAGENS *

Leitor de coisas eróticas!
que amas romances de pagens,
com princesinhas cloróticas...
Deixa essas fabulas góticas,
que já são assás narcóticas,
como orientaes beberragens.

— Rasga essas lérias exóticas.
— Lê estas Téses Selvagens.

---

* O autor denominou originalmente assim estas Téses, por estarem em absoluta hostilidade com a Civilisação Contemporanea.

PROLOGO

—

TÉSES SELVAGENS

I

A Genése do Heróe

Buscáe na antiga Argélia um lendario piráta.
Na Nova Caledonia um livido assassino.
Na Paris folgasan um *apáche* ferino.
Em Roma um cardeal... ou mesmo um diplomáta.

Ide á Russia e trazei-me um hirsúto autocráta,
á Londres, côr de coke, um *pick-pocket* fino,
qual pirata normando ou gentil malandrino,
bigodes de Pachá, um certo ar de braváta.

Em seguida fardáe-o e dáe-lhe umas dragonas,
oiros, plumas, galões, maneiras fanfarronas,
charangas marciaes e o canhão que destróe.

Que roube e queime assim como Pompeu ou Gama,
Barba Roxa ou Roldão — E aqui tens tu, ó Fama!
um *glorioso canálha*... um teu Filho... um Heróe.

II

A Consciencia do Heróe

Se a Consciencia fosse, ó leitor! um espelho,
ou tranquilo cristal de fonte de agoa fina,
muito homem mostraria a aparencia ferina
dos monstros bibliaes do Cáos horrendo e velho.

Muito pareceria o imundo escaravelho,
suando e tressuando a rolar a mofina
bola de estrume vil, sob o céo de anilina,
bóla côr da Ignominia ou do Crime Vermelho.

Na alma forte do heróe marcial o mais réto,
ha mais tigres do que ha no Continente Preto,
e mais dragões do que ha nas Raças Amarélas.

Seja sabio ou ladrão, deboxádo ou distinto,
todo o heróe tem na alma um Nero ou D. João v,
pedindo, aos brádos... *sangue, ou freiras de Odivélas.*

III

O Fétichismo das Patrias

O primeiro que ergueu um fosso e uma muralha
em cidade ou solar — ergueu logo um abismo —
entre elle e seus irmãos e iniciou a batalha
brutal, estreita, hostil, da Avaresa e do Egoismo.

Ao Roubo e Assolação chamaram logo Heroismo.
Lança, arnez, morrião, fina cóta de malha
fazem logo esquecer ao aldeão que trabalha
suas ceifas ao sol e o seu verde lirismo.

Patria faz sempre armar bastiões e cidadelas,
e os obúzes, canhões, as náos, as caravélas,
que vão, de pólo a pólo, esgrimir e rixar.

— Patrias! vós sois pendões de heróes e vivandeiras,
que como os Cafres teem rosarios de caveiras,
e á róda do Vencido... acábam por bailar.

IV

Sob o Homem, está a Féra

Como o Hamleto no seu castelo em Dinamarca,
onde o luar batia a pedra da esplanada,
todo o homem tem um sonho, um alvo, uma rajáda,
que o léva ao Inferno, aos Ceus, e o vasto mundo abarca.

Seja elle o *D. Juan* sobre a maldita barca,
com diabólica ruga amarga bem vincáda,
Judas beijando o Cristo á tocha avermelhada,
Bocage na taberna, ou Promoteu na escarpa,

Cesar, Mario, ou Romeu, nas liricas ramagens,
todos teem as paixões mais crúas que os selvagens,
e o proprio Canibal amestrádo em chacina.

Todos, frades ou reis, duques ou diplomátas,
são taes e quaes leões rugindo a quatro patas,
— com a fome do Amor, ou a *fome canina.*

V

A Historia é um Lamaçal

Ninguem de bom senso lê a Historia,
sem nauseas ou gargalhádas.

Viajáe atravéz das épocas selvagens,
e de Historia na mão, cruzae pelas estradas,
onde trótam barões, paladins, cavalgadas,
barrigudos cardeaes em doirádas carroagens.

Escutae, rindo ao sol, frades, truões, ou pagens.
vêde *os autos de fé* e escutae serenadas,
a módinha e o sermão, rimances e estocádas,
Pápas ceando bem dos frútos das carnagens.

Tratae de ouvir depois, nas alcovas secretas,
grossas farças reaes em que entram servilhetas,
as Rainhas e algum ventrúdo Meneláo.

Escutae Rabelais, gordo abáde com tino,
e disei-me se o heróe da peça é um suino,
— se o Rei da Creação é doido, púlha, ou máo?...

VI

A Civilisação é uma Mentira

Toda a Civilisação procéde do Estomago.
FREDERICO II

—Mundo! deixa o Quixóte ir batalhar gigantes,
que encarcéram, sem dó, históricas rainhas,
o Cristo alçar no Horto os braços suplicantes,
S. Francisco de Assiz prégar ás andorinhas.

Deixa um Vicente Paula as loiras creancinhas
na capa resguardar dos frios irritantes,
Pedro Ermita arengar ás turbas ignorantes,
Lamartine encantar as multidões caínhas.

Deixa falar Platão na sua lingoa de ouro,
Jeremias alçar seu desgarrádo choro,
na hostil Jerusalem, escrava, entre irrisões.

Nunca Idealista algum vence a Terra impassivel.
Por que a Terra não vibra ao Ideal Imperecivel.
E' um Ventre—Quér trigo, assém, gordos capões.

VII

A Siencia faliu

Quando foi que a Siencia deu ao Homem
as chaves da Verdade ou da Ventura?...

Falta inda matar Deus e o seu irmão Diábo!
berra um sabio, ao inventar um feroz maquinismo,
com o qual pensa em breve enviar para o abismo
doze mil batalhões e auferir riquesa e gábo.

Todavia, jamais Satanaz, com ter rabo,
e barbas de caprum, qual Pan do gentilismo,
nem Plutão, nem Allah, tivéram o cinismo
de forjar raios taes, para de Adão dar cabo.

De tanto manobrar com gázes e retortas,
de tanto escancarar á Morte cem mil portas,
e enrijar no egoismo o barro antigo e máo...

o Sabio ha de chegar á perfeição incrivel
de ao mortal arrancar o coração sensivel,
— e pôr-lhe em seu logar, um chifre, ou um calháo.

VIII

O Homem é um monstro corréto e aumentádo

Ha em nós — força é crer — um furor exquisito,
feroz poder do mal que nenhum monstro tem.
Com polvora *dum-dum* ruiria um pequenito
a *Serpente da Biblia*... e até mesmo cem.

O Plessiosauro atroz que esmagava o granito,
e o Mastodonte enorme, outro rival tambem,
não queimaram regiões como Omar, o maldito,
nem de Nero houve algum que não ficasse aquem.

Revendo as formas mil que a Siencia regista,
os saurios, os reptís, os chacaes, toda a lista
de ursos, tigres, leões, cérdos de Guadalupe,

quér no Réptil que vôa, ou no Monstro que náda,
— nunca houve um Cascavél que inventasse a granáda,
— nunca Reptil algum fabricou canhões Krup.

IX

Elogio do Selvagem

Eu quiséra viver n'esses tempos fagueiros
das mátas virginaes e das florestas bravas,
em que gigantes bons, cabeludos, e trigueiros,
não tinham da Mentira as abjeções ignávas.

Não morávam então em cidades escravas.
Trilhavam largamente, altos como pinheiros,
as mátas dos bambús, dos cipós, dos coqueiros,
sem fréchas, sem farpões, sem arcos, sem aljávas.

A' sua calma voz, de entonações sinceras,
deitavam-se a seus pés, sem receio, as pantéras,
cerrando o olhar ao sol que doirava as folhagens.

A fraude não roçára inda os seus labios virgens!...
E, rectos como a Luz, havia nas vertigens
do seu amor, seu ódio — harmonias selvagens.

X

Ao Leitor

Leitor! váes folhear o livro amargo e forte,
em que a Verdade urra, e o austero Desencanto
sobre a Lira de Ferro ergue o severo canto
contra a Descrença Alvar — e dos Ateus a coórte.

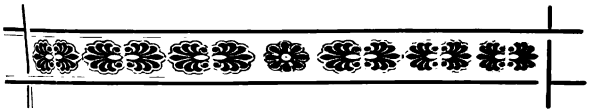
Não se cantam aqui os Reis de altivo pórte,
nem Lusos, nem Saxões, que á sombra de aureo manto
fossem plantar a guerra, o luto, o assombro, o espanto,
nas Raças do Equador e as *stepes* do Norte.

Aqui rasga-se o véo, sem mêdo, á *Face Humana*,
sem caio, sem carmin, sem pintura postiça,
púlha, com rúgas vis, diabolica, mundana.

Leitor! se és forte vém, e entra tambem na liça.
Conhéce que és um monstro, e sem filaucia ufana,
— *aprende que a Bondade é maior que a Justiça.*

INTRODUÇÃO

A Voz Temerosa da Consciencia



INTRODUÇÃO

A Voz temerosa da Consciencia

I

Reférem tradições *dos mui remótos dias*,
dos tempos mui ruins, tempos excomungados.
que as filhas de Kain e os Anjos Revoltados
uniram-se em bestiaes e infames mancebias,
nos seus bosques pagãos, nos serões estreládos.
Registam cousas taes os papyros sagrados
dos tempos muito máos... dos Muito Antigos Dias.

— Homem, lê e decifra os antigos papyros.
Teem lendas e ficções. Mas tragedias, suspiros!...

II

N'essa Edade do Ferro, os palácios gigantes,
que tinham colossaes, extranhas arcarias,
estrugiam de noite aos gritos sibilantes
da Luxúria, da Carne, e aos Ritos degradantes,

com selvagens canções, selvagens liturgias.
Archótes de resina ardiam crepitantes,
ao longo d'essas mil ferreas escadarias.

E o deboxádo rir d'essas ceias e as pragas
lembrava o vento a uivar nas velhas azinhágas.

III

Quando as chuvas dos Céos e o Mar que tem mil braços,
florestas de coraes, Meduzas, e Delfins,
penetráram dos Reis nas torres e nos paços,
acharam-nos a rir nos seus altos terraços,
fazendo um brinde ao *Nada*, em seus torpes festins.
—As Virgens liriaes dos demonios nos braços.
—As filhas de Kain beijando os Serafins.

Terraços e ais de amor tudo varreu a espuma.
Ninguem pronunciou Deus — Nenhuma vóz. Nenhuma.

IV

Então o Muito Antigo, o Muito Alto, o Excelente,
chamou um Serafim de olhos sentimentaes,
e bradou-lhe: — E' preciso ao Ser sobrevivente,
uma Voz que lhe fale eterna e intimamente,
na Chuva, o arfar do Lume, a orquestra dos Pinhaes.

na fontinha que corre á sombra humildemente,
nos prantos do Escarcéo... no uivar dos canaviaes.

—Que elle oiça sempre a Vóz. Quér no cólo das Graças,
nas rosas dos festins, ou no tinir das taças.

V

Á Terra desce pois, com passo cauto e breve,
com teus macios pés calçádos de setim,
quaes raios de luar sobre os degràos de neve
do palacio do Sonho onde o sol não se atréve,
deslisam como a sombra e a essencia de um jasmin.
—Sê subtil, qual na relva um fio de agora leve.
—Suave, como á tarde, um lirio em Corazin.

Mas quando alçar's a vóz, contra as torpezas fátuas,
—descorarão os Reis, brancos como as estatuas!

VI

Mil formas tomarás como as nuvens aéreas,
ou como, na penumbra, as sombras erradías.
Baixinho falarás de lutos, de misérias,
de exilios, de paixões, de saudades cinéreas,
nos castélos feudaes, musgosas abadías.
Baixinho falarás de coisas graves, sérias,
ao naufrago no mar, boiando ás ventanías.

Mas quando alçar's a voz, entre as canções das festas,
— o suor gelará na palidez das testas!

VII

Baixinho falarás á candida donzela,
seja ella a camponeza ingenua, humilde, franca,
seja ella a castelã de altiva parentela,
a devanear Amor n'algum barquinho á vela,
ou de um nóbre corcel sobre a lustrosa anca.
Baixinho lhes dirás que a sua flor mais bela
é o lirio do pudor, e que és a *Dama Branca.*

Mas, se bradar's, *Infamia!* em templos ou pretórios,
Bazilicas cairão... ruirão os Zimborios.

VIII

Baixinho falarás dos céos e das estrelas,
ao poeta que sonha á sombra de uma olaia.
Baixinho falarás, ao zunir das procélas,
áquelles que se vão nas náos e caravelas,
com saudades de amor, ou saudades da praia...
até que em certa noite, aos clarões de cem vélas,
a espada te atravesse e que o teu sangue caia.

Mas ai das Ráças vis! ai do Gladio que córta!
—quando soar na terra: a *Consciencia é morta!*

PRIMEIRA ÉPOCA *

Os Cristos do Mal — As primeiras gargalhadas de Barrabás

A Ironia, essa fria e teatral Espada,
tornou-se hoje feroz nas mãos de Satanaz.
— Ouve-a, ó Canalha vil! na boca agoardentada
do teu Rei, Barrabás.

* Veja-se no fim do livro as *Rubricas e Referencias.*

O Navio Cholerico

—

A bordo de um navio, no mar do Equador -- É noite tenebrosa, mas sem aragem — Tres marinheiros mortos do cholera jazem no tombadilho -- Á prôa o Anti-Cristo e o capitão Wolf.

O CAPITÃO WOLF contemplando os cadaveres:

Mortos! Mortos assim! — Eis os lobos marinhos,
que haviam percorrido os mais invios caminhos,
do pólo Norte ao Sul, do Cabo ao mar da China.
Mil raios e trovões! — Eis uma extranha sina!

O ANTI-CRISTO

Meu caro capitão, desculpe, se engolfado,
n'este abismo de treva e sonhos em que nado,
n'este poço infernal de angustia e de marasmo,

de incrivel distração — vejo, cheio de pasmo
morrer, a um por um, todos os marinheiros,
sem saber bem de quê — ha seis dias inteiros.

O CAPITÃO

Que diz? — Ignora pois nossas horriveis provas?
Acaso a Sciencia tem tão insondaveis covas,
que possam distrair dos olhos a anciedade
mais brutal, mais feroz, que é dada á Humanidade?
Acaso ignóra então que o hostil Monstro Amarelo
da epidemia antiga, as azas do Flagelo,
do *Cholera* infernal, a vil peste indiana,
ceifa a tripulação ha mais d'uma semana?!...

O ANTI-CRISTO

A Morte é sempre a Morte. — A Creação divina
tem comtudo chegado á perfeição ferina
de argamassar o Mal com tanta paciencia,
esmero, correção, primor, e transcendencia,
que o vasto poço d'alma e o *cosmo* indefinido
parecem sonhos maus da noite d'um bandido.
O *Cholera* é o Mal — bem feito e com primor.

O CAPITÃO

Ouça então nosso mal em toda a essencia e horror!...
Tendo largado o Oriente, ao cabo do primeiro
dia, logo notei faltar-me um marinheiro,
entre a tripulação — um moço ruivo e forte.
Mal sabiamos nós que o arrebatára a Morte!
Navegámos, porém, sem mais reparo serio,

sobre o mar que será o nosso cemiterio,
quasi um mez, sempre tendo um tempo bonançoso.
No mar calmo e sereno era delicioso
navegar sob um Ceu luzente como o espelho
feito d'um vidro azul — O pôr do Sol vermelho
vestia, como nunca, as mais vistosas côres.
— Ironica explosão do belo entre os horrores!
Mas, eis que em certo dia, o medico á tardinha,
chegou-se a mim: e em voz bem tremula, baixinha,
como um segredo horrendo e que se diz a custo,
revelou-me, a tremer, cheio de assombro e susto,
que ao fundo do porão se achava um marinheiro,
morto da horrivel peste havia um mez inteiro,
cheirando muito mal — e que elle era decerto
esse homem que faltára... Inquieto e boquiaberto,
cheio d'ancia e terror, mandei deitar ao fundo,
bem no ventre do mar, aquelle corpo imundo,
que cheirava peor que as criptas dos conventos.
Mas tres dias depois, uns vomitos cruentos
atacaram sem tregoa uns quatro tripulantes,
que morreram no horror de gritos cruciantes,
legando-nos seu *mal* em toda a intensidade.
Morriam dois e tres... Uma enorme anciedade
apavorou nossa alma afeita aos temporaes!...
Abria sempre o *mal* por vomitos mortaes,
torturas, convulsões, febre, anceios, suores.
O medico morreu — por cumulo de horrores —
e um panico geral correu todo o navio.
Morriam cinco e seis! no mesmo dia a fio,
e o *Cholera* tragou, a esmo, marinheiros,

damas, lobos do mar, creanças, passageiros:
e ha dois dias que já, do resto da equipagem,
restamos eu e vós — e dois da marinhagem.
Mil raios e trovões! — Horrenda situação!

SILVIA, a esposa do Anti-Cristo — os cabellos soltos — as feições decompostas:

Eu resto ainda tambem, por ora, ó Capitão.

E, voltando-se para o Anti-Cristo:

Mas tambem vou morrer — Ó Paulo! longos dias,
e noites hei sondádo as turvas agonias
de todos que hão morrido, em convulsões a fio,
e não achei nenhum tormento mais sombrio
mais cruel, mais brutal, fundo, desolador
do que o pôço sem fim da minha informe dôr!
Ó Paulo, eu vou morrer!... Mas antes vou narrar-te
um sonho que me oprime aqui e em toda a parte,
que me tortúra mais que a espada do *Flagelo*.
— Sonhei que eu habitava um palacio, ou castelo,
n'um serro á beira mar, n'um ermo pitoresco.
Sobre um terraço, á lua, eu aspirava o fresco
da viração marinha, olhando a arquitetura
das nuvens, que o luar tingia d'uma alvura
quasi azulada e astral. — Eis quando, de repente,
escureceu o ceu das bandas do Occidente,
e um surdo e hostil fragor rolou na atmosféra.

Nisto um homem, nos ceus, d'uma feição severa.
segurando na mão um arrôxo, um tagante.
formidavel, minaz, soturno, flamejante.
açoitava da Luz os sacros batalhões,
varrendo-os como varre o sôpro dos tufões.
Um vago e escuro horror apavorou-me a alma!...
Quando de novo olhei, já mais serena e calma,
eis que á frente avistei, cheia de assombro e susto,
Cristo, o Senhor dos Soes, o Ceifador robusto
da seára dos ceus, debaixo d'um madeiro,
com seus mil Serafins, expulso, forasteiro,
e fugindo no Espaço esplendido e estreládo
sem resplendor de luz, varrido, ensanguentado,
pelo açoite brutal d'esse senhor do Inferno,
e, atraz Miguel: Maria: o Ceu: o Padre Eterno.
A minha alma aterrada, espavorida, anciosa,
por esta excepcional visão religiosa,
ergueu-se até aos soes, n'um grande ai, n'um grito,
contra o monstro d'Orgulho, o intrepido Maldito,
que guerreava o Cristo—o Hereje audaz e crú.—
Mas o hereje voltou-se, e horror! vi que eras *Tu!*
Ó Paulo, eu vou morrer!—Mas essa noite escura
apavóra-me mais que aquela sepultura.

Aponta o mar.

Terei por tumba a Onda e aquella humida paz.
Morrerão outros mais, mas tu escaparás
dos abísmos do mar e da inarravel peste,
e ha de cobrir-te um dia a Rama do Cipreste.

Porém rógo-te, ó Paulo, aqui n'esta Hora Augusta
e Solene, perante a Morte antiga e justa,
que de todos é mãe e a todos dá confortos,
pela memoria egregia e mistica dos *Mortos*,
que se agitam na sombra e me ouvem, maravilha!...
pela memoria emfim d'Estella, nossa filha,
a linha d'união que tanto me ha ligado
á tua alma viril, que jures, — bem amádo! —
jamais continuar a guerra excepcional
que moves contra o Cristo e o Ceo transcendental.
Sim, jura-me isto aqui! — E jura mais tambem
que buscarás a filha amada, o nosso bem,
que um dia se perdeu de nós n'uma cidade,
no meio d'um tumulto, inda de tenra edade,
cuja perda me traz aniquilada ha annos,
tão crueis que eu não quero ás lobas e aos tiranos.
Imploro-te isto, ó Paulo. — E apenas morta e em paz,
dá-me um beijo, o final. — Ha que annos m'os não dás!...
Depois lança-me ali...

O ANTI-CRISTO

É certo que afundádo
n'um poço de visões tenho-te abandonado,
ó Silvia, nobre e séria, estatua de doçura!...
— Ah! bem tenho maldito a Idéa que tortura,
e o aguilhão que me traz o flanco ensanguentado!...
Mas n'este atroz instante, extremo e inolvidádo,
em que a Morte nos cerca e a face te descóra,
eu juro pela paz d'essa Alma que me implora,

e pela minha, ó Silvia, abandonar a idéa.
que me alucína e traz a alma de sonhos cheia.
vigilante e tenaz, á Lampada do Estudo.
Desde hoje o Pensamento em mim gelará mudo.
e a boca selarei que ia a dizer verdades!...
Pódes morrer em paz! — As tragicas saudades.
que tu me has de deixar preencherão o espaço
inteiro da minha alma inerte de cançasso,
e que hoje aspira só á inercia dos metaes.
De que serve viver n'uma eça feita dais?...

SILVIA com voz extinta:

Obrigada! Faleço. Esquece a minha imagem,
mas não...

Cáe morta.

O CAPITÃO WOLF

Eis que morreu! Horrivel pesadelo!

O ANTI-CRISTO arranca os cabellos das barbas. — E n'um desespero infinito — na illimitação d'um enternecimento:

— Silvia! eu quero beijar ainda o teu cabelo,
mais teu olhar que vê já o final segredo!...
Tu foste para mim a Sombra do Arvoredo,

mais a Aza que abriga!... Ás vezes eu sentia
teu vestido roçar-me, ás noites, quando lia,
ou quando divagava errante entre as claustraes
galerias do escuro... ou sob os laranjaes...
Deleitava-me ouvir-te a voz solene e mansa,
o teu passo ligeiro... o olôr da tua trança.
Tu vinhas muita vez, nas horas de doçura,
beijar-me, estando a lêr: depois, fugias, rindo...
Mas hoje resta só de ti, ó Corpo Lindo!
um cadaver disforme e esgoto d'alguns gazes,
que nem podem florir em rosas e em lilazes!...
Do teu sorriso astral, teu transcendente olhar,
que era um livro de dôr, livro por folhear,
tão calmo e espiritual, tão transcendente e sério,
que acordava na alma as Ilhas do Misterio,
resta só hoje, apoz tão sepulcraes espinhos,
um pasto á fome hostil de cem monstros marinhos!...

E dando risádas imbecís e chorando: dando-lhe um beijo final: carrega o cadaver com um grande lastro, e arremessa-o ao mar. — Por muito tempo, fica contemplando o sitio em que o corpo se afundou, n'uma aniquilação de todo o ser. — Depois, com um arranco:

Corpo perfeito e esbelto, urna cheia d'idéas,
váe saciar a fome ao ventre das baleias!
Corpo gentil e amado, iman dos corações,
váe saciar a fome e a gula aos tubarões!...
Tu, minha alma enlutada, inerte á dôr e ao pasmo,
afunda-te tambem na calma do marasmo!

Ó espirito enfermo, excentrico, sombrio.
afunda-te na Peste assim como o navio!...

Os marinheiros, que restam, acendem barricas d'alcatrão, para desinfectar o barco das exalações epidemicas. — Todo o navio agora illuminado, no meio da noite tenebrosa, cruza o marmore negro e liquido do mar, como um peixe excepcional, ou um monstro côr de fogo, á flôr das aguas, pelo silencio opáco da noite. — Só um vulto negro se divisa á prôa, entre as chammas do *navio cholerico*. — É o Anti-Cristo, com os braços cruzados... que medita... aniquiládo.

Uma sala de um palacio em Jerusalem [1]

Dez annos depois

E' uma sala profunda, mal alumiada, enorme, cheia de colunas de marmore negro — Na secretária, um busto em bronse da Siencia, de expressão tragica e atormentada.

O ANTI-CRISTO, folheando livros da Gnose

Foi n'um deserto antigo, árido, seco, agreste,
nos confins da Judéa — e foi de certo ao Leste —

1 Veja-se, no fim do livro, as *Rubricas*, segundo a sua numeração.

que o Charlatão da Siria, o heróe da lenda extranha,
que a tradição chamou *Tentação da Montanha,*
em quarenta jejuns ensinou aos Ermitas,
Solitários da Nitria, Ascétas, Cenobitas,
as mil macerações e mil jejuns futuros.

Dá um suspiro.

Oh! como é que os teus Ceos, azues, tranquilos, puros,
bela Judea antiga e cheia de palmeiras!...
com serros pastorís cobertos de oliveiras,
regátos musícaes de agoas humildes, mansas,
montes cheios de relva, e rôlas, e creanças,
frescas vegetações e paisagens humanas,
poderam inspirar as creações tiranas
de Jehovah, Deus do Raio, e o Cristo dos Ermitas? ..

Com violencia

Malditas Religiões!... Superstições malditas!...

Então deante d'elle perpassam imagens, quadros, figuras, paisagens historicas — Passam o Cristo no Horto das Oliveiras — um triunfador romano, n'um carro puxádo por leões — Judas de Karioth enforcando-se n'uma figueira — as mil concubinas do Rei Salomão, prostituindo-se deante dos Idolos Phalicos — e o Imperador Heliogabalo, n'um trono de oiro, presidindo um senádo de matronas nuas.

De repente, tudo se esváe. — Uma creança chóra. Um rouxinol canta n'uma palmeira.

Não sei onde é que lí que o Cristo e os *Doze Hebreus*
viam na Estatua só o Idolo de um deus,
e não a forma núa, a radiação do Belo.
Arrojavam portanto á Estatua o camartélo,
filhos d'esses brutaes Judeos das Escrituras,
que blasfemando da Arte e as nobres Esculturas,
só viam no Ideal *fórmas abominaveis*.
Magros, cheios de pó, sórdidos, miseraveis,
sem saco, sem bordão, a pé, pelos caminhos,
prégavam nos casaes, nas locandas com vinhos,
nos templos: nos bordeis: nas praças: nos telheiros.
Traziam após si escravos e moleiros,
todo o hostil povoléo que urra nas sedições:
que réma nas galés: que foge das prisões:
que ri no lupanar: ultrája nos motins.
Nas brancas Capitaes com templos e jardins,
perpassavam, quebrando os idolos romanos,
e os brancos ideaes dos Gregos com insanos
gritos: acusações: libélos: vitupérios.
Como os córvos que vão rondar nos cemiterios,
conspiravam, na treva, entre ossos e moimentos,
emquanto em saturnaes, untádos de unguentos,
em leitos de marfim, com tunicas bordadas,
os Romanos carnaes, cheirosos ás pomádas,
cantavam mil canções: — toucádos de verbenas.

Cofiando a barba:

Que extranhas gerações!... São hoje cinsa apenas!...

Outróra eu fui feliz!... Não lia!... Não pensava!...
A espóra do Ideal nunca me esporeáva,
como um caválo bravo, assim pelos caminhos!...
Levantava-me cedo!... Ia colher os ninhos!...
Via as fecundações dos germens e as ramagens!...
Depois, ao largo sol, nas brancas estalagens
da aldeia, eu contemplava os rúdes arrieiros,
cheios do pó da estrada... alégres... prasenteiros,
esvasiando o vinho á sombra das latádas.
Chocalhávam, ao longe, os gados das manádas:
susurravam no ar as azas dos inséctos:
pairavam nos trigaes os melros inquiétos:
e, no môrno torpôr do sol de mil matises,
fundia-se a minha alma á alma das raises!...

Suspira — E deante dos seus olhos, deslisam frescos panoramas da infancia — paisagens ridentes, onde alvejam os linhos — hôrtos pastorís onde correm ágoas das régas — bahias azues onde vogam navios.

A VOZ DO DIABO

Discursos futeis, vãos! — De mais alto que o Monte,
onde eu Jesus tentei, verás de ti defronte,
e a teus pés, todo o orgulho e fausto das nações.
Mais veloz do que a Luz, verás como as ações
se sucédem em ti, á voz do pensamento,
— mais breves do que o Raio, o Som, a Idea, o Vento.
A pé! — Ergue-te e sáe d'essa inação extranha.

Ergue-te e vem comigo ao alto da Montanha,
onde aos teus pés porei as chaves dos Imperios:
Reinos: Religiões: Povos: Templos: Misterios.
És homem de paixões? — Dar-te-ei mil concubinas.
todas filhas de reis, de cintas débeis. finas.
que se enrólam no leito assim como as serpentes.
de coxas sensuaes: tranças d'oiro: altos pentes.
És sanguinario e máo? — De cima dos terráços.
mandarás combater os reis como os palhaços.
degolar as Nações e violar Rainhas.
És amante da Gula? — As mais famosas Vinhas
do mundo entornarão seu sumo em tua gloria.
e os teus festins farão escurecer na Historia
os reis de Babilonia e as noites de Tiberio.
Sonhas o Amor sem fim? — Nas noites de misterio
uma loira mulher envergonhada e anciosa,
semi-núa, em lençóes de seda côr de rosa.
te dirá seu amor, á lampada sombria,
quando o jasmim se inclina e cála a cotovia.
Dize, o que anceias tu? — Guerras, espadas nuas,
saques, assolações, incendios pelas ruas,
e tu, falando ao Povo, em cima de um caválo?...
Dize alto o teu Deséjo. — Exprime-o sem abalo!
Inda o maior debóxe... A coisa mais extranha!...

Estas palavras são ditas tão misteriosas e devagar que se confundem com o murmurio da viração que entra — O Anti-Cristo crê que são as violentas expressões da sua Carne excitada, os seus apetites em revolta.

Não—Não matei de todo inda a Ambição, tamanha
que tenho medo até de não lhe achar limites.
Náo! não matei a Besta: a Carne: os Apetites.
E tem a Ira, em mim, sempre um poder tão forte,
que tenho mêdo, eu sei!... de fazer uma morte!

E, recuando a esta idéa... aterrádo...

Sou por vezes brutal!—Tenho ás vezes vertigens,
que podem ser fataes... serem crueis origens,
de uma ação bestial... uma ação assassina.

—Sinto, cada vêz mais, minha alma uma ruina.

Suspirando:

Todos notam em mim excepcional mudança!...
Mal meu Pae faleceu, colhi a enorme herança
de bastos cabedaes, palácios, pedrarias,
granjas, plantações, róças, caudelarias,
—e rolei no Praser, como o Homem de Epicúro.

Mas logo o pensamento, austéro, simples, puro,
me afastou para além da Carne, com fastio,
e fui viver n'um êrmo, extranho, agreste e frio,
n'um castelo feudal, ao pé de um grande lago.

Sete annos me embrenhei, então, no sonho vago
persistente, tenaz, da guerra original
contra o misterio azul do *Sobrenatural*,
o antigo mal eterno... o *antigo mal do Homem*.

É, desde então que a Insónia e as febres me consomem,
e ás vezes gemo só!... Uma ancia me domina!

Um dia quiz correr a Siria e a Palestina:
visitar o Jordão e as margens do *Mar Morto.*
Quiz ver Jerusalem, ver Nazareth, o Horto,
onde Jesus orou, plantado de oliveiras!...
Deitei-me em Corazim, debaixo das figueiras,
vi Ramá: vi Sicar: perto de Samaría:
onde é de tradição que antigamente havia
o poço onde encontrou Cristo a Samaritana.
Tudo éra solidão!... ruina!... erva profana!
n'um senário soléne, ás horas do poente.

Torturádo corri, depois, todo o Oriente:
Siria: Persia: o Indostão: e os povos singulares
das extranhas nações das regiões solares,
cujos templos contéem monstros excepcionaes.
Vi seus deuses crueis em formas de animaes:
vi a Ibis Sagrada: a Esfinge Misteriosa:
vi seus antigos ceos solénes côr de rosa,
que recortam, á tarde, os grandes terebintos.
E. ali, n'essas nações de deuses indistintos,
como Volney, morei no meio de ruinas...

Ali é que estudei as religiões divinas
do Brama e de Budá, que tem milhões de crentes:
e a fundo investiguei os ritos decadentes
de Siva e de Manú, e ouvi os *Ocultistas.*
— Fui á Russia e filiei-me entre os graves Nihilistas,

despendi o meu Oiro em mil associações
secrétas, mas de ação — Organisei legiões,
esquadras, arsenaes, arquitetei planos,
tramas: redes: ardís: conjúras aos Tiranos:
— e arrasei-lhes no pó os Tronos e as Bandeiras.
Fiz-me o Chefe geral das seitas estrangeiras,
que guerreiam, na sombra, o culto do *Existente.*
Depois, voltei de novo ás regiões do Oriente:
e, no repouso então das lutas humanistas,
concentrei, contra o Cristo e a Egreja, as minhas vistas,
e entreguei-me, sem fim, ao estudo das Siencias.

Mas falta-me descer ao centro das consciencias!...

Assenta-se e adormece.

UMA MULHER DE BRANCO

Triste d'esse a quem róe um fixo pensamento!...

Triste de quem renéga um sacro juramento,
feito em hora soléne!... uma *livida hora!*
Triste d'esse infeliz em que o Remorso móra,
que vê chover o Tedio em seus cinzentos dias,
ou de quem se apráz só, no estridor das orgias,
no fragor da guerreia, o alambique, a retórta,
— para fugir ao olhar marmóreo de uma *Morta!*

O ANTI-CRISTO, sonambulamente:

Quem és tu? Quem és tu?... O teu olhar é franco,
mas gela-me — Quem és?...

A VISÃO

Sou a *Mulher de branco*.
a Mãe dos corações tôrvos e insatisfeitos!
Com sapátos subtís, entro em todos os leitos.
todas as saturnaes, em todos os noivádos,
pela hora em que estão os cérebros nubládos,
quando o clamor vae alto, ou vae mais rouca orgía,
que é quando a minha voz... mais regéla e arrepía.
Quando tudo repousa: o oceano e o arvoredo:
a Folha do Cipreste: a Campa e o seu segredo:
o inquieto coração: o duque e o alabardeiro:
—sou, quem córre de manso, alta hora, um reposteiro.

O ANTI-CRISTO

És a Morte, já sei... a eterna aborrecida!

A MULHER DE BRANCO

A Morte máta e ceifa.—Eu semeio e dou vida.

Fálo na chuva, no ar, nos ramos, na raiz,
no Corvo que crocíta, o Vento que maldiz,
solúço no estertor do que morre a horas mortas.
acúso com mil ais... gemo na voz das portas.
O Máo que ousa fitar meu olhar claro e frio,
sente do obscuro *Ignoto* o espectral arrepío.
O que atende, porém, minha voz mansa e breve,
sente afagar-lhe a alma uma estóla de neve.

O ANTI-CRISTO, baixo:

Sinto um grande máo estar!... Vejo um clarão vermelho!

A MULHER

Perjúro! ousa fitar o vidro d'este espelho!

O ANTI-CRISTO lança um olhar de soslaio e despéde um grito de terror—Repele a Visão, e esta esvae-se.

UMA MULHER DE NEGRO

Desejas conhecer as *cousas nunca vistas*,
terriveis e imortaes, antigas e imprevistas,
que nunca ninguem viu, nem vê, e não verá?...
Ergue-te então, e vem!

O ANTI-CRISTO

Que sombra boa ou má,
me manda despertar?...

Surpreso:

Que figura tão bela!

A MULHER DE NEGRO, apontando o busto da Siencia:

Olha em frente de ti.—Repára, eu sou *Aquella*,
que figura este bronze.—Eu chamo-me a *anciedade*
de *conhecer* o fundo ao abismo da Verdade.

O ANTI-CRISTO — fica um momento silencioso. — Depois, na larga ilimitação de um extase:

O' trancendente Ideal!... O' sombra amáda e séria!...
que vezes te evoquei dos antros da miseria.
onde desceu minha alma, assim como uma sonda!...
Que vezes açoitei do mar a verde onda.
e corri, por te ver, Ilhas: Reinos: Nações.
Ah! se soubesses bem minhas desolações!...
Se visses como errei da Dôr nas negras ruas.
por teus olhos astraes, como umas grandes luas!...
Se visses como, á tarde, em cima de algum monte.
quando o sol tinge em sangue as nuvens do horisonte,
julgava vêr-te andar, como andam as Rainhas!...
Se tu visses regar, na sombra, as noites minhas.
com prantos, como Job, e ouvisses os meus ais,
por causa d'essa luz de olhos transcendentaes!...
Porque tardáste em vir, tú que os proprios reis vences?...

Junta as mãos, suplicante.

A SIENCIA

Desde ha muito que és meu.—Não suspeites, nem penses,
que o teu destino a mim há pouco está ligádo.
És meu como á grilhêta a perna do forçado,
és meu como é á Vide o tronco de um olmeiro,
como o remo á galé, o preso ao carcereiro,
como o assassino ao algoz, como o mineiro á mina.
—És meu como é o muro á héra da ruina.

E mais baixo: os olhos fixos: n'uma fascinação:

Por mim, tu matarás, sem dó, os corações
d'*Aquellas* que a teus pés rolarem nas paixões
histericas do Amor que váram com espadas!...
Por mim, as deixarás, nas pedras das estrádas,
rasgádo o coração, as mãos ambas abertas!...
Por mim blasfemarás nas vastidões desertas.
e fugirás do horror das multidões sonóras!...
Por mim soluçarás, sem fim, todas as horas,
e a tua alma será cova de treva amarga.
Sobre ti pezará a Dôr com a mão larga,
e a Insónia sentar-se-ha á tua cabeceira!...
Mas tambem te darei a flôr da laranjeira
das nupcias do amor, e a flôr misteriosa,
e divina que se abre esplendida e radiosa,
no promontorio azul do Amor Transcendental.
Comigo vaguearás nas *Estradas do Mal,*
para estimar o Bem. — E a livida Anciedade.
te hade esmagar sem fim, matar como a saudade,
mata o escravo saudoso ao pé de uma palmeira...
Pela Dôr, te erguerei á rocha sobranceira
dos que sabem vencer todo o noturno mundo.

O ANTI-CRISTO

— Depois de vêr-te, a Terra é um chavascal imundo!
Fórma Espiritual, atraz de ti irei,
preso dos olhos teus, como um vencido Rei,
de cadeias aos pés!...

A SIENCIA

Péga no teu tagante.

O ANTI-CRISTO

Aonde vamos pois?

A SIENCIA

Não quizeste ha um instante.
percorrer e assolar os *Estados do Mal?...*

O ANTI-CRISTO

Tanto póde a Vontade?

A SIENCIA

E' um poder vital
maior que nenhum outro, essencia do que existe.
É a alma da Substancia, a eterna Lei que assiste,
impassivel, mudando e renovando a Fórma.
É a potente Força, o Movimento, a Norma,
que a seu sabor, agita os sóes e o mar profundo.
—Quem quizer, com vigor, dominará o mundo!
Para a Vontade, a lei, a que ninguem tolhe o passo,
não existem a Fórma, o Numero, o Espaço.

O ANTI-CRISTO

Se a tantos próstra em vida o Fado, a Luta, a Sorte,
como consigo eu pois?...

A SIENCIA, com voz tonante:

Porque tu és um Forte.

A Cidade do Mal *

O ANTI-CRISTO, no corucheu de uma Bazilica.

Eis-me em frente de ti, terra de ocio e maldade!...
Eis a Cidade infame. — Eis a infernal Cidade,
feita de pedra e vicio, e marmore, e desejos!
Eis teus frescos jardins tão sonóros de beijos,
teus distantes casaes cheios de larangeiras!...
Eis teus rios azues, teus hortos de nogueiras,
teus verdes olivaes cendrádos e sombrios...

Com indignação:

— Maldita sejas tu!... teus reis!... os teus vadios!

A SIENCIA

Desçamos, para vêr, em baixo, toda a escoria
da Cidade, e verás que inda é mais torpe e ingloria!...

O ANTI-CRISTO

Misturemo-nos, pois, na confusão da praça.

Descem.

---

* Veja-se esta rúbrica no fim.

A SIENCIA

Vês aquella mulher alta e gentil que passa,
sorrindo, sob o véo, com olhos eloquentes,
loira, nóva, gentil?...

O ANTI-CRISTO

Esbelta, com bons dentes?...

A SIENCIA

Essa mesma.—Observa o porte, o gesto, o andar,
sua mão fina e breve e o seu azul olhar.

O ANTI-CRISTO

Feliz de quem podér, certa manhã suave,
de Abril, sentir seu peito arfar como uma ave,
que a creança arrancou das plumas do seu ninho!...
Feliz de quem sentir a flôr do seu carinho,
e as suas mãos tremer nas noites outônaes,
ou de quem lhe escutar a música dos ais,
no leito virginal, á branca lamparina,
quando o amor desmaiar aquella tez divina
de camelia em botão... de lagrimas molháda!...

A SIENCIA

Pois bem—essa mulher etérea e delicáda—
tem dentro um cancro oculto e asqueroso no peito,
e amanhã—ou depois—seu corpo nú, perfeito,

marmóreo, escultural, de virgem casta e nova,
será uma infêção de *gázes* mais na cóva:
e tu que a viste rir, loira, esbelta, feliz,
junto do seu caixão taparás o nariz.
—Que dizes ao bom Céo, que tanto bem entórna?...

O ANTI-CRISTO

—A Vida é mais bestial do que o málho e a bigorna!

N'este momento, surge uma figura bizarra, original, toda rôta e torcida, em forma de um *S*.

É JESUS BARRABÁS, esguedelhádo, vestido de frade, cinico, cambaio, as barbas revôltas: — o habito cheio de rasgões, de vómitos, de máculas de vinho.

Meus irmãos! Meus irmãos!... amai a toda a hóra
a branca, a preta, a loira, e a das tranças de amóra!
Amai sem ter remorso, a tórta, a côxa, a freira,
amai a Imperatriz... amai a lavadeira.
O *amor livre* nasceu quando nasceu Adão.
Provou-o a Mamã Eva e o nosso Avô Abrahão!
Assim o entendeu Roma, a Turquia, o Sabá,
e assim tambem Jacob, mais o *menino* Isac.
—A Consciencia, atendei, meréce algum carinho!...
Que impórta que o Judeu aborreça o toicinho,
ou que o Turco imbecil odeie o súmo d'uva?
Libertae a Consciencia.—Ou seja ao sol e á chuva,

ronquem raios, trovões... berrem sábios ou zótes.
deixae a Consciencia, á solta. dar pinótes.
Que cada um adóre. em páz. ou quando queira.
a cebola do Egypto e a abóbora carneira.
O Ventre, ó meus irmãos!... *(Risos.)* decerto. pela cérta.
a Barriga tambem meréce ser libérta.
Libertemos o Ventre—Abramos a enxovia
onde este martir péna ha seclos de agonia.
Jejuar é decerto um tolo preconceito.
quando ha rijo apetite e que não dóe o peito.
quando o musclo está são, quando ha um rico *assém*.
o *alcatre* é um primor, ou que se arróta bem.
Qu'reis adoçar a Vida, esta cicúta amarga?...
—Ventre livre. Amor Livre. a Consciencia á larga.

Gargalhadas, aplausos, guinchos: *Viva Barrabás! Viva Barrabás!...*
N'este momento, passa atráz de um enterro, uma viúva carpindo.

A VIUVA a Barrabás:

Contempla, borrachão! tua filha no esquife
que morreu por não ter...

BARRABÁS

... dinheiro para um bife

Risadas da plebe.

A VIUVA

Infame! Sim, morreu de inanição, canceira!

BARRABÁS

—Por que é que lhe não déste a béla trincadeira?

Risádas

A VIUVA

Monstro! A fome mirrou seu pobre peito nú!...

BARRABÁS

—Por que é que lhe não déste uma áza de perú?...

Risádas

A VIUVA

Por que tu me deixaste entregue á esmola alheia!

BARRABÁS

— Devias dar-lhe então, vinho, alcátre, ou geleia.

Risádas

A VIUVA

Não tinha um só real... nem uma côdea... nada!

BARRABÁS

—Em tal caso é bom sempre o Vinho e a marmeláda!

Risádas

A VIUVA

Vi-a morrer crispáda... inerte... exausta e fria!

BARRABÁS

—Era dar-lhe, ao jantar, bom Porto ou Malvasía.

Risádas

A VIUVA indignada, á turba:

Este homem, vil truão! cinico, apalhaçádo,
depois de deshonrar-me e haver-me achincalhádo,
cubrir-me de irrisões e de ultrajar meu nome,
depois de nos deixar, a mim e á filha, á fome,
inda me ousa afrontar com cinismo sinistro,
perante a filha morta — Eis de Deus o ministro!
E ninguem desafronta a misera viuva!
Ninguem protege a humilde.—Ah! ninguem lança a luva
á face do histrião, ao poltranaz maldito.
Nem um protesto só, nem um murmurio, um grito!...

Então um maltrapilho sáe da turba e esbofeteia Barrabás — Este róla no lamaçal.

BARRABÁS

Bilhóstre! Malandrim! Filho de *marafona!*
has de ser general — Tens mão para a tapona.

Chóra, rí, faz visagens — cóça as nádegas lesádas — estende o alforge ás esmólas.

Visto que emporcalháste esta santa farpéla,
dá-me para eu comprar... o sabão e a barréla!

Depois, á Viuva:

Quanto a ti, mulher charra e de sordicias cheia,
sabe que eu sou maior que o *Heróe da Galilêa!*
Trago aqui, na sacóla, um Evangelho Novo,
com que hei de melhorar a alma e o ventre do Povo.

Obro prodigios taes, nas serras e os caminhos,
como *Elle* outrora obrou... com os pães e os peixinhos.
Quanto á Morta, eu da tumba a arrancarei assim,
como *Elle* fez outrora, ao morto de Naim.

Com entono teatral:

Mas antes — diz-me lá — se os Santos da Escritura
não fugiram, outrora, ao Mundo e á Carne impura,
se não largaram tudo... a casa e a patria um dia,
os filhos e a mulher, seu bairro e a freguezia,
a fim de n'um desérto, e em áridos desterros,
não ouvirem jamais a cara Esposa aos berros?...
Diz-me lá se a Tebaida, a Nitria, a Martiníca:
não valem mais que o açougue, a panéla, e a botica:
e se acaso ha Calvário, ha Cruz, pesádo Lenho,
como a mulher ralhando, e os filhos sempre em ranho?...

Risos

Quanto a mim, antes quero o claustro e as disciplinas,
do que ouvir tua voz, sempre a cantar *matinas*.
Para a não escutar, manhãs, tardes, e noites,
— eu prefiro chuchar quatro milhões de açoites!...

Gargalhadas.

A VIUVA, baixo:

O peito mais leal, circunspeto, aguerrido,
depois de elle falar fica sempre vencido ...

BARRABÁS

Para que vejas bem que eu não sou um maráo,
nem um Santo vulgar, de barro, gesso, ou páo,
que tenho rija fibra, osso, tendão e musclo,
vou fazer-te um milagre... e com *M* maiúsculo:
um milagre de truz, não pêta ou mentiróla,
como o Cristo em Nain, ás portas da aldeóla.

Abeira-se do Esquife — Derrama um vinho cordeal nos labios da morta — E com tregeitos largos... proféticos... desmanchádos... regouga:

Filha! — liba esta pinga e esses olhos absórtos
contemplem um *vinhão* que resuscita mortos,
vinhão de pôr em pé um cemiterio, qual
cem milhões de clarins do *Juizo Final!*

A VIUVA

Sacrilegio e herezia!... Arréda-te, farçante!
Para traz! Para traz! bôbo, histrião, tunante!...

A DEFUNTA, erguendo-se no esquife:

Minha mãe, que misterio!... Ai! que tremendo abalo!
— Vejo, tacteio, palpo, oiço, respiro, fálo!...

A VIUVA

Viva! O' Céos, que milagre! Hossana a Barrabás!...

A Populaça frenéticamente: *Hossana a Barrabás! Hossana a Barrabás!* — Conduzem-no aos hombros em triunfo — As mulheres séguem atraz, meneando palmas.

BARRABÁS, á Viuva e á Filha:

Visto que vivas sois, *giráe*, deixae-me em paz!...
Receio que a emoção paternal seja céga,
e alem do coração... eu vos meta na adéga.
Não é bom repetir emoções comoventes,
entre filhas e paes, ou sensiveis parentes!
Ide, pois, para o lar, ou para o oratorio,
que eu volto ao meu Calvario, á paz do refeitório.
Vou já d'aqui zurzir as nádegas inchádas,
—e, em seguida, papar trinta ou quarenta empádas.
Graváe, porém, bem fundo as minhas sãs doutrinas,
mais ricas em moral do que todas as minas
do excelso Salomão, os Reis da Persia e o Oriente,
ou tudo que contenha a especearía ardente,
da canéla e o açafrão, da pimenta e o gengivre:
—*Alma livre, Amor livre, a Pança sempre livre.*
Quem fizer isto, cumpre o ideal da liberdade!
— Amae como o Grão Turco e arrotae á vontade.

Salta dos hombros dos que o condúzem, e abeira-se do Anti-Cristo, com cinismo:

Oh! bem vindos sejaes, ilustres forasteiros,
a esta *Cidade Ideal*... patria de alcoviteiros.

O ANTI-CRISTO

Quem sois? Que desejaes?... Que pretendeis ao cabo?..

E, baixo:

É Lusbel ou Satan?... É decerto o Diabo!

BARRABÁS

Serei teu guia aqui! Sei d'isto mais que tu!

O ANTI-CRISTO

Dispenso. És Satanaz?...

BARRABÁS, rindo:

O irmão de Belzebú!

O ANTI-CRISTO, baixo: os olhos no chão:

Que quererá de mim?... Qual é seu pensamento?...

Alto:

És o Diabo, e então porque estás n'um convento?...

BARRABÁS

Eu sempre amei a Egreja—E emfim na minha edade,
acába-se em pedrasta ou barrigudo frade,
e tem-se por ideal o grão do refeitorio.
Gloria, Amor, Ideal, tudo é barro ilusorio!...
Deus decerto, ao fazer a humanidade arteira,
tomou lá nos seus Sóes alguma borracheira.
Comtudo o ser bestial, maráo, pulha, daninho,
—móstra que Deus é triste e tem muito máo vinho.

A SIENCIA baixo, ao Anti-Cristo:

Váes rir! É Barrabás!—O seu riso prosaico
tem fibra, nervo, e sal—É o *Mefisto* hebraico.

Coxo, ébrio, histrião, seu riso é qual metralha,
que excita o bom humor e o gaudio da Canalha.
Mas n'elle algo ha de bom.—É o plebeu *bom senso*

O ANTI-CRISTO

Oiço alem um tropel, um alarido imenso!...

A SIENCIA

—Vês aquelles que veem, a fronte exposta aos ventos,
como n'um sonho máo, sinistros, macilentos,
qual Rei doido atravéz de enormes galerias?...
São aquelles que o Tédio atira ás gemonias
da inarravel Insónia ou do máo estar enorme,
aonde se não ama, aonde se não dorme,
e onde o Amor gravou, no escuro, *Saciedade.*
São estes que hão sondado o abismo da Anciedade,
e a quem na treva o horror cria alucinações.
—São Nababos... Pachás... Tiranos das nações.

Então o Anti-Cristo vê passar um grupo de homens de andar irresolúto—Trazem os braços pendentes—largas olheiras vincádas—gestos de aborrecidos.

Nero vem sonhando, em incendiar Imperios: Tiberio em fazer depravações com creanças, como em Capréa: Nabucodonosor muge como um toiro: e Domiciano, o mais grotesco de todos, faz o gesto de apanhar moscas.

BARRABÁS

O Tédio é um madráço! — É um vampiro,
que é filho da Preguiça alambicáda,
cheia de aneis... requébros... n'um retiro,
pulindo as unhas, sempre arreliáda.

Para o matar, ferra em ti proprio um tiro.
— brita calháos ou toma uma tacháda!

A SIENCIA

Vês Aquellas que veem com séquitos reaes,
tendo, no frio olhar, reflexos de metaes,
com mantos côr de sangue e diadémas de ouro?...

O ANTI-CRISTO

Vejo-as. Segue-as detráz grande alarído e choro.

E um cortejo imponente e pomposo de Rainhas passa — Seguem-nas fanfarras, suspiros, arrancos, archotes inumeraveis.

A SIENCIA

São as Femeas Reaes... Funestas Heroinas...
das legendas da Treva, as mãos luciferinas,
que espalham nas nações os saques e os terrores.
— São as Reaes Irmãs das Venenosas Flores.

O ANTI-CRISTO

Mas vejo ali, tambem, Rainhas que ama a Historia.

A SIENCIA

—Mentira e mais mentira é que arquitéta a Gloria.

BARRABÁS

Mais do que essas Rainhas das balátas,
que acenderam paixões, cavaram rugas...
eu prefiro as matronas, não beátas,
que fazem belos bifes com batatas,
e cósem as peúgas.

O ANTI-CRISTO

Quem são estas visões extranhas, sibilinas,
como que aparições errantes das neblinas,
que teem um vago olhar sonanbulo e noturno?...

A SIENCIA

São as filhas sem côr do mundo taciturno,
as filhas da Nevrose... o Histerismo... o Misterio.

O ANTI-CRISTO

Amo esses corações como amo um cemiterio!...

Assim que o Anti-Cristo diz isto, destaca-se do grupo **MYRRHA**, que cometeu incesto com seu pae Ciniras, rei de Chipre — E falando baixo... arrastadamente... melancolicamente:

—Do meu palacio, em Chipre, em cima dos terraços,
eu via o pescador de musculosos braços,

e os que afrontam os sóes nas táboas dos navios!...
Na indecifravel luz dos meus olhos sombrios,
havia a indecisão da Esfinge e de um misterio!...
Nas noites estivaes, pelo luar sidéreo.
olhando o verde mar, aos raios das estrelas,
que põe feixes de luz sobre as latinas vélas,
eu levantava as mãos, magras de um pezadelo!...
A lua das marés beijava o meu cabelo,
fustigava-me a face o frio dos relentos.
Uma noite, por fim! entrei com passos lentos,
na alcova d'*Elle*, o *Páe* — no leito reclinádo.
Foi como um turbilhão... um sonho alucinádo...
viagem atravez das nuvens e dos ventos...
nas ilimitações... nos enternecimentos...
vendo flores de luz... tão largas como os astros!
Mas de manhã sentiu e conheceu meus rastros
e quiz-me assassinar. — Eu fui para o deserto,
e seis annos cruzei o saibro, em passo incerto,
sob o açoite dos sóes coléricos, terriveis,
fugindo ao Monstro Amor de olhos indefiniveis,
e á Esfinge Excepcional de inominàdo olhar...

Com voz estrangulada — dando um suspiro:

Ando sempre a esconder-me, ai! para o vêr passar!...

BARRABÁS

Meninas dos saráos... com olhos de veludo...
tendes caprichos mil, faniquitos em barda.
Prefrivel é porém a um Papá barrigudo
— a airosa cinta do alfer's da guarda!

Mas Ella, com passos de sonambula, embrenha-se nas trevas, d'onde sáe soluçante,

ROSAMONDA, rainha das Lombardas: — com os cabelos loiros soltos: — torcendo os braços, a ponto que os ossos estalam.

Ouvindo os rouxinoes cantar entre os loureiros
dos meus jardins reaes, cheios de castanheiros,
eu vagáva contente, olhando as andorinhas!...
Vivia na opulencia assim como as Rainhas,
cercada de um cortejo imenso de escudeiros,
de pagens, de barões, verletes, de guerreiros,
que subindo e descendo enchiam os meus atrios...
Vinte fontes de pedra, á entrada dos meus páteos,
faziam murmurar nas nitidas bacias
de marmore, ao luar, mil vibrações macias,
que incitavam ao sonho, ao silencio, ao misterio!...
Mas o Rei Alboim, monstro egual a Tiberio,
convidou toda a côrte a um banquete regio,
depois de atróz peleja e infando sacrilegio,
em que matou meu Páe, o bom rei Conemundo.
Á meza do festim do seu salão profundo
(n'essa orgía mais vil que todas as orgías!)
cujo vasto fragor enchia as galerias,
que olhavam os jardins plantados de folhagens,
em frente dos truões, dos condes, e dos pagens,
mandou-me El-Rei beber no craneo de meu Páe.
—E eu bebi! eu bebi!—bebi sem dar um ai!

Mistura-se de novo no cortejo — Uiva estranguládos soluços — Mortifica os longos cabelos, que lhes cáem aos pés.

BARRABÁS

Decerto que beber no craneo do seu Páe,
todo o mundo convém que é um pecádo atroz.
Eu, porém, beberia o precioso Tokay,
— pelos craneos judeus dos meus milhões de Avós!

O CARRASCO de Maria Stuart afásta-se do Grupo das Abominações — Acerca-se do Anti-Cristo — E, com um ar canalha... cinico... bestial:

Confessa que te assombro! — Ouviste o meu renome
e pretendes saber... como é que foi... tens fome
da sensação do caso excentrico e mordente.
Confessa que te assombro! — Achas-me surpreendente!

E, sacudindo a cabeleira ruiva, conta:

Quando nasci, meu Páe viu em sonhos a Morte,
na figura gentil de uma mulher do Norte,
que me beijava núa e branca, n'um luar
silente, n'uma torre erguida á beira mar,
sob um céo outonal d'onde choviam lirios.
Minha mãe viu tambem milhões de longos cirios,
atráz de um caixão negro, em séquito real.
Mais tarde fui carrasco. — O resto excepcional
bem sabes tu qual foi, pois d'elle fála a Historia.

E, inflamando-se: com lascivia:

Que escultural mulher! — Que branquidão marmórea!
Que fórmas sensuaes!... Que bem fornido peito!...
Quando eu mordí de amor seu corpo nú, perfeito,
na sonóra amplidão d'aquella sála ao Norte,
como um homem que traga uma bebida forte,
fiquei ébrio, a rugir, de luxúria animal.
Prendia-me a atração de um crime original,
de um inaudito estupro e extranho sacrilegio
áquelle corpo nú, esbelto, branco, regio,
que eu via ali, no escuro... augusto como um astro!
A cabeça, no chão, de um branco de alabastro,
d'onde corria, em fio, um sangue regeládo,
cravava-me um olhar extático e caládo,
na vaga escuridão d'essa casa sem fim...

E mais baixo: com expressão bestial:

Ululei como um cão!... Nunca vi corpo assim!

BARRABÁS

A Luxúria é qual fome que se mata
n'um corpo de Rainha ou de Rameira...
Bébe a Paixão por um gomil de prata,
fuma perfumes como um rei maráta,
— ou as têtas apalpa á cosinheira.

O ANTI-CRISTO tenta evadir-se, nauseádo d'estas abominações — Mas de súbito, ólha para dentro de uma janéla ilumi-

náda — E á luz da lamparina lobriga uma creança de quinze anos, adormecida n'um leito — Então, n'um enternecimento:

Edade virginal!... Edade dos quinze annos!...
Olhae como ella é bela, inda sem desenganos,
pousáda a mão no seio, a dormitar, sorrindo!...
Vêde na jarra de agoa a balsamína abrindo,
e sobre o branco leito inda o romance aberto!...
Feliz do que podér passar a vida perto
do seio virginal d'essa gentil creança!...
Feliz do que podér beijar-lhe a loira trança,
na sombra dos jardins, pelo luar caládo!...
Edade virginal! Edade sem cuidado!
em que a alma é da côr da flor da amendoeira,
e em que se sonha amor, ao pé da larangeira,
quando cáe nos chorões a lua da noitinha!...

A SIENCIA

Feliz d'essa inocente e trémula avesinha,
se podesse, sorrindo, em cima do seu leito,
dormir eternamente, a branca mão no peito,
sem jamais se encostar nas grades da varanda!
Vês essa outra mulher?...

Mostra uma velha, que passeia na alcôva imediata:

E' a Deshonra que anda
tratando de vender a um negreiro a filha.
O negreiro é devasso: — e ama essa maravilha

da Carne e do Pudor, como um bom galgo a pista.
É sanguineo e brutal. Sustenta uma corista,
velha amante fiel, quasi ética e sem dentes,
que toda a noite tosse, e cujos ais doentes,
fazem enternecer os corações mais duros.
— Usa algodão no ouvido e uns óculos escuros.

O ANTI-CRISTO, com um suspiro:

Escravatura branca!... Infame escravatura!...
poupa o sono infantil d'essa creança pura,
não a faças rolar no esgôto dos marneis!...
Poupa o seio infantil, a trança em mil aneis,
seu corpo virginal, a curva da cintura!...
Escravatura branca! Infame escravatura!

BARRABÁS

Eu seria hoje inocente,
como Eva, a Mamam Primeira,
se não fosse a vil Serpente,
essa antiga alcoviteira!...

A SIENCIA

Vês aquelles que veem do nosso lado absórtos,
n'um turbádo sismar, como se fossem mortos,
a tudo que não são suas mortaes visões?...

O ANTI-CRISTO

Vejo. Mas faz-me horror fitar suas feições.

A SIENCIA

—São os heróes do Crime, irmãos gemeos das Feras.
São estes que hão descido ás Infernaes Esféras,
e a quem o Vicio infame enodoou a historia.
Alguns provéem de Avós de ilustre nome e gloria!...

O ANTI-CRISTO

Causam-me tanto horror, que os não verei ao perto.

A SIENCIA

Os outros, que atráz veem, são mais torpes por certo!...
São Normandos, Saxões, Tunesinos sombrios,
que pilharam no mar, esquadras e navios,
em mil guerras navaes, mil saques, mil combates...

O ANTI-CRISTO

E, á força de lutar com Deus e os mil embates,
das ondas, das marés, naufragios, e a má sorte,
cuidaram navegar tambem no mar da Morte,
como nas suas náos de velhas pôpas chatas,
cuspindo no escarcéo—biltres como pirátas.

BARRABÁS

O Gatuno e o Heróe... Lirio gentil da Tropa,
ambos tunantes são, ambos são dois ladrões.
A dif'rença é que um pilha ás vezes a Europa.
—O outro dez tostões.

A SIENCIA

Contempla estas fataes creações incoerciveis.

O ANTI-CRISTO

Quem são?...

A SIENCIA, mostrando as Abominações:

Vicios sem nome, os Vicios impossiveis. *
D'elles escutarás as cousas inarraveis.

O ANTI-CRISTO

Vejo. Não quero ouvir.

A SIENCIA

Observa estes notaveis
monstruosos heroes do Estupro e da Maldade,
tigres da mais carnal... baixa animalidade.

O ANTI-CRISTO

D'elles conheço alguns.

A SIENCIA

São os heroes do Incesto,
Cinyras, Loth, Amon, mais Alexandre Sexto.
— Aquelle é Caracála, o que ultrajou a Mãe.

* Veja-se, no fim, a rúbrica da *Cidade do Mal.*

O ANTI-CRISTO

Deixa-os alem passar. Vóto-os ao meu desdem.

A SIENCIA

Fita este grupo então — Olha. Contempla atento
estes doutos da Lei, Chefes do Pensamento,
dos quaes até aos céos voou a egrégia Fama.
São Moisés, Mahomet, Manú, Zoroastro, Brama,
os quaes tem, por si só, feito mais cemiterios
do que todos os reis e coveiros de Imperios
que inda chumbam o mundo ao Erro e ao Preconceito.
Atenta, como vão, as mãos em cruz no peito,
tendo lançado o mundo á treva e á assolação.
Atenta n'elles bem...

O ANTI-CRISTO

Mas Buda, a tradição
faz d'elle um deus maior que todo o Céo e o Inferno.

A SIENCIA, com desdem:

— Como Cristo, Manú, ou como o Padre Eterno.

Mas n'isto, um homem extraordinariamente magro e calvo, que é

O PROFETA JEREMIAS — arrancando as brancas barbas — batendo com um seixo agúdo nos peitos:

— Ai de ti, Israel! Ai de ti, Galiléa!
Colinas de Efraim, caminhos da Judéa,

onde e gado pastava, á solta, nas campinas!...
O que é de ti, Sião, tão branca entre as colinas
tão triste em teu deserto e erma dos teus pastores?...
Ai de ti, Jericó! ó terra das mil flores,
Siloé tão gentil, pomar de romanzeiras!...
Que é de ti, Zabulon, com tuas mil palmeiras,
Carmélo reluzente em pampanos e vinhas,
Cidade de David, inveja das Rainhas,
coberta de aloés, vinhedos, de ribeiros,
que luziam ao sol por entre os castanheiros,
as figueiras da Siria e os verdes terebintos?...
Que é de ti, Issacar, plantada de jacintos,
ó Val de Josafat, tumbas dos patriarcas,
tão triste, ao pôr do sol?—Jordão! as tuas barcas
já não se ouvem remar, cheias de pescadores.
Askalon! Askalon! terra de lavradores,
já não rasga o teu sólo o ferro da charrúa...

Mas, acotovelando Jeremias, um velho cheio de barbas e palavras terriveis, que é

O PROFÉTA ISAIAS, completamente nú:

—Judá! servil Judá! descalça, em pranto, núa,
assim como eu préguei trez annos na Judéa,
tu uivarás tambem, a face amarga cheia
de lagrimas fataes—escrava dos Assirios!
Vós, filhas de Sião, brancos e altivos Lirios,
vestidas de vaidade e sedas fabulosas,
de brincos e de aneis, pomadas deleitosas,

joias de prata e ouro, unguentos e brocádos,
tereis vossos gentís cabelos perfumados,
rapádos á navalha!—E em vez de riso, pranto,
em vez do enfeite sarna, em vez de orgia espanto,
em vez de aromas peste, e trevas em vez d'alva,
em vez de cinto corda, e em vez de tranças, calva!

BARRABÁS

Este vate genial... que foi um D. Quixote,
a esgrimir contra os Reis, ao vento, á chuva e á brisa
ás moças de Sião mostrava-se em pelóte,
—por que todo o Judeu passa bem sem camisa.

JÓNAS erguendo um braço nú e cabeludo:—n'um gésto de anátema:

Ninive, váes cair, orgulho dos Imperios!...
Sobre ti vão crescer ervas dos cemiterios,
a ortiga, o tôjo, o mato, os cardos ressequídos.
Em tres dias Jehovah rasgará teus vestidos:
queimará tuas náos: esquadras: estandartes.
O Senhor váe varrer do Céo ás quatro partes
os fundamentos vís em que o teu trono assenta,
como o cotão do cardo ao vento da tormenta.

BARRABÁS

Quem dirá que voz tal, de eloquencia cheia,
aprendeu o sermão dentro de uma baleia?...

O PROFÉTA EZECHIEL, comendo uma farinha que amassou com a bósta dos bois — com as barbas imundas — possuido de um espirito:

Sião, Jerusalem, filha dos Kananeos!
Hetea foi tua mãe, teu pae dos Amorreus,
e eis que Jehovah me diz: — Québra a sua baliza,
érgue o teu braço nú, contra ella, e profetisa!
Por isso eu te protésto, ó filha de Kanaan,
que assim como o Senhor me mandou na sertã
que eu fabrique o meu pão amassádo no esterco,
com a bósta dos bois: — assim terás um cerco
como não viram nunca os Reis mais os Caudilhos,
em que a fome fará que as Mães comam seus filhos,
e descalça, a ulular, cheia de cinza e sáco,
qual trágico rebanho aguilhoádo e fraco,
tu irás amassar — nos estrangeiros rios —
com esterco dos bois, teu pão entre os gentíos.

BARRABÁS, cuspindo:

Que indigno porcalhão! — Não cheira nada a rosas,
nem ao cravo e ao benjoim, esta empáda daninha.
Felizmente não veem taes receitas cheirosas,
nos manuaes de cosinha!

O PROFÉTA OZEAS, oferéce aos que passam sua mulher, que é uma rameira da Siria — toda nua, só com a cabeça tapáda — debaixo d'uma lanterna.

— Povo! esta, que aqui vês, era uma vil rameira,
que eu tomei por consorte e minha companheira,

que trez filhos me deu e que eu depois de novo
arremessei ao enxurro e ao ludibrio do povo!...
Pois bem! como a mulher que vês aqui na rua,
com seu rosto veládo e a carne toda núa,
branca, tremula, exposta, ao pé do viandante,
assim, Jerusalem! tu serás semelhante
á meretriz que vês: — e á sombra das palmeiras,
traficarás teu corpo assim como as rameiras,
e, como ella exporás debaixo das lanternas,
teu seio ao publicano e ao cobre das cazernas!...

BARRABÁS

Eis um profêta hebreu do Velho Testamento,
exemplo modelar dos preguistas futuros.
Pois faz render a Esposa, e em vez de ser ciumento,
a carne põe-lhe a juros!

O IMPERADOR HELIOGABÁLO, coberto de pedrarias: — n'um carro de oiro, puxado por seis cavalos brancos: — com uma voz de castrádo:

— Sacrificae ao Sol, o deus belo da Assiria,
a que eu templos ergui, da Sitia até a Iliria,
dos desertos da Libia ás neves silenciosas.
Sacrificae ao deus das Canções e das Rosas,
Pae das Fórmas, do Ser, das Raças, mais do Amor,
Rei da Côr e do Som! Grande Fecundador!

JOSUÉ, brandindo uma espada:

Abaixo os mil Baais das religiões malditas,
Molok, Belzebú, deuses dos Moabítas!
— Adorae Jehovah! senhor das mil coortes!

THOR, gritando:

Só Odin é que é deus, deus de Heroes e de Fortes!

ZOROASTRO

Sacrificae ao Fogo! Andae na estrada recta!

MAHOMET

Somente Allah é grande, e eu só o seu Profêta!

O FILOSOFO LAO-TSEU

Toda a Sciencia é vã.—Tudo Orgulho profundo.
Só a Ignorancia é o maior bem do mundo!

Mas, no meio d'este oceano de Patriarcas, Profétas da Biblia, Fundadores de religiões, um homem só enche de assombro o Anti-Cristo — E este homem é

O CRISTO NEGRO DA INDIA—o deus Krishna, que imovel debaixo de uma arvore, contempla as danças de Dezeseis Mil Virgens, belas como o Sol, que tecem danças misticas deante d'elle: perdido n'uma abstração transcendente — Junto d'elle, acham-se representadas todas as classes que acompanharam Cristo: mulheres, pastores, inimigos, gentalha, discipulos— Por fim, fazendo parar as danças, e levantando dois dedos, diz enfáticamente:

—Castas! Seitas! Nações! divina é minha origem!
Descendente de Reis e filho de uma Virgem.
que concebeu de um Deus, longos annos fugido
me levaram meus paes, quasi recemnascido.
para escapar a Kansa, o Rei de arduas vinganças.
que mandou trucidar mais de dez mil creanças.
Mal apenas nasci, ouviram-se nos ares
orquestras sideraes.—E os Deuses seculares,
dos seus tronos de luz divinos e distantes.
vieram-se prostrar aos meus pés vacilantes.
Ninguem teve, como eu, a eloquencia divina
da exposição da Lei, do Verbo, da Doutrina!
Obrei prodigios taes como não viu a Terra.
Comandei legiões: naves: frotas de guerra:
e derrotando Heroes, vencendo os Erudítos,
préguei a grande união das Castas e dos Ritos.
Como o Budá, juntei oitenta corporaes
perfeições, a cincoenta actos espirituaes,
alem das trinta e trez qualidades tangiveis!
Sob o amoroso Sol, nas folhagens sensiveis,
fiz resoar a flauta e os cantos dos pastores:
e arrastadas por mim, atraí os amores
de bandos virginaes de Dezeseis Mil Virgens.
Meditei no Não Ser, nas Causas, nas Origens,
na Quiméra do Amor e na Ilusão das Formas!
E, depois de moldar o mundo em novas normas,
antes de vir a ser n'um lenho trespassádo,
ditei emfim o Verbo ao Discipulo Amádo.

N'isto, uma flecha vinda da turba, trespassa o Cristo Negro, e préga-o na mesma arvore, sob que elle missióna — Então as Dezeseis Mil Virgens, n'um confuso alarido de gritos e soluços, arrojam-se vivas e inconsolaveis a dezeseis mil fogueiras — Vóga no ar um cheiro pezado e nauseabundo de carne queimáda. — Mahomet préga a guerra santa: Zoroastro, deante de uma Pyra, sacrifica ao Fogo: o Imperador Heliogabalo, belo como um deus, no meio de matronas nuas e homens efeminádos, entrega-se a abominações: e Jephté, eletrisado, trespassa a filha e oferece-a em sacrificio a Jehovah. — Mas então furioso,

O ANTI-CRISTO, caíndo com um látego em cima d'elles: — n'uma indignação ilimitáda e colossal:

—Fóra d'aqui, truões! funambulos! pedantes!
charlatães!... vendilhões!... taumaturgos!... farçantes,
que haveis empeçonhado a Terra e a alma humana.
Jeremias! plangente, a tua lingua insana
alugaste-a sem pejo ao féro rei da Assiria!
Quanto foi que te deu por tua extranha giria,
uivos, lamentações, falsos gritos de dôr,
o Omnipotente Rei Nabucodonosor?
Isaías! tu foste um velho oráte obsceno,
em ter ousado andar, sem ter o mais pequeno
vislumbre de pudor, nú em Jerusalem,
nú como o homem sáe do ventre de uma mãe!
Ózeas! nada ha mais vil que a tua vil condúta.
Tu tomas por esposa a certa prostituta

que arrancaste do enxurro e dos mais negros trilhos,
e depois de a haver feito a mãe dos teus trez filhos,
arrojaste-a de novo ao publico labéo,
—sob a lanterna, á noite, ao cobre do plebeu!
Abrahão! vil pastor, tua cubiça avára
faz-te vender ao Rei a propria esposa Sara.
E tu, sórdido Isac, digna vergontea sua,
para imitar teu páe, fazes o mesmo á tua.
Loth! ébrio e incestuoso, entre outras maravilhas,
desflóras, pelo incesto, as tuas proprias filhas,
em quanto que David, ao vêr a mulher de Urias,
mata o seu mais fiel general das centúrias,
e tu, vil Salomão, o teu maior trabalho
é fazer do teu Lar um alcoice e um serrálho.
—Moisés! inda apezar do teu ar sibilino,
não pódes esconder tuas mãos de assassino.
Métes-me horror, Amon! que foste desflorar
a tua bela, ingenua, e meiga irmã Thamar,
e depois de a estuprar, chorosa e semi-morta,
mandaste-a pôr sem dó, fóra da tua porta!
Metes-me horror, tambem, fútil Absalão,
que desterras teu Páe e assassinas o irmão:
mas, ó Ruben lascivo! em ti a nodoa cáe
de não poupar o leito e a esposa de teu Páe!
Jephté! faz-me horror o sacrificio humano
da tua branca filha ao Jehovah tirano:
e tu, Jacob! que foste o menos torpe e crú,
defraudaste Labão e roubaste Esaú.

E n'uma epilepsia indignada—as cordoveias
salientes:

Que direi dos demais falsos sabios vaidosos,
Páes das religiões de ritos monstruosos?...
Zoroastro! és autor da religião persana,
que faz de toda a Persia, uma fogueira humana.
Lao-Tseu! vomitaste um veneno profundo
ao prégar a Ignorancia o maior bem do mundo!
Tua seita é, porém, Mahomet, mais funesta,
pois glorifica a Espada e adúla e incensa a Besta.
—Sacerdote do Sol, Heliogabálo! amante
de todos os heróes da escoria repugnante,
de todos os truões da plebe que se esmurra
no enxurro e nos bordeis do bairro de Suburra,
infundes-me asco até n'esse fausto imponente,
com que implantas em Roma os cultos do Oriente,
de ritos animaes e eróticas orgias:
e quando semi-nú, cheio de pedrarias,
presides, em remate ás mil insanias tuas,
teu senado imoral de cem matronas nuas.
Quanto a Krishna! de ti, heróe do Mahbaráta,
infunde-me asco e horror teu carro Jagrenata:
e não posso olvidar que as tuas companheiras
—acenderam, por ti, dezeseis mil fogueiras!

E sacudido de uma indignação espiritual, açouta implacavelmente os Patriarcas, os Taumaturgos, os Heresiarcas. Retalha com a espada os Deuses, arranca as barbas aos Profétas — Apoplético e extenuado, sente uma grande dilatação bestial, ao vêr o sangue dos inimigos. — Sente-se bem, como uma féra saciáda, ao vêr o pavor único que causa—E, sem definir bem porquê, gósa extraordinariamente d'este terror.

A SIENCIA

A tua ideia foi — decerto — justa e austera.
— Não te exalte, porém, o sangue, como á fera!...

O ANTI-CRISTO, suspirando: áparte:

Senti, é certo, um goso infame na carnagem!...

BARRABÁS, ao ouvido:

— Em todo o homem há sempre um lobo selvagem!

O Anti-Cristo estremece — Mas a Siencia resolve apresentar-lhe *Aquelle* que ella crê o cúmulo e a origem do Mal Moderno. — Então, um grande clamor se escuta:

O ANTI-CRISTO

Que sobresalto extranho é este de anciedade,
que convulsou n'um ai, unisono, a Cidade,
e que explosiu n'um grito enorme e excepcional?...

A MULTIDÃO, aterráda:

Misericordia!... Eis o Cristo, em pé, na Catedral!

E o Anti-Cristo aproxima-se, para o vêr — dilatando os olhos n'uma curiosidade ilimitada.

JESUS CRISTO — Ao seu pé estão os quatro Evangelistas e Maria Magdalena: todos hirtos, como imagens de marmore — Seus braços descrusam-se.— E, com uma voz profunda:

Luxuria e assolação! Blasfemias e Impiedade!...
Em dois mil annos váe que te oiço ó vil Cidade,
no meio dos festins, dos uivos, ou dos cantos,
blasfemando de Mim, dos Justos, e dos Santos.

E voltando-se para João Evangelista — que tem na mão o Apocalypse:

João! larga o teu Livro — Eis já o fim das Eras.
Brevemente serei arremessado ás feras,
e beberei mais fel no Copo da Paixão.
A lança já reluz nas mãos do Centurião,
ao luar, no jardim plantado de oliveiras.
Já oiço alem caír as folhas das palmeiras,
— e Judas, a ulular, contando o seu dinheiro.

MARIA MAGDALENA, com tunica azul e turbante da Siria:—aneis nos dedos dos pés, que parecem de marmore: — chorando.

No esquife te porei, Cristo, por travesseiro
o meu cabelo loiro! — Ah! que suplicio o meu,
de ter de ouvir, de novo, o Ignobil Fariseu,
que me arrojou brutaes sarcasmos vinolentos,
quando eu banhei teus pés de balsamos e unguentos!...

BARRABÁS

Calmáe-vos, minha flor! — Sois a mesma sereia,
que eu vi nos palmeiraes, ao sol da Galilea,
nas terras de Naim, loira e sentimental.
—Tinheis então certo ar que não vos ia mal!...

E mais baixo: ao ouvido:

Cristo fez grande asneira em vos tornar beáta.
—No emtanto inda guardais o mesmo olhar que máta!...

O CRISTO, estendendo os braços: —
as palpebras descidas:

Desde os tempos crueis e antigos que eu no Horto
clamei e suei sangue, e fui cuspido e morto,
até á dáta hostil d'esta éra excepcional,
tens engrossádo sempre o teu imperio, ó Mal!
Vejo cada vez mais o incendio das Cidades,
e as grandes véxações, os saques, as vaidades
da Carne e das Paixões, que commanda irritádo
Lusbel, soberbo, em pé, sobre a náo do Pecádo.
De que foi que serviu, á sombra das palmeiras
das cisternas, prégar largas tardes inteiras,
ao Escriba, ao Fariseu, á Plebe, ao Publicano,
ter sarádo o Leproso e ir do Samaritano
sentar-me nos festins, resuscitar os mortos?...
De que foi que serviu errar de olhos absortos,
nas terras de Naim, ou narrar nas montanhas,
e nos lágos azues Parábolas extranhas,

sentado nos bateis, ao pé dos pescadores?...
De que foi que valeu, no Templo, entre os Doutores,
interpretar a Lei, a Essencia, as Escripturas,
e, emquanto o Sol doirava os sêrros e as planuras,
a Doutrina explicar aos rôtos e aos ceifeiros,
se eu vejo, cada vez, os homens mais arteiros,
na Turpitude e o Mal, fossar como um cevádo,
n'um lameiro de sangue e sob o céo nublado
cada vez mais cruel, irónico, mais triste?
Errei! Errei! Errei! — Ainda o Mal existe!

E, arrancando a auréola da cabeça, arremessa-a pelos degráos da Catedral, cheio de agonia — Mas então

O ANTI-CRISTO, em frente d'elle:—hirto e cheio de invetivas:— brandido na mão um gume afiado:

Eis-me em frente de ti, tremendo Carpinteiro
de Israel, que atolaste em sangue o mundo inteiro!
Eis-me em frente de ti, Cordeiro de Ramá,
Profeta de Elohim e Leão de Judá!
Ha muito que procuro a tua mão divina,
e os rastos dos teus pés em toda a Palestina,
teu nome no Trovão, nos Raios, no Recife,
— mas, nem mesmo encontrei, ao certo, o teu esquife.
Teu nome, ó Galileo! tem feito inda mais danos
que as mil depravações dos Cesares Romanos.
Sim! Nero flagelou quatorze anos apenas
o mundo, em quanto tú, tiranico, condénas

pelo braço dos teus. a mil danos brutaes
Reinos, Povos, Nações, ha mil anos, ou mais!
A Egreja, a Inquisição, e os seus milhões de horrores
apágam da memoria os Trinta Imperadores *
E as fogueiras bestiaes de S. Domingos féro
excedem as de Roma e dos jardins de Nero.

O Cristo suspira.

—Ha dois mil anos quasi, a tua Lei potente
contra o Oriente atira as frotas do Ocidente.
Teu nome veio pôr a Espada entre os Imperios,
fazer do mundo um claustro e encher os cemiterios.
Teu nome arremessou Santos e Solitarios
ás feras: aos sertões: ás cristas dos calvarios:
ás grelhas: ás polés: aos vagalhões incertos:
—ás areias da Nubia e aos antros dos desertos!
Mais fatal que a Luxuria, a tua Castidade
foi contra a Natureza e contra a Humanidade,
e fez muitos milhões de vitimas nas célas...

Excitando-se.—Com veemencia:

Milhões de homens virís, de esposas, de donzélas
abandonavam lar, patria, esposos, amantes,
e iam morrer na Nitria—entre areaes distantes!
A carne da Mulher causou desprezos taes
que Origenes castrou os membros genitaes.

* Chamados os *Trinta Tiranos*.

S. LUCAS

E' Lusbel, outra vez, que tenta nova guerra.

S. MARCOS

Alguma insurreição de Espirito da Terra.

S. JOÃO EVANGELISTA

Eu vi saír do Mar, com pasmo indefenivel,
um monstro excepcional com um poder terrivel:
o poder de espalhar a morte, o luto, os prantos,
de fazer guerra a Deus — e de vencer os Santos.

MAGDALENA

E' *elle*, ó meu Jesus!

S. JOÃO EVANGELISTA

A Besta da Impiedade!

A MULTIDÃO

Tremo toda de horror, de assombro, de anciedade.
—Quem és tu, homem raro, excentrico, imprevisto?...

O ANTI-CRISTO, com voz estridente:

Chamo-me *Assolação* — Meu nome é *Anti-Cristo*.

E dizendo isto, furioso, epileptico, trespassa o peito do Cristo com uma espada, fazendo-lhe abrir de novo a chaga direita: — d'onde jorra sangue aos borbotões.

Então o Cristo e os Santos desaparecem. Em seu logar surgem Elias e Enoch. — Elias é um homem aspero, rígido, cabelúdo, cingido com um cinto de couro, da pele de um camelo da Siria.

O PROFÉTA ELIAS

Defende-te de mim, tu que armas guerra aos Céos!...

O ANTI-CRISTO

És tu, velho Proféta austero dos Judeus?...
Até que vejo emfim o excentrico Proféta,
que viveu em Carith, e á mulher de Sarepta
fez crescer a farinha em trez anos inteiros!...
Que tal era o sabor das agoas dos ribeiros
de Carith, onde diz a tradição que os córvos
te vinham sustentar, por causa dos estorvos
de Achab e Jezabel?...

A SIENCIA

Dize, ó homem de Deus!
como é que, á tua vóz, dos empedrádos céos,
e a teu bélo sabor... chovia fogo ou chuva?
Como resuscitaste o filho da Viuva,
e agora já ninguem produz d'estes prodigios?...

ELIAS, atacando o Anti-Cristo:

Defende-te, ó ateu!

O ANTI-CRISTO, atacando com furia:

N'este ou n'outros litigios,
estou sempre ao dispor dos Santos e Profétas.
Tenho sempre razões, bótes, armas secrétas...
E eis um bote mortal que não profetisaste!

ELIAS, caíndo:

Vil assassino e ateu! Monstro! tu me mataste!

O ANTI-CRISTO, a Enoch:

—Quanto a ti, olha um bóte heretico tambem,
bom Patriarca Enoch, páe de Matusalem!

ENOCH

Maldição sobre ti, na treva, e sob os Céos!

ELIAS, expirando:

Cristo! Justo Rabbí! recebe a alma dos teus!

Os dois Profétas morrem.

O ANTI-CRISTO, á multidão espavorida:

Agora tu, Cidade antiga e ensanguentada,
Terra de assolação que tens varado á espada

em mil perseguições, latrocinios e mortes,
os Orfãos sem ninguem, os Simples, mais os Fortes,
e os filhos do homem justo, entre os braços da mãe,
—chegou a tua vez de eu te varar tambem.
E sabes, Terra vil, ó colossal fornalha,
por que é que eu movo ao Cristo esta revél batalha,
mais aos seus Serafins, Tronos, Dominações?...
É por que mais que o Raio e a boca dos Vulcões,
mais do que as legiões dos Cesares Romanos,
os Faraós, os Reis, Pontifices, Tiranos,
mais que o laço da Forca e o gume dos Cutélos,
os sopros dos Tufões e as azas dos Flagélos,
inda que isto julgueis blasfemo e excepcional
—Cristo, que cuidaes Deus, é hoje o *maior mal*.

Então um panico geral se estabelece — Os Pontifices, os Monges, os Ermitas uivam, gesticulam, bracejam escandalisados: *Sacrilégio!* — A multidão aterrada, foge em todas as direcções, e evacúa a praça.

O Anti-Cristo fica só. — Mas de súbito a **DAMA BRANCA**, está em pé, defronte d'elle — E com uma voz muito grave, triste, espaçadamente:

Por que manchaste as mãos n'esta horrida carnagem,
e atacáste o Rabbí? — Pois tu tens a coragem
de ser seu julgador, de ser o seu juiz?...
Que ira!... Que exaltação!... Olha, monstro infeliz,

no teu proprio semblante a marca do *Odio velho.*
Crês-te mais que o Rabbí?... Pois vê-te n'este espelho!

O Anti-Cristo recúa pálido. — Mas de repente, avança com furia contra a Visão — Esta esváe-se, e o Anti-Cristo só encontra a pedra ráza de uma esquina.

O ANTI-CRISTO

Foi um delirio máo, ilusão, sombra fátua!
Foi-se, voou, fugiu. — Eis-me tornado estatua!

Palpando a lagem:

Onde se evaporou?... No azul, no ambiente, a brisa?
Nada. Só vejo em frente uma pedra alva e lisa.

Muito livido:

Sempre a maldita Sombra atróz que me arrepía,
me convulsa... me atráę. — Temo a loucura um dia!

Afasta-se rapidamente.

JESÚS BARRABÁS, na sombra:

Ó Homem! quér tu sismes n'um terraço,
como o Hamleto, ou quér ames Rigolboche...
serás sempre esse estupido palhaço,
que ora é tigre ou fantoche:
quér tu sejas capáxo,
quér tu andes de coche.

Treme «D. Juan» ao escutar do Espetro,
pelos salões as funeraes passádas...
e o estoico Bruto, que abomina o Sétro,
máo grado o seu valor, diz «Vade Retro!»
vendo a sombra do Páe, morto ás facadas.

Tu, Anti-Cristo, esse supremo arranco
da boca sem queixaes da Negação...
tremes ao vêr uma «Mulher de Branco,»
como a creança um preto, um saltimbanco,
ou o homem do carvão.

Mortal, quér faças o papel do Tasso,
do Papa, de um cocheiro, ou de um zabumba,
tu és sempre «esse burro!» — esse palhaço,
que o Verme espera, como um Rei no paço,
para a ceia da tumba.

O Verme é o teu Senhor! — Fazes-lhe ofrendas,
mesúras, rapapés, mil etiquetas.
As damas, que o vão vêr, põe frescas rendas,
os fidalgos, casácas e comendas,
e o Conselheiro Acacio, luvas pretas.

Desaparece, rindo ás gargalhádas.

INTERMÉDIO

TÉSES SELVAGENS

INTERMÉDIO

—

TÉSES SELVAGENS

I

Os Gemidos da Arvore

A Arvore está em pé, no meio das planuras,
cheia de riso e flor, verduras, passarinhos.
— Ella é o guardasol dos frutos e dos ninhos.
—E' o této nupcial das conversádas puras.

O humilde cavador que foiça as ervas duras
dos broncos matagaes e escalráchos maninhos,
sob ella faz seu leito, ao crusar os caminhos,
torrádos da soalheira ou nas sombras escuras.

Comtudo, o Homem ingráto esquéce a Arvore amiga,
e prefére a Cidade e a balburdia inimiga,
onde alma corrompe em orgias triviaes.

Mas a Arvore lá fica, a espreitar nas ramádas,
como a mãe lacrimosa, a olhar sempre as estradas.
—a ver se o filho volta á cabana dos páes!

II

Crescei e Multiplicae *

A Esterilidade é um beneficio, em face das legiões ululantes dos epileticos, dos monstros, dos tarados.

Vós todos os que amaes as donzelas cloróticas,
e, em seus ossos, notaes mil graças serpentinas...
que em extases ficaes perante as pernas finas
das Virgens Medievaes das frontarías góticas.

Vós que adoraes a flor e as mil formas exoticas
das filhas do Japão e as magras Mandarinas,
decerto haveis de amar a Morte e as cavatinas,
que ella canta aos chorões ou ás plantas narcóticas.

Crescei e multiplicae manda a Natura ás gentes.
Amae! portanto amae! nos roseiraes frondentes,
gerae filhos ao Amor, entre carnaes abraços...

para essa carne rósea e amimáda em caprichos
ir fartar algum dia a barriga dos bichos,
—ou, toda em contorsões, fazer rir os palhaços!

III

A Naturesa é Impassivel

Misérrimo! péde consolações só a tua consciencia!

G. L.

Podeis-vos enforcar n'alguma larangeira,
que haja ouvido aos Romeus idilios imbecís,
afogar-vos n'um rio, um charco, uma estrumeira,
ou o corpo despenhar de alpéstres alcantís...

que a Naturesa, ou seja em noites de inverneira,
ou na Aurora, ao chilrar dos tentilhões gentís,
não branqueará por isso a verde cabeleira,
nem prantos verterá por cousas tão puerís!

Quér morraes como o Cristo entre dois salafrarios,
quér berreis como um Gracho, em prol dos proletarios,
quér trespasseis o peito assim como Catão,

crêde que a Terra Mãe, n'essa vossa agonia,
talvez que esteja a rir no azul de uma bahia,
fazendo uma Camelia—ou parindo um ladrão.

IV

A Aritmetica da Perversidade

Em toda a associação dos máos e as almas justas,
cresce o Bem como dez... o Mal como um milhar.
Por cada coração com virtudes augustas,
brigam cem rufiões na tasca e o lupanar.

A fonte espiritual das virtudes robustas
paréce que secou—Sópra um cinzento ar,
que empeçonha a Cidade e as areias adustas,
que não branqueia o Sol, nem todo o sal do Mar.

Homem! se quer's saber toda a verdade crúa:
sonda o teu proprio ser, põe a tua alma núa,
escalpéla o teu Sonho e os pensamentos máos.

Junto á florinha azul da candida inocencia,
verás tigres, leões, e ursos, na consciencia.
—Conta os Justos da Terra e em seguida os Maráos.

V

Ninguem compreende Jesús

Que algazarra domina a chuva e a ventanía?...
Que fragor, que motins são estes, que risádas?...
Quem turba a noite assim?... São monjas deboxádas,
em doida bacanal, em romana abadía.

Cristo! desce dos sóes da Via Lactea fria,
desce pelos degráos das estrelas magoádas,
e vém pôr termo e freio á lutulenta orgia,
quebra á Egreja os vitraes e as rosáceas doiradas!

Acaso estarás morto e hirto n'algum esquife
dos Céos, que nem Caifás e o Fariseu patife
consigam indignar-te, assim como em Salem?

Não vês que a Egreja, e mais seus Cardeaes devassos,
nunca entendeu teu verbo e o rasto dos teus passos?
Jesus, triste, volveu:— *Quem compreende o amor bem?*

VI

Autopsia do Amor *

O Amor — essa paixão romanesca e fagueira —
que os Vates teem cantado em *bemol* comovido,
é, na forma, uma coisa assás brusca e grosseira,
como o assalto da féra e o ataque do bandido.

Tal e qual como o lobo assalta uma cordeira,
a empolga e lhe crava o colmilho atrevido,
assim atáca o Amor. — São da mesma maneira
o Espasmo. a Fúria, o Uivo, o Estertor, o Rugído.

Nas contorções do Cio e os seus enlaçamentos,
ha o ardor da Serpente, a enroscar-se nas preias,
e a estrangular o toiro enorme e mugidor.

E, quér cheire ao sertão, ou da Lais aos unguentos,
nos rosaes, n'um covil, ou de Nero nas ceias,
— são sempre os mesmos ais, o Pranto, o Espasmo, a Dôr.

---

* Esta tése é um corolario da antecedente.

SEGUNDA ÉPOCA

O Crepusculo de Jehovah e de Jesús

(TRAGÉDIA N'UM CRANEO)

O Sabio expulsou Deus dos hebraicos céos velhos.
A Virgem retirou-se á Estrella da Manhã.
Só calvo e borrachão, no pó dos Evangelhos,
baila o Diabo o «can-can».

Que dramas, que batalhas, que procissões fabulosas, que migrações de Raças e de Povos, que tragedias misticas e religiosas, se não passarão lá dentro das muralhas osseas d'aquelle esfingico, atormentado, e febricitante *cérebro?...*

G. L.

N'uma palavra: não éra necessario um grande esforço de imaginação, para crer que tudo em torno d'elle tomava formas extra-naturaes.

CARLOS DICKENS.

Somnia fallaci ludunt temeraria nocte,
Et pavidas mentes falsa timere jubent.

CATULLO.

Uma camara de estudo

A noite vae alta — A janela está aberta. — E á luz de um candieiro de forma antiga, sobre uma secretaria cheia de livros de Teologia e de Siencia, o Jesuita Marcelo, todo de negro, estuda.

O JESUITA MARCELO

Renegar! Renegar! — Não, não renego ainda!
Mas onde está a Fé — aquella Fé infinda,
dos dias triunfaes dos meus annos primeiros,
em que eu erguia as mãos, em cima dos outeiros,
abismado em visões altas e transcendentes,
e em que eu via Jesus d'olhos resplandecentes,
tendo a espada na mão para a final colheita,
e sobre o peito, o Sol — como a chaga direita?

E passando a mão pela testa — deixando caír os braços:

Minha infancia passou! — Longos e longos dias,
curvado a manusear *in-folios* e teorias,

desbotaram-me a côr. minaram minhas crenças!
Corri arduas missões!... Vieram trevas densas.
remorsos. tentações. lascivias. desalentos!
Ás vezes quero orar!... Mas negros pensamentos
me assaltam em tropel. quaes bandos de assassinos.
Perpassam ante mim mil bandos femininos:
corpos nús de mulher: brancos como os brilhantes:
firmes como o marfim: sublimes e irradiantes:
com tranças côr de sol!... com vozes musicaes!
Depois são mil visões: mil séquitos reaes:
deslisando ante mim... São lubricos cortejos
d'amantes que adorei no altar dos meus desejos:
— Patricias sensuaes: Rainhas: Marafonas.

Tapa o rosto com as mãos. — Dá um suspiro

Sim, tenho desejado as Virgens, as Matronas!...
Tudo tenho abraçado em sonhos, com veemencia,
a Rosa da Enxurrada, o Lyrio da Innocencia:
as Patricias gentís, imperiosas. belas.
— e as femeas dos ladrões que moram nas ruélas.

Dá um novo suspiro. — E, então, deslisam deante d'elle formas cubiçadas de mulheres perfeitas: Betsabé, toda núa, tomando banho: a Samaritana, ao pé da cisterna de Sicar, debaixo de palmeiras: — e uma rameira loura, que canta, ao sol, com uma voz triste.

No emtanto inda sou puro e aspiro á transcendente
Siencia austera e forte, anceio essa eminente

puresa virginal d'essas antigas almas,
que buscavam o Verbo e as sacrosantas palmas
do Amor Espiritual, na Nitria, entre os cilicios.
Sou virgem como o Cristo — Andei entre os suplicios
das prisões, hospitaes, prégando os mandamentos.
Multipliquei jejuns, macerações, tormentos.
préguei pelos sertões: cruzei terras funestas.
Assombrei os ateus! — Corri virgens florestas.
Obrei mil conversões e baptisei gentios.
Mas, apoz percorrer montes, charnecas, rios,
mau grado os meus jejuns... provações e abstinencia,
senti matar-me a Fé a espada da Siencia,
e a Dúvida silvar, em mim, como a Serpente!

E, fitando um Cristo de bronze: — com uma expressão amarga:

Porque não quebrarei, um dia, esta corrente,
esta miseria atroz!... este viver austero?...
— Eu sou o ultimo crente, o ultimo sincero.
Mas a Duvida, emfim, no Cristo blasfemado,
faz-me um padre sem deus, um padre atormentado,
sem crença e sem altar... um sacerdote ateu,
que perdeu o seu deus e renegou o Ceu!...

Inclina a cabeça nas mãos torturadamente — Mas n'este momento Demetrio, um agente de Jesuitas, uma figura astuciosa e sagaz, tendo ao canto dos labios, d'uma linha cobarde, um sorriso sardonico, penetra na camara. — E, com os braços caídos ao longo do corpo — com um encolher de hombros de desdem — fitando os moveis:

DEMETRIO

Um homem da mais alta esféra da Siencia,
um homem como tu, viver n'esta indigencia!...
— Isto rebaixa o Culto e a magestade á Egreja.

MARCELLO, voltando-se:

Quem não tem ambições, nada ama, nem deseja!

DEMETRIO, porém, com veementes gestos:

Tu não tens ambições?— Não m'o affirmes, ou mentes!
Não desejas, como eu, os cargos eminentes,
certa mitra talvez, cheia de pedrarias?...
Não desejas, como eu, calcar tapeçarias,
revolver-te no Luxo e entre os estofos caros
do Tonkin, do Japão, da China, e os moveis raros
de sandalo e marfim: — as velhas porcelanas?
Não desejas, como eu, ter quarenta sultanas
burguezas, ou ducaes, da plebe ou da *alta gomma*,
que, beijando-te as mãos, peçam bulas de Roma,
fazendo roçagar os setins insolentes,
com vozes musicaes e gestos transcendentes?
Por que teimas, porém, em viver na abstinencia
das delicias carnaes, na abjecção da indigencia,
soffrendo privações — entre padres immundos?
Não é um Jesuita o senhor dos dois mundos?...
Não pódes tu viver em salas estucadas
dos palacios reaes, ás mezas de embaixadas,

entre femeas gentis, bispos, embaixadores,
melhor do que um Tiberio — em seda, arminho, e flores?
Não podes tu comer as finas iguarias
em pratos do Japão: entre Patricias frias:
em marmores reaes: sob abobadas frescas?
Por que quer's vegetar entre vilãs grotescas,
e vens prégar missões ás arvores da aldeia?...
Por que teimas tambem que eu sirva a Seita e a Idéa,
enterrado comtigo, entre estes lavradores?

E em voz muito baixa: persuasivamente:

Se o quizesses, porém, livres de dissabores,
dormiriamos só sobre jasmins e rosas!...
Provariamos mil luxurias voluptuosas:
teriamos na mão mil chaves de misterios:
as alcovas ducaes... as tropas dos Imperios...
as intrigas papaes... segredos de Rainhas!

E, dando um suspiro: com voz humilde:

Se o quizesses, porém!... Sim! se ouvisses as minhas
justissimas rasões contra este charco obscuro,
se quizesses fruir as honras do Futuro,
ou sorver da Opulencia as mil deleitações!...
Se quizesses correr Reinos, Ilhas, Nações,
viver como um Nababo!... um Principe Reinante!...

MARCELLO, impacientemente — os braços cruzados:

Silencio. — Tu vaes ser a sombra vigilante
d'esse homem que hoje faz guerra, sem tregua, ao Cristo

Serás seu secretario, a sua sombra, e é n'isto
que farás consistir os teus brazões mentaes.
Vigia-o sem cessar. — Faze obras infernaes,
que possam ofuscar todas as suas vistas.
Declama alto, e em bom tom, nos clubs socialistas
a Guerra ao Capital, o Incendio, a Dinamite,
o saque, o estupro, o horror — tudo que aterre e excite.
Sê seu espia: um cão: cumplice e secretario.
Vae-te. Deixa-me ler. — Já não me és necessario.

DEMETRIO

Ah! já sei teu intento! — É bom, se é o que eu penso!...
Li-o ha pouco, em teu rosto. É um plano immenso!...
Descança. Hei de involvel-o em frases tão arteiras,
mil redes tão fataes, politicas, certeiras,
habeis e cortezãs, finas e sinuosas,
taes expressões subtís, prudentes e ontuosas,
que desde hoje serei o seu melhor amigo.

E com orgulho — dilatando-se de vaidade:

Ah! não sabem quem sou! — Podem contar comigo!...
Verão como eu serei energico e insinuante,
rasteiro como o cão, rijo como o brilhante.
Não me conhécem, não! — Ninguem sábe o que eu válho!...

Mas, como Marcello continúa sem lhe dar atenção, perdido n'uma cogitação muda, Demetrio sáe monologando baixo e dilatando-se em projectos... arquitetando planos... forjando intrigas.

Uma Azinhaga entre Rochas

Vem rompendo o luar

O ANTI-CRISTO, de cabeça baixa, misantropico, vem dando com um bordão cheio de cólera nos criptogamas, nos cardos, nas pedras que encontra — Depois, alteando um pouco a voz:

—Em toda a parte a Dor, o Crime, a Infamia, o Mal!
Filosofo alemão, excentrico e imortal,
Shopenhauer sublime, energico e frisante
como um veneno indú e a aresta de um brilhante!
tu provaste que a Dôr, de tetas resequidas,
com sangue é que nos cria e nos sustenta as vidas,
e tanto faz dragões, como lirios e abortos,
a Terra—a Mãe Feroz—que come os filhos mortos.

Faz uma pausa — Depois cruza os braços.

Sim, tu foste um gigante, e vendo a ignobil guerra
da luta pela Vida, e o Mal reinar na Terra,
— negra aranha a fiar no craneo do Universo—
vendo o Homem na angustia e na tortura imerso,
tomando em compaixão a Horrenda Humanidade,
lembraste a *Guerra ao Amor*—lembraste a Castidade

completa e universal, para arrojar ao fundo
da cisterna do Zero, o escuro e ignobil Mundo.

Eu crente, como tu, no Mal e na Miseria,
não abrigo, porém, esse odio da Materia,
nem essa adoração da Esteril Castidade.
Quero que á luz do Sol, sem pejo e em liberdade,
uive de goso o Amor no bosque e nas florestas:
que a Mulher se dê núa e toda inteira ás festas
do Macho, sem temor do Ceu, nem do Peccado:
que a Materia não seja o monstro excommungado
do Cristo e dos Cristãos—que os germens creadores
girem nos vegetaes, nas bestas e nas flores,
ou nas feras chorando em busca do Prazer.
Quero bem alto, ao Sol, emfim poder dizer:
ó mortaes! a Materia é limpida e sagrada,
abraçae, sem temor, a vossa femea amáda:
beijae, vencei, prostrae a Flor da Virgindade,
e aos misticos: — Entrae, pedras! na Humanidade.

Continua a andar atravez das rochas.

ALICE, fazendo parar a sua carruagem:

Inda aqui! Inda aqui! — Não ides hoje ás festas
que eu dou nos meus jardins?—Amaes só as florestas:
o retiro: os tojaes: as rochas: os penedos?
Só na floresta, acaso, ha sombras e arvoredos?...
Por que é que vós fugis de tudo que se almeja,
a Fama, a Gloria, o Amor — tudo o que o Mundo inveja?

O ANTI-CRISTO

Voto á vossa afeição uma afeição eterna:
— mas eu sou um doente e um urso de caverna.

E, rindo acidamente:

Falaes em Gloria e em Fama. — Oh! se os Sabios profundos
ouvissem, como eu ouço, o que ha d'odios immundos,
insidias e paixões, epigrammas, doestos,
contra o Genio e os seus dons — terriveis e funestos,
votariam á Gloria um odio consciente,
e o mesmo desdem que eu, pessimista e doente.

ALICE, sorrindo:

Adulae, como os mais, e sabei transigir!...

O ANTI-CRISTO

— Desprezo o Mundo assaz, para jámais mentir.

Alice despede-se sorrindo, e a carruagem roda na azinhaga. — A lua sobe no céo: os pirilampos saltitam: a viração traz o cheiro acre dos medronheiros.

O ANTI-CRISTO

Apraz-me contemplar paisagens silenciosas,
em que ninguem repara!... e as cousas misteriosas,
que se agitam na paz da solidão noturna!...
Deleita-me fitar a nesga taciturna

da agua escura que corre em baixo d'uma ponte...
uma véla que corta a bruma do horisonte...
um navio riscando a solidão polar...
uma bandeira velha aos frios do luar...
um pateo de cadeia... e extraordinaria e vaga,
uma lua que irrompe ao fim d'uma azinhaga!...

Ha paisagens que teem uma expressão tamanha,
como a face d'alguem, que não nos é estranha!...

E fazendo uma pausa:

O solo é morno aqui. — Mas, sob o ceu do Oriente,
pela hora do meio dia, a calma é tão ardente,
que, emquanto o Sol brutal calcina a pedra e as flôres.
é frequente encontrar trigueiros mercadores,
de cachimbo na boca, as mãos nos calcanhares,
encrusados, dormindo, á sombra dos bazares.
Ah! viajar é bom! — São gratas as jornadas
a pé, de manhã cedo! — É belo nas estradas,
vêr as nuvens, os ceus, os prados multicôres,
o Eterno Esforço Humano, o afan dos lavradores,
e os grupos dos que vão aos povos estrangeiros,
entre adeuses dos paes... as pragas de arreeiros!...
Ao regresso depois, cançados das viagens,
é grato pela sombra... entre as frescas paisagens,
adormecer, ouvindo as aguas d'um rochedo,
emquanto os tentilhões cantam no arvoredo!...

N'este momento aparece, saíndo da curva de um atalho,

FABIO, muito bebado — cambaleando n'um burro — falando alto:

Hoje estou como um cacho!—E, se caio no enxurro,
sou tal e qual Sileno, a cavalo no burro.
Não, a cavallo, não!... Pois, se caio na lama,
já não enfreio o onagro, e durmo n'outra cama.
Hoje estou como um cacho e mais ebrio que um monge
beberrão no convento!... Olá, quem vejo ao longe?
Se não me engana o absintho, o vulto que eu avisto
é esse homem feroz que chamam o Anti-Cristo.

Esporeando o burro — chegando-se ao Anti-Cristo:

Ora até que, depois de tanto tempo ao cabo,
sinto o extranho prazer de falar ao Diabo.
Falo ao Senhor Satan?...

O ANTI-CRISTO, surpreso — querendo passar adeante:

Eu nunca dei por tal.

FABIO

— Pois dá d'elle certo ar, que não lhe fica mal.

O ANTI-CRISTO

Parece que o viu já.

FABIO

Só em fotografias,
e n'uns velhos paineis, que eram de minhas tias.

O ANTI-CRISTO, em voz baixa: querendo passar adeante:

Tão ébrio!... E que descáro!... Acho-lhe um tal cinismo!

FABIO

Vi-vos scismar ha pouco.—Ás vezes tambem scismo,
encostado á janella, em mangas de camisa,
á tarde, ao pôr do sol, quando refresca a brisa,
e ao luar, quando geme o cannavial do rio.
Em que scismaveis pois—cavalheiro sombrio?

O ANTI-CRISTO, distraidamente:

Em tudo!... em nada!... eu sei!...

FABIO

Na rotação dos mundos,
no Amor, na Ursa maior, ou na baixa dos fundos?

O ANTI-CRISTO

No mal... talvez no bem... talvez em cousa alguma!...

FABIO

Que tal achais o Globo e a Natureza, em suma?

O ANTI-CRISTO

Acho a peça bastante estupida e incolor,
—e foi bom no cartaz não vir nome de autor.

Quer passar adeante

FABIO

Pelo que vejo, pois, as vossas simpatias...

O ANTI-CRISTO

— Não se inclinam, decerto, á Obra dos seis dias!

FABIO

Muito bem. Que dizeis da nossa Religião?...

O ANTI-CRISTO

Falar, em cousas taes, faz-me mal ao pulmão.

Quer passar adeante. — Fabio porém evita, e com teimosía:

FABIO

Sabeis que apavoraes com vosso ar austero,
e cheio de desdem, o Trono, a Côrte, o Clero?

O ANTI-CRISTO

É possivel!... Talvez!... Não ligo á Sociedade
importancia capaz de me encher de vaidade.

FABIO

Dizei-me, já que sois um sabio acostumado
a sondar mil questões do Absoluto e do Increado,
que devo evitar mais, segundo uteis razões?

O ANTI-CRISTO

Os Sonhos, a Quimera!... Os Sonhos, as Visões!...

FABIO

Que ente achais mais feliz, cá n'este humano enxurro?

O ANTI-CRISTO

O Onagro, o excelso Onagro!—O Burro, o ilustre Burro!

FABIO, boquiaberto:

E depois, quanto a vós, qual o maior portento?...

O ANTI-CRISTO

O Asno! o Asno immortal!—Sua Alteza, o Jumento!

Passa adeante finalmente. Mas,

FABIO, esfregando os olhos: entre dentes:

Este homem que eu julguei Rei da Misantropía,
tem um sarcasmo extranho e uma ácida ironia,
que, com mil pipas! val Belzebú e Lusbel!
—Inda vou beber mais... beber como um tonel!

Desaparece na azinhaga, cambaleando no jumento—e esboçando ao luar um gesto indecente.

UM ALEIJADO, com muletas — grandes barbas brancas:

Senhor, por compaixão, uma esmola! Piedade!

O ANTI-CRISTO, severo:

Quem és?

O ALEIJADO

Um infeliz, desde a mais tenra edade.

O ANTI-CRISTO

Um ebrio antes, talvez!

O ALEIJADO

Não senhor, desgraçado!

O ANTI-CRISTO

E quem é que o não é, n'este globo achatádo?

O ALEIJADO

Este aleijão comóve um peito nobre e terno!

O ANTI-CRISTO

Não te posso curar. Não sou o Padre Eterno.

O ALEIJADO

Julgaes-me ebrio? Não sou.—Não bebo ha já dois dias. Inda hoje não comi. Durmo nas lagens frias

da calçada, ao relento, ao frio das geádas,
outras vezes n'um templo, e ao canto das escadas
que não fecham de noite, em cima dos lameiros!...
As chagas cheiram mal, e os cães dos fazendeiros
ladram, ao presentir meus passos, ao luar.
Estes frios são maus!... O vento está do mar!...
Não sei onde dormir!... Vivo assim aos vaevens!

E, apontando para um casal... com um suspiro:

Ali era tão bom!... Mas tenho medo aos cães!

O ANTI-CRISTO, em voz baixa: entre dentes:

É um fingido pobre.—Extranha situação!
Anda: abaixa-te bem, ó Rei da Creação.

E, em voz alta:

Vae-te embora, impostor.—Acaso vês-me andar,
rogando a alguem que dê allivio ao meu penar?...
Póde acaso alguem lêr, na minha face calma,
se tenho, ou não tambem, um aleijão na alma?
E qual é mais—soffrer da Fome a garra adunca,
ou ter um cancro atroz, como ninguem viu nunca?...
Morre a um canto, portanto, immundo, vil, obscuro,
mais pôdre do que um cão no esterco do monturo,
mais leproso que Job sentado em seu estrume,
de fome ou de paixão, d'amor ou de ciume,
mas não estendas nunca as mãos, d'ar supplicante,
ao Homem teu irmão, monstro, teu semelhante.

O ALEIJADO

Ah sim!... É vil pedir!... Mas quando a fome aperta!

O ANTI-CRISTO

— Quer tu comas, ou não, a Morte é sempre certa.

O ALEIJADO

Não posso trabalhar. Se eu fosse forte e são!
Mas coxo, sem ter lar!...

O ANTI-CRISTO

Vou eu curar-te então!

O ALEIJADO, dilatando muito os olhos:

Sim! Se podesse ser!... Mas coxo ha tantos annos!...

O Anti-Cristo furioso, epilético, desanca então o falso aleijado, o qual arroja fóra as muletas. — Desáta a fugir desnorteado, tomado de terror panico.

O ANTI-CRISTO, desancando-o:

Toma, apanha impostor, por teus ardís e enganos!...
Birbante!... Charlatão!... Hypocrita!... Falsario!
Aproveita a lição!... Malandro!... Salafrario!...
Trabalha, vil chatin!—Sê homem, animal!

Mas vendo-o fugir, com desprezo:

O Rei da Terra foge, e foge menos mal.

E depois rindo: — atacado de súbita hilaridade:

Eis que, sem eu ser Deus, e até do Ceu malquisto,
—já faço andar um coxo, assim como fez Cristo!

N'este momento, porém, um bando de ladrões assaltam-o. — E um d'elles, com uma voz bestial e avinhada, apontando uma navalha, grita-lhe:

O LADRÃO

Amigo! Bolsa ou Vida!

O ANTI-CRISTO, surprezo:

Ah! Quem és?

O LADRÃO, com uma gargalhada:

Um ladrão!

O ANTI-CRISTO, friamente:

— Pois a bolsa não dou, e a vida tambem não.

O LADRÃO, apontando-lhe a navalha:

Pois então vaes morrer — morrer com teus talentos.
teu Saber, teus Milhões, aquí como os jumentos,
e os cães, que não tem dono, e morrem sem jantar!...

UM OUTRO LADRÃO, segurando-lhe a navalha:

Alto lá! Alto lá!—Devagar! Devagar!
Movemos guerra, é certo, ao Rico e á Sociedade.
Mas este—n'outro grau—faz entre a humanidade
maior guerra decerto ao Erro e ás Regalias,
á Egreja, ao Papa, ao Altar, que as nossas armas frias:
e o seu cerebro emfim, sublime, ideal, profundo,
é capaz de aluir e de crear um mundo.
Não é um vil burguez, chatim, gordo, vulgar.
Nem ladrão como nós—Devagar!... Devagar!...

E ao Anti-Cristo:

Vae-te, em socego e em paz.—Vae-te que eu por ti vélo!
—Ninguem te tocará, descança, n'um cabelo.

O ANTI-CRISTO, taciturnamente, ao bom ladrão:

Pois bem, não te agradeço!—Nunca inquieta o Forte
que mais hoje, ámanhã, lhe bata á porta a Morte.
Não te elogio, não.—Como sou franco e rude,
por ter colhido o bem, não te adulo a virtude.

O BOM LADRÃO

Vae-te. Dize porém, antes d'isto, ao bandido,
porque é que tú não vaes—sequér agradecido?

O ANTI-CRISTO, um momento, as palpebras descidas: — depois, lentamente:

Porque, seja a quem fôr: — Deus, Pae, Mãe, Homicida, o Homem nunca deve agradecer a Vida.

Desaparece, vagarosamente, entre rochas.

Uma rua d'aldeia

Duas velhas fiam ao sol. — Ao pé dois gatos enroscados. — Em frente murmúra uma bica d'agua n'um tanque, onde bebe o gado. — Alguma roupa branca estendida alveja ao sol, nos tons verdes das ervas.

A SENHORA VISINHA ROSA

Oh! que bom sol que está! — Este anno as oliveiras hão de dar muito fruto, assim como as videiras. Oh! que bom sol que está!

A SENHORA VISINHA EDUARDA

Lá vae o Senhor Cura, com seus olhos no chão, sua batina escura.

A SENHORA VISINHA ROZA

Que santo homem de Deus! — Oh que maneiras francas! Sempre d'olhos no chão. E tem as mãos tão brancas assim como o setim da estóla d'um altar!...

A SENHORA VISINHA EDUARDA

É bello homem, é! — Mas dizem devagar
que almoça antes da Missa, e que ama o sumo d'uva.

A SENHORA VISINHA ROZA

Tambem ouvi dizer que pôz uma viuva
na rua, ao *deus dará*. — Calunias dos ateus
que querem mal aos bons! Pobre alminha de Deus!...

N'este momento passam Demetrio e o Jesuita Marcello.

DEMETRIO, instigadora e torrencialmente, a Marcello... em voz abafada:

Digo que fazes mal em não ter uma amante
aristocráta, rica, intrepida, galante,
que te ajude a subir aos cargos e honrarías!...
Vives sempre a estudar, por tristes noites frias,
sobre obras monacaes que cheiram a bafio,
cheio de privações, austero, seco, frio,
quando em torno de ti se agita a *Femea Humana!*
Sim, a Femea é cruel, a femea é a tiranna.
Mas é a Graça, a Carne, a Luxuria, os setins,
e não faz mal, creio eu — pecar com Serafins.
Depois as da *alta gomma*, as que são mais beátas,
são ricas, sensuaes, influentes, gratas,
teem uma extranha luz nos olhos de safíras,
e vozes musicaes... mais ternas do que Liras.
Olha, em roda de ti, teus outros companheiros!...

Olha Michel que tem os irmãos conselheiros.
vae aos saraus reaes... ás salas das duquezas,
tem palacios, jardins... gosa a melhor das mezas.
compra os melhores Corots... as mais ricas faianças!
Quem não sabe que está preso nas loiras tranças
de uma rica Marqueza, assaz galante e nova,
que elle beija, confessa—e até dizem que sóva!
Vê a duqueza Iría, achada semi-nua,
sobre um dos pavilhões dos seus jardins, á lua,
beijando o confessor, na noite do noivado!...
E quantas, quantas mais!... de um nome brazonado,
de um porte austero e altivo, andar de divindades,
arrastando setins, vestidas de vaidades,
na apparencia glaciaes como estalactítes,
mas no fundo carnaes:—roídas de apetites!

E com um gesto sacudido: a voz sibilante:

Só tu te obstinas, sempre, em viver como um virgem,
sem conhecer a *Femea* e a cálida vertigem
da Carne tenra e fresca:—a luxuria e o deleite
dos beijos no setim dos seios côr de leite!

MARCELLO, com as faces incendidas:

Calar-te-has, Belzebú!

DEMETRIO

Não chegarás a nada!...
Quando, por teu saber, galgarias a escada
das Honras e dos Gráos, entre os bons... os maiores!...

Podias—como os mais—viver nos resplendores
dos palacios ducaes, com vistas pitorescas,
com marmores: jardins: sob abobadas frescas!...

Desaparecem gesticulando. Ao longe passa Fabio.

A SENHORA VISINHA ROZA

Lá vai o senhor Fabio, esse grande estouvado,
fidalgo e beberrão, esturdio e deboxado,
que vive para a caça, o jogo, o botequim!...

A SENHORA VISINHA EDUARDA

Não é o mesmo a irmã.—Essa é como o alfenim,
que parece que quebra e se desfaz ao sol!

A SENHORA VISINHA ROSA

—Dizem que canta bem, que é mesmo um rouxinol.

A SENHORA VISINHA EDUARDA, cantando:

Quando eu me fôr a enterrar,
deitada no meu caixão,
enterrem-me sob o altar
onde está teu coração!...

E, humedecendo com saliva, o fio da estriga:

Quero ir de branco vestida,
cabelos soltos, capella,
pois ninguem me amou na vida,
morro menina e donzela!

Uma paisagem d'aldeia

Debaixo d'uma acacia copáda, lady Celeste ensina o catecismo ás creancinhas dos campos. — Tem um vestido de percale claro. — E muito simples, fresca, elegante, os seus longos cabellos loiros, atados com um laço azul, soltos nas costas, vestem-a quasi toda. — Algumas creanças, muito simples, mas graciosamente trajadas, brincam com elles. — O sol inunda a paisagem. — Os tentilhões e as toutinegras esvoaçam, cantando: as borboletas pairam nas madresilvas. — Ao longe, colinas azuladas, e as variedades das côres das sementeiras.

O Anti-Cristo, Demetrio, Tristão, e o Cura da aldeia, apparecem debaixo d'uma alaméda.

O ANTI-CRISTO

Labutar!... Labutar!... Labutação extranha
do verme, do leão, do reptil, e da aranha!...
E afinal todo o anceio, a luta indefinida
do Ser, da Flor, do Sol—dão n'este lôgro, a Vida!

Dá com o bordão n'um cacto.

TRISTÃO, vendo o Anti-Cristo, taciturno:

Sempre assim misantropo! — Eu tenho mais rasão:
— a pia baptismal mandou-me ser Tristão.

O CURA, para Tristão, rindo:

Ha muito que conheço as belas aventuras
da sua mocidade!

TRISTÃO, sério:

As Santas Escrituras
que trazem as visões do propheta Abacuc,
que dizem, bom Reitor, sobre esse caso crú
da Mulher do Levíta insultada na estrada?...

O CURA, surpreso:

Dizem que Benjamim foi toda morta á espada,
pois que elle se queixou ás Tribus da Judea.

TRISTÃO, sempre grave:

Muito bem, senhor Cura, a sua alma está cheia
do liquido da Fé que bebeu d'um só trago.
Esclareça-me, pois, se Moisés era gago,
ou, se só lhe tardava, um quasi nada, a fala?...

DEMETRIO, rindo:

Impagavel Tristão!...

O CURA

Tal ponto a Biblia cala!

TRISTÃO, imperturbavel:

A Biblia obra mui bem, e anda muito acertada.
— Eu como ella farei. Tambem não direi nada.

DEMETRIO, rindo, para o Cura:

Inda o não tratou bem! — Tem cousas muito raras!...
Cousas originaes! Se o Cura visse as caras
de burguezes que eu vi sisudos nos cafés,
a quem ia pedir — novas do Grão Manés.
Se o Cura visse acaso o rosto d'um tal Lucio,
que elle afirmava ser parente de Confucio,
e ao qual elle implorava — *uma religião* —
que elle iria prégar ás tribus do sertão,
que não conhecem Deus, e vivem sem cuécas!...

O CURA

Tem muita graça, tem!...

DEMETRIO

Com um milhão de brécas!
Além do ático sal de uma alta Ironia,
tem mais que graça, tem muita filosofia,
talento original e excentrico desdem
— por esta era banal do Grande Deus Vintem.

O ANTI-CRISTO, vendo Celeste a ensinar o cathecismo ás creancinhas, estacando de súbito:

Não saber eu pintar!... — Não ser eu um pintor!...

E, depois de uma longa pausa:

Não, não sou um cristão!... Não tenho a fé e o ardor!...
Mas sinto um não sei quê, de súbito na alma,
que é mais do que afeição, por essa visão calma,
que debaixo da acacia, e ao pé das andorinhas,
ensina o catecismo ás pobres creancinhas!...
Esplendida visão digna de Rafael!...
Oh! quem me dera, ó Sol, a luz do teu pincel,
só para colorir, entre as visões que scismo,
esta doce mulher que ensina o catecismo,
debaixo de uma acacia e entre as flores silvestres!...
Tu, singela mulher, farás mais que mil mestres,
cheios de erudição, cheios de pedantismo,
com teu ar virginal... teu rir... teu catecismo!

O CURA

É a filha do Lord!... O seu nome é Celeste.

O ANTI-CRISTO

Oh! que bem posto nome, ó padre! lhe puzeste,
quando levaste esse anjo á pia baptismal!...
Celeste é que é seu nome. — Outro ficava mal.

DEMETRIO

Seria talvez bom chegarmos-nos mais perto?

O ANTI-CRISTO

—Pois cheguemos-nos mais, a ver o ceu aberto.

CELESTE, a uma creancinha:

Tu não sabes, Ignez, bem a Ave Maria!
Dize lá outra vez...

UMA CREANCINHA, falando d'outra:

É preguiçosa a Iria!

CELESTE

E tu tambem não és?—Cala pois a boquinha!...
Logo dirás tambem tua Salve Rainha!...

A creancinha recita então arrastadamente a *Ave Maria.*

CELESTE, beijando a creança:

Muito bem, minha Ignez! Mereces um beijinho.

Voltando-se para outra:

Dize lá tu o Credo, aqui devagarinho,
já que és tão vergonhosa e esquiva, ó Margarida!...

Dize: que inda hoje tens a prenda promettida!...
Vamos. recita lá!... Ninguem mais nos escuta!

Põe o ouvido ao pé dos labios da creança.

O ANTI-CRISTO, em voz baixa:

Trava-se dentro em mim uma espantosa luta!...
Aqui deves parar, eterno caminhante,
vagabundo da Dôr... assim como outro Dante,
atravez os fataes ciclos do teu Inferno!
Arruma o teu bordão, meu viajante eterno,
encontraste a palmeira e a sombra do deserto,
debaixo d'esta acacia... entre os trigaes... bem perto!

O CURA

Vamos surgir-lhe aqui, quasi que de surpreza!
Verá, como é gentil, toda enleada e presa,
do espanto de nos ver, ao pé d'esta azinheira!...

O ANTI-CRISTO

— Ella é sempre gentil, a timida estrangeira!

O CURA, a Celeste apresentando o Anti-Cristo:

Aqui vos apresento um livre pensador,
que fascinastes hoje, ao ver o mimo e o ardor,
com que catequisais as tenras ovelhinhas!..
A vossos pés, Senhora, assim como ás Rainhas,
quatro almas aqui estão, submissas e prostradas.

CELESTE, levemente enleáda, sorrindo:

Algumas não teem mãe!... Não sabem ler, coitadas!...
Ora, eu tenho vagar!... Que merito tem isto?...

O ANTI-CRISTO

—Com mestras como vós, muita alma tinha Cristo!...

CELESTE

Ah! O Cristo, senhor, impõe-se bem sem mim!

O ANTI-CRISTO

Muitos dirão que não. Outros dirão que sim.
Eu pertenço aos do não.

CELESTE, sorrindo:

Oh! senhor! é fineza
que ataca um pouco Deus!... Deixaes-me um tanto presa,
entre a vossa atenção, e o horror d'uma herezia!...

Apontando para a pequenina Ignez:

Dais mau exemplo a quem já diz a *Ave Maria*,
como o senhor Prior!—Não é verdade, Ignez?

O ANTI-CRISTO

Retiro-me, Senhora, até uma outra vez.
— Não quero perturbar vossa missão clemente

com minha rouca voz de hereje impenitente,
debaixo d'esta acacia, e á luz d'este bom sol,
como um vesgo morcego, ao pé de um rouxinol!...

O CURA, rindo, a Celeste:

— Deixae filosofar o mundo vario e extranho!
E continuae trazendo ovelhas ao rebanho!...

CELESTE

Ellas já sabem tanto!... E são tão dedicadas!...
Lia, não faças mal, ás mais irmãs, coitadas!
Quem é mais velha tem dever de ser quieta!...

Para o Anti-Cristo:

Julga que não lhes ralho?

O ANTI-CRISTO

Assim como a violeta,
ralha, no seu canteiro, ás mais irmãs, as flores.

O CURA

Até logo, anjo bom!

CELESTE

Até mais ver, senhores!...

O ANTI-CRISTO, afastando-se, apreensivo:

Corri todo o Oriente e ouvi n'essas regiões
rumor de capitaes: d'odios: de multidões!...
Vi a Siria que tem mesquitas colossaes,
Roma e a fresca Veneza, a terra dos canaes,
na Italia musical com limoeiros d'ouro.
Vi a branca Stambul, com seu crescente mouro,
relusindo ao luar nas suas mil mesquitas:
a Tebaida voraz, sepulchro dos Ermitas,
calcinada de um sol colérico e cruel.
Vi o Judeu servil nos serros de Israel,
e as margens onde canta o Rheno, entre mil flores,
debaixo dos balcões de pedra, aos Eleitores.
Mas jámais, não jámais! em toda esta romagem,
—vi, sob a luz solar, mais carinhosa imagem!...

E expansivamente: falando com Tristão:

Hontem fui visitar o lord altivo e sério,
que mora em seu solar, como n'um cemiterio.
— Doente original, leva os dias inteiros
sismando no *Não Ser*, debaixo dos pinheiros
d'uma álea secular do seu palacio antigo.
Tratou muitas questões sientificas commigo:
mas julguei ver no lord essa misantropía
de quem sondou o Mundo... e achou-lhe a alma vasia.
Ao despedir-me, ouvi a musica divina
de uma harpa a soluçar notas de Palestrina,
—o mistico maestro enorme do Occidente.

Era Ella, essa mulher gentil, meiga, doente,
a quem a doce mãe, a mistica irlandeza,
que morreu a sorrir, cheia de singelesa,
ensinou a tocar!—Como o infernal piano
do nosso tempo d'hoje—estupido e tirano—
me parece imbecil, banal como um burguez!...
Demorei-me, falando ainda ao bom do inglez,
sobre mil teses mais, sobre o Universo inteiro:
quando atravez de um mal cerrádo reposteiro,
vi Celeste passar, airosa e lentamente,
com um ar singular... de indecisão... doente!
Celeste sofre ao pé do lord extranho e sério,
n'esse obscuro solar, que imita um cemiterio.
Definha-se e fenece ao frio aquella flor,
n'essa hostil solidão...

E baixo, entre dentes: fazendo riscos na terra:

— Falta-lhe, é claro, o amor!

Desaparecem entre os pinheiros.

Um quarto interior, em casa de Celeste

Muita elegancia e singeleza. — Livros, um bastidor, uma harpa a um canto.

LORD DUDLEY, a Celeste, falando do Anti-Cristo :

Minha filha. vem cá.—Escuta, meu cordeiro!
Temos, em nossa casa, um hospede estrangeiro,
um ente original, um sabio. um viajante,
de extranhas convicções—um cérebro possante.
sobejamente rico em dotes e em defeitos,
que a Natureza dá aos audazes eleitos.
Hontem, a conversar comnosco na tapáda.
cavalgando, a teu pé, caíu, a face inchada:
convulsionada a bocca: o olhar morto e parádo.

CELESTE

Não diga mais, meu pai!... Que quadro amargurado!...

LORD DUDLEY

Fil-o aqui transportar.—Á sua cabeceira.
tens sido a mais assidua, a mais doce enfermeira.
Cumprimos um dever.—Escuta-me, porém.
Esse homem singular e atormentado tem,
por ter sempre afagado um sonho transcendente,

um problema ideal, tornado-se doente,
mudando a compleição, que era robusta e forte,
n'uma doença ou mal, que é mais ruin que a morte.
Mas sabes tu o fito insano e extraordinario
que elle prosegue sempre — errante ou solitario?
É destruir de todo os Simbolos Eternos,
os Simbolos Cristãos, os Ceus, mais os Infernos,
crear para a Alma Humana uma outra base nova,
enterrar bem a Deus n'uma insondavel cova,
e forjar á Consciencia uma nova Alavanca.
É decerto um Ateu. — Sua palavra franca.
suas mil excursões, viagens, e teorias,
fazem vibrar comtudo as almas as mais frias,
e ás vezes vacilar os animos mais crentes.
Decerto que elle diz cousas surpreendentes!...
cousas originaes!... de um transcendente estudo!
— Decerto que é um Sabio e tem sondado tudo.
Muitas vezes, portanto, esse mal que o crucía
fal-o entrar no Absurdo e ás vezes tresvaría.
Tu és cristã, porém. — Ao vêr que elle delira,
fecha a tua alma pura á lingua da Mentira.

CELESTE

Meu pai, eu sou cristã! — Bem sabe que eu sou crente!

LORD DUDLEY

Muito bem! Muito bem! — Nada falte ao doente!

Sáe.

CELESTE, só, pensativa:

Betty diz que não deve uma Lady jámais
descer a medicar, senão aos seus eguaes.
Afirma que não deve uma dama eminente
perder a noite ao pé d'um intruso doente...
Mas Betty, a pobre ama, exagera tambem!
Quem fôr distincto, então, não póde fazer bem?...
Acaso eu não passei uma semana, ao lado
d'Esther... a triste Esther... viuva do soldado,
que serviu a meu Pai no exercito inglez,
e tisica morreu... vae n'um anno talvez?
Não me beijava as mãos, coitada, noite e dia?...
E á hora em que morreu, na ultima agonia,
não tinha a minha mão, na sua tão cerrada,
que custou a arrancar, depois de inteiriçada?
Não me disse o Doutor, meu Pai, e toda a gente,
que evitasse o ar da alcova e o suor da doente?...
Mas a infeliz Esther — que hoje já não existe —
não me vendo ao seu pé, tomava um ar tão triste...
que, negando-lhe as mãos, teria pena imensa
que sondasse o seu mal, e o gráo já da doença.
Porque é que eu não farei, a Elle, o mesmo bem?
Demais, não tem familia!... Infeliz, sem ninguem!...

Mechendo em frascos de remedios:

Não sei que sinto em mim!... Sinto um presentimento
d'alguma cousa atroz! — Agita-me o tormento
de um confuso mau estar extranho e indefinivel.
Não sei que sinto em mim!... Tambem sou tão sensivel!

Sáe com um frasco.

Outro quarto interior

O Anti-Cristo agita-se em delirio, no leito.— E, com os olhos cerrados, perdido n'um turbilhão confuso, parece-lhe vêr correr Paisagens, Rios, Flores Colossaes, Exercitos e Procissões, Tribus que emigram, peneirados de uma chuva de fogo. — Suspeita que tem o delirio — Sisma em Celeste e suspira. — E, com os olhos humedecidos, amadornádo, os dentes cravados no travesseiro, desejaria morrer.

O ANTI-CRISTO

Sempre a mesma impressão!... Sempre a loira Celeste!
Oh! que bem posto nome, ó padre, lhe puzeste!...
Sua voz musical atráe como o encanto
de uma aza que afága, ou o ritmo de um canto.
Lembra certas canções da verde Irlanda triste,
em que paira um amor grande e que não existe!...
Sismo sempre, ao fitar o azul dos olhos d'ella,
no infinito luar, no espelho d'agua, á vela,
para uma ilha ideal... um bom paiz suave,
em que a flor cantasse... e désse aroma a ave!

Acalma do delirio:

Mas onde é que estou eu? — Tenho febre e delirio!

Percorre com os olhos o quarto. — Depois, vagarosamente:

Quando estudo demais, é sempre este martirio
d'uma febre infernal ou desmanchada véla!...
Que se ha passado então? — Lembra-me caír da sela
de um cavalo andaluz correndo á desfiláda,
entre arvores senís de colossal tapada,
com mil vegetações de um verde bronze escuro,
corças... gamos... mastins.—Depois um ai, e um muro.
Recorda-me, ao caír, vêr tudo purpurino,
a relva, o sol, o azul, n'um pó d'ouro divino:
e eu caíndo, a rolar n'um abismo infinito,
como na paz d'um seio olímpico e bemdito,
sentindo um doce bafo... um corpo de mulher...

Fecha os olhos com voluptuosidade:

— Ah! deve ser tão bom, sentir-se assim morrer!...

Fica algum tempo com os olhos cerrádos.

Noite e dia, não sei senão pensar só n'ella!
N'ella e no puro amor da minha filha Estella,
Estella, que eu jurei de vir a achar um dia!...
Jurei mais. Jurei mais.—Falsario!... Quem diria!
— É este o meu remorso e é este o meu tormento!...
Mas, ó Sylvia, o teu deus hebraico e macilento,
teu Christo hoje é um *mal.*—E a Verdade é tão grave
que me atráe como o Sol atráe a aza da ave.

Um relogio dá horas. — São cinco. — O Anti-Cristo conta-as maquinalmente. — Nota que as vibrações teem um timbre falhado.

O seu ar magestoso, afavel, transcendente,
tem um quê virginal, sentimental, doente!...
O seu raro sorrir, sempre indulgente e sério,
atráe como um favor, impõe como um misterio.
Nunca se viu talvez enlace mais frisante
da sã Razão unida á inocencia d'infante!
Tudo n'ella se impõe!... O sorriso e o vestido.
Tudo acho virginal, simples, inatingido!...
A linha do nariz, da bocca, a lisa testa,
denunciam tendencia á paz da esposa honesta.

Suspira:

Eis o amor que convinha á tua alma doente.
Mas ella é tão cristã!... Demais, crê-te a Serpente!

Sente passos de Celeste.— Recáe em delirio.

Sylvia! Sylvia! por quê me fitas com censura
teu frio olhar d'estatua e fria expressão dura?
Que me importa o teu Deus, teu Cristo, mais teu Ceo?...
Tambem te avisto, Estella, involta no teu veo,
— mas jámais posso olhar-te a face descoberta,
quando te vejo em sonho, ou a insónia me desperta!...

CELESTE, entrando com o remedio: — em voz baixa:

Tem ainda o delirio... e chama a filha e os seus!...

O ANTI-CRISTO, em delirio:

Que vale o teu Jesus?...

CELESTE, com tristeza:

Blasfema. ó meu Deus!

Chegando-se ao leito:

Trago-lhe o seu remedio! — É facil de tomar!

Baixo:

Meu Deus, como elle sua!... E espanta tanto o olhar!...

O ANTI-CRISTO, falando a Celeste, como se fosse á filha:

Minha filha, vem cá!... Chega-te a mim, Estella!...
Não sabes como te amo. Oh! como tu és bella!...
Que cabelo tão loiro e que formosas tranças!
Como é suave e bom esse olhar que me lanças!
Penteias-te tão bem!... Tuas tranças sedosas
teem brilho como a luz e cheiram como as rosas.

CELESTE, sorrindo:

Não sou Estella, não. — É preciso tomar
depressa este calmante e depois repousar.
Não fale muito, não?... Prohibe-o o doutor!

O ANTI-CRISTO, tomando o remedio:

Dá-me o remedio então... Ah! sinto-me melhor!

Pegando na mão de Celeste:

Não te vás para longe!... O teu olhar clemente
é melhor que o remedio e faz-me bem! — Consente
que eu te beije essas mãos, por tudo que me has feito!...
—Era assim tua mãe, a pomba sem defeito!

CELESTE, sorrindo:

Que tenho feito então que seja maravilha?

Baixo:

Causa-me tanto dó quando elle chama a filha!...
É tão triste ser só, e não se ter parentes!...
Mas, meu Deus, que suor!... Sinto-lhe as mãos tão quentes!...

O ANTI-CRISTO

Ó Sylvia, bem te vejo!... Ergueste-te do fundo
do mar, para me ver doente e moribundo,
e o balsamo lançar na febre da doença.
Censuras-me por ter quebrado a antiga crença
do teu deus ruivo e magro: — e em teu olhar tão terno
leio uma infinda dôr, dando-me o adeus eterno!
Que causa estorvo, então, ao teu amor veemente?...
— Acaso, o teu Jesus, esse impostor do Oriente?

Dando uma risada:

É então esse tibio e inerte Carpinteiro.
que nem ousou livrar a patria do Estrangeiro,
e ordenava o tributo ao vão Cesar Romano:
—Pae d'escravas acções e comtudo um Tirano?

CELESTE, assustada: baixo:

Perdoai-lhe, meu Deus!... Tem febre e está doente!...
Não reflete o que diz assim como o inocente!
Custa-me tanto ver um homem d'esta esféra,
que sabe mais do que eu — como eu saber quizera —
dizendo cousas taes, contra a crença cristã!
Se eu fosse a filha d'elle, e ao menos sua irmã,
talvez que, com bom modo, evitasse ouvir isto!...
— Como é que um homem bom póde odiar Jesus-Christo?

Alto, arranjando-lhe o travesseiro:

Vamos! Repouse e durma! — É-lhe util ter descanso!

Mas o **ANTI-CRISTO**, prende-lhe as mãos — E, com uma efusão intima: a voz melancolica e arrastada: n'uma adoração plangente:

Não afastes de mim o teu olhar tão manso!...
Ah! se soubesses bem, Estella, quanto é duro
achar-se triste e só, sem ter um peito puro
de uma filha, uma mãe, uma esposa, uma amante!...
Se soubesses como eu chorei de ti distante,
sem sentir, junto a mim, o frescor dos teus labios!...
Se sondasses como eu sofri nos livros sabios,
e cria ouvir-te a voz, na voz dos passarinhos!...
Se escutasses como eu, na noite dos caminhos,
gritei como um leproso e uivei annos inteiros
sem me importar o sol, a relva, os limoeiros,

involvendo em meu odio e nausea de aflição
Universos e Soes... a alma da Creação!...

CELESTE, os olhos humedecidos: em voz baixa:

Como me aperta as mãos!... Diz isto com tal magua,
que sinto ínteiramente os olhos rasos d'agua!...

O ANTI-CRISTO, passando-lhe as mãos no amplo cabelo em forma de torre:

Que fartura e esplendor de tranças!... Que montanha!
Não imaginas bem que sensação extranha
me causa este setim dos teus cabelos d'ouro!...

Tirando-lhe os ganchos, soltando as tranças:

Deixa-o solto caír!... Desprende este tesouro...
Quero vel-o arrastar qual manto de Rainha!...
Toca todo no chão!... Que tranças, filha minha!

CELESTE, baixo:

Que capricho, meu Deus! — Julga-me a sua Estella,
e faz ao meu cabelo o que faria ao d'ella!...

Alto:

Tenho o cabelo e o andar como o de minha Mãe!

Baixo:

Creio não fazer mal, mas se viesse alguem,
sem saber bem porquê, ficava embaraçada!...
— Mas que capricho o seu, ver-me despenteada!...

O ANTI-CRISTO

Ah! se visses como eu, no horror dos pezadelos,
chorava este setim dos teus longos cabelos!...
Longos como os meus ais, longos como os desejos,
ólha, deixa-os vestir, d'alto a baixo, com beijos!...

Celeste afasta-se ruborisada, mas...

O ANTI-CRISTO, com a voz humilde, balbuciante e baixa, como nas suplicas: — n'um enternecimento inarravel: — soluçando:

Não te afastes de mim!... Se visses como a vida
me tem corrido inerte, esteril, desvalída!....
Mal sabes quanta vez, no meu vazio leito,
acordei, procurando o frescor do teu peito!...
Mal sabes, quanta vez, me recordei das horas,
em que andava comtigo, a apanhar as amoras
da amoreira silvestre, em cima dos valádos!...
Mal sabes como ergui as mãos nos desolados
momentos d'aflição e de inarraveis ais,
procurando essa luz d'olhos sentimentaes!...
Cheguei mesmo a odiar, na minha noite escura,

tudo, o disco solar, as pombas, a verdura!...
Todo o alto e imortal sistema planetario,
apenas te perdi, julguei-o um cinerario,
e vaguei desde então pela terra infinita.
como quem faz soar as lagens d'uma cripta!...
Mostrava o punho á luz, aos lirios, aos junquilhos.
no meu odio imortal... por eu só não ter filhos!...

Beija-lhe as mãos, deixando correr longo tempo um pranto silencioso.

CELESTE, arranjando as tranças: baixo:

Faço por disfarçar, endireitando a trança,
com medo de chorar alto como em creança!...

O ANTI-CRISTO

Tu choras, que eu bem vejo!... Ah! se visses minha alma,
mais seca que uma areia, onde não cresce a palma,
buscar em toda a parte o orvalho de um carinho,
e não achar nem lar, nem flor de rosmaninho!...
Se visses como é negro, atroz, e mortuario,
ao deitar e ao erguer, achar-se solitario,
sem ver, junto ao seu leito, esposa, filha, ou mãe!...
— Se visses quanto dóe acordar sem ninguem!

Celeste enxuga os olhos:

Olha: quiz-me aturdir!.... Vi reinos degolados,
guerras, forcas, prisões, povos crucificados,
e no meio dos ais, exterminios, misterios,
— teu nome era maior que o clamor dos imperios!

Na insónia da vigilia e ás luzes d'um festim,
julgava, ás vezes, ver-te avançar para mim!...
Nos bosques d'aloés, mirtaes, e romanzeiras,
pensava em teu sorrir, noites, tardes inteiras!...
Muitas vezes sismei no meio do alarído
e o troar dos canhões — na côr de um teu vestido.
Do alto do meu Ouro, eu vi toda a miseria
das longas procissões dos padres da Materia
virem ler-me no olhar meus minimos desejos.
Ofertaram-me a honra, os corações, os beijos,
princesas, possessões, segredos de Rainhas...
Atiraram-me ao leito as castas andorinhas,
o orgulho da Matrona e a inocencia da Virgem!...
Procurei-me aturdir nos ciclos da Vertigem,
e ás luzes dos brandões, do alto do meu terrádo,
lançei no vasto mundo o olhar enfastiado.
— Que me importava a mim, solitario e infeliz,
ver aos pés a Consciencia e a Toga do Juiz!...
Que me importava ver prostituir á Abastança
— sua espada a Justiça e a Lei sua balança?...
Ao saír d'uma orgía e á lampada do Estudo,
só via o teu olhar — largo como um escudo!
No Oriente, e em Veneza, a terra dos canaes,
dos limoeiros d'ouro, ou sob os laranjaes
da Italia, ao rubro sol, sob a lua bemdita,
só sentia um vazío... uma nausea infinita!...

CELESTE, a voz tremula, caricio-
samente:

Pois bem, então descanse!... Acalme agora um pouco!...

O ANTI-CRISTO

— Mandas: descansarei.—Talvez me cuides louco.

CELESTE

Parece-me sentir passos no corredor.
— É o doutor talvez. São passos do doutor.

Baixo:

Meu Deus! como chorei do intimo com magua,
vou antes d'elle vir, banhar os olhos n'agua...
Que diriam meu pae, o medico, os criados.
se me vissem assim os olhos encarnados!...

Alto, saíndo:

Eu já venho. Até já.

O ANTI-CRISTO, só:

— Expandi a minha alma!

Dá um suspiro dilatado de allivio. — Volta-se para a parede.

Lady, d'olhos azues, tens da inocencia a palma!
Para bem te sondar, fiz maior meu delirio,
—e a Terra não fará como tu outro Lirio.
Ah! a Mulher inda é, com seu ar de Quimera,
superior a ti, homem—antiga Féra.
Fazemol-a caír no lodo e na maldade,
por seu lado inda bom... a Indulgencia e a Piedade.

Os Ceos Catolicos

Então de novo o seu Sonho empólga-o. — Sente-se forte, cheio de um espirito vivaz de controversia, longe da casa de Celeste, em plena gloria dos Ceos Catolicos. — Estes aparecem-lhe taes como os conceberam as lendas monacaes da Meia Edade e a imaginativa popular. — Ao seu pé está a Siencia sob a forma de um gigantesco Mocho. — N'um trono de luz resplandecente, elle vê assentádo Jehovah, o *Ancião dos Dias*, o terrivel Sabaoth judaico, de grandes barbas brancas como a fina prata. — Conforme as suas hierarquías, alinham-se os Serafins, os Tronos, as Dominações, as Virgens e os Ascetas de longas barbas despenteádas. — Alguns dos Martires são monstruosamente disformes, e apresentam-se horrivelmente mutilados das rodas dos punhaes: das mutilações nas praças públicas: das garras das feras dos circos. — As suas chagas cheiram execravelmente mal: escorrendo algumas um pús viscoso, onde enxameiam vermes. — Mas uma harmonia deleitosa e mistica sôa nos ares, e espalha nos sentidos um torpor languido e amoroso. — Muitos Santos teem os membros decepados. Outros, como S. Diniz, não teem cabeça.

O Anti-Cristo trata de observar tudo, pormenorisadamente. — Mas n'isto escuta uma voz escarninha que lhe fála ao ouvido. Volta-se e vê um velho borracho que lhe faz gestos. Quem será?... Reconhece então,

BARRABÁS, que piscando muito os olhinhos, envidraçados pelo alcool, lhe diz sarcastico e em surdina:

Subí comtigo ao Céo, agarrado a uma aza
do Môcho.— E óra aqui estou ao pé de Santa Mónica!
Cheira-me isto a hospital, e ao mesmo tempo a casa
de honrada Filarmonica!

Decerto que saíu d'aqui algum enterro,
pois tudo está tristonho assim como Pilatos.
Paréce que tambem, ha muito, se não érro,
a casa esteve aos ratos!

Em toda a parte vejo instrumentos variádos,
flautas e cornetins, rabecões e oboés.
Descubro Anjos alem, de olhos envinagrádos,
quaes tenores de cafés.

Tósco alguns Serafins de intonsas cabeleiras,
que recordam, á legoa, italianos cantores.
Teem a voz aflautada e as teatraes maneiras
dos roucos trovadores.

Vejo, mais para tráz, uns Anjos magriselas,
com azas de setim, sebáceas ganforinas,

que lembram os ratões que dão á manivela
do realejo ás esquinas!

Alguns dos Querubins incham muito as bochechas,
tocando os seus flautins.— Recordam-me os jarrões,
com grossos Mandarins de lustrosas madeichas,
cavalgando dragões.

A musica é de enterro.—É soturna e contrista,
como um sino a dobrar, ou um tambor em crépes.
E o maéstro paréce um safádo pianista
de algum café de « lépes ».

Quanto ás Santas liriaes, mortas nos cadafalsos,
teem como os Arlequins umas roupas vermelhas,
que, aos baços lampeões, chispam uns brilhos falsos
de lentejoulas velhas.

Francamente, este Céo está muito escalavrádo,
desde que um tal Proudhon cá meteu o nariz!
Hoje é um vil pardieiro. Amanhã um mercádo.
Talvez um chafariz.

Por decerto, que agora a coisa está mais crúa,
pois que a Siencia vem cheirar tudo isto cá.
— E é capaz de ferrar com os trastes na rua,
e o Trono de Jehovah.

O Trono nada vale.—Está já bem velho e em baixo!
Não tem recosto já, brazões, nem doiraduras.

Tem-no estragado a chuva. E o Sol, o rubro facho,
desbotou-lhe as pinturas.

Quanto ao Sétro, tambem precisa de levar
alguma demão d'óca, assim como o dos Reis.
— Aliáz não é mais que um táco de bilhar,
que não vale trinta reis!

O Resplendor deve ir tambem ao latoeiro,
pois que Rénan provou que é de latão ruin!
Os salões teem bafío. Os quartos com máo cheiro,
carécem de alecrim.

Contribuem para isto as mil chagas extranhas
dos Martires Cristãos que trescálam a púS,
e tambem a aluvião dos bichos e as aranhas,
que róem toda a Cruz.

Quanto ao Raio, «esse é já uma inutil frioleira!»
O Homem tem melhor — Tem as balas «dum-dum».
A matrona Siencia é mais finória e arteira
do que diabo algum!...

O Nordeste entra aqui, aos uivos e aos latidos,
como um negro bull-dog. — Os tectos estão máos.
As portas a ranger. Os vidros já partidos.
Rachádos os degráos.

D'entre os Santos, alguns estão nús, sem camisa.
Outros não teem cabeça, ou dispensam nariz,

As chagas cheiram mal e todo o Céo precisa,
(« alem de menos brisa! »)
sabão, côco, e verniz.

Em quanto ao « Pae do Céo », o Jehovah aguerrido,
desconheço-o. Parece um vencido Pachá.
Tinha fundos talvez n'algum banco falido!...
— Tudo rúe, quebra e cáe.
— Até mesmo Jehovah.

O ANTI-CRISTO, sorrí aos epigramas de Barrabás. — N'isto escuta-se uma voz estrepitosa.—O Anti-Cristo volta-se. É

O PADRE ETERNO, que bráda:

—É tempo de escrever, Astros, meu testamento!...
Eu sei que ha contra mim um odio surdo e lento,
sei que estou velho e exausto, e as minhas mãos nervosas
já não sabem fazer os Junquilhos e as Rosas.
Sei que Astros, Nuvens, Soes — na Natureza franca,
chalaçam, entre si, da minha barba branca.
Eu sei que o rumor da agoa e os cursos das torrentes,
a Aza, o Rochedo, a Luz, os rebanhos das Gentes,
chamam-me féro e máo, sanguinario e perverso.
Sinto pezar em mim o odio do Universo!
E quando o vento agita as agoas melodiosas,
os frescos canaviaes, os calices das rosas,
as folhas da figueira e os rios musicaes

creio no enorme rir do Mar, dos Vegetaes,
troçarem do meu Raio as gerações descrentes.
Os Soes riem de mim, Satan de eu não ter dentes.
a Luz do meu catarro, o Mar da minha calva.
Mil insonias crueis, do ocaso ao romper da alva,
me róem sem cessar! — Acho-me obeso e velho.
O Universo não quer dobrar mais o joelho.
a meu filho Jesus, nem a seu Pae, Jehovah.
A actual geração é pulha, egoista, má.
Astros! Planetas! Soes! — eu vou exterminal-a.

Chama os quatro Arcanjos da Destruição. — E voltando-se para o primeiro que vem montado n'um cavalo negro, tendo uma roupa tinta de sangue, uma fouce na mão direita:

— Anjo da Assolação! levanta a voz e fala:
Que has visto sobre a Terra e em toda a humanidade?...

O ANJO

A Heresia, a Blasfemia, o Egoismo, a Impiedade.

O PADRE ETERNO

Semeia-a pois de sal, de absinto, mais de espinhos.
— Ceifa os astros dos Ceos e as ervas dos caminhos.

AO SEGUNDO ANJO

Que has visto no Universo e sobre o Globo inteiro?

O SEGUNDO ANJO

Em vez de ti, Jehovah, o Deus-Monstro: *Dinheiro.*

O PADRE ETERNO

— Deita sangue no mar, nos rios, e nas fontes,
que não se encontrem mais as agoas, nem os montes.

AO TERCEIRO ANJO

Tu que has visto de bom na face do Universo?

O TERCEIRO ANJO

Nada. Cada vez mais o Ser fero e perverso.

O PADRE ETERNO

—Vára a espada as Nações, os Reis, os seus vassalos
até que chegue o sangue ao freio dos cavalos.

AO QUARTO ANJO

Que encontraste de bom e justo sobre o Mundo?

O QUARTO ANJO

Nada. Um sinistro poço heretico e profundo.

O PADRE ETERNO

Váe.— Transforma as nações em rubros cemiterios,
até chegar-me aos pés o sangue dos Imperios.

Mas então a Siencia, sob a forma de um gigantesco Mocho — com uma voz soturna que faz estremecer os Santos:

Terrivel Sabaoth! Deus Zeloso! Deus Forte!
cerra o teu testamento.—Eis a aza da Morte.
Divindades cristãs! vão Jehovah! Céos tiranos!
flagicios dos mortaes, tagantes dos humanos,
açoites do infeliz curvado sobre a terra,
ó Deuses, generaes das mil hostes da Guerra,
que dáes a Peste, a Fome, o Pranto amargo e atroz,
Deuses, que estaes na Luz—ouvide a minha voz!

Faz-se em todo o Céo um silencio angustioso.

—Venho, ó Deuses Cristãos! da bruma da Desgraça,
onde o Ente se arrasta e eternamente passa,
n'um continuo váe-vem da onda na tormenta!
Eu venho da aflição da noite lutulenta,
onde ha muito aterráes vosso bastardo: o *Homem*.
Aqui, nos altos Céos, onde os mil sóes se somem
na Luz, não chegam nunca os gritos e os arrancos
da Terra, mais da flor, da fera, e os lirios brancos!
Não chegam nunca, eu sei, os cravos e os martirios,
do sangue dos heroes ensanguentando os lirios,
nem os rugidos, ais, soluços e flagicios
dos Povos sobre a Cruz, torcidos dos suplicios,
sugando o ácido fel da Esponja das Torturas,
pois são vastos os Ceos, profundas as Alturas,
e tu cerras, Jehovah! das graças o teu cofre.
Por isso eu venho, ó Ceus, gritar: — A Terra sofre!

Olhae. Pareço vil.—Mas a minha aza escura
tem roçado do mundo o travo da amargura,
e ouvido milhões d'ais, fraticidios, misterios,
degolações de reis, exterminios de imperios!
Olháe, Deuses, hei visto o coração da fera,
o cacto, o monstro, o heroe, o sol, a rocha, a hera,
o assassino em seu antro, o Crime na caserna,
o Santo em seu Calvario, o Monstro na caverna,
a relva, o Som, a Côr, tudo que é forma e existe,
e posso bem clamar:—Deuses! a Terra é triste!

Deuses! sois mais fataes aos homens do que as feras,
e mais dignos da cruz do que os ladrões.—As Eras
teem-me ensinado muito e n'essas biblias leio
mais do que vós na Luz—Deuses! eu vos odeio!

O PADRE ETERNO

—Quem és tu, Mocho ateu, prégador de heresias?...

A SIENCIA

Prégo, Deuses Cristãos, o fim dos vossos dias!

O PADRE ETERNO

Em nome de quem vens, sinistro prégador?...

A SIENCIA

—Da Alma que se indigna e a quem causaes horror.

A AGUIA DE S. JOÃO

Respeita o Pae dos Sóes, mais a sua Aguia, ateu!

A SIENCIA

Tu és Aguia e eu sou Mocho — Eu seio-o bem. ó Céo!
Sim: eu móro na treva e tu nos sóes doirádos,
mas a Treva hoje acusa e excomunga os teus fados.
A Treva fez-se braço e este outro Promoteu
ruirá, de um golpe só, as mil hostes do Céo.
É inaudito, atroz, infando, extraordinario!...
A que veio o Batista, o Cristo, o seu Calvario.
Heródes e Caifás, os Quatro Evangelistas.
se ha já mochos ateus, rebeldes, e anarquistas?...
Decerto que é cruel, e ó Deuses creio o horror
que causa um Globo ateu e livre pensador.
Mas a Terra hoje está contra ti, Padre Eterno,
— e se a condenas toda, é pouco todo o Inferno.

Dá uma gargalhada sonóra — Depois, com uma ácida tristeza:

Se eu sou um mocho vil, Jehovah! tu és açoite.
Se eu sou treva, e vos sóes, Deuses, ouvide a Noite.
A Terra obscura, escrava, excentrica, confusa,
fez-se lingoa e tem voz. — Deuses! a Terra acúsa.

O PADRE ETERNO, irádo:

Mocho heretico e ateu, treme que a minha ira
mande um novo diluvio á Terra, em que a mentira

ruge como o Dragão, e a afunde por castigo,
inteiramente emfim, como o Diluvio Antigo.

A SIENCIA, sacudida de risadas:

Labóras, Sabaoth! n'um erro desmedido.
— O universo não foi, por ti, todo afundido!
Se o Oceano invadiu parte do baixo Oriente,
não molhou uma flor da América virente,
pois teem havido só diluvios parciaes.
Jehovah! ignóras muito a Geologia e o mais
que sabe hoje um vulgar mediocre estudante.
— Ah! fica mal, Sabaoth! ser feroz e ignorante!

O Deus mosaico fica interdito e embaraçádo n'uma confusão indescriptivel. — Elle, segundo a Siencia, quedou-se sempre estacionario na ignorancia primeva e ingénua dos seus Profetas, Levitas, e Patriarcas — Então no Céo uma revolução extraordinaria se opéra — Muitos Santos duvidam. Muitos Justos trepidam. Muitos Serafins desértam.

O PADRE ETERNO

—Quem és tu, ave atroz! que projétas decerto
fazer, em torno a mim, o vácuo de um deserto?...

A SIENCIA

Que te importa quem sou, e os ais que me consómem?...

Com voz vibrante, mostrando o Anti-Cristo:

—Olha, eis aqui *Alguem*, o teu Juiz, o Homem.

Um grande silencio se faz — E todos os olhos se voltam anciosos para o Anti-Cristo, que paréce crescer desmesuradamente aos olhos de Jehovah, dos Santos, dos Profetas — como o legádo de uma oculta missão, que se afigura terrivel.

O PADRE ETERNO

Quem és tu, novo ateu? — Quem és, ser triste e amargo,
que pareces boiar no fundo de um letargo?...

O ANTI-CRISTO

Perguntas-me, Jehovah! quem sou — Um descontente.
D'onde venho? De longe — Eu sou o descendente
do antigo *Alguem* que ergueu cidades de granito,
zimborios, torreões, piramides do Egipto,
deuses excepcionaes de formas monstruosas,
de *Alguem* que ergueu Babeis, labirintos de rosas,
nos suspensos jardins da antiga Babilonia,
de *Alguem* que fez baixar os soes na Lira Jonia,
de forma que os mortaes n'aquellas Liras belas
criam ouvir chorar os deuses e as estrelas,
e que um dia varou o olho do Preconceito,
— achou o Ritmo! a Lei! o Numero! o Direito!

Encára Jehovah

Chama-me pó, reptil, grão de areia ou miasma,
que eu desdenho-te assás — Quem és tu? Um Fantasma.

Eu, por mim, percorri Tribus, Nações, Ruinas,
Obeliscos de Reis, Bazilicas e Minas,
atravessei areaes e ergui o pó das lousas,
e posso bem falar dos Ritos e das Cousas.
Descóbre-te ante mim, velha Esfinge tirana,
que eu digo-te quem sou—Eu sou a *Face Humana.*
Eu sou o *Irreverente* ao pé da Divindade,
que grito:—Atroz Ancião, venho da Humanidade.
Sou a Rasão que bráda ao grande Enigma Antigo:
—Sáe do teu antro, Esfinge! e discute comigo.

Dá alguns passos em roda do trono de Jehovah, e dos Vinte e Quatro Anciãos, os olhos baixos. — Depois pára.—E, n'uma atitude de decisão, crusando os braços:

Põe de parte o teu raio, a auréola, a eminencia,
e argumenta, Jehovah! comigo—ante a Siencia.
Tu tens raios, trovões, diluvios, cataclismos,
fulmina-me, Jehovah! tambem com silogismos.
O Sabio, hoje sem fé, não liga preito sério
á nuvem que te embuça, *Espetro*, em teu misterio.
Desce pois dos degráos de luz do trono antigo,
lança ao chão o teu sétro:—e discute comigo.

O PADRE ETERNO, com despreso:

—Orgulho do reptil, pó da terra imperfeito,
pode a Causa jámais discutir com o Efeito?...

O ANTI-CRISTO, com voz tonante:

Negas que os Deuses são crueis, perseguidores?...

O PADRE ETERNO

Nego.

O ANTI-CRISTO

Treme, Jehovah! Eis teus acusadores

Então um quadro inexprimivel se desenrola, seguido de outros ainda mais temerosos — Aparecem, evocadas pelo Anti-Cristo, as vitimas desfiguradas das perseguições religiosas — Surgem Prometeo meio devorado por um abutre: Isaias serrado ao meio: Manés esfoládo vivo: o monge Masius esquartejado por quatro cavallos: e Giordano Bruno carbonisado pelo Santo Oficio — Por fim o Mocho arranca, por sua vez, os olhos a Jehovah que é crucificado mais os seus Patriarcas, em cincoenta gigantescas Cruzes, no meio das Estrellas.

O PADRE ETERNO, angustiadamente:

Antes que a morte emfim me subjugue e vença,
quem me dá de beber?—Que sêde atroz e intensa!

O Anti-Cristo faz-lhe chegar um calix:

O PADRE ETERNO

Este vinho tem sangue!—O que é que me deitaste?...

O ANTI-CRISTO

—O sangue das nações. Jehovah! que degolaste.

O PADRE ETERNO

Teu Cópo contém fel, fel de um travo profundo.

O ANTI-CRISTO

Jehovah! bebeste o fel das lagrimas do mundo!

O PADRE ETERNO, moribundo:

Vou morrer!... Vou morrer!... Adeus, ó grãos dispersos
da Luz que eu semeei, Planetas e Universos,
adeus triste Judá! ó branca Palestina,
que eu na Siria plantei com minha mão divina,
com seus lagos azues, tamarindos, figueiras.
— Adeus, Cafarnaum! Jardim das Oliveiras!
onde mandei meu Cristo erguer seus magros braços,
altas torres de reis, piscinas e terraços,
das ruas de Sião, das praças de Israel.
Adeus poço de Haron! piscina de Ezequiel!
Adeus, seco Jordão sem vélas e sem barcas,
Amor, Desejo, Ideal, tribus dos Patriarcas
Formas, Gritos, Paixões, Rugidos, Utopias...

N'um grande brado horrivel:

— Adeus. Sêde maldita, obra atroz dos seis dias!

Expira. — Mas os seus olhos sem pupilas ficam desmesuradamente abertos — E essas largas fendas imoveis parecem chorar os mundos.

O ANTI-CRISTO

Expirou o Imanente, o Increádo, o Absoluto.
Chore e gema o carrasco. — Os Reis que deitem luto.

Voltando-se para os Santos:

Ninguem deite o seu corpo em tumulo esculpido,
nem embrulhe em lençol de linho bem tecido,
ninguem banhe o seu corpo em balsamos e unguentos!
Que fique exposto á neve, ao raio, á chuva, aos ventos,
que as aguias ao rasgar o fero Ancião barbádo,
gritem: — Morreu a *Féra*. O' homens, obrigádo!

AS MULHERES DA JUDEIA, desgrenhadas...
soluçando:

Por que não deixas tu que o Vivo enterre os mortos?...
Que ventre te gerou? — Nossos olhos absortos
não podem contemplar esta tragedia escura!...
Quando é que se negou ao morto a sepultura,
quando é que se negou á boca soltar ais,
e aos filhos enterrar os corpos dos seus Paes?..
O mais rude aldeão dos serros infelizes
dorme, enterrado ao sol, nos braços das raizes.
Porque não deixas tu, ó alma de odios cheia,
que sepultem seus paes as filhas da Judeia?...

O ANTI-CRISTO

— Ouviu nunca o Deus Padre os gritos e os lamentos?
Pois fique exposto ao raios, ao furacões, aos ventos.
Que o esbofeteie na Cruz a ventania franca,
gritando-lhe: Adeus Pae! Monstro de barba branca!

AS MULHERES DA JUDEA

Olha. Cristo sofreu milhões de ignobeis tratos.
O romano pretor, porém, Poncio Pilatos,
permitiu a José, rico de Arimateia,
que enterrasse o seu corpo em terras da Judea,
n'um lençol de Jopé, com balsamos da Siria...
Ah! não sejas mais crú do que elle e os Reis da Assiria,
que hão deixado enterrar, em sepultura idónea,
aos filhos, os seus paes, mortos em Babilonia!...

Desfalécem sobre os joelhos:

Ninguem negou jamais, a servos e proscritos,
venerar seus Avós e os deuses dos seus ritos!...
Mesmo outrora em Caldeia, escravos, perseguidos,
levámos nosso Deus, chorando, entre os vestidos!...
Porque é que tu, somente, és duro e féro aos ais
dos que querem honrar os deuses dos seus Paes?...

Chóram.

O ANTI-CRISTO

Respeitou elle nunca os deuses de outros cultos?
Deus zeloso e cruel, não cumulou de insultos
Astarot, Dagon, e os deuses das mais terras?...
Pois fique exposto ao tempo, ao raio, á chuva, ás guerras
de abutres e falcões. Que as neves e agoaceiros
digam:—Bebe, Jehovah, ó páe dos carniceiros!

AS MULHERES DA JUDEA

Deixae-nos enxugar, com nossas longas tranças,
os prantos dos que estão varádos pelas lanças,
nossos Irmãos e Paes, Profetas, Patriarcas!...
Quando outrora o Jordão tinha vélas e barcas,
nossos Páes tinham fé, ao menos, em Judá
de irem juntar-se aos seus, no val de Josafat!...
Por que não deixas, pois, que Esther, Rachel, e Sara,
mais o bando infeliz d'esta nação amara,
que ha passádo na Historia a sua vida cheia
de prantos, a fugir, proscritos da Judea,
e há da vil servidão provádo o pão maldito,
encrusáda, a chorar, nos palmeiraes do Egipto,
por que não deixas tu, se amas as cousas rétas,
que ellas honrem seus Paes, seu Deus, os seus Profetas?...

E, n'um grande còro de soluços, ellas enternecem os corações dos Bemaventurádos.
— Porém, inabalavel,

O ANTI-CRISTO:

Vossos santos Varões foram uns homens duros,
que se hão manchádo em mil exterminios escuros,
em mil assolações, incendios, e pilhagens.
Fiquem expostos, pois, aos ventos e ás carnagens
dos corvos e gaviões, que gritem das Esféras:
—Adeus Isac e Abrahão! Páes de monstros e féras!

AS MULHERES DA JUDEA

Não digas cousas taes!... Condóe-te das desgraças!...
Nós temos sido sempre as servas de outras Raças,
tendo mais que ninguem sofrido os ferreos cravos
da dôr de amamentar os filhos para escravos!...
Temos servido a reis, povos de crença errónea,
em Caldeia, Ninive, Assiria, Babilonia.
Condóe-te e ouve porém:—Esther, de olhar sincero,
na sua trança prende ao Rei da Persia Assuéro,
a alta Sara ideal, com seu submisso olhar,
enternéce Pharaó, mais o rei de Gerar,
e a Rabeca gentil, de olhar ingenuo e bom,
Abimelech e Eleazar—junto ao poço de Haron.

E ajoelhádas, ao modo oriental:

Ah! não pése o teu gladio e a vara dos castigos
mais duramente em nós do que as dos reis antigos!...
Escute os nossos ais teu coração vencido,
e diga dentro em si: sinto-me enternecido!
Atenda a nossa dôr teu coração turbádo,
e exclame dentro em si: sinto-me amargurádo!...

Mas, RACHEL, que é idólatra, cheia de escrupulos, em voz baixa:

Se eu péço por Jehovah, renego e ofendo então
os meus deuses de Haron... os do meu páe Labão!

Porém muitas d'ellas, tambem idólatras, socégam-na.—Amostram-lhe furtivamente amuletos dos Amalecitas: dos Assirios: e até dos Egipcios, com cabeças de chacal.

O ANTI-CRISTO

Deixae-o.—Fique exposto ás neves e aos granisos,
sem bençãos de ninguem, da Noite sem sorrisos.
Que lhe gritem os Sóes, do alto dos seus brilhos.
—Adeus Monstro! Adeus Páe, que matavas teus filhos!

AS ONZE MIL VIRGENS

Pois bem. Ouve-nos pois:—Se acaso o Eterno, o Antigo,
foi, como a terra o diz, um Déspota inimigo,
e um guerreiro feroz sempre a talhar mortalhas,
sempre a guiar legiões e carros de batalhas,
Maria foi a Mãe trespassada de dôres,
e uma ingenua aldeã nascida entre pastores.
Velava no seu lar, fiava no seu horto,
sentada nos poiaes, dando aos pobres conforto,
—pois que tudo concéde a quem lhe pede e róga!
e ao Sabado ia orar, modesta, á Sinagoga.
Quem se não lembra já de ver em pequenino,
o présepio em Belem, a Vaquinha, o Menino,
e Ella, com deus no cólo, inundando-o de afágos,
entre os bons Aldeões, os Simples, os Reis Mágos?...
Mais tarde errou, chorando, entre o grupo proscrito,
com José e Jesus, na mulinha, no Egipto,
e mais tarde vagueou pelas amargas ruas
de Sião, desvairáda, ao frio, aos sóes, e ás luas,
varáda pela espada e o crime de Pilatos!...

E inda hoje óra por vós!... por vós!... homens ingratos!

Portanto, se hoje sois adversos e inimigos
dos deuses, e votaes guerra aos cultos antigos,
e aos ritos dos Cristãos, como o vosso odio atesta,
abrandai-vos á dor de uma mulher modesta!...

O Anti-Cristo estremece. — Pareceu-lhe ouvir entre as Virgens, a voz de Celeste — Estréga os olhos. — Não sabe se se agita no Sonho ou na Realidade.

O ANTI-CRISTO

Olhae, Virgens Cristãs: — Eu quebrarei a jura
de não dar a Jehovah, mais aos seus, sepultura,
se acaso não houver, na Natureza larga,
— quem contra vós levante um grito e a voz amarga!

Um grande silencio se faz. — Então, no meio d'este silencio, uma Sombra se levanta, toda vestida de branco e de véo. — A Sombra conserva-se longo tempo veláda e silenciosa.

O ANTI-CRISTO

Quem és? — O que olhas tú, que infundes ancia e espanto?
Por quê, teu véo de Monja, esse trájo, esse pranto,
e esse atroz contorcer das mãos desalentadas?...

A SOMBRA:

— Meus ais são os mil ais das vitimas claustradas,

mais glaciaes do que a Estatua, e mais hirtas do que ella,
que morrem sem amor... no catre de uma cela,
lançando o ultimo olhar aos ultimos esplendores
— de um sol posto, a abençoar as conceições das flores!

E estendendo um dedo espetral para as Virgens — que recuam.

— Se a *Virgem* fez-se Mãe, por que inventar o ingrato
Mito que fórça ao iniquo e esteril celibato?...
Por que é, que idealisando a Casta Virgindade,
muráram n'uma tumba e um claustro a Humanidade?...
Porque, em vez de exaltar a Mãe, como na origem
dos tempos, pôr nos Céos um simbolo de Virgem?...
Por que o Claustro e a Céla, em vêz de pôr no altar
a antiga e casta Mãe — deusa e esposa no Lar?
Por que em vez da Mulher, e o Amor da antiga Lira,
uma esteril visão, um vácuo, uma mentira?...
Por que em vez da Mulher, esposa, casta, e bela,
a visão de um Deus Velho amando uma donzela,
e em vez d'essa pagã forte e antiga alegria,
um Deus Morto, um Deus Velho, uma Virgem Judia?...

Então o Cristo aparéce — Franze o supercilio com divino enfado e cruza os braços — A Sombra avança para elle, com passos tresloucados — Depois, com violencia:

— Na tua Lei tudo é pecádo, orgulho, ou crime,
beijar a propria Mãe, amar de amor sublime!...
Satan em tudo está. — Na flor, no fogo em que arde,
na estrela da manhã, ou na estrela da tarde!...

Á arquitetura grega, altiva, nobre, e pura,
sucéde a Catedral silenciosa e escura.
Á Cúpula, onde a luz entra em mil jórros viva,
a imensa e obscura Nave, o triste olho da Ogiva.
Ás mil festas pagans, a Baco e á Ceres bemdita,
seguem-se as procissões, a catacumba, a Cripta.
Ás Ninfas musicaes dos prados e das flores,
—uma Virgem de luto em negro altar de dôres.

Em vez da vida ao sol, a Matrona e a Donzela
olharão o luar das grades de uma céla,
e á Lira musical dos Poétas Antigos,
que cantavam o amor, os prados, os pascigos,
e os deuses immortaes de jaspe, oiro, e marfim,
—a caverna do Ermita e o barbaro latim.

Calae-vos, desde então, ao luar que consóla
lamentos do oboé, soluços da vióla!...
Abafae desde então, ó Citaras divinas,
as notas pastoraes das églogas latinas!...
Sucedam a Hermés, Jove, Apolo, Varuna,
— Antonio na Tebaida e S. Simão na coluna!

O CRISTO, pausadamente:

Quem és, Sombra irreal, inominádа, exangue,
—que mostras tanto horror ás religiões de sangue?...

A SOMBRA

— Sou a flama do Amor, que revoltada e presa,
reivindica o amor da Santa Natureza.

Eu sou, e estremecei Cristo! mais Cristandade!
— a Grande Alma Pagã, a Alma da Antiguidade.

Desaparéce.

Então um vento de Revolta perpassa pelos Santos: os Martires: os Ascetas: os Bemaventurados — Respiram ávidos os haustos emancipadores da Natureza, das Campinas, das Seáras, das Vindimas, das fermentações dos Lagares, da vida estrepitosa ao Sol.

OS MARTIRES, arrancando as auréolas:

Ai de nós! Ai de nós! — Jesus, que mal existe,
comparado á ilusão da tua Lei tão triste,
que nos fez arrastar ás feras e aos suplicios?...
Suportámos por ella os cravos e os flagicios,
as grelhas, as polés, as ródas das navalhas!...
Por ti démos, sem mêdo, as tragicas batalhas
á Carne, ás Tentações, ás Feras, aos Tiranos,
ás Formas, ao Desejo, e aos Prefeitos Romanos!...
Por ti fomos á Nitria, ás Neves, ás Ruinas
uivar, chorar, fugir das formas femininas.
E agora, onde estaes vós, noivas, esposas, filhas?...
O que válem teus Sóes, ao pé das maravilhas
das caricias do Amor nas murtas e rosaes?...
Quem nos dará, agora, o que não volta mais:
— a Juventude... o Ideal... o Amor... sonhos passados?...

E, com desesperação, soluçando:

—Quem nos póde hoje amar, monstruosos, mutiládos!...

Mostram todos os seus aleijões: as suas chagas asquerosas: as suas mutilações e deformidades. — S. Lourenço mostra o seu corpo chamuscádo das grelhas — S. Francisco de Assiz, as cinco chagas que recebeu do Cristo — S. Diniz, a propria cabeça que foi decepada do tronco — Mas, Santo Origenes e Outros Santos, que se mutilaram por Castidade, que arrancaram o seu sexo, lamentam inconsoladamente a masculinidade perdida.

E **SANTO ORIGENES**, muito exaltádo:

— Para bem penetrar, ó Cristo! nas escuras
profundezas do texto e a lei das Escrituras,
abandonei festins, os circos, mais as danças,
o bulicio, o triclinio, o perfume das tranças!...
Porém que me valeu meu Verbo, o Estudo, a Idea?
Quem me dará, de novo, a escóla em Cesaréa,
meu horto... meu pomar... meu lar na Alexandria?...

S. CIPRIANO, chorando:

— E eu que éra tão feliz, rico na Antioquía?...

S. VALERIANO

— Por ti, Cristo, deixei meu Lar, a Esposa, o Leito.

SANTO EMÉRICO

— Quando expulsei a Esposa, ella estreitou-me ao peito,
chorando, hirtas as mãos, as palpebras cerrádas!...

Suspirando:

Tinha um peito tão alto!... As pomas tão nevadas!...

AS MONJAS, arrancando os véos:

Foste tú, foste tú, Jesus! — que nos roubaste
ao Amor, á Vida, ao Sol, e vivas nos chumbastes
no claustro e na prisão das grades do Mosteiro!...
Maldita a hora hostil, em que o universo inteiro
se cerrou para nós! — e o noivo, o triste amante,
despedido e a implorar, se sumiu soluçante,
levando as mãos ao peito, ao pé dos tamarindos!...
Ai que gratas manhãs! que verdes prados lindos,
que caricias de amor nas noites gloriosas,
em que há os esponsaes dos Lirios e das Rosas,
quando entontece o aroma acre e bom dos junquilhos,
e se estreitam de mãos, junto do Esposo e os filhos,
que perdemos a orar, cantando horriveis hinos,
de treva e luto em vão, de rojo, á voz dos sinos!...

TODOS OS SANTOS, rodeando o Cristo:

Restitue-nos, ó Cristo! a Forte Natureza,
a Alegria do Amor, da Vida, da Beleza,
dos efluvios pagãos, dos canticos das Vinhas!...
— Dáe-nos azas de novo ás almas, andorinhas
que anceiam regressar aos tépidos pombaes,
ao Lar, á Vida, ao Sol, aos gosos naturaes!

Dá-nos o sol do Amor, ó Cristo magro e triste.
—Jesus! Jesus! Jesus! por quê nos iludiste?...

As lamentações multiplicam-se. — Uns choram as esposas e amantes que abandonaram e os territorios nataes — Outros, como S. Gerlaco, as aventuras faceis do quartel e do acampamento, cheias de rixas e violações. — S. Simão Stilita, a sua cabana de colmo, em Sisan, nos confins da Siria — Santo Antonio da Tebaida, os seus pascigos e os seus rebanhos de bufalos no alto Egiptó. — E finalmente Santa Barbara, a pompa do seu palacio, cheio de estatuas gregas, na Nicomédia. — Mas

O CRISTO, sevéramente:

—Por que é que me deixaes?—Pelas fecundações?...
São ellas sempre um bem?—Suas deleitações
não causam, sem cessar, o mal da Humanidade?...
Não é nobre, corréta, altiva, a Virgindade?
Não evita o Adulterio, o Infanticidio, a ruina
do pária que não tem nem cazebre e oficina,
não evita mil ais, mil dramas, mil azares,
as sordicias da alfurja!... o asco dos lupanares?...

Aos Santos, veementemente:

Quanto a vós! quanto a vós!... por quem cravei meus braços,
na hostil Jerusalem, vós! por quem dei mil passos,
desde o Egipto ao suplicio e ao Páteo do Pretorio,
quanto a vós, pelos quaes meu sangue no ciborio

foi pouco para dar na Horrenda Sexta Feira,
vós, a quem puz nos Sóes, na Gloria, e sobre a inteira
multidão das Nações, turba da Cristandade,
mas que hoje renegaes meu Nome sem piedade,
como outrora Simão, sem senso e sem abalo,
no pateo de Caifás, quando cantava o gálo,
vós a quem tudo dei:—desde o meu corpo á alma,
desde a familia até da Virgindade a palma,
desde a purpura até á irrisão de Pilatos...

Rasgando o seu sudario sobre o mundo:

fugi! fugi tambem!—Estou cançado de ingratos!

MARIA MAGDALENA, sacudida de soluços:

Não me expulses, Rabí!—Renéguem-te os Espaços,
Astros, Sóes, Regiões, eu seguirei teus passos.
No Céo, na Dôr, na Cruz, no Exilio, no Abandono,
eu seguirei atraz... como o cão ségue o dono!...

E, regando-lhe os pés com lagrimas:

—Meu desejo é morrer, Rabí! sempre ao teu lado!

O CRISTO

—Por que ficas, Mulher, se *todos* me hão deixádo?

Mas então os **SANTOS**, de rastos... ajoelhádos... contritos:

Perdoáe-nos, Rabí! — Um vento de demencia
passou por sobre nós. — Indulgencia! Indulgencia!
Um momento pairou sobre a nossa alma o céo
langoroso do Amor... e os rosaes do Himenéo.
— Ouvimos o ladrar dos cães, nas nossas leiras!
— Vimos, no céo da tarde, o fumo das lareiras!

O CRISTO

Perdoádos estáes. — A Contrição redime.

OS SANTOS

— Certamente Jehovah puniria este crime!

O CRISTO

Este não é Jehovah. — Este Tirano Surdo
era o deus que o Homem fez, e portanto absurdo.
Aquelle que ali está crucificado e morto
não é o Deus Eterno, o Deus Forte. — É um abôrto.
É o Jehovah brutal, feroz té á demencia,
que o charlatão explora e que exagéra a Siencia.
Santos e Serafins! a Siencia faz-nos guerra.
Pois bem, aceito o repto. Acompanhae-me á Terra.
Simão, cinge os teus rins, sem medo e sem abálo.
Dae-me a Cruz. Dae-me a Cruz — Eia, a pé! Canta o gálo!

Então o Cristo carréga novamente aos hombros o *Lenho do Calvario.* — Todos os Santos o seguem, aclamando-o, em procissão gloriosa. — Mas, n'um pequeno e rustico hortejo da Russia, jardinando ao crepusculo matutino, um Velho Slávo cheio de entusiasmo, chamádo

TOLSTOI, com grandes barbas:

Eis o Cristo! Eis o Cristo! — A pé, homens descridos!
Que o veja, o que ólhos tem!... Oiça-o o que tem ouvidos!...

SIENKENWICZ, em Varsovia:

Eil-o ali! Eil-o ali! — Eis présto o fim das Eras.
Aonde váes tu, Senhor, atravez das Esféras,
com teus mil Serafins, Tronos, e Potestades?
Aonde váes tu, Rabí?... *Quo Vadis? Heu! Quo Vadis?...*

HUYSSMANN, nas margens do Sena — n'um claustro de Solitarios — agitando os braços:

— És tu, ó Rei da Paz! ó Principe dos Lirios!
ó Casto Semeador! que desces dos Empireos,
e vens de novo á Terra, ao val das pedras duras,
lavar, com agua e fogo, o barro ás creaturas?...

Todos de joelhos:

— Desce, desce até nós, Ceifeiro das Verdades!

SIENKENWICZ, chorando :

— Vens julgar-nos. Senhor ? — *Quo Vadis ? Heu ! Quo Vadis ?*

HUYSSMANN, em extase :

— Aonde váes tu, Rabí, mais tua Augusta Mãe !...
A Varsovia, a Sião, Berlim, Jerusalem,
á Fonte de Siloé... a Bezéta... a Caná ?...

O CRISTO, com voz trovejante—mostrando a Cruz :

— *Vou levar este açoite ao val de Josafat.*

A Cruz resplandece como um Grande Cometa Vermelho. — O Ceo aparece todo flamejante — Os caminheiros rólam por terra deslumbrados.

Uma eira, ao luar

DEMETRIO, falando com o Jesuita Marcello :

— Quando é que tu porás de parte a Castidade,
livros, contemplações, jejuns, austeridade,
e farás como os mais, os santos padres sérios,
que rolam na Luxuria assim como uns Tiberios?...

Cultiva a *femea* e o amor—Celeste tem no olhar
uma luz branda e azul, uma lua polar.
As *ladies* virginaes teem no olhar nobre e sério
um quê de vago *ideal*... todo um luar sidereo,
e os homens, como tu, graves, sérios do Sul.
morrem por se afogar n'essa bahia azul,
um cristalino azul de céus não reveládos!...
Morrem por esses mil cabelos delicados,
que alouram mais no fim, como uns fios de sol...

E com verbosidade:

—Por que é que tu, tambem, não has de ter um rol
de amantes sensuaes: ricas: aristocrátas?...
Celeste não é bem a nata das beátas.
Mas é mistica, é meiga, é piedosa, é crente:
doce e sentimental:—ar de rôla innocente:
de modo que quem fôr o seu amante um dia
póde esbanjar milhões e rolar n'uma orgia,
monstruosa e animal assim como um Tirano...
Tem, por pae, um inglez catolico romano,
e a sua ética Mãe era irlandeza e pia!...

Com piedade ironica:

—Que o Céu a tenha em paz, Santa Senhora! e um dia
os seus milhões tambem tenham um fim celeste!...

MARCELLO, vexádo: baixo:

—Bem te entendo, Serpente, e bem te escuto, peste!

Levantando a voz:

Não se trata de tal—Tu és um nosso agente,
e espiónas alguem. —O que é que faz esse ente,
que arraza a Egreja, o Altar, alúe nossos direitos?...

DEMETRIO

Conspira contra nós — Recebe homens suspeitos
das mil associações secretas do Estrangeiro.
Faz imprimir um livro horrivel, com um cheiro
de herezia, que vae infecionar o mundo!...
Inspirou a Celeste um grande amor profundo,
e é preciso arrancar-lha. — Aliás essa fortuna,
grande como a d'um Rei, ou d'um duque d'Ossuna,
vae fugir-nos tambem—É vasta. E fabulosa.
Trez mil libras por dia!... É bem boa!... Assombrosa!...

MARCELLO

Celeste tem-lhe amor?

DEMETRIO

Esse anjo loiro e etéreo
péla-se pelo ateu!... Ora isto é grave e serio!

MARCELLO, inquieto, atormentado:

É falsa a informação. — Afirmo-te que mentes.
— A pomba morre ou cae, mas não se une ás serpentes.

DEMETRIO, dando uma risada:

Conheces Santo Ambrosio... Antão... Thomaz d'Aquino.
Mas nada, meu doutor, do *eterno feminino!*

MARCELLO, friamente:

—Pois sem ter, como tu, siencia tão daninha
sobre a Mulher, Celeste, em breve será minha.

DEMETRIO, com assombro: baixo:

Tua amante?!... O quê?... Pois?...

MARCELLO, baixando os olhos: córando:

—Quero dizer, da Egreja.

DEMETRIO, com um rir felino:

Seja em gloria de Deus!... *Amen* pois!... Assim seja!...

Desaparecem entre os grupos.

O PASTOR MIGUEL, cantando á viola:

Menina das tranças pretas,
assome-se ao seu balcão.
Venha deitar violetas
no enterro de um coração.

A ALDEÃ CLARA

Sou trigueira da seára,
mais do sol das serranías,
mas tenho uma voz mais clara
do que a voz das cotovias.

O PASTOR MIGUEL

Eu gosto do rosmaninho,
mais da flor dos laranjaes.
Mas do rir do teu *beicinho*
é da flor que gosto mais.

S. Pedro tem uma chave,
com que abre a porta dos Céus,
mas o teu olhar suave
abre o postigo de Deus.

A ALDEÃ CLARA

Escrevi ao Céu perfeito,
n'um papel côr do luar,
todo o mal que me tem feito
os teus olhos verde-mar.

Respondeu-me a Lua Cheia,
com tinta feita de luz,
que n'um serro da Judea
muito mais penou Jesus.

Aparecem o Anti-Cristo e Celeste — Mais atraz a condessa Alice e Tristão. — O Anti-Cristo vem palido... arrastando-se convalescente.

O ANTI-CRISTO

Nunca mais me esqueceu, Celeste! a sua imagem...
que aquella tarde ví debaixo da folhagem
da acacia, meiga e boa... ao pé das creancinhas!...

CELESTE

Pois não é natural que áquellas orfãsinhas
alguem ensine a lei de Cristo?—Ella é tão boa.
É tão doce a emoção que em nossa alma côa,
quando estamos ao pé das timidas creanças!...

O ANTI-CRISTO

Timido é seu olhar!... Belas são essas tranças,
grilhões d'oiro d'amor que fecham corações!...

CELESTE

Oh! não me lisongeie! — Eu sei que as expressões,
que inspira a polidez, não devem orgulhar
a vaidade a ninguem... por isso sem faltar
a mim mesma, agradeço a extrema cortezia.
Mas não me lisongeie, oh não!... Custar-me-ia
que me cresse talvez uma desvanecida!...

O ANTI-CRISTO

Juro por Essa a quem eu mais amei na vida,
— minha filha — a inocente esp'rança que me embála,
que não sou um banal lisongeiro de sala,
e que inda nunca achei visão mais graciosa!...

CELESTE

— Ah! mas no turbilhão da Vida tumultuosa,
a quantas não terá lançado taes louvores?...

O ANTI-CRISTO

Quem lhe fala só pisa, ha muito, um chão de dôres,
e a fronte desbotou do Estudo em longas velas.
Nunca esbanjou sua alma em ternas bagatelas,
e só viu, face a face, a estrela do Desgosto.

CELESTE

Padece muito então?... Soletra-se em seu rosto,
é certo, um pezar fundo, extranha magua interna!...

O ANTI-CRISTO

Para que em tal falar? — Tenho uma pena eterna,
para a qual, sob os céus, não ha balsamo, é certo.
Mas vivo n'esta dôr, como n'um vão deserto,
que povôam sómente os écos dos meus ais.
Meu peito é pedra negra onde se lê *Jamais*.
— De que serve falar n'um tumulo e n'um morto?...

CELESTE

Falar na Dôr, consola!

O ANTI-CRISTO

A minha não tem porto
onde possa arribar. — Exposta á chuva e aos ventos,
naufragou no alto mar, morreu sem sacramentos.

CELESTE

— Mas não se entregue tanto ao seu pesar profundo.
Atraz d'uns dias maus, vem outros bons ao mundo!...
Talvez que as distrações do mundo e que as viagens...

O ANTI-CRISTO

Corri o mundo inteiro em busca de miragens,
nuvens, soes, ilusões. — Mas só achei sentado,
no meu noturno leito, o espetro do *Cuidado.*

CELESTE

Tambem quando morreu a minha Mãe... minha alma,
que fôra até então, tranquila, alegre e calma,
sentiu tão grande abalo e tão mortal paixão,
que quiz morrer tambem... e atraz do seu caixão,
partir lavada em pranto, e debulhada em choro!...
Quiz morrer: quiz cortar o meu cabelo louro:
meter-me n'um convento: abandonar a vida.
Mas depois veio a paz... a calma indefinida,
certa resignação suave... e uma saudade!...

O ANTI-CRISTO

Não é sem cura a dôr, jámais, na sua edade!
Mas, na minha, o Pezar deixa covas eternas,
mais brutaes que vulcões, mais largas que cisternas,
mais vermelhas que o sol do entardecer do outono.
—Na minha, a alma sem sol é como um cão sem dono!

CELESTE

É acaso algum velho? — Acho-o bastante forte,
para afrontar a dôr e para rir da morte!...

TRISTÃO a Alice, passeando ao pé das aldeãs:

Sim, senhora Condessa! — Eu posso magnetisar
uma qualquer vilã — Só á força de a olhar.
Magnetismo é o fluido, a força da Vontade,
que podem ter, tanto eu, como o senhor abade!
Se quizer, vou mostrar-lhe a força d'este imperio!...

ALICE, indicando, com o olhar, o Anti-Cristo:

—Seu amigo tambem possúe esse misterio
de poder dominar uma alma, a seu sabor?...

TRISTÃO

— O meu amigo tem tal fluido e tal valor,
que é dificil achar-lhe o seu rival no globo...

Mas vamos ao meu caso.—Eu descobri um roubo,
por este meu processo, um dia, indo em viagem,
n'uma aldeia, ao sol pôr, dentro d'uma estalagem.

ALICE

—Seu amigo, tambem correu diversas terras?...

TRISTÃO

Tem visto varios sóes, reinos, cultos e guerras,
e a sua historia é um drama inexplicavel!...
Mas... como ia narrando, achei mui censuravel
deixar-me espoliar por um ignobil bando,
e recorri sem custo ao meu processo, quando,
na locanda se armou contenda entre uns ciganos
trigueiros, beberrões, rudes ladrões serranos,
que vinham de correr rios, montes, e serras...

ALICE

—Seu amigo tambem tem visto varias guerras,
Revoltas... Sedições... o choque das Espadas?...

TRISTÃO

Sim: guerras mais crueis que as frotas couraçadas,
que povôam o mar cobertas de canhões,
—mais mortaes do que a Espada e o arranque das legiões.
Mas, Condessa, notei, desde que está comigo,
que, quando eu falo em mim, fala no meu amigo!...

ALICE rindo muito:

Tem razão!... Tem razão!... Narre-me a sua historia.

TRISTÃO

Quero, ao menos, que observe e assista á minha gloria!...

E chegando-se ao pé d'uma aldeã—fazendo-lhe varios passes — os olhos fixos, como n'uma fascinação, começa a magnetisal-a. — Os demais aldeões fazem roda. — Celeste e o Anti-Cristo passeiam.

CLARA cantando:

No parapeito inclinada
do meu lavrado balcão,
quero ouvir a serenada
dos ais do teu coração.

MIGUEL, á viola:

Tua voz alegre e franca
consola como o luar.
A tua pele é mais branca
que a toalha d'um altar.

CLARA

A tua carne macia
é mais branca e escultural,
que a marmórea frontaria
da minha egreja natal.

MIGUEL

Nem Bispos, nem Cardeaes
tem um livro de Orações,
como os teus olhos, missaes
onde resam corações.

CLARA

Quando o nosso Bispo santo
vae á Egreja oficiar,
não arrasta as almas tanto
como a luz do teu olhar.

MIGUEL

Vi-te em sonhos morta e fria,
amortalhada em teu veu,
chamar-te a Virgem Maria,
lá da janela do Céu.

CLARA

Quando tu morrer's exangue,
minha alma será desfeita...
e o Cristo verterá sangue
da sua chaga direita.

O ANTI-CRISTO a Celeste, vendo um soldado veterano, que toca n'uma viola:

— Eu amo estes virís soldados vagabundos
das velhas legiões, que percorreram mundos,

bebendo vinho em mil tabernas das estradas,
por entre assolações: guerras: choques de espadas:
mas que um dia, ao voltar a curva d'um caminho,
soluçam d'emoção n'um carvalhal sósinho,
vendo além reluzir a cruz da sua aldeia.
— Sua alma cresce então como a maré que alteia!

CELESTE

Como exprime isso bem! — Tive esse pensamento.
Mas não sei exprimir com tanto sentimento!...

O ANTI-CRISTO, vendo um pescador, dançando com a sua noiva:

Feliz o pescador trigueiro das bahias,
que estende a rede ao sol, sobre as ondas macias,
e ao qual a barca é leito, e túmulo, e navio!...

Faz uma pausa.

Quando deitam, ao Sol, as redes no alto rio,
conversam, entre si, das pescas já passadas,
da lua das marés, das noivas, das amadas,
com quem dançam na aldeia, em baixo das nogueiras!...

E dando um suspiro — em voz surda:

— Só o Estudo é que róe longas noites inteiras!

CELESTE brandamente:

Por que estudar demais? — Não é com sem razão
que se devasta o corpo, a vida, o coração?...

Passeiam entre as médas de trigo.

TRISTÃO tendo magnetisado a aldeã:

Olhem agora bem. — Já está magnetisada.

PRIMEIRA ALDEÃ

Parece-me feitiço!

SEGUNDA ALDEÃ

Ella está desmaiada.

ALICE

Não vá ella soffrer!... Vejo-a tanto sem côr!...

TRISTÃO

Não tenham susto algum.

Á Sonambula:

Responde, Leonor.
Que tenho eu, n'esta mão direita. bem fechada?...

A SONAMBULA

— Uma medalha d'ouro.

Tristão abre a dextra. Mostra a medalha a todos.

PRIMEIRA ALDEÃ

Está enfeitiçada!

Á Sonambula:

Pensa em mim quem eu penso?

A SONAMBULA

Não se póde saber — Sua alma é um poço imenso.

TRISTÃO, curioso, á Sonambula:

É homem ou mulher?

ALICE, córando:

Oh! não pergunte tal!...

A SONAMBULA

É homem. E não está mui longe, por seu mal.

Alice fica pensativa.

O ANTI-CRISTO, á Sonambula, aproximando-se:

Responde-me a isto só. — Acharei quem procuro?

Todos estreitam o circulo, em roda da magnetisada. — Mas

A SONAMBULA, levantando-se como ferida d'uma visão sinistra: — muito livida e cambaleante: — faz o gesto de afastar Celeste do Anti-Cristo. — E com terror, tapando os olhos:

Quem é este homicida horrendo, vil, escuro?
Afastem-no d'aqui — Vejo-o todo embrulhado

nas dobras d'um lençol de linho ensanguentado,
metendo assombro e horror, assim como o assassino.
Afastem-no d'aqui — Afastem o ferino
monstro, que quer matar a rez imaculada!...
Afastem esta face horrenda e ensanguentada.
este homem todo involto em sangue d'um lençol!...

Os circumstantes ficam assombrados.

TRISTÃO

Tu deliras, mulher — Nem mesmo á luz do Sol.
nos podias mostrar lençol ou sangue algum.

A SONAMBULA, apontando o Anti-Cristo:

Ali! Ali! Ali! — Afirmo que vejo um!

Cáe no chão estrebuchando. — Reina uma sensação pávida geral.

N'um campo ajardinado, perto da eira

O Anti-Cristo retirou-se, encolhendo os hombros e afastando Celeste para fóra da eira. — Diz-lhe mil cousas vagas, humildes, cariciosas. — Sente-se entontecido dos aromas vitaes das vegetações: do cheiro das suas tranças: do perfume especial feminino. — Ás vezes calam-se. — Mas Celeste, n'um arrepío misterioso, pensa que o amor d'este homem deve ser como um turblhão: alguma cousa violenta e extraordinaria: e comtudo defeza. — Os seus olhos tendem a fechar-se. — E sem saber por quê, sente ao mesmo tempo desejos de rir e de chorar.

O ANTI-CRISTO

Se podesse ver bem, ao pé de si, Celeste,
como me encanta tudo — a eira, a flor agreste,
ouvir correr a agua, as verdes eminencias,
as sombras dos casaes, o olôr das florescencias,
a alfazema e o alecrim á beira dos caminhos!...

CELESTE, ainda agitada:

Hontem ouvi falar de vós alguns visinhos,
com certo ar de desdem, um tom que me contrista!...

Ouvi dizer meu Pae que ereis um pessimista.
Pessimista, creio eu, é o que sem rasão
sómente encontra o *mal* em toda a Creação?...

Escolhendo uma flor da beladona:

—Que mal tem esta flor de aroma penetrante?...

O ANTI-CRISTO

Um veneno subtil, secreto, fulminante.

CELESTE, cheirando uma rosa:

—Que mal contém a rosa agreste dos caminhos?...

O ANTI-CRISTO

Tem insectos mortaes. Por fóra é toda espinhos.

CELESTE

Mas o Sol, o bom Sol, o Pae das primaveras?...

O ANTI-CRISTO

—Páe de Monstros tambem, de Venenos, de Feras.

CELESTE

E a Lua, a clara luz meiga das eminencias?...

O ANTI-CRISTO

—Fria e azuláda mãe de histericas demencias!

CELESTE

E esta abóbada azul, sublime, ideal, celeste?...

O ANTI-CRISTO

— As mais das vezes, cobre as infeções da Peste.

CELESTE

Acaso, a verde Terra, a mãe das mil colinas,
não vos apraz tambem?—Vêde estas azulinas
montanhas, ao luar, plantadas de oliveiras!...
Vêde estas plantações, o susurrar das eiras,
na rude agitação campestre mas singela!...
Oh! como é santa a Terra, a Mãe simples e bela!...

O ANTI-CRISTO

—Talvez a Santa Mãe fabrique hoje—ao luar—
um veneno subtil que me ha de envenenar.

CELESTE

Mas, sendo assim, o Mundo era um vasto ossuario...

O ANTI-CRISTO

Sim, o Mal é enorme—É mesmo extraordinario.

CELESTE

O Mal seria um deus gigantesco e perverso...

O ANTI-CRISTO

—A aza negra do Mal tapa todo o Universo.

CELESTE

Vêdes em tudo o Mal... a Morte... o Luto... a Dôr.

O ANTI-CRISTO

—Um, mais cruel do que eu, achou-o até no Amor.

CELESTE, sorrindo:

Tambem acháes um monstro o Amor, essa creança?...

O ANTI-CRISTO, em voz baixa—na ilimitação de um enternecimento:

Não. Em ti vejo o Ceu. No teu amor a Esp'rança.

CELESTE, jubilosa e embaraçada:

Qual é a flor que amaes?... É então o jasmim?...

O ANTI-CRISTO, dá-lhe uma flor, e n'uma agitação indefinivel:

É esta flor azul — *Não te esqueças de mim!*

Embrenham-se, falando baixo, n'um bosquezinho de romanzeiras.

DEMETRIO, surgindo cautelosamente:

—É sempre a mesma historia universal e extranha
da dóninha e do sapo e da mosca e da aranha.
Como ella vae contente — a alma de sonhos cheia —
sem se lembrar que é mosca e que caíu na teia!
Pobre insecto gentil, a quem a aranha espera,
o que será de ti, entre as mãos d'essa *féra*?...
Não vês, lady inocente e loira ingleza exangue,
mais que o luar e amor — e eu só perfidia e sangue.

Fica um momento silencioso.

Falhei a vocação—Com genio como quatro,
eu devia escrever dramas para o teatro!...
Quem dirá que este amor casto e sentimental
vae ser nas mãos do Fado um drama excepcional!
Quem dirá que este idilio ingenuo e até *bonito*
vae ser d'um cávo horror monstruoso e inaudito!...
Tenho nas minhas mãos um segredo profundo,
de fazer erriçar os cabelos ao mundo...
e ha de a sena final ser tão brumosa e insana,
—como ráras ouviu ainda a orelha humana!

E rindo baixo: insidiosamente:

Falhei a vocação! — Com genio como quatro,
eu devia escrever dramas para o teatro!...

Arrasta-se ao comprido no solo.— E de vagar, silenciosamente... cautamente... desaparece entre as folhagens, com as ondulações d'uma cobra.

Uma estalagem n'uma estrada

Demetrio e Fabio comendo a uma mesa — Ludgero n'outra, taciturno. — Bebem copo sobre copo.

FABIO

— Com que então, meu Demetrio! aqui n'esta estalagem,
gordo como o meu Cura e belo como a imagem
do Arcanjo S. Miguel da minha freguezia?...

DEMETRIO

— Assim é! Assim é! — Mas quem déra a alegria
dos bons tempos azues da fresca mocidade,
em que eu jogava bem o sôco e o nosso Abade,
calvo como o Deus Pae, calmava os contendores,
entre puxões d'orelha!... Era a estação das flores!

FABIO

— E dos frutos tambem, pois iamos aos figos,
juntos pela manhã, como dois bons amigos!...

DEMETRIO

É certo. — Hoje, porém, sisudo e solitario,
ao grau de bacharel, junto o de secretario
de um Sabio, um Escritor, por não me achar capaz
de ser guarda portão, nem regedor. — Rapaz!
traze lume, cognac, e a caixa de charutos!...

Grita pelo creado.

— Como podes viver, ó Fabio, entre estes brutos,
estes vis aldeões com olhos de carneiros,
sempre a rir e a explorar os bolsos estrangeiros,
que veem ver o paiz?...

O creado traz charutos e *cognac*.

FABIO

Tenho a *nevrose* e fumo.
— Durmo as manhãs na cama, e á noite sem ter rumo,
bebo como um Prior e toco na viola.

DEMETRIO

— Beber, dormir, fumar, este viver consola!
E namoros não tens?...

FABIO

Não me dá muito abalo
esta Farça do Amor — Gosto mais d'um cavalo

negro como o Pecado e de excelente trote!
O Amor, caro Demetrio! é bom só para um mote
de ingenuo madrigal que se recita á Lua.
Só compreendo a mulher — na cama, á noite, e núa.

DEMETRIO, rindo:

Vim achar-te um devasso! — Estas nuvens d'aldeia,
o pôr do sol no val, o hortejo, a lua cheia,
a fonte que desliza... o alvorecer na serra,
não te abrem certa flor azul que a alma encerra?...

FABIO

Deus, á força de ver o Inverno, o Estio, o Outono,
e a lua das marés... morreu talvez de sono.
A Fórma, o Som, a Côr, o Oceano, o Luar
tudo isso é bom de pôr — n'um piano d'Erard.

DEMETRIO

Tu não eras assim! — Tens lido Baudelaire,
Schopenhauer talvez... Desprezas a Mulher!

FABIO

Mas não desprezo tal! — Amei uma *Cocotte,*
pela qual muita vez puz o cavalo a trote,
que atropelei até. — Mas ella não me quiz!

DEMETRIO

Não te quiz? Porque, então?...

FABIO

Apaixonou-se, a Infeliz!

DEMETRIO, ás gargalhadas:

Que historia excepcional!... *Cocotte* com paixão!

FABIO

Isto vem como a Febre, a Gota, a Indigestão.
—Ataca o coração esta lesão bucólica,
como o ventre mais são póde atacar a cólica.

DEMETRIO

Sabes, ó Fabio, agora o que me está lembrando?...
—Aquelle belo tempo azul, tranquilo, brando,
em que andámos cursando aulas e academias!...
Tinhas então, talvez, mais sonhos e utopias
do que pêlos no buço e cartas de namoro!...
Recordas-te d'ouvir Tristão sisudo e louro,
bohemio original, Filosofo Budista,
que, transcendente e serio, era o maior farcista?...
Tão grande e original?... alma tão cristalina,

que um dia o achamos nú, por ter dado a batina,
e a ultima camisa ao filho de um coveiro!...
Lembras-te quando o achei, um dia, ao seu barbeiro,
a explicar como o Brama, o deus do indio povo,
tirou a Terra, os Ceus, e o Sol de dentro do Ovo?
Recordas-te como Elle enorme, e calvo, e serio,
explicava o *Não Sêr* e o mistico misterio
da grande *Trimourtí*, um dia, aos seus crédores?...
—Que belo tempo então, livre de dissabores!

FABIO

Que é feito de Tristão?...

DEMETRIO

Eterno original,
deitou-se a fumar opio á moda oriental,
e agora tem visões, sonhos extraordinarios.
Vive perto dos Ceus, junto dos campanarios,
n'uma trapeira azul, onde tem por visinhos,
como elle diz,—o Sol, o Padre Eterno, os ninhos,
n'uma altura ideal que chega a dar vertigens,
—e da qual, ao luar, fala ás Onze mil Virgens.

Ri, sonoramente.

FABIO

E tú, meu caro, o que és?

DEMETRIO

Um reles secretario
d'um vulto excepcional, um vulto extraordinario.

FABIO

Quem é esse prodigio? — Eu gosto de ver feras.
Encantam-me os Leões, os Monstros, as Panteras.

Gritando pelo criado:

Rapaz, traze cognac! — Pela alma d'um sacrista,
este vilão é parvo assim como um corista!
— Trouxe-nos capilé!... É caso nunca visto!

O criado traz mais cognac.

DEMETRIO

— Nunca ouviste falar na vinda do Anti-Cristo?

FABIO

De certo. — Eu tambem leio aquelles bons autores,
que me fazem dormir tão bem como os Priores!
Conheço S. João. — Devo-lhe uns belos sonos!
Tenho-lhe gratidão. — Ás vezes tem entonos,
de tanta exaltação, que faz dormir em pé!

DEMETRIO

— É bom ler S. João, fumando, entre o café!...

FABIO, olhando pela janela as Arvores — as pombas brancas, que vôam sobre o rio — um jumento que se espója n'um ervaçal.

Tal e qual, ao café! — Mas como explicas isto
do caso do teu Sabio e a vinda do Anti-Cristo?...

DEMETRIO

É que assim é chamado. — Acusa-o a Madre Egreja
de ter, com seu bordão, feito uns vergões que a aleija.
Agitador audaz, pessimista e doente,
acaba de chegar agora do Oriente,
cheio d'indicações... estudos... documentos.
De noite tem visões — Tem sonhos turbulentos,
nevroses infernaes... sonos atormentados...
porque a Siencia fez-lhe os nervos delicados.

FABIO

— Eis o homem que busco! — Um ente original.
Um *monstro!* um monstro emfim, que sáia do banal!
Que vem fazer a Aguia aquí, á fresca aldeia?
—Olhar o pôr do sol... a Aurora... a Lua Cheia?

DEMETRIO

— Precisa d'um retiro e a paz d'um ceu clemente,
d'onde possa vibrar mais raios brevemente.

FABIO

Quer talvez coligir as suas impressões?...
Amo os homens assim... os monstros... os leões.
Creio que eu já o ví, que me causou abalo!
—Palavra! heide lhe dar minha alma e o meu cavalo!...

DEMETRIO

Sempre zombando, ó Fabio!—E tua irmã que faz,
a formosa Condessa?...

FABIO

Habita em santa paz,
desde que enviuvou, aqui, n'esta paisagem,
defronte de Celeste, a loira ingleza, a imagem
mais casta de mulher que tenho visto em vida!...
É bela como o Sol, alta, sem ser comprida,
magestosa e gentil... mimoso e fino labio.

DEMETRIO

— Bem sei, móro defronte, em casa do meu Sabio.

FABIO

— Ah! tu moras ahi?... Habitas n'um solar!...

DEMETRIO

— Elle é mais que um Sultão e um Rei do Malabar.

E, baixo, ao ouvido de Fabio:

Suspeito que fomenta ocultas sedições,
e traz gente, a seu soldo, em todas as regiões,
para um fim que não sei!...

FABIO, rindo muito:

—É o proprio Anti-Cristo.
Eis um conspirador energico e imprevisto!
Com mil pipas!... Bofé!... Gosto d'esse sujeito!

LUDGERO, ebrio:

Mas eu hei de matal-o! — Ella era sem defeito
tão boa como a mãe, ingenua, meiga, honrada,
sempre a cantar e a rir logo de madrugada,
e esmigalhar-se ássim debaixo d'um vagão!...
—Hei de matal-o! Oh! se hei-de!.. Inferno! Excomunhão!

DEMETRIO, surprezo:

Isto que quer dizer?

FABIO, encolhendo os hombros:

Um velho embriagado
do caminho de ferro. —Um maquinista honrado,
que esmigalhou a filha, em certa noite escura,
em que talvez bebeu!...

DEMETRIO

Infeliz! Que loucura!

FABIO

— Fica assim quando bebe. e bebe até caír.
O seu mal mete dó!

LUDGERO, continuando, livido:

Escuto inda o rugir
do vagão no seu corpo! — Eu só e mais ninguem
escutei os seus ais que inda me lembram bem!
Cortava o coração! — Ao brilho da lanterna
eu vi sangue, e mais sangue! — E então na noite eterna
em que a vi esmagada em cima do caminho,
meu cabelo ficou mais branco do que o linho,
mais branco que meu Pae que morreu de oitenta annos...
mais branco que o Ancião cheio de desenganos...
e metia pavor assim como uma *féra!*
Fugiam de me ver! — Podera, não! Podera!

Cae outra vez sentado no banco. — Encosta a cabeça ás mãos. — Mas,

DEMETRIO, com uma piedade jesuitica:

Tiremos-nos d'aqui! — Corta-me o coração
a embriaguez do velho!... Incrivel situação!

FABIO

Meu Demetrio, este Globo imundo e vil, corruto,
— não merece um suspiro e o fumo d'um charuto!

Atira com uma moeda d'ouro para cima da mesa.

— Rapaz! paga esta conta, e guarda o resto em prata, para te embebedar no teu noivado, a orchata!...

Sáem de braço dado, fumando.

Um bosque.—No meio, um Chalet iluminádo.

Fabio e Demetrio na estrada:

FABIO

— Quem morará alí... no gentil *Chaletsinho?*

DEMETRIO

— Elle mesmo! Elle proprio!... Ali, a Aguia fêz ninho.

FABIO

— Para mim, isso é grego... é caldaico... é sanscríto!

DEMETRIO

De quem falei ha pouco?...

FABIO

É d'elle?... É do *Precito*?...

DEMETRIO

É d'elle, sim! Raptou a loira inglesa ha pouco,
e hoje celébra a *bôda!* — Está triumfante, louco!

FABIO

Podéra não! Podéra! — Um Fausto já maduro,
colher tão rica flor... um Lirio ingenuo e puro!

DEMETRIO

Lord Dudley — o Páe — esse é que está danádo!
Jura que ha de matal-o, e em cólera arroxeádo,
no inglez barafústa e em normando esbraveja...
— Faz-se rubro, violáceo, azul, côr de cerveja!

FABIO

Todo o arco celestial! Todo o espectro solar!
Espéra! Espéra lá!... Creio que oiço gritar...

Vêem-se correr luzes rápidas e irrequiétas pelas vidraças do Chalet. — Gritos e ais estrondeiam — Betty vem correndo toda esguedelháda.

BETTY, clamando:

— Um médico!... Um doutor!... Venha o doutor Rampolla!

DEMETRIO

Betty! Betty! O que há?... Fugiu, voou a rôla?

BETTY

— Morreu, meu *ai Jesus!*... Deixem! Deixem passar!

FABIO

Betty! Betty, aonde váe?...

BETTY

Preciso ar!... Muito ar!...

Continúa n'uma carreira doida — agitando muito os braços — fazendo gestos tresloucádos.

FABIO, a Demetrio:

— Que quér isto dizer? Que se ha passádo então?...

DEMETRIO

Vamos sabel-o já — Atráz d'ella, Tristão
corre como um cabríto e vem com pouco atrázo!...

FABIO

—Salta como um *bull dog* e traz cara de *cáso!*

DEMETRIO, agarrando Tristão:

— Não me dirás tambem aonde váes, de carreira,
correndo como um gamo... um chibo... uma cabreira?...
A Betty já lá váe, a calcurriar a estrada,
em cáta do doutor?... Mas o que há? Não sei náda!

TRISTÃO, ofegante, o olhar parádo:

—Quem morreu? Que pergunta? Ouvi o que disseste?
Sim, ouví! Quem morreu?—*Morreu lady Celeste.*

Passa a mão pela testa suarenta.

FABIO

—Extranha nova, horror! Uma *recem-casáda!*
De que é que se finou?...

TRISTÃO, gaguejando:

Morreu assassinada!

FABIO

—Assassináda, ó Céos! Eis um drama imprevisto.
Mas quem é que a matou?...

TRISTÃO

O *noivo,* o Anti-Cristo!

Assombro geral.

DEMETRIO

— Calma-te um pouco mais!... Conta isso por miúdos!...

TRISTÃO, tomando fôlego:

Ninguem ignóra, creio, os muito arduos estudos
a que este homem vóta a existencia, ha trinta annos.

Todos sabem tambem quantos mil desenganos
quanto inglorio labor, quanta tenacidade
o seu cérebro contém, quanta tenaz vontade!...
Ha n'elle o ideal, o espasmo, o sonho, as energias,
do Músico o Inventor, d'um Rebelde, um *Messias*.
Por mim que perlustrei com elle, lado a lado,
como Achátes fiel, Orestes devotádo,
por montanhas, por mar, em vapor, em beliche,
a sorrir, a arengar, ou a fumar *haschich*,
ás costas de um camelo atravessando Méca,
ou na Arabia... em Sião... ou n'uma biblioteca,
sei que lutas fataes, que visões estupendas,
se passam no seu craneo — Ha lá noites horrendas!

— Alem d'isso, Elle tem uma obsessão continua
de um *legado ancestral* que o irrita e amofina.
Certa vez, a sorrir, perguntou se o *inconsciente*
tem culpa de *matar*... se a Justiça incoerente
faz bem quando dególa aquelle a quem oprime
essa *herança de sangue*, essa herança de crime,
— a extranha e horrenda lei que é a *heridatariedade*.
Eu retorqui que *sim!* — Riu baixo, á saciedade.
Não mais em tal falou. — Na palestra ou no estudo,
sobre esta tése atroz, seu labio esfriou mudo.
Eu notava, porém, nos seus gestos inquiétos,
certo *quid* anormal, a acusar ais secretos.

Para Demetrio:

Mesmo este extranho amor que o empolgou — bem viste! —
punha-o, ora folião, óra bizarro e triste.

Esta noite, porém, foi uma noite plena
de risos e canções. — Celeste mui serena
assistia, sorrindo, ás frases e aos torneios
do seu verbo de fogo e dos seus galanteios.
Era a noite da *bôda*, uma bôda secreta,
com tres amigos só... uma harpa... uma espineta.
De súbito Celeste ergueu-se deliciosa,
com o ar senhoril de um Lirio Regio. Airosa
ella saíu da sala, a passos graves, lentos,
deixando-nos a rir... bebendo... turbulentos.
Logo após, elle abriu ao luar a janéla...
trauteou uma canção... depois foi-se atraz d'ella.

Nós continúamos rindo, a beber, fumar charutos,
libar Tokay, Xerez. — D'ali a dez minutos,
vinte ou trinta talvez!... aterrádos e aflitos
ouvimos rouquejar na alcôva agúdos gritos,
n'uma voz de cujo éco a minha alma incorporea
guardará, para sempre, uma angustial memoria!...
Ninguem lá quiz entrar — Eu porém mais audaz
pela camara entrei... Mas volvi logo atraz!
Na alcova, sobre o leito, inerme, exausta, exangue,
Celeste estrebuchava em um lençol de sangue.
Elle, a um canto, agachádo, assim como os lunaticos,
tinha uns olhos de sombra... esfingicos... erráticos.
Qual seria o motor d'este drama funéreo?...
Nada posso augurar! — Eis um cávo misterio.

N'este momento irrompem novos clamores uivantes. — Passam, n'uma carreira doida, individuos com archotes atraz do Anti-

Cristo que corre alucinado, levando Celeste involta n'um lençol sanguento.

BETTY, aos que correm:

Agarrai-o! Agarrai-o!... Olhae como vai branco!
—Vai doido! Vai lançar a morta n'um barranco!...

Todos se embrenham com archotes na floresta. — A estrada fica silenciosa.

DEMETRIO, a Fabio:

—Sábes, que has visto aqui, n'um segundo instantaneo?

Fabio faz um gesto negativo.

DEMETRIO

—Viste a scena final da tragedia de um *craneo!*

INTERMÉDIO

TÉSES SELVAGENS

INTERMÉDIO

—

TÉSES SELVAGENS

I

O Homem é progressivamente Máo

O Homem máo das Eras Finaes — armado com a Siencia — deve ser terrivel.
G. L.

Se a Naturesa armou o Toiro com chavelhos,
o Leão com a garra e a Cóbra com peçonha,
ao Homem deu milhões de garras e aparelhos,
pois no Cérebro tudo há — desde o Lirismo á *Ronha.*

Inchou pois de vaidade o deus terráqueo e sonha
a Terra, o Mar, os Céus, tingil-os de vermelhos
listrões feitos de sangue, em chacina medonha,
pôr de cócoras o Sol e o Escorpião de joelhos.

Nunca o Raio, o Diluvio, o Oceano, o Mastodonte
de patas colossaes, racháram selva e monte,
como este vil pigmeu que nasce em pranto e nú.

Crescei e multiplicae! disse a Madre Natura.
E elle cresceu, cresceu... cresceu de tal feitura,
—que inda hade ser peór que o seu rei, Belzebú.

II

A Mulher das Capitaes desmoralisa-se

Vós todos os que amaes as carnes admiraveis,
e os luxos triunfaes da Opulencia, e o Veludo
das roupas da Mulher, d'alvo peito, alvo escudo,
—alto e forte, a aparar desejos insaciaveis!

Vós todos que heis sentido as horas inefaveis
correr, fugir, voar, n'um grato enleio mudo...
decerto que heis julgado esta farça, este entrudo,
um claro *Olimpo Azul* com sofás confortaveis.

Porém, se prescrutaes d'essas almas o fundo,
vereis que o corpo é de oiro e o espirito imundo.
São filhas de Babel, sorrindo ao beijo e ao escarro...

Vereis então que amar esses astros malinos,
o mesmo é que atirar sardónias a cretinos,
— vasar Porto ou Tokay em chicaras de barro.

III

O Suicidio progride

Nos tempos dos soláos e os menestreis errantes,
que iam de burgo em burgo, ou feudal baronía,
na lingua provençal rimando odes galantes,
só se matava alguem... por *amor ou poesia.*

N'estes tempos, porém, da Cifra e a Rasão fria,
em que a Vaca está cara e os Sabios massacrantes,
não há Fadas... paixões... nem tragedias galantes,
o Homem mata-se á noite, ao gaz, á luz do dia.

Mata-se em barco, em trem, em vapor, n'um monturo,
n'um bosque, n'um pinhal, n'um ervaçal escuro,
uivando pelo pão na forca ou no paúl.

A agoa canta aos chorões, nas relvas, nos seixinhos,
uma alegria alvar quasi embebéda os ninhos,
e o Sol rí — qual Burguez — no seu sofá azul.

IV

O Lupanar floresce

Causa angustia e pavor uma casa de orátes,
onde a uma grade assóma um vulto nada humano.
Mas mais consterna, aos ais de um tisico piano,
risos de Lupanar... Manons com bonifrátes.

A Civilisação, fertil em disparates,
que o negro libertou do Roceiro tirano,
condéna inda a Mulher ao ferrete cigano
do Alcoice, mais bestial que o açoite dos mascátes.

Devassos com milhões, de luvas amarélas,
quaes velhos Reis de Thule, abride essas janelas,
e olháe que a tarde é grata, é fresca a viração!...

Trinam os rouxinoes. Em vil serapilheira
lá se váe a enterrar um corpo de Rameira.
Foi *tisica* talvez! — *Hossana á Creação!...*

V

O que dizem as Ervas

O que é que vós clamaes, altas ervas felizes,
que, com as verdes mãos, me acenaes amigaveis?...
Vós dizeis: — Volta a nós! Volta ás terras afaveis,
que vertem leite e mel... agoas claras... raizes.

Foge das capitaes, Ventrudas Meretrizes,
cheias de pompa e bulha, enxames execraveis,
onde carpem em vão, no enxurro, os miseraveis,
mentem os Senhores Reis, os Bispos, os Juizes.

Aqui encontrarás as Arvores Sagradas,
que narram coisas sãs, leaes, antepassadas,
como em serões d'inverno as branquinhas Avós.

Aqui escutarás as levádas mansinhas,
que falam devagar como amigas velhinhas,
aqui terás um peito!... uma alma!... em todas nós!

VI

O que dizem as Florestas

Homem! foge á Cidade e á sua tola Pompa,
aos devassos cafés em que o nervo se esbanja,
aos grotescos saráos de uma D. Briolanja,
e automoveis correndo ao buzinar da trompa.

Foge para os sertões. — Antes que te corrompa
a vermina imoral que os craneos desarranja,
vem ver nascer a Aurora ou quando o Sol irrompa
nos bambús colossaes sob os céos de laranja.

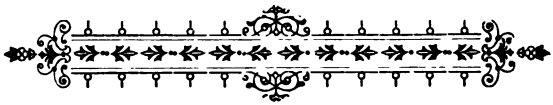
Aqui te sentirás forte, heroico, e bizarro,
sentindo melhorar o teu antigo barro,
longe do barro vil dos mortaes corrompídos.

Se morrer's, morrerás qual livre paladino,
rota a espada na mão, bradando ao teu destino:
— *Jove ama o Vencedor, mas Catão os Vencidos!...*

TERCEIRA ÉPOCA

Á Sedução segue-se a Desilusão

A primeira é formosa e tem voz de Sereia.
A segunda é medonha e tem entranhas crúas.
—Mas no emtanto, ó Leitor! entre estas fúrias nuas,
prefere a que é mais feia.



A Floresta dos Desejos

O Anti-Cristo, com olhos cheios de mêdo, vem perseguido pela Dama Branca—A sua forma alvadia... gigantesca... silenciosa, destaca-se á Lua.

O ANTI-CRISTO

Dizem que esta Floresta é cheia de feitiços,
máos para o Sabio e o Heroe, para quem ama e sonha!
—Mas que me importa a mim, se em tudo encontro enguiços,
se em tudo acho peçonha!

Maldita Vida odiáda!
Sou do Fado um fantoche e do Destino um *bumbo*.
—Ha tempos para cá, sinto a alma escalavrada.
—Quero fugir, voar, e tenho os pés de chumbo.

Eu, que a todos aterro, eu que tudo profano,
eu que nunca sentí, nem remorsos, nem mêdo,
pareço agora um Rei, transformado em marrano,
por um fatal bruxêdo!

Ando magro e amarélo. — Os meus olhos sombrios,
miserrimos e opácos,
são como um mar do Pólo, onde gelam sóes frios.
São como dois burácos.

Não posso Espelhos vêr, nem Ribeiros, nem Lágos.
— Todos hei de quebrar e encher de barro e lama.
Por que em todos eu vejo os meus fataes estragos,
E sempre um vulto em *sangue*...
em *sangue*, que me chama!...

Hei de mandar queimar as Florestas. — Os dedos
das Folhas para mim apontam ferozmente.
E Robles, Pinheiraes, Folhagens de Arvoredos.
susurram em segredos,
Inocente! Inocente!...

Quando galópo doido, entre os juncaes do Rio,
que o Luar risca e veste,
o Pavor corre atraz de mim como um Vadio.
noites, noites a fio,
a regougar *Celeste!*

Maldita Vida odiáda!
Sou do Fado um fantoche e do Destino um *bumbo*.
— Ha tempos para cá, sinto a alma escalavrada.
— Quero fugir, voar, e tenho os pés de chumbo.

N'este momento, na solidão lunar, dois vultos misteriosos se abeiram. — Um põe-se ao seu lado direito. Outro ao esquerdo.

—O Primeiro é um formoso efébo, pálido como uma hostia, que tange uma Lira de Prata. — O Segundo, um velho esqueletico, taciturno, que empunha uma Lira de Ferro.

O HOMEM DA LIRA DE PRATA

—Se o teu pé se magoou nos calháos, ao pisar
o cardo, as urzes vís, os penhascos ruins,
eu Azas te darei, para voar, voar...
dos Astros aos confins.

O HOMEM DA LIRA DE FERRO

—Tens rimas de oiro e mel, canções de Serafins.
Mas tua lingua excéde a peçonha e o *curáre*,
e a chuva dos rosaes de Nero nos festins,
a chover, a chover,
a afogar! a afogar!...

O HOMEM DA LIRA DE PRATA

—Porque me ultrájas tú, vil *Espétro amarélo?*
Quem te déra trepar aos meus Azues Zimborios,
e aos rendádos balcões do meu Real Castelo,
maior que os Promontorios.

O HOMEM DA LIRA DE FERRO

Todos os Reis e Heroes, com sonhos irrisorios,
que trépam algum dia a esses Mil Corucheus,
rólam, a blasfemar, do alto dos escadórios,
e morrem como Ateus.

O HOMEM DA LIRA DE PRATA

Oh! que loiros meus Sóes, que macíos meus Céos!...
Mirra, aloés, beijoim, ardem nas minhas Ceias.
As Rimas e as Canções são do poeta de Téos,
que assombrou as Sereias.

O HOMEM DA LIRA DE FERRO

Rosas, Canções, Festins, são as malditas teias
que a Vida arma aos mortaes.—Sob a seda de um manto
de morta Imperatriz, erram as centopeias,
e a Aranha fia ao canto.

O HOMEM DA LIRA DE PRATA

És a corda que estála apoz um meigo canto.
És o sôpro do Esquife apóz o som de um beijo.
O Escarneo apoz o Amor—Teu nome é *Desencanto.*
Desencanto é bocejo.

O HOMEM DA LIRA DE FERRO

Tu és um Lys Real nos lamaçaes de um brejo.
És um Corpo Gentil com roscas de serpente.
És um Reptil que vôa. O teu nome é *Desejo.*
—Desejo embáça e mente.

O Anti-Cristo começa a perturbar-se.—Sente-se ameaçado por estes dois monstros desconhecidos.—Olha em róda inquieto.

O DESEJO, irritado:

—Tentas lutar comigo, esqueleto indecente?

O DESENCANTO

—Pretendes-me assustar, eunúco alambicádo?

O DESEJO

—Sou capaz de fazer-te uivar lascivamente!

O DESENCANTO

—Sou capaz de tornar-te um velho deboxádo!

O DESEJO

—Queres vêr quanto eu posso?—Olha este calháo.

Beija o calháo.—Este transfórma-se n'uma Rosa.

O DESENCANTO

Pretendes ver quem sou?—Olha lá este bicho.

Sopra na Rosa.—Ella transforma-se n'um Verme.

O DESEJO

—Pois vê agora lá, se tenho o gosto máo.

Transforma o Verme n'uma cabeça de Mulher Formosissima.

O DESENCANTO

Puff! Que grande nojo! — Atira isto ao Lixo.

Sópra na Cabeça e transforma-a n'uma Caveira.

O DESEJO

— Pois seja a lúta então, agora braço a braço!

O DESENCANTO

— Pois seja mesmo aquí, a sôco, a murro, a dente!

O DESEJO

— Aqui não.

— Então onde?

— Ao alto. Ali no Espaço.

— Tu levantas-me ao ar?

— Tenho azas.

— Vil serpente!

Lutam corpo a corpo. — O Anti-Cristo deita a correr pela floresta em fóra. — Elles correm logo tambem.

O ANTI-CRISTO

Correm atraz de mim. Vão-me agarrar! Que insana furia e perseguição!... Que infamia!... Que loucura! Sinto os seus báfos já. Vão provar-me a catana.

Vão vêr como ella os cúra!

Desembainha uma espada. — Faz-lhes frente.

O DESEJO, pondo a mão sobre o Anti-Cristo:

—Venci! Tu serás meu!

O ANTI-CRISTO

Que quer's, vil creatura?

O DESEJO, melifluamente:

— Ser teu moço... o teu servo... o teu pagem folgaz!

O ANTI-CRISTO

Que pódes tú fazer?

O DESEJO

Posso dar-te a Ventura.

O ANTI-CRISTO, irónico:

— Vamos a isso, pois, meu pagem, meu rapaz!

O DESEJO

Fita bem meu olhar e pede o que quizeres.
—Oiro, oiro aos montões... Batalhas... uma Orgia?...

O ANTI-CRISTO

—Tenho Oiro até ao této e odeio hoje as Mulheres.

O DESEJO

Ai! pobre coração!... És uma ruinaria!

O ANTI-CRISTO

— Minha alma é uma velhinha engelhada e a morrer.
— É uma corça em sangue, a estrebuchar na mata.
Não quer consolações. Só deseja esquecer
uma chaga que dóe... o amor de uma ingrata!

Com tristeza:

— Canta, meu pagem dos cabelos d'oiro,
que tens em roda da cabeça um nimbo!...
Faze esquecer-me o meu fatal tesoiro,
um morto amor, que queima como um limbo.
Canta lá, pagem dos cabelos d'oiro,
meu malmequer, meu palido corimbo!...

O DESEJO, vibrando a Lira de Prata:

Branco luar. — A noite é leite e pennas.
Nos lagos outonaes e ao som dos remos,
cantam, chorando, os Sonhos que fizémos
e não soubémos realisar! — Serenas
as ondas vão levando os ais que démos!
Branco luar. — A noite é leite e pennas.

O ANTI-CRISTO

Canta, meu pagem dos cabelos d'oiro,
que tens em roda da cabeça um nimbo!...
Tu fazes-me esquecer o meu tesoiro,
um *morto amor*, que queima como um limbo!
— Canta lá, pagem dos cabelos de oiro,
meu malmequer, meu pálido corimbo!...

Passando a mão pela testa suarenta:

Tu não ouviste agora as folhas da Floresta,
com um cavo terror, meu nome pronunciar?...
Tu não viste sanguenta uma estrela funesta
como um listrão de fogo, o céo todo arraiar?...
Não ouves os Chorões, n'um ramalhar contínuo,
ciciarem ao vento: — *Assassino! Assassino!*

O DESEJO

É o vento a suspirar nas folhas dos salgueiros!
Socéga. — Eu vou cantar-te uns carmes feiticeiros.

Canta:

Cáe mansa a tarde. — Alvo serão de Agosto.
Beija um pastor no vale uma trigueira,
de ingenuo riso e de suave rosto.
Mas, n'um claustro, uma saudosa freira
exála um ai, vencida de desgosto,
por não poder amar como a ceifeira.
Cáe mansa a tarde. — Alvo serão de Agosto.

O ANTI-CRISTO

— Canta, meu pagem dos cabelos d'oiro,
que tens em roda da cabeça um nimbo!...
Tu fazes-me esquecer o meu tesoiro,
loiro *cognac* e o opio do cachimbo.
Canta, meu pagem dos cabelos d'oiro,
meu malmequer, meu pálido corimbo!...

Passando a mão pela testa:

Tu não ouviste, ao longe, os canaviaes trementes
gemerem, como geme a rama de um Cipreste?...
Não vês os Olivaes curvarem-se pendentes,
baixinho a murmurar o nome de *Celeste*?...
Não ouves os Chorões, n'um ramalhar continuo,
ciciarem ao vento: — *Assassino! Assassino!*

O DESEJO

É o vento a suspirar nos canaviaes do rio.
Socéga. — Eu vou calmar-te o espirito sombrio.

Canta:

Noite de Outono — A Valsa da Agonia
dançam as folhas, ao luar prateádo.
Magro doente diz á mãe que o guia:
— Ai! do que poude e que não soube um dia
colher, a tempo, o pomo d'oiro amado!
Noite de Outono — A Valsa da Agonia.

O ANTI-CRISTO

Meu branco pagem dos cabelos d'oiro,
que tens em roda da cabeça um nimbo,
não cantes mais de amor!... É um tesoiro
que a alma combústa como o ardor de um limbo.
—Cessa, meu pagem dos cabelos de oiro!
—Não cantes mais, meu pálido corimbo!

Apenas o Anti-Cristo profere isto, o Desejo atira para longe os fatos de pagem — Apa-

réce vestido pomposamente de Rainha, com uma corôa de oiro na fronte — Já não é o Desejo. É a *Vontade* soberana, dominadora, que tudo ordena e póde. — O Anti-Cristo, eletrisádo pela sua beleza, cáe-lhe nos braços. — É então que elle formúla os desejos sensacionaes, que vão transformar o Mundo:

I

Eu quéro vêr da Terra as maternaes entranhas,
abarrotádas de oiro, e prata, e pedrarias!...
Eu quéro alí erguer mil Construções Extranhas,
Avenidas com luz, vastas como Montanhas,
Ruas, Palacios, Cáes, Repuchos de agoas frias.

II

Eu quéro vêr no Céo cruzar os aerostátos,
e ali no Azul construir *villas* maravilhosas...
com Zimborios, Torreões, Piscinas de aparátos,
Jardins Fenomenaes d'onde jorrem mil jatos
de aromas de Sarão e de chuvas de Rosas.

III

Eu quéro vêr do Mar as solidões tão quérulas,
povoádas de Rosaes e de Exóticas Flores...
Quéro Ruas no mar, como nas núvens cérulas,
com Palacios Reaes feitos de madrepérolas,
e Aquarios de coral com peixes de mil côres.

IV

Quero a Lua povoar de terráqueas colonias,
e ali Jardins plantar, ali dar lautas Ceias.
Quero ali construir Luxuosas Babilonias,
com Palacios de Jáde, e Pórfiro, e Sardónias,
Lagos de mansa prata onde cantem Sereias.

V

Eu quéro viajar no vásto Céo noturno,
que tem mil cabochões no Pálio de Safira...
Quero de assombro urrar nos Aneis de Saturno,
correr da Via Lactea os astros, turno a turno,
em Sirius devanear, cantar canções na Lira.

VI

Quero tornar do Pólo as frias regiões velhas
em Jardins do Equador aberto aos ventos súes...
com Arcos, Pavilhões, Zimborios d'aureas telhas,
Vias Ferreas, Balões nas auroras vermelhas,
Bateis, com toldos de oiro, entre as Fócas Azues.

VII

Quero juntar Judá, Israel, Samaría,
sob o meu ferreo Sétro, a minha invicta Espada.
Quéro o Mundo reger como uma vasta Orgía,
onde não entre o Tedio, o Remorso, a Agonia.
—Sirvam á meza os Reis de cabeça rapáda.

VIII

Eu quéro vêr da China a azul magnificencia,
com Torres de Marfim e escadas de xarão.
Eu quéro subjugal-a á minha onipotencia,
mais o Oriente e o Mundo, e erguer um templo á Siencia,
que ofusque—*para sempre*—o de El-Rei Salomão.

A cada voto que o Anti-Cristo formúla, a Vontade traça no ar um gesto mágico e o voto realisa-se — A cada vóto segue-se logo uma projeção luminosa, simbolisando o Sonho que toma forma — Mulheres formosissimas e semi-nuas bailam em redor d'elle, executando danças voluptuosas e misticas.

O DESENCANTO

Desgraçado de ti! — Estás nas mãos d'essa Impura,
que te arma cem traições, mil perfidias e enganos.
Sabes ha quanto estás n'esta floresta escura?...
— Ha cerca de vinte annos.

Mostra-lhe um espelho — E o Anti-Cristo vê-se um velho corcovádo, cheio de rugas, cabelos brancos.

O ANTI-CRISTO

— Velho! tu trazes sempre uma noticia ingráta,
que me embórca no Tedio, o Fastio, o Desdem.
Meu pagem já vibrou a Lira ideal de prata.
Vibra a tua tambem.

O DESENCANTO, sacudindo rispidamente as cordas:

I

Agora que as Estrelas no Ocidente,
como Tocheiros Sepulcraes de Enterro,
alumiam os Céos mortuariamente,
e sólta a Féra o seu faminto berro...
eu vou vibrar — ao gargalhar do Vento —
ao blasfemar da Selva — ao Mar raivento —
esta Lira de Ferro.

II

Breve virão os dias lutuosos,
dias calamitosos!
dias malditos, máos, e excomungados,
em que por vales e prados,
Ruas, Praças, e Cáes, e bêcos crapulosos,
do Mal se estenderão as Reaes Sentinelas.
E em que o Mêdo — esse palido coveiro —
em Torreões, Zimborios, Cidadélas,
e pelas bréchas dos feudaes Palacios,
mais ricos que os dos Lacios,
— ao Deus Triste abrirá os Portões e as Janelas.

III

E os Arrancos, e os Ais, e as Anciedades,
e as vis Atrocidades,
nas Egoistas Cidades.
tal panico farão...
que hão de exceder os gritos de Sodóma,
e altas chamas de Roma,
—e Karnak! e Balbek! e Pompeia! e Sião!

IV

E os Suspiros, e os Lutos, e as Tristezas,
nas ruinas e as devezas,
com arvores acesas,
e o Mar uivante e o estrebuchar do Vento...
hão de arrazar as Forcas levantadas,
e as Cruzes Encarnadas,
Sanguentas como Espadas,
—por um céo côr da peste, e plumbeo, e pardacento.

V

E fragmentada extremamente a Terra,
não mais dará a espiga!
E não mais se ouvirá, no vale ou na alta serra,
do moço aldeão a jovial cantiga!
E os humanos d'então, esquálidos, famintos,
com olhos doidos tintos,
da rubra côr dos bestiaes instintos,

trucidarão seus pázs, seu proximo, e parente...
E, alucinados do infernal assédio,
á Siencia rogarão com soluços remedio,
dobrando ao pó a frente,
—com suspiros! com ais! em vão! baldadamente!

VI

Mas o Clarão virá nas horas derradeiras
da noite êrma e caláda.
Com um ruivo esplendor nas Santas Oliveiras,
Sobre os homens pagãos, como uma Cruz e Espada,
— Oh! o trágico Flagélo!
quem pode olhal-o e vél-o,
mais fatal que um Cutelo,
sem um cavo terror, um pávido arrepio?...
Ninguem. Ninguem.—Nem mesmo o Sol opáco,
inerte, extinto, amortecido, e fraco,
—como o olho de um peixe envidraçádo e frio!

O ANTI-CRISTO, exasperádo:

Cála Estupido Ancião, demente e com diabétes,
—essas nénias triviaes, dignas de homens de frétes!

Quebra-lhe na cabeça a Lira de Ferro.

—Tresandas a caixão como um gato pingádo!
Quero-te antes, Desejo!—És loiro, moço, e ousádo!...

O DESENCANTO

Quem abraça o Desejo, abraça uma Serpente,
que como um bicho o róe, lhe estrangúla o futuro!
Quando crê ir ao Céo, acorda de repente,
em cima de um monturo.

Desgraçádo de quem beija o Monstro Bifronte,
e sobe, e sobe n'elle, em ascenções eternas...
Um dia róla e cáe, como Icaro e Faetonte,
e no chão québra as pernas.

O ANTI-CRISTO, rindo:

— Velhote! és tão jovial como a Eça Funesta,
ou como foi Trístão e o algoz de Luiz XI.
Escutar-te, equivale a escutar n'uma festa,
badaládas de bronze.

O DESENCANTO

Em tudo está o Mal — O Ancião tem a rabugem.
O Mar, se tem coraes, tem lôdo e amargo funcho.
A Rosa géra o verme. — O bom aço a ferrugem.
O Sandalo, o caruncho.

A Vida é a Caveira, a rir, branca e polída,
oculta nos Rosaes.
É pérfida Sereia a cantar comovida.
Mas que aos filhos entrega a têta ressequida,
que escorre sangue e ais.

Para trepar de Deus á Torre Alta e Doiráda,
— é preciso subir a minha estreita escada.

O ANTI-CRISTO

Olha, eu sou tal e qual um Barão d'Outra Era,
que a amante assassinou com toledina adága.
Era alta, loira, ideal. — Tinha um ar de Quiméra,
e olhos verdes de Vaga.

Hoje quero esquecer a paixão romanesca,
e o cancro que me rói, nas lutas ou nas taças.
Vem, pois, Vontade a mim! Que carne tenra e fresca!...

O DESENCANTO,

— Desgraçado de ti! Vê o monstro que abráças!

Então o Anti-Cristo, em vez da Vontade, encontra-se abraçado a uma Serpente.

O ANTI-CRISTO

— Quem és tu, monstro vil?... Quem és tu?... Quem és tu?...

A SERPENTE

Belzebú!... Belzebú!... Belzebú!... Belzebú!...

O ANTI-CRISTO, faz um gesto magico
— Os dois monstros
desapparecem.

Ilusões do Inconsciente!... Ellas crestam os labios, quando a febre se impõe! Conhecem isto os Sabios. São ilusões, porém, que o cérebro põem n'um cáos!...

Batendo no peito:

— Partem do coração!... São os meus sonhos máos!...

AS ARVORES

Não vês ameaçar e carpir o Ciprestre?
Não ouves uivar o teu negro Destino?
Para onde tu vás, matador de Celeste,
iremos clamando: *Assassino! Assassino!...*

O Anti-Cristo, tapa os ouvidos e deita
a correr pela Floresta.

AS ARVORES

Assassino!... Assassino!... Assassino!...

INTERMÉDIO

TÉSES SELVAGENS

INTERMÉDIO

—

TÉSES SELVAGENS

I

O Egoismo do Futuro

Chegará uma certa época do Planeta — chamada a da Civilisação Prodigiosa — em que florescerá uma certa raça de velhinhos raquiticos e tristes, muito nervosos, muito enrugados. — E esses homens nunca rirão, nunca chorarão, nunca conhecerão a Alegria, nem a Inspiração, nem o Entusiasmo.

O Homem no fundo é máo — Mas o Utilitarismo.
que o mundo inteiro inváde o tornará em Féra.
Em breve — muito em breve — a Idealista Quiméra
vel-a-heis n'um museu com letreiro e algarismo.

Vereis ali tambem o Etéreo Idealismo,
ao pé de um Cisne Preto ou bicho d'outra éra,
tal como um Corvo Branco e uma rara Pantéra,
alguma Foca Azul e o exotico Lirismo.

Se o triunfo da Cruz contra os da Meia Lua
foi o pretexto só de uma pilhagem crua,
n'outros tempos mais chãos, sem sabios, sem ateus...

pensae no que será n'outras éras egoistas,
com escritos os Céos, mortos os Idealistas,
— sendo o Oiro o *Onipotente,* a Libra, a *Mãe de Deus!*

II

A Siencia fortifica a Maldade Humana

Dizem que foi um Frade, um dia, no convento,
que a polvora inventou que semeia ruinas.
Toda a noite sonhou o Frade com o invento,
e ao despertar benzeu-se... e foi cantar matinas.

A Morte engorda então — Minas e contraminas,
canhões sobre canhões, obuzes sempre ao cento,
caravélas e náos cheias de colibrinas,
tudo se déve á Siencia e mais ao frade bento.

Portanto, a espiritual D. Minerva austéra
deve radiosa estar de aos filhos d'esta éra
dar um raio que ofusca o do Deus de Israel...

um raio tão gentil, tão filantropo, humano,
que ao Jove fulminára e ao ferreiro Vulcano,
— e á Terra, á propria Mãe, hade furar-lhe a péle.

III

A Peor Tirania será a dos Máos Sábios

Um dia chegará em que a Siencia avára
dos seus dons, como a casta insolente do Egipto,
— *Magos, Bonzos, Santões* — inventará um Rito,
que fará ajoelhar toda a Ralé ignara.

Esta horda trepará e será bem amára!...
Um pesado terror, pardo, escuro, infinito,
dominará, tal como a Cartágo ante a ára
de *Molok*, e os crueis tempos do Sambenito.

Cada Sabio será um astro e um semi-deus,
serão dos fins da Raça os Novos Fariseus,
crapulosos, carnaes, viciosos, velhacos.

Mas, se outr'ora houve Heróes que déram em bandálhos,
se o Brocádo e o Setim tornam a ser frangalhos,
— os Sabios voltarão um dia a ser Macacos.

IV

O Homem é o maior Cancro do Planeta

Os Homens da Aventura, em seu sonho inconsciente,
exploram terras mil e vão de pólo a pólo,
como o Gama, Cortez, Colombo, ou Marco Polo
levar uma cultura insólita e inclemente.

Atraz d'elles vão logo o Roubo, a Fraude, e o Dolo,
pois é um cancro o Ser, com unha, garra, e dente,
cujo fim é minar a entranha incandescente
da Terra, até chupar seu sangue, gólo a gólo.

Mas de tanto a sugar em todos os sentidos,
escavar, revolver, perfurar, com gemidos,
gritos, ais de terror, gaudio e satisfação,

como a *Dança da Morte* em plena Edade Média,
elles vão caminhando á sanguenta tragedia,
—ébrios, a rir, a rir... bailando n'um vulcão.

V

Civilisar significa Rapinar

No Ser, tudo é mentira e tudo hipocrisia!...
Sabios e Generaes, Filosofos, Heroes,
Demagogos clamando ás ralés sem lençóes,
ocultam dentro em si vaidade, odio, anarquia.

Ás guerras contra o Turco ou contra Sitia fria,
e aos Mitrádos Rajás sob os seus párasoes,
aos Sirios, aos Teutões, aos Slavos, aos Mongoes,
chama o mundo falaz, heroismo e bizarria.

Civilisar, porém, é devorar sómente,
roubar, pilhar, queimar, inalteravelmente.
Roma, Sião, Cartágo, ou Palmira, ou Balbek.

Seja a aluir bastiões ou trepando á escaláda,
o Ventre tudo ordena: o *Te Deum* e a *Paráda*.
Elle é o Grão Senhor.—Nossa alma o seu *muléque*.

VI

As Eras Patriarcaes

Feliz do que viveu nas épocas preclaras,
em que a rude alma antiga era singela e sã,
e Patriarcas Hebreus de grandes barbas claras,
tinham a alegre paz de uma oriental manhã!...

Eram tempos leaes! — Desde o Horeb a Kanan,
o Senhor abençoava as agoas e as seáras,
e as serranas gentís, as Rebekas, as Saras,
iam, cantando alto, aos póços de Madian!...

Sim, eram tempos chãos, brancos, simples, lavádos,
em que Ruth e Boóz ceifavam nos seus prados,
e as princesas reaes iam lavar nos rios!...

O Páe dava, em seu lar, azilo aos caminhantes.
A Mãe creava ao peito os futuros gigantes,
E a Avó fiava a lã, com seus dedos macíos.

QUARTA EPOCA

A Ultima Ilusão da Humanidade

Já provámos emfim o teu Pomo, ó Siencia!
bráda o Ente, ao expirar entre ais e desconforto.
Que ganhaste? diz Deus — *A amarga experiencia*
dos frutos do Mar Morto.

O Derradeiro Cataclismo

Não é nada duvidoso, astronomicamente falando, que n'um futuro, mais ou menos remóto, o nosso Globo, hoje tão calmo, no que diz respeito ás suas Rochas, será chocado e aniquilado por um cometa de *nucleo consistente*. Então, produzir-se-ha um cataclismo análogo áquelles de que a Geologia guarda memoria e a Historia regista em seus anaes. Excepcionalmente, porém, este Cometa, em vez do proceder do nosso sistema planetario, procederá de um Sistema Diferente.

Origens e fim dos mundos. — CARLOS RICHARD.

A Profecia de Malaquias

Ecce enim dies venit succensa quasi caminus: et erunt omnes superbi et omnes facientem impietatem stipula: et inflamabit eos dies veniens, dicit Dominus exercitum, quæ non derelinquet eis radicem, et germen.

Eis que está para vir o dia que será egual a uma fornalha acesa. E todos os soberbos e todos que cométem impiedade serão como palha, por que este dia que está para vir—diz o Senhor dos Exercitos—os abrasará sem lhes deixar raiz, nem germen.

MALAQUIAS, CAP. IV, V. I.

Á sua aparição toda a Humanidade empalideceu.

EDGAR PÖE.

Uma Sala de Palacio em Jerusalem

A Europa jáz sepultada sob gelos virginaes -- Florescem novas civilisações e humanidades. — A Siencia transformou em *Jardins Elisios* as Regiões Polares.

O Anti-Cristo proclamou-se o *Verdadeiro Messias. Senhor do Mundo, Olho da Siencia, Luz do Oriente. — Chefe de Judá, de Israel, de Samaria.*

Dá uma festa n'uma sala oriental, toda rodeáda de estatuas gigantescas, profúsa de luzes e de espelhos monumentaes, e de verduras e Flores Exóticas dos Trópicos, de Sião, de Jericó. — D'ella se desenrola á vista uma florída paisagem judaica. — Jerusalem, *Capital do Mundo,* foi toda reedificada pelo gosto pitoresco dos tempos bibliaes e de Jesus: e das janélas descobrem-se o Hôrto das Oliveiras e o Kedron: o Vale de Josafat e o Templo de Oiro á Siencia: no proprio local onde se elevára outr'ora a Mesquita de Omar.

Os triclinios, são todos de oiro, prata, ou tartaruga, com incrustações de joias e de malaquíta. Pairam nos ares perfumes dos Jasmins do Cabo, das Anèmonas da Siria, do Cinámomo do Industão, do Malabátro de Sidon. — Os trajos dos Convivas são opulentissimos e variádos: e vêem-se ali os linhos finissimos dos Islamistas: as gázes vaporosas dos Parses:

os albornozes brancos dos Emires: e os trajos pontificaes dos Sacerdotes da Siencia, onde se distingue o do Sumo Pontifice Caifás, ostentando o Peitoral Resplendente, onde lampejam as *doze pedras misticas.*

Todas as estatuas são de jaspe, de marmore e de massiço oiro, ou de bronze negro com fáchos colossaes e carbunculos na fronte, como a do deus Siva em Elóra.

Vôam pavões azues. — Chovem folhas de magnolia.

Sobre a cidade paira um Grande Cometa Vermelho, com a forma de uma Espada.

PRIMEIRO SABIO, brindando ao Anti-Cristo:

Saúde ao *Grande Verbo!* ao Messias! Nosso Amo!
Senhor das Perfeições, dos Dictames, dos Dótes!
que, como um Jardineiro, enleia no seu ramo
a Triunfante Dália aos virginaes miosótes.

O ANTI-CRISTO, baixo:

Domino Africa, Asia, a America, o Oriente.
— Proclamei-me o Senhor de Israel, o *Messias.*
Á Siencia levantei um Templo Esplendente,
de sardonias, rubins, oiros e pedrarias.
E, agora que sou Deus, sou Rei, o Onipotente,
vão-me os dentes caíndo... e enjôo as iguarias!

SEGUNDO SABIO

— Saúde ao que abateu a ignára Insipiencia,
e em coórtes ordenou a Lei, mais a Doutrina!...
como um valente Rei, que de uma alta eminencia
lança os seus esquadrões, soprando uma buzina.

O ANTI-CRISTO, baixo:

Venci o Céo, o Inferno, o Padre Eterno, o Démo.
— E muito mais farei, sem que a alma se confranja!...
Todo o Globo pilhei, de extremo a outro extremo,
desde as Neves do Polo aos sóes côr de laranja.
E agóra que sou Deus, sou Rei, o Ente Supremo,
mal posso saborear... esta modesta canja!

TERCEIRO SABIO

Salvé, Terror dos Máos! que arrazáste os altares
dos Idolos Cristãos e suas velhas fábulas!
— Tanjam os anafís e os crótalos nos ares.
— Resôem as Canções, os Salmos, as Parábolas.

O ANTI-CRISTO, baixo:

Vastos rios cruzei, desde o Neva ao Mar Rôxo,
desde o Tigre, o Niagára, aos mais árduos recifes.
Nunca o raio temi, nem o piar do môcho,
nem bombas, nem canhões, granádas, nem esquifes.
E agora que sou Deus, que tenho o sétro e o arrôxo,
não posso mastigar... nem rilhar meios bifes!

QUARTO SABIO

—Saúde ao que ruiu os *Estados do Diabo.*
e pôz na sombra os Reis, os Papas, os Kalifas!...
como calca a seus pés um luxuoso Nabábo
os tapetes da Persia e as sirias alcatifas.

O ANTI-CRISTO, baixo:

Tornei Jerusalem a Capital do Mundo.
Trouxe todos os Reis cativos á Judea.
Ostentei sempre um luxo asiatico e profundo,
como nunca os Faraós e os Magos da Caldeia.
Gasto trinta milhões de *siclos* n'um segundo.
—E agora mal engúlo estas ervas á ceia!

QUINTO SABIO

Saúde ao Salomão da Nova Terra Santa
que, em batalhas campaes, venceu Dagon e a Inveja!
tal como uma Aguia Branca aos astros se alevanta,
—crava os olhos no Sol e a forte aza espaneja.

O ANTI-CRISTO, baixo:

Gásto nos meus festins fortunas de Rajás.
Há sempre, ao meu jantar, pavões todos os dias!...
Mas não posso provar comtudo este ananáz.
por que sofro crueis, brutaes dispepsias.
Ah! quem me déra ter meus dentes de rapaz,
quando eu não era Deus—e não éra o Messias!

A SIENCIA, elevando uma Taça de Safiras:

Saúde ao que abateu e aluiu, uma a uma,
todas as tradições de opróbrios e perfidias,
tal como enche de encanto uma sala e a perfuma,
—n'um vazo do Japão, um raminho de Orquídeas!

O ANTI-CRISTO, baixo:

Trez cousas possui:—o Valor Impetuoso,
a Siencia que sabe, o Oiro que avassála!
D'estes Sabios e Reis, o mais sabio e orgulhoso
todos posso mandar ajoelhar n'esta sala.
E agora que sou Deus, sou o Todo Poderoso,
só desejo ter fome... e comer pão de rála!

INESILHA, filha do Anti-Critso e da Siencia—muito joven e timorata:

Eu cá não sei brindar, pois tudo me intimida.
Sou mesmo uma tolinha!...
Saúde ao meu bom páe, que adoro mais que a vida,
e a minha alva gatinha!

Sorriso dos sabios. Enternecimento do Anti-Cristo. Grande alarido—Entram os Cristãos algemádos—rodeados de Sentinélas.

OS CRISTÃOS

Senhor! Senhor! Senhor!—Prenderam nossas filhas,
por terem feito ao Céo votos de castidade!...

O ANTI-CRISTO

São belas como o Sol, da Carne maravilhas.
— devem dar, como *mães*, filhos á Humanidade.

OS CRISTÃOS

Senhor! Senhor! Senhor! — Os votos são sagrados.
Não podem perjurar. Piedade! Compaixão!...

O ANTI-CRISTO, aos guardas:

Hoje é dia de festa e de risos aládos.
— Entregae-as aos Paes, soltae-as da prisão.

Os guardas sáem e entram momentos depois, trazendo as Virgens soluçantes — os peitos arrancados — todos em chaga viva.

CORO TRAGICO DAS VIRGENS

Ai de nós, caros Paes! — Truncaram-nos os peitos,
e estão todos em chaga, assim como vós vêdes.
Atentae como estão sanguentos e desfeitos!
— E ha tres dias sem pão... curtindo fomes, sedes!

OS CRISTÃOS, ao Anti-Cristo:

— Maldito sejaes vós! vossos saráos e os brilhos
das vossas Bacanaes, mais torpes do que os cães!...

O ANTI-CRISTO

Aquella que não quer amamentar seus filhos,
— não precisa ter peito, assim como o das mães!

INESILHA

Meu pae! Meu pae! perdão, para estes infelizes.
—Coitados! elles são dignos de pranto e dó!...

O ANTI-CRISTO

São raça de lacráos. Não sábes o que dizes.
—Silvam como a Serpente e comem terra e pó!

OS CRISTÃOS, a Inesilha:

Bemdita sejas tu!

Para o Anti-Cristo:

Malditos os teus dias!
Brevemente o *Shiloh* soprará estas luzes!

O ANTI-CRISTO, aos guardas:

Encerrae-os depressa em torres e enxovias,
—por que em breve serão *todos postos em Cruzes!*

Os Cristãos, e as Virgens sáem, ululando lugubremente.

OS SABIOS

Ávé, Restaurador da *Cidade Sagrada!*
És como o Rei David.—Possúes o Verbo e o Gladio.

O ANTI-CRISTO

São uns cancros mortaes, esta infame cainçáda!
—E eu hei-de-os destruir e queimar como o *Rádio.*

OS SABIOS

—Fazei-lhes pagar caro o que hão feito aos Judeus!

O ANTI-CRISTO, gargalhando:

— Quem lhes ha-de valer, *se está morto o seu Deus!*

Apenas acaba de isto proferir estáca livido. — A Dama Branca, só para elle visivel, está em pé em frente d'elle.

A DAMA BRANCA

Sôa a hora, ai de ti! — Desceste o infimo gráo,
que eu tanto procurei evitar que descesses.
— A que *Maelstrom* rolásto, ente orgulhoso e máo!
Nem mesmo ouviste os ais de uma creança em preces!
Clamam ao céo Vingança aquelles que aborréces.
Sôa a hora, ai de ti! — *Descestes o infimo gráo.*

O Anti-Cristo levanta-se arrebátadamente — Trava do braço da Dama Branca, arrasta-a comsigo, e sáe da sála. — Momentos depois reaparéce turbádo... convulsivo... os olhos doidos.

O ANTI-CRISTO, baixo:

Arrastei-a atravez das fundas galerias,
e alí na solidão, tres vezes varejei-a!...
Ella estendeu as mãos, hirtas, brancas e frias,
e quiz prender-me a sí, n'uma ultima cadeia.
Repeli-a com o pé... rolou entre agonias.
—Mas o olhar, *seu olhar,* trágo-o fixo na ideia!

Entra Demetrio.

DEMETRIO

—Senhor! tu váes ficar decerto arreliádo.
Á tua ordem prendi esse Anarquista Hebreu,
que pretende ser Cristo, o *Rabí*, o *Enviádo*.
Mas de chofre, fugiu... fugiu, desapar'ceu.

Cerquei-me de leaes sentinelas guerreiras.
Ia á frente, e na dextra empunhava um archóte.
Osculei-o, ao luar, no Horto das Olveiras.
—Fiz com geito e primor o papel do Karioth!

Tinha posto, além d'isso, um bigode postiço,
barbas côr de cenoura e um ruivo de açafrão.
Um Judas sem rival!—Posso gabar-me d'isso,
pois já fiz de *traidor* n'um russo dramalhão!

Mas depois de o levar ao Sinhédrio e aos Juizes,
que á morte hão condenádo o irrequieto hebreu.
ao ser levado á Torre, ante os nossos narizes,
não sei como... o Rabí, foi-se, desapar'ceu!

O ANTI-CRISTO

— Se em verdade ou mentira, o chamávas teu Mestre,
por que é que então, traidor! te mascaravas tú?...

DEMETRIO

—Por que assim me conhéce!... Assim tenho o ar campestre!

O ANTI-CRISTO

Como pois te fugiu?...

DEMETRIO

Não sei. Tem Belzebú!

O ANTI-CRISTO

— Pois agarra-o de novo. — É forçoso, é urgente
que elle não torne mais a agitar a Ralé.

DEMETRIO

O que é certo é que a Egreja agora está prudente.
—Tem bispos simples, sãos!... Andam rôtos e a pé!

O ANTI-CRISTO

Não me apareças mais, sem elle. — Toma tento!

DEMETRIO

— Quem traíu uma vez, pode traír mais cento!...

Sáe, gargalhando.

O ANTI-CRISTO, baixo:

Dançam na minha frente uns espetros vermelhos,
que devem dar-me á face um tregeito bestial!...
Não sei como estes Reis, estes Doutos, e os Velhos
não nótam meu esgár de doido ou de animal.
Mas, ó comédia atróz!... Cópos, Pratos, Espelhos,
mostram-me a *Dama Branca* e o seu olhar final!

Entra Barrabás, preso entre a soldadesca.

BARRABÁS

Ora eis-me aqui preso em meio dos soldados,
como um pífio maráo... larápio... ou má pessoa.
E quem vir Barrabás, tão preso e atarraxádo,
—dirá que elle roubou os brilhantes da Corôa!

Afinal o que fiz?—Nada. Coisa nenhuma.
Vi grosso povoléo a arrombar uma porta.
Entrei só para vêr.—Levava uma verrúma,
verrúma—por sinal—que era assázmente torta.

N'isto brádam: Está preso!
—Por quê?—grito surpreso.
—Por que você matou esta pessoa morta!

Gargalhádas dos Sábios.

Matar alguem já morto, é caso nunca visto.
—Pois assim sucedeu ao honesto Barrabás!
O que dirá a isto o precláro Anti-Cristo,
disse com meus botões... mais o augusto Caifás?

A Gentalha anda ha muito (eu conheço-lhe as manhas!)
da Siencia a resmungar, levadinha da bréca,
por que diz que ella arraza arvorêdos, montanhas,
e a Terra está caréca!

Gargalhádas dos Sábios.

Diz que, por causa d'ella, ha sangueiras, carniças,
cataclismos, chinfrins, terramotos, vulcões,
que a chuva já não cáe, nem florescem nabiças,
lombardas, nem melões.

Diz que a Siencia múda os rios e os canáes,
os pórtos, os faróes, os golfos, as bahias...
de tal guisa que emfim ninguem pescará mais
carapáos, nem enguias!

Gargalhádas dos Sábios.

Que a Siencia faliu!... Que aumenta os couraçádos,
torpedeiros, canhões, explosivos, e péças,
e que as mães párem mil camafeus aleijádos,
monstros com dez cabeças.

Diz que ninguem se entende e o fiasco é completo.
Que a Fome cada vez aperta mais e mais...
de tal guiza que em breve assaremos no espeto
os nossos ricos Páes!

Hilaridade dos Sabios.

Diz que há anos emfim de trevas tão opácas,
que é preciso, ao meio dia, acenderem-se luzes,
que não ha bois, nem cães, nem carneiros, nem vácas,
mas que há Forcas e há Cruzes.

Diz que o Saber enerva os craneos dos plebeus,
que degenéra a Raça e outras cousas imundas...
que em breve florirão só na Terra pigmeus,
— marrécas e corcundas.

Gargalhádas dos Sabios.

Ora, a Plebe que estava irritáda devéras,
contra o Sabio, do qual me acúsam da chacina,
levou-me atraz de si, a ulular como as féras,
e em matilha tigrina.

Empurram-me, e eis que vou de roldão e á matróca.
Mas ao vêr-me... ao doutor sorrí a esp'rança súma!
Prende-se ao meu cacháço, a suar como a fóca.
E espéto-lhe a verruma!

Espetei, digo mal — Fui eu só o espetádo.
E eu do morto é que devo afinal querelar!
Mas como querelar de um sabio tão honrado,
que me quiz abraçar?...

Gargalhádas geraes.

O ANTI-CRISTO

Deixa-o pois!... Deixa-o pois!...

BARRABÁS

Mas o *Vulgo profano,*
a Ralé, diz que eu sou um rapôzo, um macáco...
e que alem das triviaes fendas do ente humano,
abri-lhe outro buráco!

O ANTI-CRISTO, rindo:

Deixa-o lá! Deixa-o lá! — Se o morto resuscita,
talvez não conte assim. Aceita o meu conselho.
Quer's o perdão?... Recíta o teu *Novo Evangelho!*

Então **BARRABÁS**, canta, tregeiteando... torcendo-se... fazendo momices:

Quanto mais o homem roubar
a Familia, o Trono, o Altar,
Quanto mais se emborrachar,
La-ri-la-rá!...
tanto mais será honrado,
será bemquisto e abraçado,
terá beijinhos e o agrádo
do Senhor Deus Jehovah.

Peian! Baco! Evohé!
Hurrah! Hurrah!
—Viva o deus do Pae Noé!
—Viva o deus que o Cacho dá!

II

Quanto mais o homem bater
no credor e na mulher,
quanto mais lábia tiver
Olé! Olé! Olé!...
tanto mais terá riquezas,
costureiras e princezas,
Cocótes e mil finezas
do Senhor Deus Iaveh.

Hurrah! Hurrah!
Peian! Baco! Evohé!
— Morra a agoa, morra o chá.
— Viva a hebreia Salomé!

III

Quanto mais o homem mentir,
quanto mais souber fingir,
e intrujar sempre a sorrir,
La-ri-la-ri!...
tanto mais terá caricias
das Lilis e das Felicias,
tanto mais terá blandicias
do deus de Abrahão e Leví.

Hurrah! Hurrah!
Qui-qui-ri-qui!...
— Viva o Eterno. o bom Papá,
— Páe da Uva e de Mimí!

IV

Quanto mais o homem fôr,
um frascario, um sedutor,
melcatrefe ou salteador,
Có-có-ró-có!...
quanto mais falar de papo,
tanto mais será guápo,
tanto mais dará sopapo
no pelintra e humilde Job.

Hurrah! Hurrah!
Có-có-ró-có!...
— Faze sempre de Pachá.
— Assim faz o Sabaóth!

V

O bohemio errante ás luas,
e á gandaia pelas ruas,
com guitarras e gazúas.
La-ru-la-rú!...
rirá sempre das mesuras
dos Reis, dos Bispos, dos Curas,
mas não terá as doçuras
de uma esposa e de um bahú.

Hurrah! Hurrah! Não ha festança
sem dinheiro e sem perú.
Viva o deus, que me enche a pança.
—Seja elle Belzebú!

Grossas gargalhadas estrondeiam.—Os aplausos são vibrantes e geraes—Mas Barrabás, com olhos glotões de goliardo, contempla só as garrafas, os ventrudos cangirões doirados.

BARRABÁS

—Tenho a garganta sêca, assim como um deserto, onde ha areias só, tufões, ou dromedários!...

O ANTI-CRISTO, aos servos:

Dáe agoa a Barrabás!

BARRABÁS

O Vinho está mais perto.
Sou neto de Noé!... A agoa é para os canários!

O ANTI-CRISTO

Pois bébe, bébe vinho. — Ahi tens um oceano.
Emborrácha-te bem, como um frade ventrúdo.
Trincha loiros leitões, como um bom Franciscano.
—Mas como um franciscano—ou um burro—sê mudo!

BARRABÁS

Deixa-me ao menos rir. — O burro se não fála
quem nos diz que, a zurrar, de nós não chacoteia?
Minha alma, se não rí, arrebenta ou estála...

O ANTI-CRISTO

— Pois rí! O Riso é livre, e não váe p'ra a cadeia.

BARRABÁS

Obrigádo.—Rirei como o *Diabo Côxo.*

O ANTI-CRISTO

—Quer's rir á minha custa, ou do meu nobre escol?...

BARRABÁS

O zurro do jumento, ou o piar do mócho,
— fazem realçar mais a voz do Rouxinol.

O Anti-Cristo sorri. — Mas depois fála ao ouvido de um Sabio, que lhe está á direita, o qual é

UM BOTANICO INGLEZ, magro, esquelético, ossúdo — Está sentádo n'uma cadeira de rodas — amparádo por trinta almofadinhas.

Vinte anos me entreguei á análise das plantas.
Vinte anos destruí mil concepções erróneas!...
Estudei seu aroma, o seu brilho, e outras tantas
propriedades vitaes, intrinsecas e santas,
e aos Sabios assombrei e causei mil insónias.
Um liquido extraí, macio como as antas,
dos lotos do Indostão e as folhas das begónias.

Amostrando um frasquinho rosádo:

Eis um licor ideal, de efeitos surpreendentes,
—que máta uma legião e cura a dôr de dentes.

Aplausos dos Sabios. — Gargalhadas de Barrabás.

UM NORUEGUEZ. — E' ruivo, pigmeu, bilioso—Faz trejeitos de epilético e de tarádo:

Trinta anos estudei os misterios das flores.
Trinta anos aspirei seus perfumes supremos!...

Percorri os Jardins de mais raros primores,
da Holanda, do Thibet, da Australia, dos Açores,
e á patria regressei, entre as flautas e os rémos.
Encontrei afinal o licor dos licores,
nos roseiraes do Anan, na flor dos Crisantemos.

Mostrando um frasquinho amarélo:

Eis um veneno atroz.—Doce como um piano,
destróe seja quem fôr, sem vestigio, n'um ano.

Aplausos dos Sabios. — Gargalhádas de Barrabás.

UM SABIO HESPANHOL. Tosse estranguladamente — E a cada atáque, todo elle rechina como portões enferrujádos:

Cruzei de toda a Terra as regiões extranhas.
—Os seus Vulcões sondei, Precipicios, Escarpas.
Desci mesmo ao Vesuvio e sondei-lhe as entranhas.
No Mar Morto encontrei os fosseis de trez carpas.
Afinal regressei ao bom sol das Hespanhas,
ao som dos Tamboris, das Flautas, e das Harpas.

Mostrando um frasquinho rôxo:

Uma planta encontrei no canal de Suez,
— cujo pó pulverisa exercitos n'um mez.

Aplausos dos Sabios.— Gargalhadas de Barrabás.

UM GREGO, alto, branco, escutural
como Apólo. — Padéce
porém da *tabes dorsalis*.

Viajei. Viajei. — Colecionei Turquezas,
Esmeraldas, Rubis, Carbunculos, Safiras!...
Tenho Jades reaes que invejam as princezas,
Berilos, Cabochões, que causam extranhesas
ás filhas dos Pachás, que amam as cachemiras.
Quando a Athenas tornei, correram mil belezas,
a escoltar-me, entre os sons dos beijos e das liras.

Mostrando um frasco alaranjado:

— Tem o pó d'esta pedra uma força extra-humana,
que é capaz de aluir o Orbe n'uma semana.

Aplausos dos Sabios. — Gargalhádas de Barrabás.

UM JUDEU, velho, raquitico, adunco:

Todo o Globo cruzei. — Estudei com afinco
as Rochas, os Metaes, os Bazaltos, Minereos!...
O granito, o calcareo, o hélio, o uranio, o zinco
têem forças primaciaes. — Encontrei trinta e cinco
incognitos metaes, que inda hoje são misterios.
Transportou-me ao Jordão um batel que era um brinco,
entre as Palmas, Canções, os Salmos, os Saltérios.

Mostrando um calhao esverdeádo:

Um minereo encontrei nos penhascos da Hungria,
que póde estilhaçar todo o Cosmo n'um dia.

Aplausos dos Sabios. — Gargalhádas de Barrabás.

UM PADRE LUSITANO, magro, limfático, macilento:

Ao Himalaia trepei.—Mas á força solar
sómente fui colher meus principaes motores!...
Um aparelho construí de forma singular,
que enjaula o proprio Sol em vastos refletores.
Quando á patria tornei, vieram-me saudar
Chefes e Maioraes, com Trompas, e Tambores.

Mostra um maquinismo excentrico:

É de potencia tal, tão exterminadora,
que mil hostes destróe, ao cabo de uma hora.

Aplausos dos Sabios.—Gargalhádas de Barrabás.

UM YOGHI. E' um Asceta indiano, transparente, magro, diáfano.—Tem os olhos obliquos, misticos, semi-cerrádos.

Toda a vida gastei nas grutas religiosas
do Elóra, a cogitar na Substancia e os seus fins!...
Quando ao Mundo tornei tinha as faces rugosas,
as barbas té ao chão, as roupas piolhosas,
a tez côr do marfim báço dos mandarins.
Transportei-me a Kabul, n'um batel todo rosas,
tre árias da Mongolia, os Oboés, os Flautins.

Faz uma pausa enfática. — Depois, erguendo o index ao alto:

Franzíndo o meu sobr'olho, em cogitar profundo.
— tudo que exécro e odeio, arrázo n'um segundo.

Abeira-se da estatua da *Vida* e fita-a com dureza — A estatua rúe imediatamente.

Aplausos dos Sabios.—Gargalhádas de Barrabás.

O ANTI-CRISTO, á Filha:

—Aqui tens, Inesilha, os sabios pretendentes,
que pédem tua mão de noiva, com afán . . .

INESILHA

—Sou tão nova, meu Páe!—Meus sonhos permanentes
são cantar e brincar. Não é assim, Mamam? . . .

A SIENCIA

Mas tudo tem um fim. Chega a hora do juizo.
Alem d'isso peço eu . . . Teu páe tambem te impréca!

INESILHA

Olha, presinto-o bem! . . . Eu nunca terei sizo!
—Sómente sei falar aos gatos e á bonéca.

Todos riem.

Como é que eu hei de então portar-me lindamente
ao pé d'estes senhores!
eu que só sei pular, muito estouvadamente,
com gatinhos e flores.

Os sabios falam bem, com ar muito importante,
mil idiomas varios!
E eu cá nem mesmo sei... vê lá tu que ignorante!
a lingoa dos canários.

Risos dos Sabios.

Mesmo bordar não sei. — Á bonéca, coitada,
faço bem a cosinha.
Trato do seu jantar... trágo-a muito aceáda,
e deito-a na caminha.

Mas isto é pouco, é nada. — Amo tanto meu Páe,
a minha Mãe e o lar...
que quéro aqui morrer. — Sou simples, desculpae!
Sou simples, p'ra casar!...

O ANTI-CRISTO

Não te ponhas tão baixo! — A tua voz maviosa
trina na perfeição, melhor que os passarinhos!...

INESILHA

Com elles aprendí. — Teem tanta graça airósa,
quando trazem, no bico, os grãos para os filhinhos!...

O ANTI-CRISTO

Sabes lindos soláos de modilhos tão varios
que eu pasmo de os ouvir. Teem acórdes mui grátos!...

INESILHA

Mas esses canto-os só, quando fálo aos canários,
— ou então quando vou dar de comer aos patos.

Risos dos Sabios.

O ANTI-CRISTO

Canta a que queira mais. — Anda, encanta-nos, filha!

INESILHA

Vou cantar a que eu gosto, aquella de Inesilha!...

O ANTI-CRISTO

Não cantes essa, não!... Essa é tão triste, ai!...

INESILHA, beijando-o:

É da filha, como eu, que morre por seu páe!

O ANTI-CRISTO

— Não cantes essa, não!... Tenho com ella agoiro!

A SIENCIA

Canta-a, se gostas, Canta! — A tua voz é de oiro.

Inesilha dispõe-se a cantar. — Mas um creado entra, trazendo preso um desconhecido:

O SERVO

Este homem foi achado em uma sala há pouco,
sem permissão, Senhor! — Supomos que é um louco,
ou talvez um ladrão. — Prendi-o por suspeito

O ANTI-CRISTO

Quem és tu?...

O DESCONHECIDO, o fato cheio de pó:
em desalinho: todo
dilacerádo:

Sou Alguem, sem abrigo, e sem leito!

O ANTI-CRISTO

— Não é motivo assás!

O DESCONHECIDO

Não sou um espião!

O ANTI-CRISTO

— Em todo o caso véns preso como um ladrão.
A que vieste aqui?...

O DESCONHECIDO

Eu sou um pretendente.

O ANTI-CRISTO

Um pretendente a quê?...

O DESCONHECIDO, apontando Inesilha:

á mão d'esta Inocente.

Gargalhadas estrondosas dos Sabios.

O ANTI-CRISTO

—O teu trajo é de noivo!... É todo seda e arminhos!

O DESCONHECIDO

— Estragaram-mo o vento e a poeira dos caminhos.

O ANTI-CRISTO

Mas quem és afinal?

O DESCONHECIDO

Sou o Grande *Shiloh!*

A este Nome, as Estatuas inclinam-se trez vezes até ao chão.

O ANTI-CRISTO

Que quér isso dizer?...

O DESCONHECIDO

Quér dizer o *Enviado*
do grande Rei do Oriente, o *Fogo Irrevelado.*

Os Sábios estremécem.

O ANTI-CRISTO

Não conheço esse Rei. — Porém, põe-te á vontade.
Assenta-te ao festim. Sê bem vindo, Estrangeiro.

O DESCONHECIDO

— Não me posso assentar!

O ANTI-CRISTO

— Que pressa, mensageiro!

O DESCONHECIDO

—Dizes bem, tenho pressa.—Os meus guardas, á porta,
aguardam meu regresso. Em breve é noite morta.

O ANTI-CRISTO

Todos os que aqui estão, Grandes, Sabios, Doutores,
provaram seu saber, seus feitos, seus primores.
Que sabes tu, *Shiloh*?...

O DESCONHECIDO

Destrúo as pompas fátuas.
Converto o Impio em pedra, e dou vida ás Estatuas.

O ANTI-CRISTO, baixo, estremecendo:

Quem é pois Elle então?...
Alto:
És um Mago!... Um Portento!...

O DESCONHECIDO

Não notaste inda ha pouco, aquí n'este aposento,
—as Estatuas de rojo, a saudarem meu nome?...

O ANTI-CRISTO, baixo:

Reparei. Quem será?...

Alto:

Grande ancia me consome.

—Shiloh! fáze um prodigio, inda que de fugida!...

O DESCONHECIDO, acercando-se da Estatua da Verdade:

— Verdade! aponta aqui o *Grande Parricida!*

A Estatua sáe do seu sóco pausadamente.— Depois abeirando-se do Anti-Cristo, aponta-o com o seu dedo de marmore. — Panico geral.

O ANTI-CRISTO, livido:

— Mentes, torpe Impostor, Feiticeiro ardiloso!

O DESCONHECIDO

— Verdade! aponta aqui o *Grande Incestuoso!*

A Estatua repete o gesto.

O ANTI-CRISTO

— Mentes, mais uma vez, Enviado do Inferno!

O DESCONHECIDO, á Estatua:

— Aponta o que esfaqueou o coração materno!

A Estatua repete.

O ANTI-CRISTO

— Mentes, mentes, repito, Espirito Malino!

O DESCONHECIDO

— Verdade! aponta aqui o *Supremo Assassino!*

A Estatua obedece.

O ANTI-CRISTO

— Próva, próva o que has dito, infamissimo abôrto!

O DESCONHECIDO

Verdade! Aqui trescála á carne de *algum morto.*
—Quem foi que se finou?... Á vil traição profana,
quem baqueou ha pouco?...

A ESTATUA

A Consciencia Humana.

O DESCONHECIDO, á Estatua:

Váe a *morta* buscar!

A Estatua sáe pesadamente da sála. — Interválo de espasmo e terror. — Em breve entra, trazendo o cadaver da Dama Branca, que arrója aos pés do Anti-Cristo.

O ANTI-CRISTO enlividece — Cerra os olhos, torturádo — Depois, em voz baixa, olhando por entre os dedos:

É Ella! É Ella! É Ella! — Ah quanto horror contém!

O DESCONHECIDO

Reconheceste-a emfim. — Homem! remira-a bem.
Nas épocas ruins em que a mentira médra.
— quando o Homem se cála, é bom que fale a pedra.

O ANTI-CRISTO, baixo:

Sinto um grande máo estar!... um suor!... uma anciedade!

INESILHA, caíndo aos pés do Desconhecido:

— Piedade por meu páe!... Rabí! Rabí! piedade!

O ANTI-CRISTO, surpreso:

Rabí?... Que dizes tu?... Que extraordinaria idéa!

INESILHA

— Sim, meu Pae, é o Rabí!... Rabí da Galiléa!

O CRISTO, olhando os Céos:

Tudo o que o Fado encobre aos Sabios, mais aos Genios,
tú o revelas, Páe! aos simples e aos íngenuos.
Ninguem me conheceu n'este antro de Impiedade,
senão, creança, tú — Santa simplicidade!

INESILHA

Conheci-te no olhar... no olhar... que tens tú só!
— Acaso, não sou eu, tua noiva, Shiloh?

O CRISTO

—Mulher! disséste bem. Tú minha noiva és.

O ANTI-CRISTO

Nunca! nunca! Jámais!—Inesilha, a meus pés!

Inesilha prostra-se aos pés do Pae.

O ANTI-CRISTO

Ah! tú és o *Rabí!*... És o *Shiloh!*... o *Cristo!*
És tu que foges sempre!... Esse que eu nunca avisto
que não fúja em seguida? — Emfim vieste ao centro
da teia, a jaula, o antro—Emfim, estás cá dentro.

Aos Sabios:

Eis o Hebreu Impostor que fugiu da enxovia,
que diz ser o *Rabí.*—Julgae-o antes do dia.
Eis o Anarquista, o Réo, que fugiu inda agora,
que diz ser o *Shiloh.*—Julgae-o antes da aurora.

Os Sabiòs consultam-se.—Então,

O PONTIFICE DA SIENCIA, CAIFÁS, ao Cristo:

—Tu confessas, Rabí! ter prégado a Anarquia
completa e universal, a Sião, a Samaria,
ao Norte, ao Leste, ao Sul, a toda a Tribu e Raça,
aos Cristãos, aos Judeus, á Gleba, á Populaça?...
Tu confessas, Rabí, ter prégado o irrespeito
e o odio á Patria, á Lei, ás Praxes, ao Direito,
a toda a Disciplina, a todo o Rito e Norma?

O CRISTO

— Sim, por que a vossa Lei é toda letra e fórma.

CAIFÁS

— Confessas ter proibído as armas ao soldado?...

O CRISTO

— É a Lei. *Não matarás.*

CAIFÁS

— Então, estás condenádo!

Atira ao chão o seu peitoral das *doze pedras misticas.*

O CRISTO, com voz grave:

— Inda hoje me acusaes, como outr'ora, ó Doutores!
de aborrecer o som dos clarins e os tambores,
os troféos dos Heroes e o egoismo das Castas,
das Raças, das Nações, das Patrias... frazes gastas,
frazes pomposas, vans, sem nexo e realidade,
em frente do ideal do Homem e a Humanidade.

Tristemente:

Mais val que a vossa Lei, juro-o por minha fé,
— uma gotinha só da agua de Siloé!

O ANTI-CRISTO

Rabí! um tempo houve, em que á voz de uns *frasistas,*
banida a Guerra foi.— Porém novos Sientistas

provaram que na Terra inculta, árida, e bruta,
a Vida implica Esforço — o Esforço implica Luta.

Seja embora essa Lei atroz, nescia, ferina,
ninguem a emendará jámais.

Com ironia:

É *lei divina!*

É a Lei que originou, segundo escrito está,
as *trépas celestiaes* que em Lusbel deu Jehovah.
A guerra tém, por tanto, uma origem paterna,
e merece de ti uma opinião mais terna!...

Hilaridade dos Sabios.

O CRISTO

As *guerras de Jehovah* são um mito secréto,
cujo sentido escápa ao vosso bronco intelecto.
É o Bem vencendo o Mal, a Luz rasgando a Treva,
a grande radiação da Energia Primeva.
Em vós assim não é — Por que o Homem é o lobo
do seu irmão. Só quer o Incendio, o Saque, o Roubo.

Ai de vós! Vosso labio é mais dóble e ruin,
— que o falcão que persegue a pomba de Efraim!

O ANTI-CRISTO

— Démos á *Alma Nova* um sôpro, a Independencia.
Soubémos dar-lhe á Aza a rija consistencia
do arranco do Condor e da Aguia nos espaços.
Nossos musclos virís, os nossos rijos braços

dómam hoje o motor. a roda, a manivéla,
o raio. o pensamento, o ciclóne, a procéla.
Hoje a creança póde abalar as entranhas
da Terra, e. como um pó. arrasar as Montanhas.
Muda-se um rio. um mar, melhor do que a camisa:
seja o Atlantico o mar, seja o rio o Tamisa.
Sob o Mar Negro há jardins com mil mulheres,
e onde trotam Pachás nos seus negros berbéres.
Por debaixo da Terra, o Mar, os Promontorios,
ha Ruas. Pavilhões. Bazilicas, Zimborios.
Sob o Oceano abrí ruas de coralinas,
com Arcos, Pavilhões. Aquedutos, Piscinas.
Por debaixo do Egipto. involtas em clamides
de oiro passeiam Lais. em jardins com Piramides.
Nos Pólos não ha neve. — Há a flora da Ausónia,
com suspensos Rosaes, como os de Babilonia.
Na Lua. outrora morta, antro de imagens fatuas,
ha Palacios, Canaes, Jardins, Tanques, Estatuas.
Uma Torre construí — maior que a dos Assirios —
d'onde arrójo balões que vão á estrella Sirius.
No Sahará hoje ha náos — Com sabios maquinismos.
transpomos. como o Sol. os mais arduos abismos...

O CRISTO, interrompendo:

— Mas n'elles rolareis!... Sois a nescia creança,
a que a mãe imprudente e de imbecil confiança
pôz um candil na mão, ao sopé de um palheiro.
O incendio vos espera. Está perto o brazeiro.
Mais val que o Sabio vão, cheio de pompa e som,
— uma rolinha brava em sarçaes de Sidon!

O ANTI-CRISTO, com ironia:

— Assustaes-nos, Shilóh!

O CRISTO

A culpa é toda vossa!
Sois a caveira, a rir, n'um frio esgar de troça,
quando a *hora do pavor*, com os seus pés violaceos,
vem trepando os degráos das Torres e os Palacios,
e que os seus olhos máos, como archotes vermelhos,
já vos miram até nos vidros dos espelhos . . .

O Cristo aponta o Cometa Vingador sobre a cidade corrúta. — Sob os ceos lutuosos, erguem-se altos espetros de Cruzes. — Dóbram sinos fataes.

A SIENCIA

Muito ignoraes, Rabí. — Um Cometa é bem pouco!
Só hoje um nescio, um zóte, algum pedante ou louco
póde prégar á turba os riscos de um cometa,
— cujo nucleo é gazoso, e cujo p'rigo é pêta.
O seu destino é só queimarem-se nas chamas
dos Sóes . . . mas tal e qual, como as sensiveis damas,
que se deixam morrer a um masculino olhar! . . .
A elles cresta-os só a energia solar,
como o fumeiro cresta e séca o magro arenque.
— Assim aconteceu ao vão Cometa de Enk!
Recordae-vos tambem que os nossos Obeliscos,
Palacios, Corucheus, não correm já os riscos

dos incendios fataes.—São todos de amianto.
São da Arte o prodigio, a maravilha, o espanto!...
Vosso Cometa, pois, caírá n'um sol frécheiro,
qual gentil mariposa em luz de um candieiro...

Gargalhadas dos Sabios.—Emborcam ventrúdos picheis d'oiro.—Riem gloriosamente.

PRIMEIRO SABIO

Um Cometa! Ora! Ora!—Oh! que risonha farça!

SEGUNDO SABIO

Um Cometa! Ora! Ora!—Oh! que farcista léria!

TERCEIRO SABIO

Um Cometa! Ora! Ora!—E a trança loira e esparsa?...

QUARTO SABIO

O que importa! Ora! Ora!—É dos Sóes a galdéria.

O CRISTO, alçando o braço imperativo:

Acusaste-me ha pouco—Agora acuso eu.

Heis revolvído a Terra, a Lua, o Mar, o Céo,
a decifrar o X da Universal Charáda,
—e todo o vosso fruto é terra, é fumo, é nada.
Cada um se cuida um deus, em meio de alambiques.

a pôr trancas á Morte, a entraval-a com diques,
a enrijar bem a Espinha, a Carne, o são Conforto,
—e inda nenhum de vós póde dar vida a um morto!
Nenhum de vós creou—nem discipulo ou mestre—
um só cardo, uma flôr, uma ortiga silvestre!
Nenhum de vós creou, nem cria, a mais mesquinha
junça do brejo vil, a mais rasteira ervinha.
Diz comtudo o ímbecil, com gaudio dos ateus,
— O Homem reina no orbe e não existe Deus!

— Ai! de vós! Ai de vós! ó Bachareis, ó Sabios,
tendes na alma o Diabo e o Progresso nos labios.
Alguns de vós, decerto, andam na bôa Obra,
mas outros há que teem dentro da alma uma Cobra.
Que importa que tenhaes Jardins, Matas, Repuxos,
se a Vibora estiver acoitáda entre os buxos?
Que importa que tenhaes Pontes, Lagos, Piscinas,
se vós fordes mais vís que as *femeas* das esquinas?
Que importa que tenhaes Torres, Ogivas, Arcos,
se a vossa Alma coaxar, como as rans sobre os charcos?
O que valem, emfim, triclinios de safira,
se na boca e na alma estiver a Mentira?
Que importa isto afinal!—Se a cada atrevimento
do que chamaes Razão, se a cada novo Invento,
vossa alma empédra mais, torna-se egoista e dura,
— e, em castigo, mirraes e baixaes de estatura?
Ha mil éras ou mais, que a Terra está de esp'ranças,
e o Homem cada vez mais pigmeu que as creanças.
Há seculos sem fim, que a Siencia está de parto,
e sómente pariu—o *ateismo*—esse lagarto.

Nada podeis crear.—Vós transformaes apenas.
Com átomos subtís das cousas mais pequenas,
com simples, com metaes, com minéreos ou gazes,
a energia solar e outras forças vivazes,
vós misturaes, alteaes—como quem enche covas—
as fórmas naturaes n'outras que chamaes *novas*.
Curaes a Ténia, o Uzágre, a Malina, o Sarampo,
—mas não podeis crear um malmequer do campo!

Só sabeis destruir e dissecar apenas,
—desde o homem á flôr, do abutre ás assucenas.
Tanto estripaste o Val, o Mar, a Rocha, a Mina,
que todo o vasto Cosmo ameáça ruina.
Tanto escavaste a Terra e o vasto Mar profundo,
que até perdeu seu rumo o velho Eixo do Mundo.
Por isso elle está pôdre, exausto, vil, caduco,
de fórma que recorda a *Estatua de Nabuco*,
cuja cabeça de oiro éra qual sol bizarro,
mas o peito de bronze... os pés de infimo barro.
Elle hoje é como a rocha, onde fruto algum médra.
Uma pedra o ameáça.—Eu serei essa pedra.

Em verdade vos digo, ao vosso oiro e marfim,
—prefiro o lirio branco, á tarde, em Corazim!...

O ANTI-CRISTO, aos Sabios:

Por que ouviremos mais?—Não vos é evidente
que elle ameáça, em nós, todo o Orbe existente?
O que é que resolveis, vamos?...

TODOS

Crucificae-o!

O CRISTO

Crucificae tambem a flexa azul do Raio,
a Justiça e o Amor.—Vamos, enchei a Taça.

INESILHA, de joelhos:

Graça, graça ao Rabí!... Graça ao meu noivo, graça!

O CRISTO

— Mulher! disseste bem. Tu minha noiva és.

O ANTI-CRISTO

Nunca, nunca, jamais!—Inesilha, a meus pés!

Inesilha roja-se submissa.

O CRISTO

Homem! que fálas tanto e com voz tão sonóra,
não leste que eu viria á Terra, á ultima hora.
—qual relampago, á pressa, e assim como um ladrão?

O ANTI-CRISTO

Assim entraste aquí.—Que quer's dizer então?

O CRISTO

—Nada. Tu o verás, quando soar a hóra!

O ANTI-CRISTO

Quando é que ella virá? — Irrita-me a demora.

O CRISTO

Tua ancia váe cessar. — *Em verdade, em verdade,*
te digo que a ouvirás com pavor e anciedade!...

O ANTI-CRISTO

E a Verdade o que é? — Responde, se te apraz.

O CRISTO

No fundo de um caixão, em breve, a encontrarás!
Breve, em breve, ai de ti! — Mas quando a vir's, até
teus cabelos, de dôr, se erriçarão em pé!...

O ANTI-CRISTO

Shilóh! fita-me bem — Crês-me acaso um cobarde?
Tu crês que me apavóra o enigmatico alarde.
que fazes de um poder extra-humano e oculto?...
Sinistro o homem será, bem sinistro esse vulto
de homem, que intimidar o que há vencido os Santos,
a Terra, o Céo, o Inferno, o Amor, mais os seus prantos!

O CRISTO

— Pois bem! bréve ha de vir quem te vença, ó corrúto.

O ANTI-CRISTO

— Que extranho ente será?...

O CRISTO

Teme o homem de luto.

O ANTI-CRISTO sente-se estremecer.
— Depois, lentamente:

Quéro seguir comtigo a grande estrada réta.

Assóma-se ao varandil e arenga ao Povo:

— Povo meu de Israel! de Judá! um poéta,
Jesus de Nazareth... um zóte... um embusteiro,
demagogo, impostor, burlão, arruaceiro,
foi condenado á Cruz por negar a Razão,
a Siencia, o Progresso, a Patria, a Tradição,
toda a Energia emfim civil ou militar,
e o que é grave porém!... tudo anda a alvorotar.

Outro réo ainda há, por idóneas ideias,
que é Jesus Barrabás.— Toda a Siria e as aldeias,
toda a Sião, Ramá, e talvez todo o mundo,
conhece este chué borrachão vagabundo...

A populaça rí.

— A qual d'elles perdoáes? — Quem deixaes ir em paz?

A POPULAÇA

A Jesus Barrabás!... A Jesus Barrabás!

O ANTI-CRISTO

Tu os ouves, Rabí!—Tua côrte plebeia
teu mérito aprecía e teu ideal premeia.

O CRISTO, com voz terrivel:

Ai! de tí! que a escutaste, e ai d'ella, cega e torta.
—Meu Pae! Meu Pae! Meu Pae! *A Consciencia é morta!*

As paredes abalam-se, as estatuas cáem derrubadas no sólo.—A face do Cristo irradía um clarão sanguento como o Cometa, e os seus pés parecem cobre em fusão.—Agarra no cadaver da Dama Branca com a dextra, e na outra em Inesilha desmaiada.—Eleva-se ao espaço e desaparéce.—Os telhados vôam pelos ares. Todos os edificios cáem. As luzes apagam-se.—Só o Cometa irradía sanguentamente, sob a *forma de uma Grande Cruz Latina.*

UM SABIO PERSA, fugindo:

—O Cometa *Gaurcher*, que no final arranco
do Mundo, ha de surgir e tudo incendiará!...

UM INDIO

—É o deus *Vishnú* no seu cavalo branco.

UM BUDISTA

—Não é. É *Maidarí*, sucessor do Budá!

UM SCANDINAVO

Não é tal. É *Fenrís*, esse lobo maldito,
que nas éras finaes há de tragar o Sol...

UM BUDISTA

— É o *Famitsai*, esse horrivel precito,
que ha de tudo arruinar, diz o rito mongol.

UM CRISTÃO

—É Jesus!... É Jesus!... Vêde as letras dos Céos!...

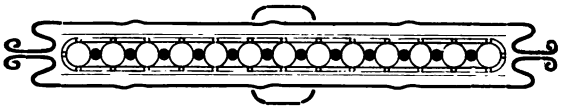
O Anti-Cristo, os cabelos em pé, livido, crê vêl-o tambem com assombro.— E então, não sabe se influenciado pela Sugestão, se pela Realidade angustiosa, elle cuida ler tambem, nas nuvens que rodeiam a *Cruz Latina*, este distico em letras escarlates:

Jesus de Nazareth

O Rei dos Judeus

INTERMÉDIO

TÉSES SELVAGENS



INTERMÉDIO

TÉSES SELVAGENS

I

Hossana a Barrabás!

Hossana a Barrabás! — Rezam antigos Mitos,
que quando o fim do Orbe estiver iminente,
O Antigo Revoltado, o Eterno Descontente,
chamará as legiões dos seus Anjos Malditos.

Hossana a Barrabás! — Os homens incontritos,
entufados do Orgulho e o Saber transcendente,
já chamam, por escarneo, ao Eterno o Impotente,
por jamais se abrandar aos seus ais, aos seus gritos.

O Mal já trava pois a lendaria peleja,
a peleja final que a Santa Madre Egreja
predisse que seria estrondosa e minaz...

Os homens a Jesus já bolsam frases cruas,
e as Virgens, com laureis, com rosas, semi-núas,
breve dirão tambem: — *Hossana a Barrabás!...*

II

A Vibora Oculta

Frei Gil de Santarem—entre as bruxas de Hespanha—
Nero a compor canções na gentil *Casa de Ouro,*
Magdalena a entrançar o seu cabelo louro,
Lutéro a meditar nos claustros da Alemanha,

S. Francisco de Assiz vestido de estamenha,
Carlos V a cantar matinas no seu côro,
O Borgia a desflorar Lucrecia toda em choro,
Santa Maria Egipcia, a arder em febre extranha,

todos teem dentro d'alma a Vibora—o *Desejo,*
que quér *dollars,* florins, a gloria, o sétro, um beijo,
sempre n'alma a silvar pela Carne e os seus bens.

Homem, para morrer feliz, calmo, sereno,
estrangula-a sem dó e atira-lhe um veneno,
—como um osso á goéla esfaimáda dos cães!

III

A Diplomacia do Mal

O Mal mofa de nós — Vae á doida Cidade,
mais torpe que a Sodóma e a Babel das cem portas,
que entre as pragas e os ais das mil Raças já mortas,
— ergueu até aos céos seus Torreões da Maldade!

Busca arrazal-a, váe! — Que a ira e a crueldade
brilhe em teu olho audaz. — Tu, Morte, que confórtas
os tristes que a Dôr róe nas mundanas retortas,
açoita o seu cavalo, em sangue, sem piedade!

Cáe sobre ella, sem dó, como um tufão violento!
Seus palacios destróe, a cinza espalha ao vento,
ou então, com desdem, arroja-a ás ondas frias...

que mal suponhas morto o Monstro que nauseia.
renascerá a Cóbra em formas de *Sereia*,
— e a rir te esganará... contra as pomas macías.

IV

A Filosofía do Desencanto

S. Francisco de Borja, ao vêr a Imperatriz,
que fôra tão gentil, n'um catafalco preto,
sem vóz, sem gesto, ou côr—magro e mudo esqueleto—
chora e rasga-se aos ais, dóbra ao peito a cerviz.

Duque e Grande de Hespanha, o Santo não mais quiz
que o êrmo, a cruz, um catre! — É qual gigante abéto,
que ao chão rasteiro cáe, se o raio em seu trajeto
o rácha ou se o machado o alúe pela raiz.

Desencanto, tu és um Rei Vencido e Barbaro,
que queima os seus pendões, seus troféos, o seu lábaro,
e volta aos paços mudo e em crépes os tambores.

Para saír do Espaço, o carcere sombrio,
é preciso sentir teu málho rudo e frio,
— calcar-nos, como os pés das procissões, as flores!

V

A Idolatria Humana

Quem hoje crê em Deus? — Todavia no Egipto,
na infancia das Nações, n'um clima humido e ingrato,
ao ver-se errante, nú, inerme, pobre e aflito,
o Rei da Creação prostra-se e adora o rato.

Depois próstra-se ao Toiro e em seguida ao exquisito
escaravelho d'oiro, ente extranho e cordato,
que passa a vida inteira a enrolar um globito
de estrume, com certo ar de um deus indú pacáto.

Eis que agora, porém, tem a vaidade fatua
de adorar-se a si proprio em Obelisco e Estatua,
em bronze, em pedra, em jaspe, em arcos, em frontões.

Como passou do rato a si proprio, extranhesa
decerto há de causar ao Orbe e á redondeza...
— É que ambos são da Terra e ambos d'ella ladrões.

VI

O Ultimo Soluço

S. Francisco de Assiz rasga-se em um silvádo,
e ensanguentado sáe — mas de alma branca e leve —
No anceio de esfriar da Luxúria o Pecado,
S. Jerónimo abraça uma Estatua de Neve.

Outros, porém, no ardor de um sonho doido e breve,
da Gloria ou do Metal, vão com passo estugádo
largar no ruivo areal onde o caimão se atreve,
ou, nos gelos do Pólo, o seu craneo esbrugádo.

A mundanal Ganancia e a Siencia sua amiga
farão que o Homem perca a liberdade antiga,
das selvas patriarcaes, suas santas origens...

Mas, no arranco final, o homem sabio e orgulhoso,
gritará n'um soluço infausto e angustioso:
— *Feliz! quanto és feliz! homem das matas virgens!...*

QUINTA EPOCA

O Homem será sempre o lobo do Homem

Sobre um vil grão de pó — com unhas, garras, dentes —
na hora extrema da Terra, ainda ahi emfim,
se estirparão sem dó os brutaes descendentes
da Raça de Kain!

No Vale de Josafat

Túmulos de Absalão e dos Reis Hebraicos á direita e á esquerda — Silencio e desolação. — Só apenas se ouve murmurar a fonte de Siloé.

O ANTI-CRISTO

Eis-me sentado aquí entre ossos e caveiras,
no val de Josafat, Tumba da Raça Humana,
— onde a Morte assentou arraiaes e bandeiras!

Tudo ruiu. — Não jáz de pé uma cabana.
Só eu tenho uma Torre enorme de amianto,
onde posso durar, quiçá uma semana!

— Se acaso existes, Deus! não me causas espanto.
Desafío o teu Raio, a tua Ira, o teu Odio.
Sou qual rijo penhasco impassivel ao Pranto!

— O que dirás a isto, ó meu Anjo Custodio?...

Dá uma gargalhada.

O DESENCANTO

Tudo é Orgulho vão. — Olha aquelle colosso,
que estendído ali jaz de papo para o ar.
Era o heróe Ferragús. — Agora é um Grande Osso
que os cães estão a rilhar.

O ANTI-CRISTO

— Sempre tú! Sempre tú! cujo bafo máo suja,
cujo riso é peór que o *rictus* do chacal.
Já que tú sabes tudo, agoirenta corúja,
narra lá como foi o *Juizo Final!*

O DESENCANTO

Foi um ápice, um ai — Cristo nos céos sagrados
bradou com grande voz: *Vinde a mim, almas ternas!*
Os Justos vôam logo. — Os Maráos, os Malvádos
cáem, quebram as pernas.

O ANTI-CRISTO

— E eu a crêr no que hão dito alguns sabios profundos,
que o *Juizo final* levaria mil éras!...
Quando durou por fim, talvez cinco segundos.
— Sempre erros e quiméras!

O DESENCANTO

Mas que horror! Mas que horror! — Esses cinco minutos
fizeram-me erriçar, na alma, cabelos brancos!
Da *Arvore do Mal*, tombavam cem mil frutos,
aos gritos... aos arrancos!...

O ANTI-CRISTO

Só eu não morro, eu só! — O' Deus, ó Morte, ó Diabo,
Páe do Mal, Páe da Dôr, Ente horrivel e arisco,
por que é que tu não vens, tambem de mim dar cabo,
tornar-me em lama ou cisco?

Tu não véns por que eu sou o Vingador Eterno.
Sou a *Revolta.* Apupo o teu Raio e o Trovão.
Eu durarei emquanto existir Céo e Inferno.
— Pois sou o Eterno Não.

O DESENCANTO

Não te orgulhes demais. — A Siencia faz rúgas.
O Sabio dura um dia e esse dia é de *enganos.*
— E a estupida Baleia, as broncas tartarugas
duram mais de mil annos.

A Siencia que adoráste, essa Méstra de nóta,
metade hoje é carvão, a outra metade é pús.
Inesilha, essa flor, que criam *idióta*,
vi-a, com estes olhos...
nos braços de Jesús.

O ANTI-CRISTO

— Inesilha! Inesilha! outro foi teu caminho!
Não morrerás, meu bem, cantando ao pé de mim!
Prometeste e faltaste! — Eu que farei sósinho,
sem ter o teu bordão... cégo como Kain?...

Então, uma Forma Feminina, vaporosa e leve com a arvéloa, cruza os ares cantando. — E' a

ESPERANÇA

I

Deixae voar a andorinha,
que pela auróra ao raiar...
ruflando a aza escurinha,
váe novos climas buscar!

Deixáe-a ir de aza leve,
na manhãsinha a cantar!...
Bem basta os tristes que ficam
sem sol, sem ninho, sem par!

II

Deixáe a pomba emigrante,
anciosa por viajar,
ir n'outro clima distante,
n'uma palmeira arrulhar.

Quér no poente ou no levante,
caréce a alma de amar.
Mas ai! das almas que ficam
sem sol, sem ninho, sem par!...

III

Deixáe a Esp'rança a toda a hora,
correr nas nuvens e o mar,
em busca do Ideal, embóra
canse o peito, falte o ar!...

Deixae-a ir!... De aza alegre,
que suba aos céos, a trinar.
—Bem basta os tristes que ficam
sem sol, sem ninho, sem par!...

O ANTI-CRISTO, correndo extasiádo,
atraz da Esperança:

Que voz! Que voz é esta?—Oh! que notas tão cérulas,
como as canções de Hipátia!
Eu creio ouvir chover jasmins, prantos, e perolas,
do olhar da Via Láctea.

I

Quem és tú, rara voz, espiritual, magoáda,
que podéste turbar minha alma até ao fundo,
que apagaste da Terra a labaréda ateáda,
dando uma vez esp'rança, outras prantos ao mundo?...
Faze outra vez ranger os tumulos e as lousas,
que quebraram teus ais aos que hão sabído amar,
fála mais outra vez das Lagrimas das Cousas,
dos sonhador's boiando em aguas pantanosas,
mortos, com vitreo olhar...
das malditas paixões, dos tumulos sem rosas.
— Canta e faz-me chorar!...

II

Quem és tú, casta voz, cujo triste lirismo
lembra os ais de Ramá nas desertas colinas?...
És de certo a subtil flor do Espiritualismo,
cantando, como o cisne, á hora das ruinas.
No mundo que empestou uma sarna mesquinha,
vens, pela ultima vez, o Ideal inda lembrar?...
Pois bem: como o alto Mar chóra n'uma conchinha,
do meu Passado entôa a rôxa ladainha,
minha alma chicoteia... esfarrápa... espesinha.
— Canta e faz-me chorar!...

III

Quer's um mundo melhor? — Tal como o derradeiro,
elle será burlão, poltranaz, com cinismo.
— O oiro da tua Voz não ruirá o Dinheiro.
— Barrabás será sempre o Rei do Plebeismo.
Ai de ti, e tambem dos sonhador's amados,
que a Maldade trivial do mundo há de foiçar!...
Ai! d'esses que hão de vir com labios chamuscádos,
pelas brazas do Amor, que o Amor hão de prégar,
vencidos de antemão, de antemão derrotados,
que ás nuvens clamarão: Chorae, que temos sêde!
— Vão-nos crucificar!„

Não importa, porém. Tambem eu tenho sêde!
Canta e faz-me chorar!...

IV

Ai de ti! que não vês que a Ventura é mentira,
e o Amor—chincalho eterno!—é a ilusão atroz,
que ao chicote da Dôr, o Cosmo cego gira,
como um Urso peládo, um velho Urso feroz.
Ai de ti! que não vês, casta voz feiticeira,
que prégas Ilusão, a Ilusão sem cessar,
e só fazes emfim que esta atroz montureira
venha inda a ter jardins e flor de laranjeira,
e, na aurora, essa voz cristalina e fagueira
da calhandra a cantar!...

Não impórta, porém. Doce é tua cegueira!
—Canta e faz-me chorar!...

V

Ai de ti! que não vês que a Dôr, de Deus lacaio,
azorrága no Espaço, os Soes, a Terra, a Lua,
que fógem rebolando, ora á neve, ora ao raio,
em busca do Ideal... que a rir sempre recúa.
Ai de ti! que não vês que a Farça ignobil dura,
ha milhões de eras já, a fim do Orbe andar.
Ai de ti, voz ideal, ó terna! ó meiga! ó pura!
que hásde expirar tambem e em tua sepultura
um soluço ecoará de tão rara amargura...
que a Bola Infame e Impura,
e os Sóes se hão de apagar.

Não importa, porém. Doce é tua loucura!
—Canta e faz-me chorar!...

A Esperança fita-o tristemente e vôa para longe, cantando.—Ao seu cantico, as labarédas apagam-se: as campas estálam: os Malditos cáem em extases.

O ANTI-CRISTO

Fugiu, voou, sumiu-se.—Agora é noite densa.
Desde que Ella se foi, creio estar n'uma cova!...

BARRABÁS, aparecendo:

Deixa essa delambída!—Amar é uma doença!
—Cura-se um velho amor, com uma *pipa nova!*...

O ANTI-CRISTO

Mas quando é novo o Amor?...

BARRABÁS

Abre-se a *Pipa Velha.*
O vinho corre ahí, a jorros, pelas ruas!...
Sem borracha ou gomil, sem canéca ou botelha,
— só a beber de bôrco, apanhei dez *perúas!*

O ANTI-CRISTO

A Esperança abandonou-me e voou nos espaços,
depois de me cravar seu olhar desoládo...
—Inesilha, não mais te estreitarei nos braços!
—Nunca mais beijarei as bocas que hei beijado!

O DESENCANTO

Inda isto nada é — Tu que venceste os Santos,
que dançaste o *can-can* no pó dos Evangelhos,
acharás quem te dê todo um Jordão de prantos,
— te açoite como um cão e arraste de joelhos!

O ANTI-CRISTO, furioso, estrangulando-o:

—Sápo asqueroso e vil, lingoa de basilisco,
vou apertar-te a gorja, até morrer's reptil!...

O DESENCANTO

Pára. — Não correrás, juro-te, o menor risco,
se me quizeres ouvir. —Viverás anos mil!

O ANTI-CRISTO

Largo-te. Fala pois.

O DESENCANTO

N'este esquífe sombrio,
repousa hoje Celeste, a tua *lady* morta!...
Méte-o na tua Torre e oito dias a fio,
a *ninguem*, a *ninguem*, seja rico ou vadío
o espetro de teu Páe, ou tua Mãe, que importa!
a *ninguem*, a *ninguem*, dês uma fála, um pío,
—ou ábras tua porta!

O ANTI-CRISTO

Singular! Singular!—Os meus loiros amores
jazem n'aquelle Esquife, em êrmo subterraneo.
E eu tremo de o tocar, como quem pisa flores,
e ao colher um jasmim... tóca o osso de um craneo!

O DESENCANTO

—Da Belesa, a mais rara, o *reverso* é sombrio.
Seja da Pompadour, ou da Julieta ideal,
todo o ventre contém, o mais régio e macío,
gazes que cheiram mal.

A boca feminil do ente mais divino,
que adóres com fervor, ou que beijes e prézes...
é a fenda que váe, por um tubo, ao intestino,
que é um saco de fézes.

A boca mais oval, em fórma de bocêta,
por mais que a enflore Amor e a exalte a Poesia...
não é mais que um gentil hiáto de sargêta,
a fenda de uma pía.

O Corpo de Rainha, o mais róseo e fouveiro,
lá por dentro é peór que a lama de Nabuco.
Todo o ventre de Deusa é por dentro um caneiro.
—Todo o labio tem múco.

BARRABÁS, ás gargalhádas:

Chifres de Belzebú! — Que lingoa rara,
que em tudo bába e cospe e até dispára
os chascos mais crueis ao coração!...
Quem te escutar, deve meter-se a frade,
voltar o réto á mais gentil beldade,
ou tornar-se capão.

O DESENCANTO

Viver é sempre andar em desertos de brazas,
em busca de Rosaes, e encontrar só Quiméras.
Para subir a Deus, para nos pés ter azas,
— é preciso queimar nossas Lindas Galéras.

BARRABÁS

Tripas do Páe Noé! — pelo que dizes,
o homem, mais rasteiro que as raizes,
déve sofrer os tratos mais chués...
Deus só o recompensa lá nos astros,
se o vê sempre em boléos, sempre de rastros,
as faces todas cheias de emplastros,
roxo o trazeiro, emfim, dos pontapés.

Eu dispenso!... Estonteiam-me as alturas!
— Tomava agora um grog e dois cafés!...

O DESENCANTO

A Alma é como um Ruivo e Normando Piráta.
A Via Lactea e os Sóes são náos da vásta Fróta.

Aprende a alma, se vence as Ilhas de Oiro e Prata.
— E inda mais na *derróta.*

BARRABÁS

Percebo. — Toda a alma desejosa
de trepar á Mansão Deliciosa,
deve apanhar tóza sobre tóza,
e se escapar do Inferno, é por um triz!...
Para eu subir ao Reino das Estrelas,
tenho que dar ás trancas e ás canélas,
partir doze mil vezes as costelas,
e outras mais o nariz.

Obrigádo.—Afligem-me as subídas.
— Chupava agora um garrafão de aniz!...

O ANTI-CRISTO, meditando:

O Val de Josafat era este val profundo,
do Olivete a Salem, que chamavam *Kedron.*
Agora é o coval das ossádas do mundo.
sem luz, sem côr, sem som!

Encontrando a Caveira da Siencia:

Eis o craneo que amei, o qual valia o Globo!
N'elle ferveram mil cratéras geniaes.
O que é que n'elle encontro?—Ossos como n'um lobo,
dentes de marfim velho e uma poeira a mais.

De que é que te ris tú, Caveira esburacáda,
com teu cínico rir de femea de ruéla?...
—Fizéste-me descrer de tudo e não sei nada.
— Creio a Siencia um *lôgro* e o Amor uma *esparréla.*

Prometeste rasgar-me os véos da *Transcendencia,*
tal como a Meretriz cheia de ossos e péles,
nos promete iniciar em céos de quinta essencia,
—entre teias de aranha e n'uma enxerga réles!

Acordei, nada ví,—Todo o falso aparáto,
todo esse gozo ideal revolveu-me as entranhas.
Acordei sóbre um peito ossúdo e n'um grabáto,
—na mesma enxerga pôdre e entre as teias de aranhas!

Creio que Deus, se existe, é um velho Dragão,
que tem o Orbe preso á sua garra adunca.
—Se elle dissesse *Vem!* gritar-lhe-ia *Não.*
—Se gemesse, *Eu sou Páe!* berrar-lhe-ia *Nunca.*

Mas eu proprio que sou?—Sou um galho que séco.
Sou um poço sem agoa, em desertos de Hebron.
—Nada tenho no craneo e ainda faço éco.
—Nada tenho no peito, e faço estrondo e som.

Apalpando a *Caveira de Job:*

De todos que aqui estão, este Job magro e puro
é o único que invejo e a quem ságro carinho.
—Seu corpo apodrecia em cima de um monturo.
—Mas sua alma cantava egual a um passarinho.

N'este momento um grande alarído se escuta —São grupos de Condenádos aos ultimos cataclismos da Terra—E os primeiros que avançam, são

OS DISILUDIDOS, cabelos desgrenhádos: — fatos em farrapos: — olhos crestádos e ardídos:

Vivemos da Siencia enfeitiçados,
a *Linda Noiva da gentil figura*,
que nos jurou, por seus reaes agrádos,
dar-nos as chaves da *Imortal Ventura*.

Levantando o craneo da Siencia:

Olhae. No leito do noivado em festa,
— só esta branca e vil Caveira résta!

OS EXTERMINADORES, os olhos erráticos: — mostrando maquinas explosivas:

Maldita a Terra, mãe de fátuos brilhos!
Maldito do homem o labôr diurno!
Maldita a mãe que come os proprios filhos,
como um sanguento e bestial Saturno!

Arrojando explosivos:

Mãe de Lutos, de Guerras, de Odios máos,
— róla p'ra sempre no infindavel Cáos!

OS ORGIACOS, cabelos coroádos de rosas: — os olhos vidrados da embriaguez:

O que importa que a Terra coma os filhos?
Libar! Gozar! eis os prazeres supernos.
— Orna a mesa com rosas e junquilhos!
— Levanta ao ar as taças dos Falernos!

Chocando as Taças :

Ao tinir dos cristaes e entre as orgías,
—morramos, mais a *Obra dos seis dias !*

OS SELVAGENS, semi-nús — com plumas multicores nos cabelos :

O' Homem ! torna ás Eras primitivas,
e ás vastas selvas maternaes e amigas.
Torna ás rochas e ás fontes de agoas vivas,
e á paz rosáda das manhãs antigas.

N'essa paz florestal, virgem, e brava,
—remoçarás a tua alma escrava !

OS AMOROSOS, com olheiras : — abraçando mulheres languidas : — em posições extaticas :

Foram-se as Rosas, Lirios, Romanzeiras,
mais os Ciprestes, e os Chorões, e os Goivos.
Mas temos na alma a flor das laranjeiras,
para os labios florirmos como os noivos.

De braço dado, vamos para a cova,
—com vestidos da côr da *Lua Nova*.

OS FECUNDADORES, manchados de sangue—arrastando mulheres pelos cabelos:

Se em breve findarão todos os seres,
Povos, Raças, as Tribus, as Nações,

pela trança arrastemos as mulheres,
ás santas, genitaes fecundações!

Resurja a Terra, cresça a Nova Gente.
—Caia no sulco a natural semente!

Todos rodeiam o Anti-Cristo — Os *Exterminadores* quérem ministrar-lhe explosivos: os *Selvagens* frechas e azagaias: os *Orgiacos* taças espumantes: e os *Amorosos*, convidam-no aos himenéos.—Mas os *Fecundadores*, com imprecações e súplicas, arremessam-lhe virgens para desflorar.

Porém n'isto, uma suave harmonia de Liras de Prata, com uma toáda lenta e melancolica, amolece os ares.

E eis que aparéce nas nuvens

O CRISTO, empunhando o seu *Calix Mistico:*

I

Como a lua no céo e o branco Lys nos vales
clareiam todo o ar...
pés em sangue, eu cruzei as estradas dos males,
com um Lirio na mão.—E esse Lirio é meu Calix,
mais amargo que o Mar.

II

Não vasei no mar fundo, ou n'um céo de aparátos,
este Copo de Fel.
Nem tambem o entornei entre os hebreus ingrátos.
Púl-o na fina Luz.— Quiz que o vissem Pilatos
e as filhas de Rachel.

III

Eu quiz que a velha Roma, essa Loba, essa Fera,
toda a Terra e Jacob,
vissem como se alteia até á pura Esféra,
lirial como a Luz, a consciencia austera,
de um recto, um justo, um só.

IV

No espaço, ao pôr do sol, quando o céo é de brazas,
e lavas de vulcão,
côr de sangue e de fel, de sardónias e gazas,
os crentes cuidam vêr — todo cercado de azas —
meu Copo da Paixão.

V

Mas a Terra chasqueou d'este sangue divino,
que aparou S. Graal.
— Ai! ninguem compreendeu meu simbolo tão fino,
da Consciencia, do ser, do humilde, o pequenino...
a elevar-se ao Ideal.

VI

Ninguem quiz entender meu sonho da Consciencia,
involta em brancos véos...
purissima qual flor de delicada essencia,
a ascender como um pranto, ou um ai da Inocencia,
para o seio de Deus!...

VII

A Descrença venceu.—E triunfou imundo,
El-Rei Milhão sagaz.
Desci pelos degráos dos sóes ao lodo fundo.
Préguei de novo o Amor.—Segunda vez o mundo
me pref'riu Barrabás.

VIII

Segunda vez eu dei meu sangue e meu repouso
por amigos ingratos.
—Novamente sarei o possesso e o leproso.
—Segunda vez achei o Caifás crapuloso
e o iniquo Pilátos.

IX

Segunda vez préguei perdão aos inimigos,
e compaixão ao zóte.
Segunda vez tambem me traíram amigos,
e aos clarões do luar—nos Olivaes Antigos—
me beijou Karioth.

X

Segunda vez mandei que a União se propague,
a Paz, a Lei, o Exemplo.
Segunda vez farei zunir meu azarrágue,
—antes do Orbe estoirar e que este sol se apague—
nos Fariseus do Templo.

XI

Mas agora, ao deixar estas regiões precítas,
todo o meu coração...
toda a minha alma sangra, ao ver na lama escritas
estas letras fataes, estas letras malditas,
que exprimem Negação.

XII

Eu tudo dei ao mundo, aos seus reis, seus bandidos,
seus Escribas do Mal:
a carne, a Ideia, o sangue, as roupas, os vestidos!...
E visto que dei tudo e os tempos são compridos,
resta dár-vos somente, ateus endurecidos!
a lagrima final.

Pelas barbas do Rabí róla uma lagrima sanguenta, que váe caír sobre o *Não* que o Anti-Cristo traçou sobre a terra — De súbito o seu Calix transforma-se n'um grande *Lys branco.* — E o Cristo grave, pausádo, ritmicamente, sóbe atravez das nuvens, empunhando o seu *Mistico Lys Virginal.*

BARRABÁS, detendo-o:

— Tu foste, ó doce Prégador dos Lagos!
um poéta de lôas e de afagos,
um deus ruivo, e gentil, e guápo môço!...
Porém, nós somos hoje tão descrentes,
que até mesmo as mulher's irreverentes
já não crêem n'um Deus de carne e osso.

A Carne que era rija — hoje é tão fraca,
seja do homem, da mulher, da vaca,
que, apóz a morte tragica e brutal...
nem a do proprio Lázaro afamada
conseguiu, aos tres dias de enterrada,
não vir a cheirar mal.

Como, portanto, crêr que tenha vida
essa carne que foi tão combalida,
e espancáda na atroz Jerusalem?...
Como crêr que hoje estás no Céo Perfeito,
a comer, a beber, são e escorreito,
e a digerir tambem?...

SANTO AGOSTINHO, soléne:

— Desgraçádo de ti, Rebelde obsecádo,
que engrossas, inda mais, o horror do teu pecádo!

BARRABÁS, com tregeitos e risádas:

O Pecado é uma trêta! — Na Materia
tudo cráva o ferrão, a garra, o dente,
como na carne corporal da gente
a pulga, a ténia, a mosca, o percevejo...
Péca tanto o que róe a carne humana,
como o búgio que papa uma banana,
— ou como o rato que tasquinha um queijo.

Admira-me que o Santo sapientissimo
afirme haver pecádo. — E' um barbarismo,

que em tão grave doutor não se admite.
Pecado é a invenção de um bom patife!...
É a aranha esmagada sobre o bife,
para tirar aos asnos o apetite.

Tudo come e devora.—Nas secretas
alturas, os Sóes pápam os Planetas,
como a Terra é sugáda por cretinos...
E o Tempo engórda e engole as Nebulosas,
como outr'ora Saturno as deliciosas
carnes dos seus meninos.

E espójando-se no solo—osculando com tregeitos a propria Lama—o que faz gargalhar os Rebeldes e os Herejes, conclue:

—Portanto, a Terra Mãe, que eu oscúlo sem pejo,
que engendra o nabo e a rosa, a magnólia e o pepino...
o gosal-a é tão máo, como ferrar um beijo
n'uma cara bonita, ou trincar um bom queijo
rabaçal ou londrino!

SANTA THEREZA DE JESUS, desfazendo-se em lagrimas:

—Ai de vós! ai de vós! descrentes lacrimaveis,
que ignoraes do Paraiso os gósos inefaveis!...

BARRABÁS

Thereza de Jesus, terna hespanhola!
da terra do pandeiro e a castanhola,
que a piedade estendeste até Satan...

não teimes em prégar-me um Paraiso,
onde não ha pitéos, vinhos, nem riso,
nem da Eva a maçã!

Déve ser uma atroz semsaboría
essa macróbia e honráda hospedaria
de Abrahão, de Israel, dos Serafins...
Bem sei que há lá orquestra e gramofónes.
Mas já estão muito roucos os trombónes,
e eu detesto os flautins.

Não quéro ir para o Ceo com idiótas,
pois segundo o que eu li e tomei nótas,
vão lá parar os asnos primaciaes...
Sempre odiei sermões, jejuns, ou dramas.
Quéro antes pois o Inferno onde ha madamas,
e até cróias tambem... mas joviaes!

S. FRANCISCO DE ASSIS, marcádo na testa com os Cravos da Paixão:

—Se não te assombra o Abismo, ou das flamas a ardencia, desce ao poço d'essa alma—Olha a tua consciencia!

BARRABÁS, gargalhando:

Outra léria a Consciencia!—Outras quiméras,
acumuládas nos milhões das éras,
pelo terror de um deus, de pedra, ou páo!...
A uns proíbe Deus a rica truta,

—a outras cómer fruta,
—a outros bacalháo.

Toda a consciencia é cheia de rançosas
superstições burlescas e curiosas,
provindas do uso, a tradição, da asneira.
Por ella o Egipcio se ajoelhava aos ratos,
—os Reis Romanos aos sagrádos pátos,
—e os Cristãos inda rilham timorátos,
um bife á sexta-feira.

Por ella, ainda o Hebreu circumcidádo
não trinca um náco de bom lombo assádo,
de porco, porque ultraja o seu Jehovah...
E é tal o zêlo do Israelista zóte,
que nem se mecherá para ir ao pote,
—no dia do Sabath.

O Cáfre ultraja os seus deuses guerreiros,
não assando no espêto os estrangeiros
vencidos, sejam brancos, amarelos...
Quanto ao Turco supõe que Allah lhe grita:
—Depõe, malandro! á porta da mesquita
teus rústicos chinelos!

Jâ vês pois, grande Santo, que é possivel,
que com tanto disláte incompreensivel,
com tanta baboseira tão guápa...
se acáso a Consciencia é infallivel,
seja á moda do Pápa.

Hurrah! Hurrah!
Peian! Baco! Evohé!
Viva o Cacho, morra o Chá!
Viva a hebreia Salomé!
e o seu lindo pé!
seu lindo pé!
seu lindo pé!

Baila — arregaçando a túnica — agitando uns pés disformes.

Os Herejes, os Sabios, os Selvagens, os Exterminadores torcem-se de riso:—aplaudem e gargalham estrondosamente: — sacódem as suas grandes barbas grisalhas. — Mas os Santos, com tristeza e desolação, voltam lentamente costas. — Elevam-se, ritmicamente, no Espaço.

CORO DOS SANTOS, ao Cristo:

I

Suavissima flor do mistico Idealismo!
única flor azul que estrelou este abismo
de bruma e cerração...
ao sedoso frouxel do teu ninho tão brando,
váe-nos manso levando,
mansamente guiando...
com a macía mão.

II

Senhor do Branco Lys, Princepe da Consciencia,
Poéta da harpa triste, ó Lirio cuja essencia
exhalou o Ideal...

ao doirádo solar do teu Reino tão brando,
váe-nos manso levando,
mansamente guiando...
com tua mão real.

III

Ingénuo Sonhador e eterno comovído,
por tudo que é suspiro, ou soluço, ou gemido,
ó Luar do perdão!...
entorna sobre nós tua chuva de prata,
e vem n'uma outra data,
na Terra, a Terra ingrata,
apagar este Não.

BARRABÁS

—Supúz estar na egreja, a ouvir o cantochão!...

O cortejo esváe-se—O côro extingue-se.

O CRISTO, ao Anti-Cristo:

— Do meu Páe a clemencia é um mar sem limites!...
Para que tú, Maldito, inda te reabilites,
e o teu exemplo abale e esbarronde a Heresia,
profére uma palavra, uma só, de valia,
que revéle toda a dôr do teu peito contrito.
—Seja um suspiro e um pranto, um fundo ai, um grito!...
N'esta hora atroz de horror, de angustia, de canceira,
pela ultima vez, pela vez derradeira,
responde a esta formal e extrema intimação:
—Rendes-te ou não a Deus?

O ANJO DA GUARDA

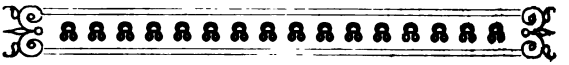
Sim.

O ANTI-CRISTO, retumbantemente:

—Não.—Não.—Não.

O Cristo afasta-se e eleva-se aos Céos.—Mas os *Selvagens*, os *Desiludidos*, os *Exterminadores* recomeçam a exterminar-se mutuamente de novo, sobre o mundo escaveirádo.—Barrabás baila satisfeitamente na lama.—Torce-se fazendo mil visagens e esgáres.—Pede esmola para a mortalha dos mortos, rindo com um olho, chorando com o outro.

INTERMÉDIO



INTERMÉDIO

TÉSES SELVAGENS

I

O Amor Livre

Amor livre! Amor livre!... endiabráda creança,
sedenta de efusões, de abraços, de carinhos,
só te deixas prender no oiro de uma trança,
tentas sempre voar atraz dos passarinhos!...

Amor! ao nome teu, por quantos máos caminhos,
a Alma tem trilhádo, á fatua luz da Esp'rança!
Que orgías se tem feito, em teu nome, em que dança
tu tens metido os Reis, Bispos, e pastorinhos!...

Jesus quiz-te prender com um fio sagrádo,
a Egreja foi mais longe e forjou-te um cadeádo,
com que lucrou milhões, tesoiros de Pachá...

Mas breve arrombarás as prisões e as cadeias,
e logo irás d'ali, depois de estroinas ceias,
abrir um Lupanar—*com piano e bacarat!*

II

O Trapo Lindo!...

Todo o que ama os banaes senários decadentes,
e as pompas teatraes do antigo Paganismo,
as pombas a arrulhar n'um secante lirismo,
ou as árias triviaes dos pianos sem dentes...

todos que amam tambem romances incoerentes,
prézam damas liriaes, cheias de romantismo,
com *poses* de Rainha e gestos de histerismo,
que arrastam, nos salões, as sedas insolentes.

E entretanto, ó Romeu! ó *Catita* das salas!...
sábe que essa Mulher de resplendentes galas,
não a rende o teu beijo, o teu vigor guápo.

Rainha ou Marafona, ou Laura ou Margarida,
ella tudo dará, a honra, o sangue, a vida,
e o céo do proprio Amor—*pelo bonito trapo!*

III

Vaidade, Ambição, Arte, Gloria

Todas estas quatro Damas deitariam fogo ao Mundo—para se verem melhor ao Espelho.

Néro, ao ver brilhar Roma entre mil labarédas,
assésta o seu monóclo — uma rica esmeralda.
Como o incendio é distante, a chama não o escalda,
não crésta os seus aneis, nem lhe enegrece as sedas.

Com olhos de pintor, vê então trigos, médas
em lume, Appia, Suburra, o Aventino, uma espalda
do Capitolio, e alem mil patricias em fralda,
e esguedelhádas mil das mais dengosas Lédas.

Ri, canta, diz canções. — Ao Eterno Aborrecido,
eis um quadro a primor, com tom, com colorido,
a Forma, o Som, a Côr, a rugir, a ladrar...

Mas o triste S. João na alta Patmos inclina
a barba branca, aos ais. — *Vê a eterna Vermina*
do homem púlha e máo! E róla a soluçar.

IV

A Velha Noção do Céo

Mortal, contempla o Céo — Esses astros nevádos,
que a Ilusão faz supôr palpitações de peitos,
Comboios sempre em fogo ou Rios de alvos leitos,
— Templos de jaspe e oiro entre bosques sagrados,

são matagaes tambem de espinhos erriçados,
outros Orbes tambem ferinos e imperfeitos,
onde urram sem cessar Cristos apedrejados,
Deusas póstas em cruz e arrancádos os peitos.

Se podesses voar sempre e infindavelmente,
buscando a páz do céo em Sirius resplendente,
no Cisne, a Ursa Maior, na maviosa Lira...

verias que esses Sóes tão afaveis e eternos
são rubros turbilhões de ululantes Infernos,
— rolando sobre o Vacuo, a Vaidade, a Mentira. *

* A Dòr e a Morte manteem-se inalteraveis na Forma, no Espaço, no Tempo. — Só o Consciente é placido e ilimitavel.

V

O Fim da Siencia

Na Forma, o Espaço, o Tempo, habita o Inconsciente,
que é assim como nós, ***espirito cativo.***
Urge sermos com elle um bom irmão clemente.
—Mas visar á Consciencia, ao Principio, ao Ser Vivo.

O Anti-Cristo descreu com ardor impulsivo,
e calcou tudo aos pés—Riu de tudo impudente.
Deus, Céo, Pureza, Amor, á Siencia insciente,
tudo sacrificou como a um fetiche esquivo.

Mas na hora brutal dos finaes cataclismos,
quando tudo ruiu com fragor nos abismos,
morta a Siencia achou ao pé do Fausto e Job.

—Da lama alevantou essa ultima Caveira.
Beijou-a com fervor, limpou-a da enxurdeira,
e só viu, qual nas mais... ***alguns ossos e pó.***

VI

A Civilisação máta a Moral

Então Pitagoras, Cristo, e Sócrates não viveram entre civilisações requintadas?...
—E' certo. Por isso foram mortos.

Juntae leões da Azia e ladrões da Sicilia,
Rigolboche e Tartufo, um Papa e uma Cigana,
mil agiótas judeus, dez sógras em familia,
—e tereis o que é hoje a Consciencia Humana.

Juntae seis vates máos á sombra de uma tilia,
exaltando o *amor livre* e a Luxuria Mundana,
dez sabios a arengar n'uma douta quesilia
que o Cristo foi um Mito e o Buda um safardana.

Fazei rasgar á Terra os seus milhões de veias,
da Familia quebrae as sagradas cadeias,
e dáe á Besta emfim o sétro universal...

Tornae a Mulher sábia e abrazada em ciumes,
dáe ás mãos da creança uma caixa de lumes,
—e entendereis então o cataclismo final.

SESTA EPOCA

Trevas e Ágoas

Desde esta hora estás morto — morto para o Mundo! para o Céo! para a Esperança!

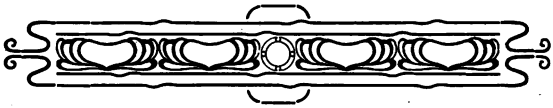
EDGAR PÖE.

—Pecador de olhos máos e coração corrúto,
teme essa hora minaz, essa hora de tedio,
em que o tragico Azar, como um homem de luto,
clama:—*Não tem remedio!*

Os Sobreviventes da Terra

Se aplicarmos a lente do nosso criterio sientifico para aquelles que possam sobreviver a um ultimo cataclismo planetario, veremos que a sorte d'esses que hajam escapádo — é de todos os que sucumbiram a mais lugubre e implacavel. E' certo que, durante um certo periodo, no Planeta escalavrádo e ardído, — máo grado todos os cataclismos cósmicos, sismicos, e até mesmo do fogo central — os Homens lamentaveis que sobreviverem a estas catastrofes poderão manter-se ainda algum tempo, nas regiões banhadas pelos rios, ou pelos mares. Muito melhor do que outros quaesquer, á falta da virente Flora, da antiga e abundante Fauna, ou dos frutos saborosos das Arvores, elles poderão nutrir-se de peixes, de moluscos, ou de crustaceos, como os antigos povos lacustres. — Quanto aos outros dificilmente o poderão fazer!... E se o fizérem, sucumbirão depois de mil suplicios da fome, da doença, ou das inundações sucessivas, sobre o esqueleto de um planeta carcomido e como que rapádo á navalha, ou empestado pelas exalações do carbone e do oxydo de carbone, consequencias fataes da ausencia de toda a verdura e folhagem. Mas por fim, tanto uns como outros recaírão no estado degradante da *barbaria* e até do canibalismo — *disputando, palmo a palmo, um misero-genero alimenticio.* — E este estado angustioso durará até que finalmente a falta de toda a flora atraia as Grandes Agoas, e que os Oceanos rompendo as suas barreiras, cubram todas as cousas com o seu liquido e derradeiro lençol. — E então só haverá agoas e trevas, infindavelmente.

G. L.



A Torre da Blasfemia

O ANTI-CRISTO, as barbas brancas até ao peito—os olhos selvagens:

—N'esta Torre ninguem, ninguem cá entrará!
Nem Deus, nem o Diabo, o Raio ou a Má Sorte.
A Torre é de amianto, um amianto bem forte.
Nenhum fogo do Céo n'ella penetrará.

Póde vir combater-me a caválo na Morte,
—se elle resuscitou—o Reumático Jehovah!

Senta-se no caixão de Celeste.

Que eu violei uma morta!
póde a Terra, á vontade, exclamar com desdem.
Que me importa? Que me importa?
Tranquei bem minha porta.
Aqui ninguem virá—Ninguem. Ninguem. Ninguem.

O amianto que empreguei nos muros e as janélas,
para me resguardar dos incendios da Terra,
em toda esta Babel, é um prodigio humano!...
Póde bem resistir aos ventos e ás procélas,
ás lavas dos vulcões, ao cóke da Inglaterra,
e aos raios do Vulcano.

Teem vindo aqui bater-me á porta os Condenádos,
Patricias, Generaes, Sabios, Imperadores,
e até Imperatrizes.
Ajoelham no chão e esfarrápam brocádos.
Quebram pedras de aneis, rasgam sedas e flôres,
rendas, sobrepelises.

—Mas ninguem do meu labio uma palavra escuta!
—Deixo-os de fome uivar, comer pedras, raises!

A cada Rico Ancião, que a vasta barba arranca,
ou franze o seu sobrolho,
vou pôr mais rija tranca,
ou vou correr depressa algum novo ferrolho.

Pode até vir meu Páe, com as barbas de rastos,
ou minha velha Mãe...
mil prantos derramar dos frouxos olhos gastos,
que eu não arrédo pé—Não entra aqui Ninguem.

Perdí Riso e Praser, como um pomar que o suão
toda a flôr crésta e séca.
No mal fiz-me um Gigante, e no bem um Anão.
O meu peito tornou-se um nojento aleijão.
—Minha alma está marréca.

Todo eu me retraí, por um modo imprevisto,
do Odio ao rijo abálo.
Eu que era doce e bom, tornei-me no Anti-Cristo.
Meu peito endureceu, qual monstruoso kisto.
—Minha alma fez-se um cálo.

Passeia alucinadamente. — Depois ajoelha ante o caixão de Celeste.

I

— Ah! Celeste! ó meu bem! mal sabes no que sismo!
Vejo as eiras ao sol, terraços, andorinhas...
Vejo a tarde em que tú compraste um catecismo,
e o ensinaste, a sorrir, ás tenras creancinhas.
Vejo as eiras ao sol, terráços e andorinhas.
O' Celeste! ó meu bem! mal sabes no que sismo!...

II

Recordam-me inda bem tuas tranças esparsas,
tuas tranças, degráos doirádos dos meus sonhos.
— Se penso em tuas mãos, lembra-me um par de garças.
— Se penso em tua bôca, alembram-me medronhos.
Recordam-me inda bem meus romanticos sonhos,
e tu, penteando ao sol, tuas tranças esparsas!...

III

Aflige-me pensar que as letras do teu nome
um tempo emfim virá que as enegreça e raspe,
e os bichos e os reptis, hediondos e com fome,
roerão como o pó, que tudo emfim carcóme,
teus braços de setim e os teus dedos de jaspe.
— Aflige-me pensar que as letras do teu nome
um tempo emfim virá que as enegreça e raspe!...

IV

Aflige-me pensar se a tua carne branca
magoaria talvez a enxada do coveiro,
e essa boca gentil que sorria tão franca,
sem dentes já não ri, qual flôr do morangueiro.
Aflige-me pensar na enxáda do coveiro,
—a bater... a bater... n'essa carne tão branca!

V

Aflige-me pensar n'essas tenras mucósas
que eram os labios teus... esses nichos de beijos!
Hoje o que são talvez? — São células viscosas,
ou pasto dos reptís, dos erváçaes, os brejos.
— Aflige-me pensar n'esses nichos de beijos,
que eram os labios teus, essas tenras mucosas!...

VI

Afligem-me tambem esses limões de céra,
que eram os peitos teus, virginaes, pequeninos...
Quem beijal-os podesse!... Oh! quem vel-os podéra
tornados, como outr'ora, em berços de meninos!
—Todo eu tremo, ao pensar que rasgáram ferinos
cardos, silvas brutaes, esses limões de cêra!...

VII

Não quéro pois, não quéro, abrir o teu esquife!
Se o Raio aqui viér e arrazar esta Torre,

preso a elle floarei, como o naufragó morre,
cravando a mão adunca ao pontal de um recife.
—Póde o Raio aqui vir e arrazar esta Torre.
—Eu nunca violarei, Celeste, o teu esquife.

Ouve-se bater á porta.

Quem é que bate lá?...

UMA VOZ

Sou eu, Pompónio Flaco.
Eu que a Siria assombrei com Orgias e Ceias.
—Dá-me pão! Dá-me pão! — Móro hoje n'um buraco,
eheio de centopeias

O ANTI-CRISTO, para si:

—Não te hei-de a porta abrir, nem mesmo dar resposta,
Sibaríta glotão, ó Rei dos cataventos!...
Eis ahi no que deu a mêsa sempre posta,
Vinhos de Cós e unguentos!

Batem de novo.

Quem é que bate mais?...

SEGUNDA VOZ

Eu, Herodes Antípas,
que ceáva faisões em preciosos prátos,
que libava o Safed, o bom Falerno, ás pipas,
e hoje só como ratos.

O ANTI-CRISTO, baixo:

— Peór que comer terra ou beber nas regueiras
uma torpe agoa suja, e infécta, de bruços,
é ter o peito oprésso, horas e horas inteiras,
de arrancos, de soluços!

Batem de novo.

Quem é que bate ahi?

TERCEIRA VOZ

Teodóra, a Imperatriz!
que o Oriente enfeitiçou com olhos verde-malva.
— Dá-me pão! Dá-me pão! — Morro á fome, infeliz,
tinhosa, rota e calva.

O ANTI-CRISTO, baixo:

— Váe-te, vil Marafona, oriental Galdéria!...
Debócha-te ás Legiões e aos colossos de Rhódes.
É muito justo é, que andes n'essa miséria,
Carcassa deletéria,
a meter nojo aos bódes!

Batem de novo.

Quem bate agora pois?...

QUARTA VOZ

Eu Pilatos, Pretor,
conviva de Tiberio e Juiz do Messias.
— Dá-me côdeas de pão, bem rijas, com bolôr,
que tenham trinta dias!...

O ANTI-CRISTO

—Este *Mardo* que soube os imoraes segredos
de Tiberio e os seus mil rituaes de Lupanar...
com a fome que tem, rilha agora Penedos,
Catarátas, Rochedos,
e Pedras de amolar.

Batem de novo rijamente.

Quem é que bate assim?...

QUINTA VOZ

Sou eu, a alma penáda
do ex-frascário, *ex-farçóla*, o alégre Barrabás!...
—Os campos não dão pão. nem erva, nem cevada.
—O vinho é *agoa-raz*.

Não te peço perús, nem capões, nem petinga,
nem vinhos de Tokay, do Xerez, do Joppé.
—Quéro só que me dês alguma rica pinga...
d'essa tua *agoa-pé!*

O ANTI-CRISTO

—Este velho Borrácho, este Histrião cambaio,
tem decerto Astaroth ou Belzebú por elle!...
pois da Chuva de Fogo inda não houve um raio,
mais duro do que um paio,
que lhe furasse a péle!

Batem de novo.

Quem bate a horas taes?...

SEXTA VOZ

Abre, abre se não morro!
Sou eu Caifáz, o Grão Sacerdote da Siencia.
Dá-me os restos do pão que não quér teu cachorro!
—Dá-m'os!... Tem paciencia!

O ANTI-CRISTO, baixo:

—Tens o que déves ter, Sorrelfa e unhas de fome,
Crapuloso Onzeneiro!...
De mim nada terás, nem jantar, nem almoço,
nem mesmo o extremo osso,
que esbrugou meu Rafeiro.

Batem de novo.

—Chifres de Belzebú! Quem é que bate agora?...

UMA VOZ CRISTALINA

Sou eu, sou eu, meu Páe.—Venho de mui distante.
Abra, abra depressa á sua rica filha!
Já não conhece, então, a minha voz cantante?...
Não conhece Inesilha?...

O ANTI-CRISTO

O que oiço?... O que oiço?... O que oiço?...

Vai apressado abrir todos os ferrolhos. — Mas quando descerra de todo a porta, os Esfomeádos, vão caír de roldão n'um enxurdeiro visinho. — Demetrio, que chega por ultimo, cáe tambem n'elle abraçádo a Barrabás, que rolando de bruços no lodo, n'elle peréce asfixiado. — Inesilha atira-lhes fructos, peixes, ervas, raízes, pômos que trouxera no regaço. — Mas os Famintos para n'elles se cevarem, combátem-se como bestas féras. — Esmurram-se, sócam-se, ensanguentam-se, dilacéram-se, estrangulam-se. — No fim, perécem todos afogados no pantanal, assim como viveram.

O ANTI-CRISTO, á filha:

—Meu anjo! meu amor! como tu vens rotinha,
tu que sempre viveste entre jasmins e nardos!...

INESILHA

Rasgáram meu vestido os ventos da tardinha,
mais os dentes dos cardos!

O ANTI-CRISTO

O' meu anjo! ó meu bem! como tu vens tão fria.
—Paréces uma estatua, o corpo de uma morta!

INESILHA

—Molharam-me os nevões e um charco que corria
ali, ao pé da porta!

O ANTI-CRISTO

—Meu anjo tens a trança esparsa e em desalinho.
e sinto inteiriçar-me a neve dos teus dedos!...

INESILHA

Desnastrou meu cabelo o vento em torvelinho.
Rasgáram-me os silvedos!

O ANTI-CRISTO

A tua voz é cava!—As tuas faces belas
lembram jasmins de cera e um branco bogarí...

INESILHA

—Deixei os Serafins, os Anjos, as Estrelas,
p'ra morrer junto a ti!

O ANTI-CRISTO, com efusão:

—Jura então, jura então, por tua propria alma
que o afecto por teu Páe é tua única luz!
Jura, se me quer's vêr a face alegre e calma,
que renégas Jesús!

INESILHA

—Juro, sim, que renégo o Rabí, por meu Páe!

Baixinho.

Padre nosso que estaes no Céo
Santificado seja o teu nome
—Valei-me Jesus, Santa Maria, ai!

O ANTI-CRISTO

Jura odiar tambem, sem remorso e sem medo,
Maria, a que hão chamado, a *Rosa de Sarão.*
Jura que odeias Deus e o monstruoso segredo
da Ignobil Creação.

INESILHA

—Tudo abomino, sim! Adoro só meu Páe!

Baixinho:

Ave Maria, cheia de graça,
o Senhor é comtigo.
Bemdito o fruto do teu ventre...
Valei-me Jesus, Maria, ai!

Cáe no cólo do Pae, extenuáda.

O ANTI-CRISTO

Que tens tú? Que tens tú?—Lembras uma viuva
a que o Amádo morreu.—Tens o rosto confuso.
E vejo-os tiritar, como as rôlas á chuva
teus dedinhos em fuso!

Quando éras pequenina, éras tão grácil, viva!
Vinhas logo narrar-me um desgosto e um pesar.
Mas agora retráes-te—És como a sensitiva,
e a rolinha sem par.

Canta, rolinha brava.—Ai, trémes como um vime!
Canta um velho soláo provençal ou gascão.
Canta! Um soláo guerreiro ás vezes desoprime
um joven coração.

INESILHA, o olhar enternecido:

Vou cantar-te, meu Páe, o soláo de Inesilha!

O ANTI-CRISTO

—Não cantes, esse não!... Tão triste, minha filha!

INESILHA

Meu páe! deixa que eu cumpra esta ultima vontade!

O ANTI-CRISTO

—Pois canta esse soláo... bem triste, na verdade!

INESILHA, infantilmente:

—Hei de cantal-o todo, olha, todo inteirinho!

O ANTI-CRISTO

—Pois canta, filha, canta... Canta rouxinolinho!

INESILA

I

Nobre conde de Béarn,
amado Páe de Inesilha,
não te quer a tua filha
por nenhum homem deixar!...
Os nobres que vem pedir-ta,
Provençaes e Aragoneses,
Castelhanos e Franceses,
não deseja ella esposar.

II

Em longinqua baronía,
com formoso cavaleiro,
embora amante e guerreiro,
não pretende ella viver...
Por seu Páe e o seu castelo
de Couaráse dá a vida!...
Junto do Páe foi nascida.
Junto do Páe quér morrer.

Interrompe a baláda e morre.

O ANTI-CRISTO

Que tens tú?... Que tens tú?... Como estás sucumbida,
inerte, desmaiada, e quem sabe se morta.
Morta! Quem disse tal?... Vida da minha vida,
a Morte á minha porta!

A Inesilha é mocinha, é juvenil, travessa,
sempre a rir e a brincar, como a arvéloa traquina.
A quem se méte tal sandice na cabeça?
Morta, a minha menina!...

Morta o meu colibrí, os meus loiros enlevos!...
Morta a minha *Bébé*, os meus ricos amores,
que vivia a pular nas papoilas e os trevos,
com cabrinhas e flores!

Morto o meu *nenufar* de afágos feiticeiros,
que amava o velho Páe mais do que um relicario...
e não queria ir atraz dos noivos estrangeiros,
por não deixar o Velho aos invernos traiçoeiros,
sosinho em seu larário!...

Soluçando:

Não báte o peito já!... Não sangra já a artéria!...
O' que horror! O' que horror! extinguiu-se-lhe o báfo.
Morreu, não ha que vêr!... Como está branca e seria!
Falta-me o ar... abáfo!...

Chorando e dando gargalhadas doidas:

I

—Morreste?... Oh! como é linda a Creação, creança,
da qual o Ser, o Monstro, é o fiel retrato!...
Hossana! a quem gerou o tigre e a pomba mansa,
e brinca, dando á alma, o Sonho, o Amor, a Esp'rança,
como o gato folião que deita a unha ao rato.

II

— Hossana á Creação!... á Mãe benevolente,
que fez o lirio, a flôr, a calhandra, a andorinha!...
o lobo que devóra a cordeira inocente,
o aládo rouxinol que fascina a Serpente,
e abriu ao Sapo a boca onde enfia a doninha.

III

— Hossana á Creação!... á Sabia Natureza
que aos páes mata a creança e ao ramo corta a flôr!...
Hossana! a quem creou o Sol, essa lindêsa,
que junta o uivo ao canto, a blasfemia á tristeza,
como um bom dramaturgo e um grande inquisidor.

IV

— Hossana á santa Mãe!... cuja piedosa entranha
concéde a aza da pomba á garra do falcão!...
que entrega o fraco ao forte, a ingenuidade á manha,
a mosca alegre e viva á repelente aranha,
e o peixe pequenino ao lambaz tubarão.

V

— Hossana á Creação! — Hossana ao autor famoso
d'esta obra tão gentil, tão mimosa e preclara!...
Oh! quem me déra vêl-o, oh! quem fruíra o gozo
de abeirar-me do autor d'este drama precioso...

Atirando ao chão o Cadaver:

para chegar-me ao pé e escarrar-lhe na cara!

Apenas diz estas palavras, estáca. - E' que mesmo na sua frente, *Um Homem de Luto*, de formas colossaes, se conserva imovel, como uma aparição exótica no fundo de um Sonho de Opio. — Tem os braços crusádos. — Seus olhos infindavelmente tristes crávam-se nas duas mortas. — Sente-se mugir o Mar.

O ANTI-CRISTO

—Como é que entráste aqui, torpe coscovilheiro, rapinante e burlão?...

O HOMEM DE LUTO

—Não busco o teu dinheiro.

O ANTI-CRISTO

O que buscas então?...

O HOMEM DE LUTO

Sou aqui necessario.

O ANTI-CRISTO

Não me parece isto!... Acho-te extraordinario! Como forçáste tú ferrolhos, fechaduras?...

O HOMEM DE LUTO

—Nunca encontrei Prisões, Portas, Chaves seguras. Penetro em toda a parte.—Em toda a parte entro.

O ANTI-CRISTO, irónico:

—Mesmo no Mar, no Fogo, ou da Terra no centro?

O HOMEM DE LUTO

— Mesmo ahí.—Mas prefiro ir ao centro das Almas.

O ANTI-CRISTO

—És excentrico assás, homem das faces calmas!

O HOMEM DE LUTO, entôa uma especie de melopeia arrastáda:

Ha tôrvas recordações,
bem tôrvas ai! do passádo!...
Triste é vêr um Páe curvado
á mão das Eras aflíto!...
Mais triste vêl-o erradío,
á chuva, á rajada, ao frio,
clamar a um filho sem brio:
—matáste teu Páe, maldito!

O ANTI-CRISTO, os olhos airádos:

É a voz de meu Pae que resurgiu do tumulo!
—Estarei doido, ou não?... Tóco do assombro o cúmulo!

O HOMEM DE LUTO, sombriamente:

Há tôrvas recordações,
bem tôrvas de éras antigas!...

Triste é vêr as cans amigas
vergar de quem nos fez bem!
Mais triste ouvir nas mansardas,
do inverno nas noites pardas,
chorar, carpir, horas tardas,
sem braza e pão, nossa mãe!...

O ANTI-CRISTO

Minha mãe! Minha mãe!... Fome, horror, desacáto.
Maldiz um filho máo!... Censúra um filho ingráto!

O HOMEM DE LUTO

Ha tôrvas recordações,
bem tôrvas dos tempos idos!...
Triste é vêr homens descridos,
que tráem seu juramento!
Mas mais triste o ente sinistro,
sempre em perjurio perene,
que, sem que alguem o condene,
falseia um vóto solene,
feito em lúgubre momento!...

O ANTI-CRISTO

—Silvia! Agora é Silvia!... É sua voz nefásta,
que oiço acusar tambem.—Basta, homem negro, basta!

O HOMEM DE LUTO

Ha tôrvas recordações
bem tôrvas de éras extintas!...

Bem tristes são essas tintas
esmaecidas do poente!...
Mas mais triste é ver a filha,
do amor de mãe orfanáda,
ser por seu Páe profanada
e a ferro crú golpeada,
sem culpa... inerme... inocente!

O ANTI-CRISTO

—É Celeste! É Celeste!—É sua voz de prata,
voz de cristal e seda... Ai! como dóe e mata
ouvir carpir assim, esse cristal partido!...

Cresce irritádo para o *Homem de Luto:*

—Mas tú, ou aquella voz, pelo Inferno! hão mentido!...
Celeste amei-a, é certo.—Amei-a sem partilha.
Foi minha amáda, foi... Mas nunca minha filha.

O HOMEM DE LUTO

—Não te afirmou Jesús, n'uma hora de anciedade,
que dentro de um caixão verias a *Verdade?*
—Pois fórça o seu caixão.—Fica aterrádo e múdo.

O ANTI-CRISTO, recuando:

Forçar o seu caixão?...

O HOMEM DE LUTO

—Pela Verdade, tudo!

O ANTI-CRISTO

—Pois bem. forçal-o-hei!

Vendo o cadaver de Celeste:

Olha. paréce viva!

O HOMEM DE LUTO

—Mete-lhe a mão no seio e arranca uma missiva.

O ANTI-CRISTO

—Eil-a. Eil-a aqui.—Todo eu esfrio e tremo!...

O HOMEM DE LUTO

—Sê forte, e a carta lê.

O ANTI-CRISTO

—Livído e infausto extremo!

Passa a mão pela testa e lê:

Minha infeliz Celeste:

Eu, a quem sempre dêste o nome sagrado de Páe, nada te sou pelo sangue. Adoptei-te de pequenina, por que te encontrei a vaguear erradía e perdida n'uma praça publica, e tornei-me teu tutor desveládo. O monstro que te gerou, e a quem apelidam o Anti-Cristo, é esse mesmo que abusou

da guarida e da hospitalidade que lhe dei no meu palacio, e d'elle te raptou um dia, para te laivar e macular. Não me é possivel penetrar no local onde elle te encarcéra, e onde até hoje te tem mantido oculta e veláda por sentinélas cautas e venaes. Entrego, porém, esta carta ao padre Marcelo. Elle t'a entregará pessoalmente, porque a sua entrada ahi, não lhe é defesa. Elle te entregará tambem todos os documentos comprovativos do que afirmo e confiei á sua guarda. E agora, córa, arrepende-te, e estremece!... Morre de nauseas e de vergonha.

Teu tutor

Lord Dudley.

O ANTI-CRISTO, arrancando as barbas, os cabelos:

Inferno e Assolação!... Escandalo e Impiedade!...
Eis uma historia horrenda e bizarra em verdade,
tão crúa e excepcional, tão pávida e caínha,
que fará mesmo ao Démo arrepiar a espinha!...
Trucidei a infeliz!... Supúz indecorosa
a mais virginea flôr da terra monstruosa!...
Desflorei minha filha e golpeei a inocente!
Já viste um drama assim, mais sórdido e impudente?...
Já viste—*nem eu sei dar-lhe o seu nome proprio*—
um Sonho assim macábro, um pesadelo de Opio?...
Agora é que eu compreendo, ó grande e horrivel prova!
por que é que achei Marcelo!... o padre!... em sua alcova.

Tudo p'ra mim ruiu!—Sou a imagem do Brahma.
Sou Nabúco no charco, o esterquilinio, a lama.
De que é que me valeu o meu orgulho guápo.
se me atasquei no lodo e afundei como o sapo?
Sou o *Cristo do Mal, o Anjo Máo* da Siencia...

Voltando-se para o Homem de Luto:

Que vejo em ti brilhar?...

O HOMEM DE LUTO

O *Espelho da Consciencia.*

O ANTI-CRISTO

Arréda isso p'ra lá!—Eu vejo-a enrodilháda,
branca. hirta, em seu lençol. direita. ensanguentada.
mãos crispádas no ar, ululando *Inocente!...*
Arréda isso p'ra lá. homem negro e imprudente,
pois sempre, sempre a vejo!—Em toda a parte. a tonta
d'esta minha alma vê um dedo hirto que aponta,
e uma dextra que indica o ensanguentado peito!...

Apreensivo:

Se eu podesse emendar o mal todo que hei feito!...
Se, de chófre. eu surgisse intrépido e impassivel,
de novo a reconstruir todo o Globo?...

O HOMEM DE LUTO

Impossivel.

O ANTI-CRISTO

Por que é que afirmas isso, homem sem confiança?

O HOMEM DE LUTO

—Porque sempre onde estou, fugiu de todo a Esp'rança!

Sente-se mugir o Mar.

O ANTI-CRISTO

—Nada impossivel é.—Sem desalento e alarde,
reconstróe-se inda o Globo...

O HOMEM DE LUTO

—*É tarde. É muito tarde.*

O ANTI-CRISTO

Por que insistes que *não,* com esse ar sepulcral?...

O HOMEM DE LUTO

—Por que sempre onde estou, báte a *hora final!*

O ANTI-CRISTO

A tua voz soturna e que jamais se alteia
côa e infiltra um terror geládo em cada veia.
Quem és tu?... Quem és tu?... Demonio, Monstro, ou Santo?

O HOMEM DE LUTO

— Quando chego a um local, há frio, assombro, espanto.
O *medo* tudo ensombra e a peste tudo arrása.
— Cáe o ultimo Palacio, a Egreja, a ultima Casa.

O ANTI-CRISTO

Fazes tremer. Quem és?... A Morte, o Diabo, o Nada?

O HOMEM DE LUTO

— Sou Aquelle que dou a ultima Enxadáda.

O ANTI-CRISTO

Dize lá! Sejas tú, Satanaz, Mahomet!...

O HOMEM DE LUTO

— Ninguem meu nome ouviu, que ficasse de pé!

O ANTI-CRISTO, irónico:

És do mundo o coveiro e o extremo necrologio?...

O HOMEM DE LUTO

— Sou a Hora mais negra e angustial do Relogio.

O ANTI-CRISTO

Por que então não vieste, há mais tempo, maldito?

O HOMEM DE LUTO

— Por que hoje perpetráste o ultimo delito.
Por que hoje é que hás de ouvir, retém isto na idêa.
teu sino badalar — *A medida está cheia.*

Ouve-se o grande fragor do Mar.

O ANTI-CRISTO

Que crime perpetrei tão alto sob os Ceos?...

O HOMEM DE LUTO

— Negaste a ultima esmóla e injuriaste Deus.

O ANTI-CRISTO

Pois bem? dize o teu nome. — Está certo e tranquilo,
que eu não me tornarei n'uma estatua, ao ouvil-o!
Não ha nome nenhum, nem Belzebú, nem Cristo.
— que comsiga enturvar a face do Anti-Cristo.

O HOMEM DE LUTO

— Tudo o que eu disse já, empedrou-te de assombro.

O ANTI-CRISTO

Certo é. Certo é. Cá trago o Lenho ao hombro.

O HOMEM DE LUTO

— O Cristo não te disse, ao ouvido, homem corrúto,
que alguem te há de vencer?...

O ANTI-CRISTO

E' certo. O *Homem de Luto.*

Começando a estremecer:

Es tu?... Acaso és tu?...

O HOMEM DE LUTO

Ai do que vir meu rosto!

O ANTI-CRISTO, irritádo:

Quem és?... Quem és?... Quem és?...

Então um bronze badála lugubremente. — E o *Homem de Luto,* cravando os seus dedos aduncos de ferro sobre os hombros do Anti-Cristo, fal-o pôr de joelhos irresistivelmente. — Depois, com um cávo soluço:

—*Sou o Incrivel Desgosto!*
Sou o timbre glacial da hóra derradeira,
em que o Remorso vem sentar-se á cabeceira!...
Sou o dobre final n'uma orgia, uma fésta,
em que tudo se esváe, nenhuma esp'rança résta.
Sou a ultima batalha e esse final assédio,
em que tudo é perdido e nada tem *remedio.*
Da teia da Ventura eu sou o ultimo fio.
sou o ultimo arranco e o ultimo arrepío.
sou a pancáda tôrva e glacial da Desgraça,
e essa gôta final que trasborda da taça!...

O ANTI-CRISTO

Dize, pelo Diabo! esse nome execravel!...

O HOMEM DE LUTO

—Ai do que ouvir meu nome!... *Eu sou o Irreparavel.*

O ANTI-CRISTO, os cabelos em pé — os olhos fóra das órbitas:

O Irreparavel!... O Irreparavel!...

O HOMEM DE LUTO

O Irreparavel!... O Irreparavel!...

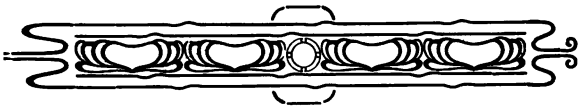
O ÉCO

O Irreparavel!...

A Terra cáe no Abismo — Trevas e Agoas. — Noite e desolação.

INTERMÉDIO

TÉSES SELVAGENS



INTERMÉDIO

TÉSES SELVAGENS

I

A Familia desorganisa-se

Todos vós os que amais bustos aristocraticos,
Rainhas do lameiro ou Cóbras dos tablados,
sabeis quanto em setins, em rendas, em brocádos,
gastaes, pela atração de uns olhos enigmaticos.

D'ahi, as uniões fataes e os nevropáticos
matrimonios do Inferno, enlaces malfadados,
mixtos de hotel, touril, *boudoirs* perfumados,
lar de burguez vicioso ou duques problemáticos.

D'ahi todo um *sabaht* monstruoso e medonho,
como em Valpurgis, Fausto entreviu no seu sonho,
e em Londres ou Paris um Pomposo Nabábo.

D'ahi, certa moral de cocheira e taberna,
em que a sárna do Páe com a lépra materna,
...fazem de um loiro anjinho. um filho do Diabo.

II

A Páta do Bicho

Sente-se nos costumes actuaes, um canalhismo de mao tom.

Perdeu-se o culto ao Belo e ás maneiras graciosas!...
Um monstro que saíu da vaza, o estrume, o lixo,
tingiu com mil borrões do seu lodo, a capricho,
a Harmonia ideal entrançáda de rosas.

Dos limos do paúl surgiu o Infame Bicho,
e nos seios gentís pondo as pátas nojosas,
elle tenta enlamear as Camélias airósas,
e a rosáda Astarté no marfim do seu nicho.

Mas ai! a Besta avança!—Enorme fumaráda
de petróleo, carvão, de cinza esbraseáda,
jorra das ventas como uma Hidra Titan.

E, ao vêr que o monstro põe sobre o Ideal a páta,
a Alma cheia de horror e de ásco, timoráta,
berra-lhe:—*Aonde irás, salafrário, ámanhã!...*

III

A Humanidade Degenéra.

A Humanidade atingiu o apogeu da Forma e da Belesa na Grecia.—Atingiu o ideal da Moral Perfeita no mundo moderno, com Jesús e os Galilenos.—Agora tem a preocupação do Bem Fisico, do Conforto Material, da Velocidade.—Mas desce rápidamente a ladeira da Degenerescencia.

G. L.

O Homem, ao surgir da argila informe e bruta,
na ignorancia priméva e esfomeada inocencia,
róe tudo quanto vê—fruto, erva, florescencia,
bifes do proprio Páe ou da Hiéna na gruta.

Do Reptil elle imita a caça arteira e astuta,
da Ave o canto e a voz, da Serpente a prudencia,
e só trépa aos degráos marfineos da Consciencia
com Cristo, que ao Ideal pauta recta condúta.

Depois d'elle, a Moral nunca tugiu mais nada.
A Usúra, aos pontapés, partiu a santa escada
que a alma elevara aos Céos.—Eil-a obésa e pletorica.

A Barriga hoje manda e com tons de Rainha.
Saber, Rasão, Valor, são bichos da cosinha.
Quanto ao sagrado Ideal... *boninas da Retórica.*

IV

Se Deus fosse visivel?...

Não é o Deus que adóro, aquelle deus terrivel
que adorou Mahomet—*Senhor da forte espada*—
não é Siva cruel, nem Allah, nem tem nada
do sobrolho feróz do deus Marte irascivel.

Não é tambem o Fado, o deus cego e impassivel,
com cérebro de ferro e de entranha empedráda.
O meu deus é *Consciencia.*—Há para elle uma escada
que, a passo e passo, sóbe o átomo invisivel.

Elle fála no Raio e o estrondo das cachoeiras,
no Lirio virginal do Horto das Oliveiras,
na alma récta de Job e nas de Bruto e Cassio.

Mas seu poder aos máos causa um terror tão sério,
que se o não resguardasse a nuvem do Misterio,
—tinha-o morto Kain... ou talvez Santo Ignacio.

V

O Mundo odeia o Ideal.

Se tu leste, ó Leitor! os poemas que hão cantado
os heroicos campeões ou os deuses borrachos,
verás que a Convenção toca um gentil tecládo
de frases musicaes com guisos e penachos.

Não ha heróe frascario e vil como os marraxos,
que a Convenção não doire ou matise a seu grado,
de sorte que os burlões pairam n'um céo rosádo,
— como Idolos Indús... todos de oiro... com fachos.

Quando um Justo, porém, qual Cristo ou Josué,
mostram a nova róta, os Escribas sem fé,
brádam: — *Tens Belzebú! raça de Satanaz!*

Mas o Justo tranqüilo, heroico, inquebrantavel,
não ouve a arráia vil, a jólda miseravel,
e aponta Jericó... sem olhar para traz.

VI

A Alma Encanálha-se

A Alma Colectiva não sóbe mais para o Ideal — Desce para o Chué.

A Musa do Ideal de voz clara e argentina
fóge qual cotovía aos sôpros da procéla,
adelgaça-se e esváe-se, aos poucos, na neblina,
—como um lenço a acenar n'uma barquinha á véla!

Ai, de vós! Lamartine, Ossian, Campanéla,
sonhador's de visões, o vosso sol declina!...
Tereza de Jesus, na católica céla,
quem a luz compreendeu d'essa tocha divina?

Ninguem procura o Ideal como um virgineo seio!
Rebusca-se o chué, o torpe, o ascoso, o feio.
Vátes, esfaqueae a Donzela Emoção!...

Olháe: se qu'reis ganhar troféos na freguesia,
não procureis pintar os vitráes da Utopia.
—No Porco meditae... como fez Santo Antão.

SETIMA EPOCA

A Patria da Consciencia

Nossa Alma, a nossa Idea,
não póde á larga estar n'um reles grão de areia,
onde monstros pigmeus se matam sem cessar...
Para alem d'Astros, Sóes, turbilhões em cadencia,
correm as virginaes agoas da Consciencia,
as quaes Job implorava em sua decadencia,
e que o fez suspirar:

—Esta é do Sabio a Patria.
—Este é do Justo o Lar.

Regnum meum non est hoc mundo.

CRISTO.

Ecce enin in Cœlo testis meus!

JOB.

A Patria da Consciencia

No Finito.—Nas regiões do Inconsciente

CÔRO DOS SÓES

Honra ao Ser Encoberto, o Sumo Incognoscivel,
o antigo castelão do Palacio Invisivel,
Páe da Forma e da Côr,
que dá frutos de sóes ás florestas das Eras,
faz tremer os vulcões e babar as crateras,
e abriga o humilde e a flor!

Honra ao tremendo Enigma involto no seu véo,
muda Esfinge assentada á portáda do Céo,
que a Morte enlividou...
e á qual deu uma Espada, uma Foice, um Murzello,
a irreal palidez e esse branco cabelo,
que o luar borrifou.

Senhor da Torre Oculta, ó Senhor do Misterio,
os teus paços reaes, teus jardins, teu imperio,
quem viu ou trilhou já?...
O teu nome qual é?—Elohim, Adonai,
Iaveh, Sabaóth, ou o X eterno que ai,
ninguem decifrará?...

No Infinito. — Nas regiões do Consciente

A Consciencia Humana conduz ante o *Supremo Consciente* o Cristo, depois da sua segunda descida á Terra e aos Infernos. — Acompanham-no e escoltam-no o Budá, Marco Aurelio, Kant, Michelet, Froebel, Pestalozzi, Hugo, João de Deus, Dante — e os Martires, os Justos, os Sabios, os Tristes.

A CONSCIENCIA HUMANA

Senhor! Senhor! Senhor!

UMA VOZ

Que quer's, meu Anjo amádo?

A CONSCIENCIA

— Dar conta da missão de que fui o Legádo.

Coméça:

Eis o Cristo — o teu Filho — o alvo Lyz da Inocencia,
que a Siencia expulsou de um Céo que ruiu já!...
— Eis teu filho, o Rabi! o heróe da paciencia.
— Regressa, hoje de novo, ao seu Reino, a Consciencia.
— D'aqui poder algum jamais o arrancará.

A Terra emfim passou.— Londres, Paris sonora
não fazem mais na aurora os clarins retumbar!...
Ruiram Cairo, o Egipto, a Bisancio de outróra,
e esse Imperio onde amou a imperatriz Teodóra,
passeando em seus jardins seus olhos verde-mar.

Já não vive Judá—O mar varreu Kedron,
o Libano, o Carmélo, as torres de Sião!...
—Já não se ouve cantar nos campos de Askalón.
—Já não cobre a palmeira a cisterna de Hebron,
—onde a Eleazar deu agoa a irmã de Labão.

Caiu, caiu Jopé.—Não mais chora Ramá.
Não crusa um só batel as agoas de Naim.
—Não pasta um só rebanho em montes de Galad.
—Não branqueia um só craneo o val de Josafat.
—Não cresce um lirio só, nos vergeis de Efraim.

A Terra está julgada e dorme em seu jazigo.
O mar cobre o Calvario, o Olivete, o Thabor.
—Resta só o Anti-Cristo, esse Rebelde Antigo.
—Cristo não quér julgar seu mortal inimigo.
—Julga-o tu, ó meu Páe! fonte da Vida e o Amor.

A VOZ, dentro da Nuvem:

—Julga-o tú, Serafim da Humana Consciencia.

A CONSCIENCIA

Pois bem, eu julgarei — Julgarei com clemencia.

Dirige-se aos Justos que escoltam Cristo:

Justos que me escutaes:—Apostolos, Ermitas,
Grande Cákia-Muni que erráste nos desértos!...
Sublime Marco Aurelio, autor de obras bemditas,
meu caro Hugo e Manú, Profetas Israelitas,
João de Deus e Platão!... ouvide amigos cértos:

O Homem passa na vida, em tumultuosa grita,
clamando contra o Fádo, a quem mil culpas lança!...
sem se lembrar que trépa uma escada infinita,
onde a cada degráo, se chóra a carne e grita,
se estrebuxa o animal... o Espirito avança.

Por que o Homem que róe, a si proprio, as entranhas
sempre increpando o Céo, as mãos hirtas ao ar...
já foi grão e reptil, cardo e pó das montanhas,
e um dia ascenderá em gradações extranhas
e irá junto ao Imanente, entre os astros reinar.

Se a Suprema Consciencia ergueu torres flutuantes,
nos Céos e os recamou com Sóes de raros brilhos...
Ilhas de jaspe e oiro e Babeis de brilhantes,
foi para os filhos pôr nos seus paços gigantes,
pois se é Deus, se elle é Páe... grandes serão seus filhos.

O' servos que choraes, calcando a areia ardente,
junças que baloiçaes n'um pantanal corrúto!...
ó gota humilde d'agoa em fontinha corrente,
um dia reinareis com o Excelso, o Excelente,
sereis Justos e Bons, com o Forte e o Absoluto.

Jovens que costuraes e encheis de cicatrizes
os dedinhos gentís, golpeando-os como réos!...
Mocinhas que cantaes em trapos infelizes,
ágoas que soluçaes, ervas tristes, raizes,
tudo provém de Deus, tudo volve até Deus.

Homem! levanta ao Céo a fronte ávida e rude,
busca os lagos azues e o teu pátrio pascígo!...
—Caminha pelo trilho estreito da Virtude.
—A saúde da Alma é a única saúde.
—Abraça Job, Kaín, beija o teu Inimigo.

Este anceio que tens das Ilhas Impossiveis,
teu febril tresnar na agonia do Além...
um dia os fartarás nos avatar's incriveis,
na cidade auroral dos Grandes Invisiveis,
na Suprema Consciencia, a Ideal Jerusalem.

Desde a Raiz da terra humílima e rasteira,
—mãe obscura, a dar vida á Arvore, ao Fruto á F
desde a arvore ao capim, do capim á cordeira,
á Estrela, ao Sol, ao Cristo, á Naturesa inteira,
tudo seu sangue dá, em sacrificio ao Amor.

Todo o Amor sóbe a Deus.—O vago amor terreno
é um fragil anel sexual, contingente.
—Dentro do Espaço e a Forma, esse amor é peque
—O amor da Alma é calmo, é tranquillo, é sereno.
—Só a Alma Imortal ama conscientemente.

No fundo, Deus e o Amor são a mesma Energia.
O Inferno é o Portão Vermelho dos ateus.
—Como um raio de sol e o som de uma harmonia,
—a Sombra-tornar-se-há uma Aleluia um dia.
—Lucifer chorará, regando os pés de Deus.

Dissipando os nevões de instintos baixos, réles,
Tribus, e Multidões, e Humanidades vagas...
em tendas pastoraes fabricadas de péles,
ou erguendo altar's d'oiro a Molok e a Cybéles,
apórtam da Consciencia, um dia, ás santas plagas.

O Senhor pastoreia os Orbes com carinho,
desde a aurora ao sol pôr, desde a lua ao seu fim.
—Tanto guarda o esquimó como Santo Agostinho.
— Tanto o sabio Platão, como a erva do caminho.
—Tanto o heróe, como o musgo, entre as rochas de Erin.

Dirigindo-se ao Anti-Cristo:

Mas ai do Imperador!... Ai do Sabio, o Nabábo,
a quem o orgulho fáz ríspido, agreste, e máo!...
que olha Job com despreso e Abel com menoscábo,
que á força de gosar, empederniu ao cabo,
tornou-se um peito ferreo e um idolo de páo.

Assim te has feito tú —Deus deu-te a onipotencia,
tal como outróra ao Rei Nabucodonosor.
—Como ao hebreu Salomão, concedeu-te a Siencia.
—Deu-te oiro e cabochões como a Crêso, e a Inocencia.
—Lirio Branco e Real, no teu lar, todo amor.

Mas o Oiro, o bem estar, as grandezas humanas.
o teu peito hão trancádo aos carpídos e aos ais!...
Não te amargando o sal das lagrimas humanas.
triturásle as Nações, fizeste obras insanas,
os peitos arrancaste ás Filhas ante os Páes.

Pois bem.—Agora desce aos lamaçaes infectos,
aos quaes a propria Luz recusa o seu sorrir!...
Desce, desce, atravez dos reptis e insectos,
dos brejos, dos paúes, dos caractéres abjectos,
e aos Sete Infernos váe aprender a carpir.

E, quando nas glaciaes entranhas d'essas criptas
do Horror, tiver's descido ás tôrvas espiraes...
quando cuides ter já esgotádo as precitas
extremas aflições e as lagrimas malditas,
junto a ti clamarei:—Desce! desce inda mais!

Só quando emfim no pó, como um chacal rasteiro,
chorar's na escuridão, contrito e humilde já...
e as lagrimas arando o teu peito altaneiro,
der's teu ultimo pão a um pária, a um vil trapeiro...
então te sorrirei e Deus te sorrirá.

O ANTI-CRISTO

Nunca! Nunca! Nunca!

A CONSCIENCIA

—A Soberbía é má.

Com voz austéra:

Dóbra a altaneira fronte ao Fado Irresistivel.
Resgáta pela Dôr teu passado execravel.
—Sabe gemer, carpir, peito rude e impassivel.
—Beija a chaga com púS do roto e o desprezivel.
—Conhece a Angustia, o Pranto, os ais do Irreparavel.

O ANTI-CRISTO

Inesilha! Inesilha! ó voz suave e clara,
nunca mais ouvirei teu ai desgarrador!...
Em breve vou entrar no Val da Sombra Amára,
no Palacio da Dôr.

O IRREPARAVEL

A Amarga e Eterna Dôr!...

O ÉCO

A Dôr!... A Dôr!... A Dôr!...

INESILHA, correndo ao Páe:

—Eis-me aquí, ao teu lado. a confortar teu braço!
Para onde vás. irei.—Se quebrar-te o cançasso.
se escorregar teu pé, trepando uma ladeira,
—eu serei teu bordão... teu braço... a companheira.

A CONSCIENCIA

Mulher! deixas a paz dos Céos Resplandecentes,
por esse Velho Ateu... esse Leão sem dentes?

INESILHA

Que o Senhor me perdoe!—Meu Páe está na amargura.
Partilharei com elle a Angustia e a Má Ventura.
Junto d'elle medrei como florinha brava,
quero aos seu pés morrer... filha leal e escrava!

A CONSCIENCIA

Mal sabes aonde váes!—Irás de globo em globo.
dos covís do Assassinio, ás alfurjas do Roubo.
Irás de Pólo a Pólo, irás de Inferno a Inferno,
n'um turbilhão maldito, um rodopío eterno.
Nas regiões, porém, onde a Neve assombra,
o Velho mirrará n'aquella horrenda sombra.
Que farás tu sem lume, em florestas alpinas?...

INESILHA

—A lenha racharei com as mãos pequeninas.

A CONSCIENCIA

Quando elle os pés sangrar nos espinhaes e os gelos?...

INESILHA

—Debaixo dos seus pés porei os meus cabelos.

A CONSCIENCIA

Quando nem cama tenha, em serro ingrato e feio?...

INESILHA

—Será seu travesseiro a curva do meu seio.

A CONSCIENCIA

Mas quando o pão faltar e a ágoa que consóla?...

INESILHA

—Irei cantando alto e pedirei esmola.

A CONSCIENCIA

Mas lá na areia em braza adusta dos desertos,
quando os teus debeis pés, já gretádos e incertos,
mal podérem pisar, chagados e vermelhos?...

INESILHA

—De rastos, a guial-o, irei sobre os joelhos.

A CONSCIENCIA

Mas de tanto chorar sobre os tojaes e abrolhos,
se tu cegar's emfim?...

INESILHA

—O Coração tem olhos!

O CRISTO, com grande voz:

—Mulher! mais fragil és do que uma ervinha ao Norte.
mas tens, mais que um Heróe, a alma aguerrida e forte!...
Quebráste meu rigor. Venceste-me, Inesilha.
Ségue, ségue teu Páe... pura e extremosa filha!
Que o Inferno pasme ao vêr a quanto o amor alcança.
—que alí conforta um Velho um braço de creança!

Então Inesilha dá o braço ao Páe.—Canta-lhe a baláda outr'ora interrompida.—Canta-a laváda em lagrimas:

I

Nobre conde de Béarn,
amádo Páe de Inesilha,
não te quér a tua filha
por nenhum homem deixar!...
Os nobres que vem pedir-t'a,
Provençaes e Aragonezes,
Castelhanos e Francezes,
não deseja ella esposar.

II

Em longinqua baronta,
com formoso cavaleiro,
embora amante e guerreiro
não pretende ella viver!...
Por seu Pae e o seu castelo
de Couaráze dá a vida!...
Junto do Páe foi nascida.
Junto do Páe quer morrer.

III

Mas eis que jura Roberto,
Principe de Normandia,
que elle só desposaria
aquella flor virginal.
Manda-lhe mil cavaleiros,
trópas, arautos, vassálos,
cem pagens com cem cavalos,
e a sua c'rôa ducal.

IV

Mas a piedosa Inesilha,
o lirio esquivo da serra,
não quér noivos de outra terra,
jurou seu Páe não deixar!...
Mais do que os cabelos loiros
dos jovens Guerreiros Francos,

ella ama os cabelos brancos
do seu Páe como um altar.

V

Protésta o Princepe irádo
que o Castelo de Couaráze
destruirá pela base,
arrazará de uma vez!...
Faz rufar os seus tambores,
vibrar na serra os clarins,
a espada sobre os talins
a hácha d'armas sobre o arnez.

VI

Mas a piedosa Inesilha
a pomba arisca da serra,
não quér noivos de outra terra,
jurou seu páe não deixar!...
Viam-na em pé nas muralhas,
nas seteiras, nos barrancos,
beijar-lhe os cabelos brancos,
como toalha de altar.

VII

Então Roberto, o Normando,
avançando de arrancáda,
da sua aljáva doirada,

sáca um certeiro farpão...
o qual trespassa os dois peitos
de Páe e a filha abraçádos,
como dois lirios pegádos,
que á terra abraçados vão.

VIII

Assim morreu Inesilha,
em seu castelo roqueiro,
que a nenhum bom cavaleiro
seu coração quiz render.
Por seu Páe e o seu castelo
de Couaráze deu a vida!...
Junto do Páe foi nascida.
Junto do Páe quiz morrer.

O CRISTO, enternecido:

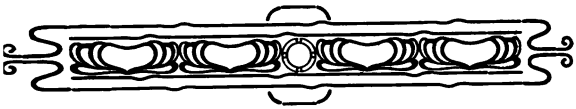
— Filha! váe pela estrada imortal do Infinito,
guiando pela mão teu velho Páe maldito!...
Váe, filha exemplar, que do teu Páe as dores
quiséste partilhar e transformar em flores!...
Váe cantando e extasiando as Féras e os Leopardos,
os Monstros nos covís, e os cálices dos nardos.
Pasmados de te ouvir, páre o fuso nas rócas,
e as serpentes crotáes àjoelhem nas tócas!
Faze espantar da Sombra os velhos monstros russos,
e o Oceano, a teus pés, róje as barbas de bruços.
Faze chorar do Inferno as fúrias e as harpías,
sobre as brazas lançando a chuva de harmonias.

Com o manso luar d'esses teus cantos ternos,
amacía os calhãos e enternece os Infernos!...

Dando um grande grito:

—Bemdita sejas tú, doce e tenra inocencia,
que fizeste assombrar a patria da Consciencia!
Bemditas as nações, bemdito o pranto e o ai,
se o mundo amasse Deus, como tú o teu Páe!...

As Santas enternecem-se. — As Virgens choram. — Inesilha desce aos Infernos, conduzindo o velho Páe pela mão.



Sintese Final

I

Leitor! se leste atento e até ao cabo o poema
sobre o Cristo do Mal e o seu destino crú...
sabe, que emquanto houver a Morte e o seu dilema,
quér tu torças as mãos, quér uive a esposa e gema,
irás dar a um coval inteiriçádo e nú.
— A Caveira dirá sempre á Forma que trema!
— A Siencia exclamará: Nem Deus, nem Belzebú!

Olha pois para o Alto e busca o eterno veio,
— seja ao estridor do Sol, da lua ao bruxoleio.

II

Leitor! se acaso és um pálido bandalho,
quér viajes na Austrália, Arábia, Alexandría...
deves ter escutado, uma vez, como um rálho,
certa voz interior mais severa que um malho,
mais triste do que o mar carpindo ao fim do dia,
censurando-te o Vinho, o Deboche, o Baralho,
prégando a lei do Amor, do Dever, da Harmonia.

Não cerres nunca o ouvido a essa voz interna,
— seja n'um lapanar, um templo, uma taberna!

III

Não cerres nunca o ouvido ao suspirar aéreo
da voz que solta ais, quando a alma tropéça...
Trilha sempre o caminho honrado, justo, serio,
quér elle vá direito ao pó de um cemiterio,
quér condúsa a uma Cruz, a uma Forca, a uma Péça.
--Morre antes n'uma Forca, arrazando um Imperio,
do que assim como um Rei nas pompas de uma Eça

—O que impórta trajar brocádo, oiro, ou veludo,
sendo um real canálha?... O Caracter é tudo!

IV

Ai de ti! se a Consciencia acusar-te em voz dura
no clamor de um naufragio, ou de incendios fataes..
de que as costas voltaste a uma mulher obscura,
a implorar proteção, com a voz mal segura,
mostrando-te o filhinho, entre ancias maternaes.
—Ai de ti, se te riste, ao escutar a censura
de que roubaste ao humilde o olival dos seus paes!.

Por que então a tua alma, em que já nada médra,
—o Cinismo embrulhou-a em seu lençol de pedra.

V

Ai de ti, se jamais escutaste a voz franca
da Consciencia amiga, a avisar-te baixinho...

com esse tom pausado e materno que estanca
a sêde a um caminheiro e os espinhos arranca
de uma chaga, a sangrar nos calháos do caminho.
—Ai de ti! se jamais ouviste a Dama Branca,
no silencio, arrastar sua estringe de linho.

No corcel da Paixão, da Orgía junto á banca,
—ai d'aquelle que é surdo á vóz da Dama Branca!

VI

Ai de ti, se irritádo aos seus conselhos bastos,
a votaste ao chincálho e irrisão de um festim!...
e rasgando-lhe a trança, e empurrando-a de rastos,
como o amante que sente os seus desejos gastos,
degoláste-a na treva, assim como um chatin,
para fugir ao horror d'aquelles olhos castos,
cravádos na tua alma, a chorarem sem fim.

Homem, treme d'essa hora austera e inolvidavel,
—em que a alma acúsa, e os ais gritam: Irreparavel!

VII

Maldito esse, que afim de enriquecer com brilho
fabríca mil canhões que matam sabiamente.
Maldito o Máo Juiz que esmaga como um trilho,
que penhóra o farrapo e a choça ao maltrapilho,
a herança do orfanádo e o catre do indigente.
—Ai do que quebra ao pobre a caninha do milho,
e multa a vaca magra á viuva doente!...

Pilatos sociaes de garras ponteagúdas,
tendes nomes cristãos—mas sois netos de Judas.

VIII

Maldito esse que aponta o máo caminho errádo,
e aquelle que levanta em praças cadafalsos!...
Mas peór, mas peór, o Padre excomungado,
que a ovelha pastoreia a golpes de cajádo,
e que esfóla e tosquía os rotos e os descalsos.
Maldito o Pastor Máo que vende a pezos falsos
a Hostia santa da Lei, mais o Vinho Sagrado.

—Ai do Padre que enlaiva a batina encardída,
no leito onde tresnoita a ribalda e a perdida!...

IX

Um dia, velho Arouet! magro hereje d'outrora,
ladraste contra Deus como um cão de senzála,
e infamaste Jesus com voz larga e sonóra,
mais vil do que um leproso e a triste pecadora,
sentada em seu opróbrio... a filha de Magdála,
mais vil que o filho vil, que em quanto tudo chora,
cospe em seu morto Páe, no caixão de uma sala.

Bradaste Cristo é morto! em nome da Siencia.
—Sáe da tumba, e vê lá se o arrancas da Consciencia.

X

Maldito o Rei Milhão que ao cérebro dá tratos,
para ao Bezerro de Oiro erguer templos um dia!...
mas que alója a sua alma em covil de chibátos,
n'um palacio em ruina abandonado aos ratos,
ao lixo, á erva, á chuva, á treva, á bicharia...
Ai de ti! ó leitor de erotismos barátos,
que crês meu verso impio e este poema herezia.

— Leitor! quér sejas Rei, Heróe, ou Malandraz,
se acaso és Máo Juiz... Váe-te com Satanaz!

FIM

NOTAS EXPLICATIVAS

Qual é o fim do Homem?...

Quem é o Homem?... D'onde procéde o Homem?... Qual é o fim do Homem? — Eis as palavras que resôam sempre enigmaticamente aos nossos ouvidos, como palavras cabalisticas, ou vagos simbolos mágicos que fazem sismar. São ellas que ainda hoje badálam solenemente n'este poema, como um oraculo da lúgubre Hecáte em Aricia, ou n'uma azinhága um sino de misterio. Todavia, no ultimo canto, o autor arrancou o véo ao Enigma, quebrou os sete sellos misticos do Ignorádo. Para a sua máxima vulgarisação e claresa, nós vamos explanar aquí em prosa as doutrinas do poema.

Como introito urgente, e para mais nítida compreensão do que se váe dizer, é preciso relembrar que na Natureza — assim como na famósa frase de Bastiat — existe sempre *o que se vê, e o que se não vê.*

Urge que o leitor tenha sempre isto em mira — em toda a parte — em tudo que se lhe afigure insólito ou extraordinario. Para melhor encravar isto na convicção, narremos uma Parábola:

As Quatro Mães Negras

Um taciturno acha-se um dia em seu quarto solitario, acabrunhado pelo Tormento, o Tedio, o Desespero. Blasfêma e uiva como um Lobo n'um matagal. Mas eis que apercêbe sentadas, silenciosamente na obscuridade. Quatro Mulheres todas de negro — com os cabelos em desordem sobre os hombros - as faces magras e amarelentas, — os gestos mais lutuosos que as proprias roupas.

Como contraste, porém, que logo o impressiôna de chôfre, as suas figuras parecem tristes, austeras, negras, mas todavia dignas e nobres. Porque se encontravam ali Ellas?... Por onde haveriam penetrado Ellas?...

Mal que o homem as lobrigou na penumbra do quarto maldito — onde tanto sofrêra — tanto curtira — onde tanto havia tresuádo e gemido — avançou para ellas de punhos cerrados, os olhos arraiados de sangue e febris, a respiração ofegante e sibilante como a dos tuberculosos e asmáticos. E regougou-lhes:

— Miseraveis!... Ignôbeis Furias Inquisidoras das humanidades!... deu-me nas ganas descobrir o Lacrão que está oculto no vosso cerebro, e a Vibora que está silvando e babando peçonha dentro da tôca dos vossos peitos esqueleticos de Femeas Infecundas!... Quero assassinar-vos como aquelle famoso médico — o doutor Hallidonhill do conde de Villiers de l'Isle Adam — a fim de sentir, como elle, o regosijo sábio de fazer a vossa autopsia!...

E, voltando-se para os seus espiritos máos familiates, o Desespero, a Ironia, a Furia, a Desconfiança, berrou-lhes:

— Agarrae nos pulsos d'esses quatro Mostrengos e estorcegai-lh'os sem dó! — Enterrae n'esses quatro Vam-

piros o meu bisturi, e cravde-lh'o no coração até não bater a arteria! — Agora arremessae-as como trapos velhos sobre essa meza onde costumo dissecar os cadaveres podres de todas as Ilusões!... Mas reflectindo, emendou:

— Não é necessaria tanta devastação!... Bastará suprimir a ultima, que é a Loba mais daninha das quatro!...

Mas então a Morte, levantando a sua vôz lenta, pausàda, lúgubre, que rechindva como um vidro partido, obtemperou:

— Desgraçddo Filósofo que te cuidas um Justo e és apenas um Orate! — o que seria da Humanidade, o que seria mesmo de ti proprio, se acaso me suprimisses, ficando ainda vivas na terra a Necessidade, a Penúria, a Dôr?... Quanto lamentavel se não consideraria então o Homem, vendo-se eterno?... Eu sou o Navio, o Comboio, a Ponte, a Aza. Quando o Homem se sente infeliz, miseravel, derrancddo, extenuddo, eu dou-lhe as minhas vélas — a minha velocidade de milhões de cavalos — as minhas caldeiras em braza — a minha Ponte, a minha Aza. Depois conduzo-o ás Regiões Felizes ou aos paizes magnificos da Serenidade. Infeliz e desastrado do Mortal se elle se visse de repente eterno!...

O Taciturno refletiu e volveu-lhe: — Tens razão, ó Morte! O que é preciso, é suprimir a Necessidade.

Mas logo a Necessidade deixou cair com estrondo no chão o seu tremendissimo Malho de Ferro, com que usa martelar os craneos dos desventurados e dos malditos, e exclamou:

— Desgraçado de ti, que vaes fazer?... Quando o meu sinistro Malho de Ferro não retumbar mais na Terra, o Homem não mais ceifará, não mais cultivará, não mais meditará, não mais trabalhará.

As Industrias desaparecerão: — os Navios não sulcarão mais os mares com seus penachos de fumo: — os Homens cairão na inercia ou nos apetites baixos da Besta. Quando eu, nas éras primévas, afligi o Homem com as grandes friagens ou as neves glaciarias, elle levou a mão ao cérebro, pensou, meditou, cogitou, acendeu-se-lhe no cérebro a faisca divina do Pensamento, e descobriu o Fogo, levantou a Cabana, construiu a Tenda, a Barrâca, o Aduar, a Torre, a Cidadela, o Palacio. Eu não sou simplesmente a Força que lhe arma o braço. Sou tambem a sagrada Faúlha que lhe acende a Inteligencia e lhe asperita o Espirito. De cada vez que o meu Malho Redemptor o verga á terra como a rajáda do vento o canavial, elle pensa, medita, inventa, constróe, fabrica, divinisa-se, vence. Ai! o que será da Civilisação, quando tu lhe partires este Malho Salvador, o que será de ti proprio, o que será do Pensamento Humano?...

O Taciturno cogitou e retorquiu: — Tens razão. O que é preciso é aniquilar a Penúria!

Mas então, com uma vozinha baixa e humilde, e sem mesmo levantar os olhos do solo, a Penúria disse suavemente:

— Tudo o que a Necessidade disse de si, eu poderia tambem dizer de mim!... Mas tenho alguma cousa a mais que te convencerá. Se tu te obstinares em me suprimir, suprimirás tambem a melhor cousa, que póde brotar da Alma Humana — a lagrima da piedade! Extinguindo a Penúria, extinguirás tambem o auxilio fraterno, o conforto do irmão para o irmão, o tres vezes santo Enternecimento. Se a Necessidade espérta a Inteligencia do Homem, eu acordo-lhe o Sentimento, que é a mais mimosa flor do Espiritualismo.

Homem, não olhes só para as mentirosas Fórmas!...

Aprende tambem a decifrar os inexplicaveis misterios, os religiosos misterios dos Simbolos Ocultos!...

— Pois bem! exclamou o Taciturno convencido, o que é preciso é escaqueirar a Dôr!... Mas quando a Dôr ouviu proferir o seu nome, soltou compassadamente estas palavras augustas e vagas:

— Eu já te amestrei há tempos na Geografia dos meus Estados. Já te apontei os Mares das Lagrimas, a Montanha do Desespero, o Promontorio do Suicidio, as Cratêras hiantes das Paixões, e os pantanaes lamacentos e sem nome das Dôres Irremediaveis.

Agora vou explicar-te a Geologia dos mundos subterraneos, que tu crês falsamente perniciosos.

A Luz que tudo esclaréce, e vitalisa, e banha, está arquitetada sobre o Palacio Lutuoso da Treva. A Felicidade está construida sobre o Imperio Subterraneo da Dôr. A Riquesa e a Abundancia sobre o reino miseravel da Penúria. A Vida eterna, a transcendente Vida, a resplandecente Vida, sobre os alicerces tenebrosos da Morte. Debaixo da Arvore está a Raiz, está a Sombra, está a Lama obscura e resignada, está o Limo fertilisante e vivificador, os quaes dão o alimento, a seiva e a vida á Arvore. — Pois assim como essa Lama obscura e resignada, assim como essa Raiz maternal e paciente, que são a vida da arvore, da flor, do fruto, dos troncos, das folhas, e dos ramos onde gorgeiam as aves e trinam os passarinhos, espanejando as azitas ao Sol, assim nós quatro, a Necessidade, a Penúria, a Dôr, e a Morte, que vós denominaes e apodaes de Maléficas, estamos construindo eternamente na sombra e na solidão, a vossa vindoura felicidade e o vosso destino eterno. — Então o Taciturno, comovido, clamou:

— Tendes rasão, ó Venerandas Mães, tendes justiça,

ó Piedosas Desconhecidas!... A vossa maldade é apenas aparente, e o Homem é iniquo e ingrato por que é ignorante, e não sabe ler atravéz da mentira das Formas. Triturae-me com o vosso Malho de Ferro — esmigalhae-me com o vosso Gral do Almofariz de Bronze — aplanae-me mais raso do que o pó, com a vossa Rasoira de Cobre – aniquilae-me finalmente com a vossa Foice Secular por que não é Herôe o que vence mil legiões, com a raiva e a cólera espumante na boca. Herôe é o que vence com o sorriso nos labios, como o Cristo, as Paixões, a Carne, o Mundo, o Preconceito, o Destino.

— Sêde tres vezes bemditas Inefaveis Furias! Piedosas e Taciturnas Mães!

.....

.....

Quem tiver compreendido o espirito d'esta Parábola, facilmente compreenderá o que vamos explanar. O mundo do Visivel está construido sobre o mundo Invisivel, o Luminoso sobre o Tenebroso, o Infinito sobre o Finito, o Consciente sobre o Inconsciente. E todavia o que é visivel, ponderavel, tangivel, é illusão, falsidade, mentira.

É o que o autor tratou sempre na sua obra — muito realistamente e cruamente por vezes — em provar.

Comecemos:

Primeiro que tudo, muitos acusarão este poema de pessimista e desolador, de paradoxal e de amargo, a propósito das suas Téses Selvagens. Mas a res-

posta a dar a isto é obvia, precisa, lógica. Lógica sobretudo decerto. É que o autor não refundiu e não completou o seu poema, substituindo o seu antigo culto da Siencia pelo da Consciencia, para naufragar nos mesmos baixíos das mentiras caducas e convencionaes dos vetustos Poemas Heroicos—por muito veneraveis que sejam os seus cabelos brancos! Os nobres e antigos Poemas tiveram o seu tempo, e partilháram d'esse tempo os heroicos entusiasmos, as imaginosas religiões, as piedosas utopias. Mas o que são as utopias estereis que não produzem um coeficiente de realidade?... São como as heras verdes, amigas das solidões, que apertam em seus braços macíos ruinas pálidas. A par das nobres palavras e ideias, estes Poemas incorreram frequentemente em muitos dos erros e das quimeras vasías do seu tempo. Pódem muito bem ainda hoje os *novos* tomal-os por modelos lapidares na fórma, mas muito cautamente quanto á essencia. O autor não é fatuo, e não pertence ao numero d'aquelles que chasqueiam e lapidam os preclaros Espiritos Antigos. Venéra todos os que o precederam na Arte e na Sinceridade. Todavia, ainda que o apódem de sertanejo ou bravío, trilha, com passo firme, o fio do seu carreiro á parte. Por isso é obvio que o autor, tendo no Seculo Vinte, um ponto de mira muito diverso dos velhos Rhapsódos Ancestraes, não podia, não queria, nem devia lisongear, como elles, os conquistadores chamando-lhes Heróes, nem os Autocratas e crucificadores de

povos, denominando-os polidamente Augustos. A retina psiquica como a retina fisica, não pódem retratar imagens que não férem a sua especial visão. Portanto, pretendendo servir a Logica e a Verdade, o autor restabeleceu muito realistamente o Homem no logar que lhe compete no espaço: nem como o *deus terráqueo* de Fitche, nem como o passageiro e *trivial efémero* do filosofismo contemporaneo. Ao deus *Molok*, ao bestial *Bezerro de Oiro*, mais ao seu utilitarismo dissolvente e pernicioso, é que o autor frécha sempre, e aponta sempre implacavelmente os seus explosivos mais carniceiros. Méro efeito do temperamento e da evolução espiritual, dirão talvez. Decerto. Mas tambem melhor interpretação do papel altamente civilisador do Cristianismo.

Um illustre escritor extinto * escreveu acerca do poema, quando a primeira edição surgiu á luz publica, que elle era no fundo uma colossal sátira. Decerto que é. O autor não o nega. Mas qual foi jámais o poema que tenha uma justificada pretensão de ser uma grande sintese humana, que não seja ao mesmo tempo uma idealisação e uma sátira?... O proprio poema evangelico encerra uma sátira sanguinolenta no seu apaixonado entrecho. N'elle são vingadoramente crucificados aos apúpos das futuras Raças, Judas de Karioth, Annaz, Caifás, Barrabás, e mais que todos e acima de todos

* Heliodoro Salgado.

— n'uma ignominia de pelourinho infindavel — o Pretor Romano Pilatos, o Juiz irresoluto, mercenario, poltranáz. Mas alem da epopeia mistica, não são tambem sátiras acerbas no fundo, o *Inferno* do Dante, o *D. Quichote*, o *Orlando Furioso*, o *D. João* de Byron, e o proprio *Fausto* de Gœthe, sobretudo na famosa noite do Sabath?... Decerto que todos estes o foram. Decerto que ainda hoje o são. Nem póde jamais deixar de ser assim toda a obra estética, que pretenda ser um verídico documento humano, um realissimo painel da Vida, em que se esbátam a rudes e fortes pinceladas de flama e sombra, o Oiro e a Lama, a Inocencia e a Ignominia, a Beleza e a Podridão, a Honra e a Canalhice Humana. Afirmar é sempre negar. Elogiar alguem é frequentemente emporcalhar qualquer. Todo o que afirma uma alta verdade moral, arrasta *ipso facto* pelos cabelos esguadelhados, e com a boca raivosa e espumante, como uma Prosérpina desfloráda, a figura livida da Negação.

Um outro escritor asseverou que a figura primacial do poema, o Anti-Cristo, não era mais do que um Fausto contemporaneo.

Por certo que tambem assim é. Mas o aludido escritor teria sido precisamente mais exato — asseverando que era um Fausto *fim de raça* — o Fausto de uma civilisação corrupta e embriagada de Siencia, como um turco de *latakié*, ou como um chinez de olhos misticos e semi-cerrádos, encarrapitado n'uma torre de porcelana, entre as vi-

sões mistagogicas do seu Opio. Os *Heróes vão-se*, e o seu crepusculo já começou como o dos Deuses; e o seu reino será em breve um despojo maravilhoso dos Sabios, que serão os Futuros Reis Magos. * Não é pois extranhavel que o autor tomasse um Sabio como symbolo, agora que todo o interesse mental se tem deslocado dos velhos ideaes da Força para os da Idea. A diferença entre os dois sabios é que o Fausto de Gœthe é a sintese da sciencia medieval, ainda titubeante e mal ousando arrojar as suas azas timoratas até ás regiões diabolicas do *Magismo*, da *Alquimia*, ou do *Ocultismo*, mas sem todavia ousar, como o Antigo Fulminado, disputar primazias com a Divindade. As ambições e quimericas aspirações de Fausto são mesmo, no fundo, assás modestas e ingénuas, visto que se limitam a gerir com sabedoria cauta uns terrenos doádos por um imperante germanico, e a satisfazer-se com o amor idilico de uma camponesa loira e o do fantasma de uma Rainha Grega, que nunca fôra muito arisca para os seus admiradores. Seria decerto uma insania do autor, se elle pretendesse amesquinhar o Poema Alemão, o qual tem a consagração universal. Mas a verdade é que limitando-nos apenas ao Sombolo, o Anti-Cristo é um Fausto levádo á potencia x, levado ao infinito.

---

* O *Magismo* será pernicioso por algum tempo á Egreja, e desempenhará um grande papel nas civilisações futuras. O autor tratará este assunto no seu poema, *S. Cipriano, o Mago.*

E a razão é: porque é um simbolo mais vasto e complexo: — representa uma sintese mais universal e requintada: — interpréta melhor a alma coletiva da Vida. É um Fausto mais orgulhoso, monstruoso, diabolico decerto, por que tambem retrata uma humanidade mais sabia no Mal, mais requintada e pomposa na Crápula, mais enfatuada da sua Siencia e dos seus inventos maravilhosos. As suas aspirações são infindaveis, a sua filaucia é intérmina. A sua arrogancia douta léva-o até querer dominar todos os Elementos, e n'um cúmulo de revolta gigantesca, pretender — como Prometeu ou Satan — destronar dos seus céos longinquos e remótos o proprio Increádo. Alem d'isso, elle pretende subjugar ao seu dominio todas as forças animicas, todas as supremas energias, tanto as fisicas como as sobrenaturaes. O mérito todavia d'esta sintese arrojada não pertence ao autor, porque elle foi encontrar o Mito nas tradições cristãs, como Gœthe foi procurar o seu Fausto ás lendas da Edade Média. O unico mérito do autor reside na interpretação fiel do Simbolo, na realisação da grande Sintese. Reside ainda finalmente nas superiores doutrinas que propága sobre a Alma, sobre Deus, sobre o Homem, sobre o Cósmo, em oposição ás doutrinas materialistas correntes. Depois da sua leitura, Deus aparéce-nos mais humano — a Natureza mais justa — o plano do Universo mais logico — a Consciencia mais grandiosa. Resumamos rapidamente essas doutrinas, que o autor de-

fende com uma argumentação cerráda, com uma logica inabalavel.

A tése primacial do poema é esta:— O *Homem*, e por extensão o Cósmo de que elle é simples molécula, *para ser perfeito, eterno, feliz, não carére de muita Siencia, carére de plena Consciencia. A acquisição completa d'esta é que dá direito á Vida.*

Formulada a tése, preciso se torna definir o que é, segundo o autor, a Vida:

Vida é a energia universal que sempre permanece, e a qual se manifesta pelo Pensamento, a Vontade, a Ação.

Dizer Vida é o mesmo que dizer Alma, a Alma que por vezes se revéla e materialisa. Tem então dois termos que são:—uma Substancia Unica sempre em actividade: e uma variabilidade imensa de formas e de aparencias sempre mudaveis. Á Substancia Unica chama-se o *Espirito Supremo*, o *Eu Absoluto*. Á série das aparencias transitorias *Materia*. Portanto obvio se torna que a Substancia é a unica Realidade Infinita, visto que toda a vasta serie de aparencias póde desaparecer, ficando a primeira sempre inalteravel. Póde-se então comparar bem esta sublime Energia a um senógrafo brilhante e mágico, que, n'um dado momento e ao seu sabor, fizesse aparecer ou desaparecer as suas paisagens magnificas, tocádas de uma luz maravilhosa. Arvoredos, Florestas, Rochedos, Civilisações, Palacios, desabariam então n'uma der-

rocáda colossal, como n'uma ópera fantastica. Mas a Substancia permaneceria sempre imutavel, esfingica, grandiosa. Póde mesmo permanecer seculos de seculos, n'uma tranquila magestade silenciosa e solitaria. A filosofia bramanica admite vastos periodos de repouso universal, em que totalmente se eclipsa o Existente. Estes vastos periodos chamam-se Kalpas. Então a Superior Energia em si proprio se concentra, e planeia outros inefavis mundos, outros surpreendentes céos, e outras selvas e florestas cheias de misterio. Quem suposér isto inexequivel, mesquinho conceito fará da poderosa Energia. Schopenhauer, apesar de ser o páe da filosofia materialista, que alastra por toda a Europa, diz que todo o mundo não é senão uma aparencia transitoria.

Fitche assegura que o *Eu* é a única realidade absoluta. Mas perguntar-me-hão quem nos assegúra a realidade d'esses enormissimos periodos de aniquilação universal?...

As tradições teogónicas da India: — o consenso dos sabios que teem reputado leis naturaes essas grandes revoluções cósmicas: — a fé de eminentes geólogos que hão registado os antigos cataclismos parciaes, e d'elles concluiram os mundiaes: — finalmente a experiencia dos astrónomos, que, por uns certos fenómenos estelares, deduzem outros mais graves, como Leverrier denunciou a existencia do planeta Neptuno, e como Cuvier, que por um osso fossil reconstituiu todo um monstro, sem lhe faltar

uma só costela. Conhecidos certos termos de uma lei, facil é a um sabio formular nitidamente toda a lei. Flamarion escreveu com muita propriedade isto:

« *Não é contestavel decerto que a energia é indestrutivel. Mas há uma tendencia no Universo para a sua dissipação, que deve produzir, ao fim, um estado de repouso universal e morte. E o raciocinio matemático é impecavel.*

É claro, porém, que o intuito do autor não é afirmar que a Materia não existe, como facto demonstravel á sensação externa. Um calháo, um rochedo, um elefante, uma flor, decerto que existem como fenómenos sensiveis á nossa vista, ao nosso olfato, ou ao nosso tácto. Podemos observal-os, apalpal-os, dissecal-os, e até mesmo cheiral-os. O autor pretende só exprimir que a Materia tem uma existencia transitoria, relativa, contingente, que póde um dia deixar de subsistir tal como presentemente se nos oferéce. Podemos aplicar-lhe a celebre frase do Buda: — *Tudo será, tudo parece ser, tudo não é mais do que nada.*

Isto é: — o mundo tangivel é apenas um veículo, um meio, um pretexto, para n'elle se depurar a consciencia invisivel. Esta aparencia material, ainda que transitoria, tem todavia uma vida animal e fisica. Esta força é por vezes fulgurante, terrivel e explosiva, como o relampago e a nitroglicerina. É brutal e cheía de esplendor como os coices de um cavalo de patas de oiro. Ella mani-

festa-se umas vezes pelos seus Vulcões: — grandes, vermelhas bocas espumantes como as dos epilepticos, golfando chamas, lavas e cinzas: — outras pelas suas crispações de nervos, que são os terremotos, deitando por terra civilisações e humanidades como uma menina histérica deita de pernas ao ár carrejões e mariolas. Ella é como um animal monstruoso de mil cabeças, que se empina, encabríta, espinoteia, mas que de tempos a tempos se revolta inesperáda e bárbara, como um boi que marra ou um cavaló que se desbóca. Os homens chamam-lhe a *Terra*, os sabios a *Natureza*, os Darwinistas *Acaso*, a filosofía indiana a *Ilusão*, S. João Evangelista a *Besta*. É esta que representa talvez aquella famosa alimária que o Santo viu surgir um dia do mar — aquelle Oceano outrora insondavel para os Antigos — mas que hoje se sabe que póde cubrir um dia toda a superficie da Terra, com cerca de 2800 métros de agoa, segundo as melhores sondágens.

Ora a Terra, foi segundo Hækel o primeiro monstro marinho que emergiu do Oceano, e esse monstro é uma esbelta Sereia. As suas têtas rígidas e firmes, como os granitos barbaros e imaculados, são as Rochas Virgens: os seus labios carminados e cuspindo chamas. lavas e cinzas, são os Vulcões: e os seus cabelos verdes como as lianas das Florestas são de verdadeira filha das ondas.

Sabendo pois, já o que é a Vida, o Espirito, e a Materia, indaguemos quaes as origens do Homem.

D'onde procéde o Homem?...

O Homem é um ser duplo, por que possúe corpo e espirito. Como Espirito é eterno, e procéde da grande Substancia, a grande Vida, a grande Alma, visto que Alma e Vida são termos eguaes. Como corpo procéde da terra segundo a Geologia: do sol segundo a Astronomia: do mar. segundo Hækel. Elle não é mais do que os outros sêres da creação, senão apenas porque é uma seleção, um apuramento, um resumo das partes mais nobres e vitaes dos organismos terráqueos. Tem assimilado as moléculas da Rocha, da Pedra, do Ferro, do Vegetal, do Mineral, e ainda assimilará decerto outras moléculas superiores, como o *Helio* e o *Uranio* que são moléculas astraes.

Sabendo pouco mais ou menos, quanto ao corpo, d'onde elle procede, vejamos como os sabios definem o Homem:

Quem é o Homem?... Segundo Fitche é o deus da terra: segundo Darwin é o Macaco Aperfeiçoado. Segundo Kant é o *eu perfectivel:* segundo Platão é um bipede sem pennas. Segundo Toussenel é um candidato a anjo: segundo a Zoologia é um mamifero vertebrado. Segundo Cristo é um filho de Deus proscrito na terra, procurando o reino do seu Páe: segundo Ray Lankaster é apenas uma sub especie do género da classe mamália. Segundo Allan-Kardec é uma transição do animal a espirito superior: segundo a Egreja é *pó, terra, cinza, nada.* Segundo Zoroastro é um raio de sol

emigrado na terra que um dia regressará ao sol: segundo a Filosofia Materialista, é um animal efémero, cuja origem foi a terra e cujo tumulo será a terra. Segundo Hækel é uma ancestral molécula do mar, que um dia regressará ao mar: segundo o autor do poema é um *monstro corréto e aùmentado.*—Monstro, por que é um descendente de todas as energias bestiaes do Cáos: um bisneto do Megatério e um contemporaneo da Hiéna das Cavernas.—Corréto, por que possue um cérebro onde está alojada a Razão, que lhe faz temperar as energias brutaes do Instinto.—Aumentádo, por que é mais perigoso na perversidade do que o Monstro: mas possúe a mais do que elle, o *senso moral* que o impéle á perfectibilidade. Esta definição resume o seu passado, o seu presente, o seu futuro.

Tendo sintetisádo o que os erudítos dizem o que é o Homem, vejamos o que elle tem pensado de si proprio:

O Homem tem incorrido em quatro grandes Illusões, que correspondem ás quatro grandes épocas da sua vida. A Primeira Ilusão corresponde á época antiga, que é a da sua infancia. N'ella o o Homem incorreu no erro geocentrico, cujo erro consistiu em crer que a Terra é o ponto central do Universo: que é o unico planeta consciente e habitado: e que a Lua, o Sol, os Satélites, as Estrellas haviam sido creados para lhe servirem de lustres, de lampadarios, ou de candieiros planeta-

rios.— A Astronomia moderna reduziu a pó esta ilusão pomposa.

A Segunda Ilusão corresponde á epoca média, que é da sua adolescencia. N'ella o Homem proclama-se—como Fitche mais tarde o ensina—o verdadeiro deus da terra, superior a tudo creádo. A realidade crúa porém torna-o bastante inferior relativamente a certas espécies minusculas, como a das abelhas e das formigas, que acharam há muito a sua definitiva fórmula associativa.—A Sociologia e a Astronomia reduziram a nada estas pretenções fantasistas.

A Terceira Ilusão corresponde á epoca que váe da edade média aos descobrimentos maritimos. É a éra da virilidade humana. É a época em que ella pretende conciliar a *Cruz com a Espada: o culto do Céo com o do Mundo: o Heróe com o Santo: a Religião com a Arte Militar.* Obsecada por este conúbio hibrido e anormal, cognomina o instinto sanguinario *heroismo:* a sua rapinagem, em nome da Religião, das Patrias, da Fé, *civilisação:* e ao conjunto de todos estes contrasensos heroicos e beátos, *religiosidade e gloria.* É a época dos poemas cavaleirescos, dos descobrimentos e das conquistas, e dos *Lusiadas* e da *Jérusalem Libertada.*—Os poemas são belos, o Ideal é quimérico e monstruoso.

Finalmente, a Quarta e Ultima Ilusão da Humanidade é a epoca da sua decrepitude e velhice. Ella corresponde ao periodo em que estamos, e

prolongar-se-há até ás épocas finaes do planeta. Esta Ilusão consiste na ilimitada confiança que o homem deposita na Siencia, com a qual elle crê poder vir a dominar um dia todos os Elementos, e subjugar todas as energias vitaes do Cósmo, com um setro de ferro. Armádo com ella, o homem crê poder chegar mesmo a subtrair-se á Morte e conquistar a Ventura Perpetua.—O autor destróe nas *Téses Selvagens* e no contexto do poema, estas utopias tão desordenadas como ilusionistas.

Depois d'isto, isto é, depois de sabermos o que os sabios dizem que é o Homem, e aquillo mesmo que elle crê que é ou será, ainda que ilusoriamente, vejamos as opiniões correntes da Filosofia Materialista, e em seguida as teorías do autor.

Comecemos pela Filosofia Materialista:—Esta Filosofia afirma que o homem é um simples animal evolutivo, que vive, géra, reproduz-se, morre, entregando o seu corpo á terra, como outro qualquer animal inferior, sem d'elle restar mais cousa alguma do que um transitorio éco entre os homens, éco fatuo que os seculos mais tarde apagarão e dissiparão. Assim o Homem—*trivial efémero*—extinguir-se-há no espaço como um clarão fugaz, aza que no horisonte se esváe, folha que amareléce e tomba, fantasma passageiro que a treva desvanéce e dilúe. Esta Filosofia exclúe o premio do esforço moral alem da vida, e só lhe concéde a satisfação interior pelo cumprimento do dever. O operario tem direito ao salario pelo esforço fisico, o Justo não tem

direito a premio algum (alem dos sociaes, por vezes iniquos!) pelo seu esforço moral. Vale pois mais o trabalho do carrejão ou do britador de pedras, do que o do Justo e o do Moralista. Britar pedras, esfaquear burguezes, fazer falcatrúas bancarias, levantar prédios, é muito mais proficuo do que levantar almas. Esta doutrina exclúe tambem a alma, a sua liberdade, a sua eternidade, a sua perfectibilidade. O determinismo chega mesmo, como o fatalismo, a prescindir da responsabilidade, como diz o sr. Dantec, no seu livro *do ateismo*. O homem deixa de ser *alguem*, e passa a ser uma certa roda, de uma certa máquina, apenas. Cessando o óleo vital que a lubrifica, ou o motor que a movimenta, a róda pára e *eis tudo*.

Eis uma filosofia bem consoladora para os senhores sicários!... Um Cartouche, um Mandrino ou malandrino, um João Brandão, pódem roubar a bolsa do seu semelhante, que, se escapárem ao Codigo Penal, irão repousar tranquilamente na morte, ao pé de Socrates, de Solon e de Platão, no seio maternal da Terra, como n'um honesto jazigo de familia. Mais nenhum incómodo, nem embaraço na alfandega da eternidade do Não-Ser!... E' mesmo muito mais inefável ser-se arqui-patife, ou arqui-milionário, do que homem de bem ou ermita.

Esta filosofia perniciosa, prégáda no seio de uma sociedade corrompida e sagáz, presando apenas o seu Cofre Fórte e a regularidade da sua Digestão, póde conduzir á absoluta anarquia moral. Vol-

taire, citádo pelo sr. Dantec no seu *Ateismo*, afirma que o Senádo Romano era uma sociedade de ateus voluptuosos e ambiciosos, que perderam a Republica. Aonde chegará a nossa plutocracia actual?... Diderot acrescentava: *Que motivos póde ter um incrédulo para ser bom, se não é um idióta?*... Quanto ao sr. Dantec, que é um determinista convicto, acrescenta, falando de si proprio: — Tenho invejado muitas vezes a sorte do meu cão, eu que tenho uma consciencia moral, embora não creia em Deus.

Paréce-nos, por todas estas confissões interessantes, que o Materialismo Contemporaneo não torna sempre os humanos, nem summamente moraes, nem summamente felizes, máo grádo a sua decantada independencia, hombridade e revolta. Poderão na realidade sentirem-se satisfeitos comsigo proprio aquelles que cogitam e refletem, aquelles que não animalisáram ainda de todo a sua Consciencia?... E, mesmo ainda depois de estarem convictos da sua verdade, acaso poderão fiar-se com tanta segurança na sua Razão Inabalavel?... E acaso mesmo a razão do ente finito será a Razão Suprema do Infinito?... Poderão elles responder pela infalibilidade da sua dialetica e sentirem-se intimamente, inabalavelmente satisfeitos?... Paréceme que frequentemente, não. Isto, porém, não é tudo.

Há alguma cousa de mais positivamente iniquo e desolador, e, que a ser certa tal Filosofia, revelaria a palpavel e descaronvel injustiça da Natureza.

Os Ricos da Terra, os Sagazes, os Felizes, os Subtís e os Hábeis, pódem ter nascido, por exemplo, em berço doirado e até mesmo haverem risonhamente perpetrádo quasquer inocentes delitos, latrocinios e falsificações, emquanto que os Rectos, os Timidos ou os Excomungados da Sorte, depois de terem curtido naufragios, sequestros e dissabores: — talvez tresuádo n'alguma enxerga pôdre: — talvez escarrádo e vomitádo fezes e sangue: — talvez coçádo, quem sabe, as suas chagas e as suas sarnas n'alguma réles enxurdeira ou gafaría – no final de tudo, no ultimo acto da tragica peça, irão todos indistintamente repousar tranquilos e impassiveis nos mesmos seis palmos da Maternal Terra, que impassivelmente os converterá em novos fluidos, novos gazes, e novos sáes, com a mesma serenidade com que o sabio analísa um precipitádo quimico, no fundo do seu alambique. Mas este cúmulo tornar-se-há mais curioso e monstruoso, se, por um requinte da mesma *ocasional iniquidade*, ella se continuar ainda ironicamente debaixo da terra. Isto é, se o cadaver do Afortunado cheio de máculas moraes, se transformar pela quimica da Terra, em junquilhos, em nardos, ou alóes que perfumem as brisas dos vales... em quanto que a carcassa apodrecida do infimo pária se converta despresivelmente no cardo inutil e plebeu — na ortiga desdenhada e silvestre — ou no esteril e infamissimo escalrácho.

Seria esta a derradeira ironia, a ultima irrisão

do *Ananké!* como diria o melancolico arcediago Claudio Frollo. Felizmente não é assim. O Acaso não existe. A impassibilidade iniqua do Destino é apenas aparente. Atraz do que aparentemente se nos afigura a Desordem, está sempre a Ordem. Atraz d'aquillo que aparentemente se nos apresenta como iniquo, o *Fatum* de coração de ferro, está sempre a Equidade Suprema. O plano da Natureza é mais sabio, mais justo, mais logico do que os filósofos materialistas o fazem. Se Deus, a Energia Vital, ou a Substancia Unica tivessem organisado o *cósmo*, conforme o concébem estes sabios, esta entidade seria mais monstruosa do que todos os monstros irracionaes do seu cáos. Essa Energia Natural, seria cerebralmente inferior ao seu Plessiosauro de cem metros de altura—com os seus cento e oitenta dentes na descomunal queixáda—e rilhando indiferentemente crocodilos, jacarés, e pedregúlhos. Tal deus, além de imoral, seria um autor mediocre de peças bem digno de ser pateádo, por que se haveria revelado apenas um réles fabricador de manequins. Se, por outro lado porém, eliminarmos a Inteligencia Consciente do Universo, isto é, se admitirmos como alguns materialistas quérem, uma *entidade impassivel, inconsciente e amorfa* chamáda Materia, estupidamente passiva e fecunda como uma femea que produzisse automaticamente constelações e humanidades, tal e qual como o pilriteiro produz pilritos, ou fizesse suceder monótonamente os Seculos nos abismos do Tempo, do

Espaço e do Numero, tal e qual como uma nóra faz girar os seus alcatrúzes, compreenderemos que essa concepção é tão absurda, que melhor será não discutil-a a sério. A concepção de uma vasta massa colossal e irracional, incapaz de produzir entes dotados do dom da perfectibilidade, eternidade e responsabilidade, e portanto dignos do premio compensador do esforço do espirito — como o salario e o lucro são compensadores de todo esforço fisico — seria uma cousa extravagante e desconexa como uma Deusa Giganta e Idióta.

Tal universo não seria um habitáculo digno de n'elle cohabitarem a Inteligencia e a Consciencia. Seria um infinito animatógrafo, uma vasta galeria de figuras de cêra, ou de titeres e bonecos articulados. Esta compreensão do Universo péca pelo bom senso, a logica, a justiça. É imoral, absurda, cretina. Afastemos, portanto, semelhante doutrina com o pé, para o lixo dos absurdos inominaveis.

Resta-nos agora escutar depois d'isto a doutrina do autor.

Qual é o fim do Homem?... Para onde caminha o Homem?...

O sistema do autor parte do principio fundamental de Shelling: — *A vida da Natureza dormita na pedra, sonha no animal, desperta na consciencia.* A mais porém do que Shelling, e do que o contemporaneo Flamarion, o autor admite que tanto o atomo, como a malécula, como o agregádo, tem uma vida propria dentro da sua esfera,

isto é:—tanto o vegetal, como o mineral, como o animal, o homem, a estrela ou a constelação, tudo tem uma alma pessoal, um instinto e uma vontade, por mais rudimentar e apagáda e inerte que ella nos pareça. Como Pitágoras, o autor não só admite que *tudo é sensivel*—mas até que tudo é *sensivel, amoravel, perfectivel.*

Já dissémos que o Homem não é maior do que os outros seres, senão por que é o ultimo escalão do animal, do vegetal, do mineral. Isto é, o ultimo ser mais refinádo, mais selecionado, e mais cerebrádo, por ser o derradeiro vindo na série. Mas tambem, como é um ser mais complicado, a sua genése é mais lenta, e a sua civilisação e cerebração fazem-se mais tardiamente. Assim elle ainda não conseguiu, pela Siencia e pela Moral, achar a sua definitiva fórmula associativa, ao passo que outras especies que parécem mais insignificantes, já a conseguiram achar apenas pelo instinto.

Compreendido isto, compreender-se-há que a doutrina do Progresso é commum a todos, é indefenida e é universal. Quer dizer: que tanto se manifesta no homem, como no átomo, como na celula ou na mais pequenina gota de agoa onde se agitam milhares de seres, de vidas, e de pequeninas vontades rudimentares. Deus é mais maravilhoso no invisivel do que no visivel: no minimo do que no máximo: no olho do insecto ou no cérebro da formiga, do que na inteligencia do sabio ou na vista aguçada do astrónomo, armádo com o seu telescopio.

Resumamos e façamos-nos compreender:

A Natureza procéde sempre do imperfeito ao mais perfeito, do minino ao máximo, da célula ou do átomo ao agregádo.

Passa do Ponto inicial á Circumferencia, da Circumferencia ao Sistema, do Sistema ao Cósmo e do Simples sempre ao Complexo. Na Terra ainda primitiva, limosa, virginal e brava, nasce primeiro a Arvore núa, rigida e imovel, sem ramos e folhas nem flores, tal e qual como um mastro gigantesco apontando o Infinito. Mais tarde sucéde-lhe a Folhagem, a Flor, o Fruto. A Folhagem representa a sombra e o frescor — a Flor, a graça e o encanto — e o Fruto, a utilidade pratica e o alimento saboroso e futuro do primitivo homem.

Mas há ainda mais alguma coisa a meditar n'esta melhoría progressiva, n'esta trindade vegetal da Natureza, esta escada augusta do Progresso. Ella é tão maravilhosa como *simbolo*, como é aquella outra escada luminosa que atingia os Céos, e que n'uma certa noite o patriarca Jacob, exilado e foragido n'uma terra de exilio amargo, enxergou á claridade das estrellas, e deitado sobre uma fria pedra, na estrada de Haran.

Contemplemos tambem, como o patriarca exilado, o que quer dizer esta Escada Misteriosa:

A *folhagem* da Arvore foi feita e procreáda para proteger a flor e o fruto da calma dos sóes, das geádas dos serenos, ou das saraivas e dos granísos. A *Flor* da Arvore é o vestido nupcial que

a arvore veste, como noiva que se alinda para a festa das bôdas e das fecundações. Quanto ao *Pomo*, o fruto do amor da Arvore, esse é nado, creádo e amadurecido, para ser sacrificado tambem pelo *amor*, isto é a bem e em proveito das especies, das aves, dos vermes e dos homens. Sem elle, sem o pomo, muitas especies pereceriam. E sem elle, qual seria tambem o futuro do Rei da Creação, n'aquellas horas pavorosas e vagarosas, em que elle não sabia ainda prover ao alimento estomacal?...

Mas não é só o *Pomo*—não é só o fruto da Arvore—que tem de ser sacrificado a bem das especies. É o capim rasteiro, é a erva humilde que precedeu o herbivoro, o qual tem de ser sacrificado tambem ao alimento do rebanho, e servir-lhe de cêvo, de nutrição e de pastío. É o herbivoro que tem de ser sacrificado aos lobos e ás feras, e aos proprios homens, mais carnivoros do que os lobos. É o Homem,—é elle proprio—que tem um dia que sacrificar-se egualmente pelos filhos, pelos descendentes, pelas Raças Futuras, no enevoádo crepusculo dos seus destinos.

São os proprios Planetas emfim, que terão um dia que enfiar-se nas goélas vorázes dos sóes e das constelações, para lhes cumunicarem mais poderosa vitalidade aos seus organismos avelhentados e frios.

Amor e sacrificio pelo Amor, eis pois o lema sempiterno que está escrito n'esta outra Escada de Jacob, a qual sóbe, alteia-se, divinisa-se, e tóca

nos proprios Céos, pois que váe atingir—*na sua lei inabalavel a que ninguem se exime*—o filho da propria Divindade, o Justificador, o Mediador. o Reparador.

Quem é o Reparador?... E' o *mistico enviádo*. E' o que abriu os seus labios em parábolas subtís. nas cristas das montanhas e nas ondas dos lagos, a revelar aos homens *a doutrina amoravel*. E' o que venceu o Osiris do Egipto, o Atys da Frigia, o Adonis de Byblos, o Iachus da Grecia, o negro Krichna da India. E' o orador da palavra piedosa e o loiro reitor da eloquencia suave. Foi a elle que Isaias apelidou *Emanuel*, os Galileus *Rabí*, as profecias *Shiloh*, Athenas o *deus desconhecido*. Ao seu contacto. todas as chagas são sarádas e todas as lagrimas enxutas. Foi elle o que soltou o verbo do perdão á filha viciosa de Magdála—que curou a mulher de Kanaan —converteu a Samaritana na cisterna de Sicar —consolou a viuva de Naim —e curou o paralitico na fonte de Siloé. Com a sua doutrina vence o Manú da India, o Platão de Athenas, o Pitágoras de Samos, Philon da Alexandría, Sadoc da Judea, o Israelita Gamaliel. Excéde todos os Praxistas, Formalistas, Idealistas. Vence, discutindo e arengando no templo, os Fariseus, os Saduceus, os Zelótas. Sobrepuja todos os grandes Reitores que o precederam, e todos os que viéram preparar o terreno, onde deveria caír um dia a prodigiosa semente. Porque elle é que é o *proprio* e o profetisádo *semeador*. Elle mesmo o revéla um dia no alto de certa montanha de Genesareth,

e n'uma certa tarde em que o sol descia, e em quanto as pombas emigravam para Jerusalem.

Os outros antes d'elle, foram a Lei, a Poesia, a Eloquencia ou a Siencia. Mas elle será mais que tudo isto: será a Palavra Piedosa, a Moral Perfeita, o Sacrificio e o Exemplo. É sobretudo n'isto que ninguem o excedeu nem egualou. Finalmente elle vencerá e sobrepujará o maior de todos—o Grande Cákia-Muní da India, o venerádo Buda, o sabio Rajah de Benarés,—que depois da *famosa noite da Renuncia*—abandóna os seus reinos e tesouros, e váe enterrar-se com um Ascéta cavádo de vigilias, nas asperas solidões de Niaraçára.

Mas o grande Reparador fará mais. Elle não abandonárá apenas um pequeno principado de Benarés. Elle não deixará seus tesouros e outras minúsculas terras encravadas no Indostão, para ir prégar n'uma solidão contemplativa, uma doutrina muito humana é certo, mas ateista, aos seus apostolos indús, n'uma imobilidade de Idolo e com as mãos poisádas nos calcanhares. A sua Noite da Renuncia será mais grandiosa. Elle abandonará os seus ceos semeádos de estrelas: os seus sóes inumeros e multicores. os seus loiros Serafins e a musica das esféras, para ir sacrificar-se pelo verbo do amor da humanidade. Elle estenderá os seus braços n'um mal desbastado madeiro das florestas do Carmelo ou de Genesareth, entre dois malfeitores do Monte do Escandalo ou do Val de Josafat. E não derramará apenas o seu sangue, entre esses dois

salafrarios, aos quaes foi irmanádo. Elle ficará exposto á chufa plebeia do cameleiro da Siria—do vendedor de *poska* do Calvario—do burriqueiro da Bethania—e do réles belfurinheiro das ruas de Jersaquem.

Pois este lema de amor e sacrificio ácha-o o autor do poema, simbolicamente representado em toda a Natureza—eternamente subindo desde os reconditos da sombra e das intimas raizes da terra—até as raizes dos Céos, onde atinge a propria Divindade, principio, fim, e remate da sublime escada universal. E o Justificador e o Reparador são o Cristo, que é o sumo sacerdote d'este culto segundo o rito de Melquisedec, no qual são representados o *Pão e o Vinho Misticos*, simbolos da carne e do sangue do Universo.

Esta é a máxima lição e o modelar exemplo. Isto próva, que não só todo o irmão, todo o páe, todo o homem se deve sacrificar pela especie, mas que até todo o Sabio se deve sacrificar pela sua obra — todo o Justo pela sua doutrina—como o proprio autor da creação se devóta pela sua creatura. Parecerá impossivel decerto a um sabio diplomádo e que prezar unicamente a pompa erudíta, o som, e a fraseologia, que um deus se dê ao incómodo de descer dos seus ceos agasalhádos, para vir sacrificar-se como qualquer maltrapilho mortal. Não parecerá o mesmo porém aos comovídos, e aos que meditam com o coração, por que os sabios são todos experiencia, observação, e fórmulas: mas os outros teem

a intuição vidente do *sentimento*, que é um sexto sentido moral, que nem sempre dá a Siencia. Para estes parecerá não só comovedor e sublime, mas até justo e logico, que quem creou a Lei do Amor a exemplifique, sacrificando-se transcendentemente pelo ideal imaculádo.

Os sabios herborisam entre as florescencias e as folhagens, e ao cabo de muitas autopsias e devastações de pétalas, estames e corimbos, escrevem secas fórmulas e elabóram frias nomenclaturas. Outros há, porém, que são os poétas, que, armados do sentimento emotivo, penetram religiosamente no santuario da Natureza, e decifram-lhe os vagos simbolos ignótos. Felizes d'esses que *sabem vêr o que o vulgo não vê*, e que comovidos entendem a linguagem misteriosa que sáe dos labios misticos das Cousas!...

Eis a estancia do Poema, em que o autor condensa a sua teoria:

Desde a Raiz da terra humilima e rasteira,
mãe obscura, a dar vida á Arvore, ao Fruto, á Flor...
desde a arvore ao capim, do capim á cordeira,
á Estrela, ao Sol, ao Cristo, á Natureza inteira,
tudo seu sangue dá em sacrificio ao Amor.

O Homem, já o dissémos, não é superior aos mais pequenos seres, senão por que é o derradeiro vindo na serie, e por isso é o mais requintádo, mais selecionado, mais cerebrádo. Todavia, todos os outros seres, mesmo os mais infimos da Natureza, desde

a gota d'agoa cristalina ate á junça mais rasteira e vil do paúl, todos hão de crescer, subirem, aperfeiçoarem-se e ampliarem-se até atingirem o estado consciente, que é objectivo real de tudo que é nádo. Tanto o vasto Cosmo, como o invisivel microcosmo, não teem outro ideal mais precláro. O Cosmo é uma colossal jaula de animaes metidos todos uns dentro dos outros: é um vasto habitáculo de vidas, onde cada um dá a sua carne, o seu sangue, a sua alma a outras vidas. Cada uma d'estas vidas mais minúsculas alimenta e nútre, por seu turno, outras existencias invisiveis a olho nú: mas cada uma d'ellas possuindo um pensamento, uma vontade, uma sensibilidade, uma ação propria mais ou menos pessoal. Quanto á Natureza, essa é como uma alta deusa que traz suspensos os Mares, as Constelações e as Estrelas do seio materno. Lembra uma Giganta Núbia d'outras eras, caminhando placida entre as altas ervas, e trazendo suspensos os filhos gigantes das têtas rígidas côr dos ebanos polídos.

Dissémos já, segundo o autor, que desde os mais pequenos corpusculos até aos mais consideraveis agregádos, tudo tem uma respiração, uma circulação, e orgãos de reprodução e fecundação que lhes são peculiares. Mas alem d'isto, o que importa mais, é que tudo possue uma alma perfectivel, pensante, volitiva. Exemplifiquemos, sondando o mar e a terra:

Á respeito da circulação e respiração do Mar,

oiçamos a opinião do capitão Nemo, a bordo de seu maravilhoso submarino *Nautilus:*

«O Mar tem uma circulação verdadeira, e para a provocar bastou ao creador de todos as cousas multiplicar n'elle o calórico, os saes, e os animalculos. O calorico efetivamente cria densidades diversas que atráem as correntes e as contra-correntes. A evaporação nenhuma nas regiões hiperbóreas, muito activa nas regiões equatoriaes, constitue uma permutação permanente de agoas tropicaes e agoas polares. Alem d'isso, eu surpreendi essas correntes de cima para baixo, que constitue a verdadeira respiração do Oceano. Vi a molécula da agoa do Mar, aquecida á superficie, tornar a descer ás profundidades, tocar o seu máximo de densidade a dois gráos abaixo de zero, e, arrefecendo, em seguida tornar-se mais leve e voltar acima. É em consequencia d'esta previdente lei da Natureza que a congelação da agoa nos Pólos nunca se póde produzir senão á superficie.» — Eis o que há quanto ao mar, mas vejamos agora o que há quanto á terra.

A Terra respira pelas suas colossaes bocarras que são os Vulcões, e nas suas veias circulam verdadeiras catadupas de chamas vivas, mais vermelhas e esbrazeádas do que trinta milhões de caldeiras rubras, ou as entranhas incandescentes de todos os transatlanticos do Mundo. Se alguem achar esta comparação exageráda, bastará meditar sómente que a Terra tem 40:000 kilómetros de comprimento, e que apenas uma ligeira pelicula do

planeta está esfriáda, e, que por tanto o estomago do colossal Monstro está todo n'uma braza viva. Ninguem poderá duvidar que ella não tenha um rico sangue poderoso armazenádo, e muito menos ainda uma circulação em regra. Alem d'isso Bischof disse que o nosso globo careceu de 350 milhões de annos para passar do estado ignifero ao estado sólido. Ora, para de 2:000 gráos de calor esfriar somente 200, compreender-se-há bem que não houve exagero na afirmativa, e que os intestinos planetarios da Terra estão bem providos de calorico e possuem uma circulação de sangue verdadeiramente monstruosa e infernal. Todavia toda esta grande massa calorica se dissipará e esfriará um dia, e a Terra voltará ao estado liquido, tal e qual como nas suas remótas origens. A filosofia budistica, para exprimir a eterna evolução das coisas, tem este aforismo caracteristico: *Tudo o que foi, volta a ser.* Todavia esta expressão não é verdadeira, senão em parte. Nenhuma situação da historia do mundo, nem nenhum fenómeno da Historia Natural é completamente identico a outro. Assim como não existe uma só folha de uma floresta que seja geometricamente identica a outra, o mesmo se dá com os sucessos humanos, com a Historia, com a Flora, com a Fauna. Nenhum dos mundos sepultados nos reconditos subterraneos da Terra, atestando geologicamente os terriveis cataclismos que ella tem sofrido, nenhum d'elles apresenta hoje monstros empedernidos, estratificados, ou animaes fosseis, que exi-

bam caracteres anatómicos completamente eguaes aos dos animaes contemporaneos. A Suprema Energia aniquila bastas vezes, para sempre e eternamente, o que ella crê inutil, imperfeito, ou rudimentar. A Natureza é um musico excepcional e fecundo, que jamais repisa a mesma sentida ária, ou o mesmo jocundo e alegre motête. No fundo de uma gota d'agoa há tantas vidas, combates, paixões e tragedias, como no fundo de um Oceano ou na órbita de um Sol. Todavia, se observardes com atenção um quarto de hora essa gota d'agoa ao microscopio, vereis n'esse curto espaço de tempo tantas transformações inesperádas, como n'uma espectaculosa Mágica. Tudo porém no universo está sujeito áquella lei das quatro edades de Creuser: *nascimento, crescimento, decrepitude e a morte.* E tudo quanto existe dentro do finito, quando a sua hora é chegada, com rarissimas excepções, encarreiram todos para as longinquas origens d'onde procédem:— os corpos para a terra, os rios para o mar, os satelites para os planetas, os planetas para as constelações, e estas para as Nebulosas, berço doirado de sóes e catafalco de estrelas.

Peletan define o Progresso um acrescimo de vida contínua e indefenida. O autor porém define-o, uma evolução das almas indefenida, mas *não contínua,* para a Consciencia Pura. A palavra contínua não lhe satisfaz, por que o Progresso não descreve uma linha recta, mas sim uma parábola, que é uma linha curva que parece bruscamente interromper-

se por vezes, mas que avança sempre para o infinito. De resto, esta linha parabólica manifesta-se em tudo e especialmente na historia universal.

Bastará para isso consultar historiadores como Vico, Mabli, Bossuet e outros. As humanidades, portanto, e as estrelas e as civilisações, assim como todos os organismos terraqueos tem os fins naturaes de todas as cousas. Existem mesmo, como já dissémos, vastissimos periodos cosmicos em que o existente desaparece e só reina imperturbavelmente a Eternidade, nas suas profundas e ermas vastidões silenciosas. N'esses periodos, as constelações deixam de brilhar: os sóes apagam os seus raios multicores: os mares deixam de mugir, de estrondear e fazer espuma: e os doidos cometas não pontuam mais os ceos com as suas grandes e fantasticas virgulas de fogo. Mas o mundo organico, depois d'esse grande repouso de seculos, de novo reaparece com os seus ceos aparatosos, as suas noites marchetadas de luas, e os seus bosques cheios de sombra e harmonioso misterio. Estes vastos ciclos, porém, ainda que se prolonguem por milhões de seculos, não representam ao cabo senão um *minuto da Eternidade*, ou se quizerem um dia de repouso da Natureza, tal e qual como entre os cristãos o dia dominical, ou como o Sábado judaico na semana sabática. As civilisações que renascem, não perdem nada de todo o progresso adquirido pelas humanidades extintas.

Estas civilisações são como a ave simbolica a

Phenix — ave dedicada ao Sol — e que depois de morta renascia das proprias cinzas, depois de decorridos os cem annos solares. E as futuras humanidades nada perdem tambem do ideal acumuládo, antes continuam pelo contrário, mais aptas e mais bem preparadas, a evolução começada, tal e qual n'uma sinfonia uma nota se sucede a outra nota, uma harmonia a outra harmonia, sempre n'um crescendo melodioso de vozes e de garganteios, até aos ultimos gemidos dos flautins e dos violinos.

O Progresso não é, porém, como quér Peletan, *contínuo nem infinito.* Não é contínuo, por que como o vimos, interrompe-se por vezes e obedéce á lei das quatro edades de Creuser, que é uma escada dupla, *ascendente e descendente.* Não é infinito, mas sim indefinido, por que o espirito, tendo atingido o fim cubiçado que é a Consciencia, não póde, nem deve retroceder jamais. Do contrario, essa marcha sem cessar atravez do Espaço, sem jamais atingir o alvo concebido, representaria uma sempiterna ilusão, uma fraude, um dólo ou uma quiméra. Espiritos essencialmente bem preparados pódem atingir facilmente o ultimo marco da jornada sublime, em quanto que outros terão que jornadear séculos. Esta verdade realisa-se cabalmente em todas as edades, condições, e tempos. Dá-se tanto com os simples individuos, como com os universos: tanto com Pascal como com o cometa d'Euke.

Visto que estamos falando dos universos, não saiamos do assunto, e avancemos alguma cousa de mais arrojádo na doutrina do autor.

Tudo que existe tem uma alma sensitiva, pessoal, evolutiva, desde o mais simples infusório até aos astros mais obesos de luz que gravitam nas vastidões estreladas. Que todas as cousas possuem uma alma, mais ou menos rudimentar, mais ou menos avançada, e portanto os proprios animaes tambem, é um facto apoiádo por muitos sabios, e para nos convencermos d'isto bastará ler aquelle famosissimo livro *L'esprit des bêtes*. Porém—cousa que paréce ao mesmo tempo curiosa, absurda e ilogica! —os astrónomos recusam admitir que os astros possuam uma alma, e á frente d'elles está o excelso Flamarion. Todavia o olimpico Gœthe—o Jove de Weimar e o precursor do transformismo de Darwin, esse genio que foi tão sublime poeta como vidente sabio, descreve-nos o Fausto no seu laboratorio de alquimista da Edade Media, a evocar o proprio Espirito da Terra. O *Grande Espirito* efetivamente obedece á evocação mágica: mas o seu resplendor é tal que o Mago fica conturbado, tremulo e titubeante á sua aparição, sem ousar fitar o seu resplendor e sem emitir da laringe sufocáda um unico som. Então o Espirito pronuncía estas palavras solénes e vagas:—*Tu és egual ao espirito que concébes, mas o teu espirito não é identico ao meu!* Isto equivaleu decerto a exprimir que o Fausto éra o espirito de um animal inferior, comparádo com o de um astro grandioso, resplandecente e subtil. Duas cousas pois se deduzem d'isto:—primeiro que tudo quanto existe possúe

uma alma:—segundo que todas ellas teem uma categoría diferente, e que há mesmo uma hierarquía espiritual no espaço, como no mundo terraqueo, e que a dos astros é sem dúvida das mais grádas.

Ponhamos, porém, de parte o valor das autoridades *pró* ou contra a questão, por mais valiosas que sejam, mas que podem ser faliveis, e raciocinemos com a austera Logica.

A Astronomia exprime-se com relação á grandeza da Terra, relativamente ao Homem, sua pequenina molécula, da maneira sugestiva seguinte:

«Um ente colocádo no espaço, não longe da órbita ideal que a Terra percorre na sua rápida carreira, estremeceria de terror se visse chegar, sob a forma de uma estrela cada vez mais volumosa, uma lua gigantesca, cubrir o céo todo com a sua cúpula, atravessar sem se deter o campo d'essa monstruosa visão, girando sobre sí mesma como uma róda, e diminuir depois cada vez mais até esvair-se como um relampago nas profundezas escancarádas do Espaço. E' sobre esta colossal Roda Girante, que nós homens, miseros mortaes nos achamos colocados, na situação tal e qual de uns certos *grãositos de pó* que aderissem á superficie de uma bala colossal de artilharia arremessada nos ares.»

Leram. Pois bem. O homem, minusculo grão de pó em relação á Terra, isto é menos do que um réles mosquito n'um olimpico cedro do Libano, o homem, insignificantissimo invisivel em relação a um habitante de Jupiter, que para o observar e remi-

rar teria que empregar o microscopio, jacta-se e vangloria-se de sentir, viver, respirar, possuir uma alma, e denomina-se a si proprio o deus terráqueo e o Rei da Creação, em quanto que qualquer d'esses grandiosos astros resplandecentes do espaço, como Sirius, Jupiter, o Sol, ou Saturno por exemplo, espalhando em redor energia, calor, vida e luz, apenas ficam por elle reduzidos ao insignificantissimo papel de rápidos comboios de mercadorias ou de passageiros do Infinito. Não póde ser. Péca por falta de logica. Repugna absolutamente ao senso moral cumum. Seria curioso que um sabio acreditasse na alma do seu cão, do seu gato, ou do seu canario, e não acreditasse no espirito da Grande Ursa. * Poderão retorquir-nos que a maioria dos astrónomos recúsa admitir a teoria dos espiritos planetarios, e é impossivel á Siencia *provar* que os astros possuam uma alma. Decerto. Mas acaso a Siencia já poude *provar* alguma vez a lei da atração do centro da Terra? Nunca. Todavia tal lei é um axioma hoje.

Tambem os mahometanos recusam admitir uma alma á mulher, e todavia o senso moral publico tem semelhante doutrina por absurda. E na dificuldade de os sabios nos provarem, *matematicamente e fisicamente*, a existencia da alma do homem e da mulher, é mais admissivel afirmar que a possuam Jupiter, Saturno, ou Sirius, do que Calino ou o Conselheiro Acacio.

---

* Uma das mais formosas constelações.

Há cousas que é dificil provar pela matematica, e mesmo pelos nossos pobres cinco sentidos animaes, e todavia são verdadeiras.

Resumindo pois todas as teorias do autor, estabeleçamos seis grandes ordens de Progresso que correspondem a seis grandes épocas da humanidade.

Primeira época. Progresso do mundo contemporaneo sobre os varios mundos fosseis extintos e subterraneos: progresso do vegetal sobre o mineral: do animal sobre o vegetal: e do homem sobre todos os quatro reinos naturaes.

Segunda epoca. Progresso do homem social sobre o homem das cavernas e o nómada das florestas: do agricultor sobre o estado do caçador e o pastoril: do comerciante e do navegador sobre o pária das cidades: do industrial sobre o navegador: e finalmente do socialista sobre o industrialismo egoista contemporaneo.

Terceira Epoca. Progresso do Legislador sobre o Guerreiro: do Sacerdote cristão sobre o Legislador antigo: do Filosofo sobre o Sacerdote pagão: do Poeta sobre o Filosofo: do Moralista sobre o Poeta erotico: e do Santo e do Apostolo sobre o Moralista.

Quarta Epoca. Progresso do escravo sobre a casta inabalavel: do Servo da gleba sobre o escravo: do proletario sobre o servo: e do operario radical moderno sobre todas as rudes e antigas escravidões.

Quinta Epoca. Progresso da India sobre a barbaria primitiva: do Egipto sobre a India: da Fenicia sobre o Egipto: da Caldeia sobre a Fenicia: da

Grecia sobre todo o Oriente: de Roma que cria o Direito sobre a Grecia que cria a Arte: e da Judeia, que cria a Moral, a Caridade e a Fraternidade, sobre Roma que cria a Legislação e o Municipio.

Sexta Epoca. Progresso finalmente, não só já do Homem sobre os quatro reinos naturaes, mas sobre todos os seus Antepassados Inconscientes. Progresso até mesmo dos quatro antigos reinos naturaes, aproximando-se cada vez mais um dia do estado consciente, até se abeirarem vitoriosamente do grande festim da universal perfectibilidade.

Estas são as seis grandes épocas da civilisação não já humana, mas cósmica. O progresso actual foi-se estabelecendo simultaneamente em cada uma d'estas épocas: porém o autor divide-as assim por que correspondem ás seis grandes épocas moraes humanas. A Setima Epoca, essa será equivalente ao dia do repouso dominical do Universo, em que todo o bem se resumirá no intimo jubilo da alma satisfeita e plácida, na Consciencia cristalina e lavádа e pura, como uma clamide de branco linho. Este é o dia da *Perfeição Excelente*—que nada tem com o *Nirvana* do Buda—em que toda a personalidade cessa, em que tudo perde a noção de si proprio, e se absorve e cáe nos abismos do *Não Ser*. Esta é, pelo contrario, a época em que todos os espiritos se conjugam fraternamente; mas em que, sem perderem todavia a sua entidade pessoal, conjugarão todas as vontades n'uma só, na plena conformidade do Bem, do Justo e do Verdadeiro.

E' este o plano grandioso, mas tambem logico e racional do Universo, tal como o autor o concebe, e que decerto é mais moral, equitativo e sublime, do que o da Filosofia Materialista.

Eis portanto explicado, segundo o autor o concebe, o que é o Homem... d'onde procéde o Homem... e para onde váe o Homem. Mas não somente o Homem, e sim tambem para onde marcha sempre o proprio maravilhoso *Cosmo*, com velocidades diversas, e segundo a geographia de cada planeta. Assim a Terra, galópa com uma velocidade de 350:000 metros por segundo: Venus com 36:800 por segundo: Mercurio com 58:000, Saturno com 24:448: e Neptuno com a respeitavel celeridade de 20:000 kilometros por hora. Quanto á velocidade do Sol bastará talvez dizer que o seu volume é 1.407:187 vezes maior que a Terra, e que o seu pezo é vinte e nove vezes mais intenso.

E, todavia, por muito veloz que o Sol galópe pelos espaço em fora, elle nunca poderá atingir a velocidade incomparavel do Pensamento Humano. A luz caminha com a rapidez de 1777 kilometros por segundo, mas a do Pensamento Humano, quem a poderá calcular jamais?... Pois é com esta rapidez prodigiosa do relampago, que o espirito do Justo, depois de haver combatido as suas táras, os seus vicios hereditarios, e os seus carnaes e bestiaes apetites, emfim depois de haver estrangulado de vêz aquelle *Velho Monstro* que há sempre dentro de cada um de nós, se elevará um dia finalmente ás regiões translucidas da Consciencia Perfeita.

Eis explanadas as teorias do poema. Lê-o, relê-o, medita-o com atenção e cuidado, ó leitor!... N'elle aprenderás a não te fiares nas aparencias transitorias da Natureza, e a procurar penetrares sempre n'ella, consoante o seu espirito incógnito. N'elle conhecerás que na Natureza, como em tudo, *há sempre o que se vê e o que se não vê.* N'elle te convencerás finalmente que são insignificantes e quiméricos instrumentos os nossos pobres cinco sentidos animaes, e egualmente tanto os dogmas doutos dos sabios como a observação e a experiencia fisicas, sem o sexto sentido da intuição especial.

E depois de o leres, releres, cogitares e profundares, lembra-te sobretudo muitas vezes d'aquelle conselho solene de uma das Quatro Mães Negras:—*Homem! não te preocupem as formas enganadoras da Natureza! Aprende a decifrar os religiosos misterios dos Simbolos Ocultos!...*

A logica da Razão, como o demonstrou Kant, póde muitas vezes falhar. A logica do Sentimento não falha nunca.

II

As Sete Epocas

Para se provar quanto no poema tudo foi cuidadosamente ponderádo, vamos explicar o motivo por que elle se acha dividido em Sete Epocas.

Hexameron é a palavra grega com que se designava antigamente a semana da Creação. Esta *obra éra apelidada dos seis dias,* segundo Moisés, para falar melhor á inteligencia inculta dos Hebreus, que não poderiam ainda compreender decerto a concepção das épocas geológicas. Esta é a semana tambem chamada *sabática.* N'ella entra um dia a mais, que é o Sábado, o dia do repouso.

Conheciam os Hebreus tambem outros periodos denominados *sabáticos.* Estes em vez de serem de sete dias, éram de sete annos, no fim dos quaes éra d'uso a terra ficar de pousío, a fim de se tornar mais fecunda, feraz, e cultivavel depois. Havia ainda um outro periodo tambem, formado de um multiplo de 7, no fim do qual se alforriávam todos os escravos de uma familia semitica, segundo determinava o Deuteronómio, que é o livro da legislação mosaica.

Foi, pois, á semelhança das Sete Epocas da *creação,* que o autor tambem concebeu, planeou e executou a sua semana da *destruição.*

A primeira Epoca, que se intitula *Os Cristos do Mal*, representa necessariamente as primeiras investidas do Materialismo, tanto sientifico como plebeu — representádo em Barrabás — contra a doutrina do Cristo.

A Segunda Epoca, *Crepusculo de Johovah e de Jesus*, simbolisa a incredulidade crescente da civilisação contemporanea, a qual se estenderá decerto até outras epocas mais remótas.

A terceira Epoca, *A' Sedução segue-se a Desilusão*, simbolisa todos os máximos inventos e melhoramentos da Siencia, infelizmente enubládos por inumeras catástrofes, miserias, criminalidades progressivas, e ainda outros desencantos possiveis futuros mais desagradaveis decerto.

A Quarta Epoca, *A ultima Ilusão da Humanidade* como o titulo indica—representa o cataclismo planetario que um dia porá termo á civilisação terraquea sem lhe poder valer a Siencia, derradeira ilusão humana.

A Quinta Epoca, *O Homem será sempre o lobo do Homem*, representa os ultimos sobreviventes da Terra: os Homens miseraveis lutando desesperadamente com a ingratidão do solo e os ultimos cataclismos planetarios, e descendo até ao estado da barbaría primitiva, esmigalhados pela mão de ferro da Necessidade.

A Sexta Epoca, *Trevas e Agoas*, representa a ultima fáse da Terra, totalmente privada da Fauna, da Flora, e invadida pelas grandes agoas,

regressando de novo ao estado liquido das primeiras éras mundiaes.

A Setima Epoca, *A Patria da Consciencia,* simbolisa finalmente o *Sabado* d'esta semana da destruição. É a época do repouso universal, da alegria, da aleluia, e do *inconsciente* atingindo como remate de tantas fadigas o estado consciente desejado.

III

As Quatro Téses

Na primeira nota já explanámos o teôr da primeira tése do poema que é a Consciencia. Entretanto, alem d'esta e das Téses Selvagens que dizem respeito á civilisação contemporanea, há outras trez que são tambem assás importantes.

Enumeremol-as:

A Segunda Tése

A lei de Cristo está hoje tão deploravelmente interpretada, que, se o Cristo voltasse de súbito á terra, seria condenádo e ultrajádo pelos Annaz, Caifás, e Barrabás da civilisação, e pelos Escribas, Saduceus, e Fariseus da Siencia.

Esta tése teve a sua confirmação na Quinta Epoca do Poema.

Ella não será decerto considerada méro paradoxo irreal, se atentarmos em trez grandes factos sintomáticos:

Primeiro: no escandalo de estarem sendo recentissimamente condenádos nos tribunaes contemporaneos todos os que racionalmente se insubordinam contra as guerras e as chacinas perpetrádas por *pseudos-heróes*, originadas ainda nos preconceitos das conquistas, das rapinas, e rivalidades mútuas das Raças, das Castas, das Patrias.

Taes tribunaes, se fossem civeis, condenariam decerto o Cristo á prisão ou ás galés.—Sendo militares, fusilal-o-hiam.

Segundo: se considerarmos quanto a Natureza e o plano do Universo estão sendo cretinamente compreendidos pelos sabios mais cotádos, mais autorisádos, mais diplomádos.

Terceiro: se nos compenetrarmos de quanto os cérebros estão totalmente desorganisados e falhos de toda a moderação evangelica, como o comprovou a famosa e precipitada *questão religiosa*.

Apenas, como compensação consoladora, temos que se a maioria sábia se compõe de fátuos, de verbosos, ou de materialistas obsecádos e de cérebros estreitos atarrachádos a dogmas pedagógicos, há uma outra parte — já bem importante pelo valor mental — que váe intemerátamente desbravando e arroteando muito baldío, muita charnéca e muito escalrácho, lançando-lhes ás braçádas a semente espiritual dos estudos animicos.

É decerto a respeito d'uns e d'outros, que o Cristo se refére, quando exclama no poema:

Ai de vós! Ai de vós! ò Bachareis, ò Sabios,
tendes na alma o Diabo e o Progresso nos labios.
— Alguns de vòs, decerto, andam na Boa Obra.
Mas outros há que teem dentro da alma uma Côbra.

E quanto á questão religiosa?... A sua solução, quanto a nós, não é dificil de prognosticar.

Há muito que certos espiritos irrequiétos de reforma andam apregoando que a Egreja não é apanágio especial do pontificado de Roma, tal e qual como o Estado não é apanágio de um rei ou de um imperante, como o pretendia Luiz XIV.

Portanto, dado o fermento da revolta dos livres pensadores, dos politicos, dos laicos, e das intrigas da diplomacía e da politica entre estes e os clericaes, não é dificil prever que a Egreja terminará a sua missão na terra como a começou no tempo dos Apostolos e dos Galilenos: — isto é, perseguida e escorraçáda por uns: defendida e reverenciáda por outros. É mais que provavel até, é quasi certo, que a Egreja de cada paiz cristão terá o seu Bispo autónomo e independente de Roma. Mas se a suprema autoridade pontifical não ficar residindo em nenhum bispo em particular—nem no Bispo de Paris, no Bispo de Roma, nem no Bispo da Hespanha, mas passar toda para o *Gremio dos Fieis*, tendo provavelmente como seus parlamentos naturaes os antigos concilios periodicos ou perpetuos: em compensação, com a nova disciplina de costumes, o espirito da Caridade Singela, a persuasiva Palavra da Paz, e

a Prudencia e a Moderação que aconselham sempre os tempos dificeis, a Egreja do Cristo retomará o antigo resplendor e autoridade. — Na sua propria morigeração e resignação encontrará o nervo da sua força.

Terceira Tése

A Siencia expulsou os dois Grandes Principios, o Absoluto e o Mediador (Jehováh e Cristo) dos Ceos Religiosos. Mas o senso moral humano, um dia clarividente, colocal-os-há para sempre nos céos da Consciencia Pura.

Esta tése teve a sua aplicação e confirmação na Setima Epoca.

Quarta Tése

A Inocencia singela que se dedica é superior á Siencia orgulhosa que sacrifica ao seu egoismo e dogmatismo a Verdade.

Esta tése é decerto de todo o poema a mais comovente, suave e poetica. Ella tem por fim provar que a Inocencia é mais agradavel a Deus de que a Siencia pomposa. Próva mais que ella é indispensavel aos sabios e aos doutos da terra, pois que o sacrificio de amor de uma alma inocente que se dedica, é mais comovedor do que todos outros sacrificios do mundo. Esta tése está simbolisáda na figura ingénua e candida de Inesilha. Por isso quando o Cristo se eleva aos Ceos no cataclismo final, elle arrebáta n'um dos braços a Consciencia

morta, e no outro a Inocencia inanimada: únicas entidades que encontrou candidas e virginaes e puras, n'aquella civilisação corrupta e maldita. De facto, Inesilha abandonando a felicidade perpetua dos céos e sacrificando-se por seu Velho Pae, simbolisa tambem a Inocencia corrigindo o orgulho da Siencia com a sua simplicidade infantil: amenisando a sobrancería do sabio com a nativa graça e o encanto: amolecendo finalmente a sua hirta rigidez austera, com o seu sacrificio e piedade enternecida.

Tem havido e há efetivamente alguns sabios que teem corrígido o que há de friamente anguloso e hirto nas suas convicções sientificas, com uma sinceridade quasi infantil de caracter e coração. Teem sido d'este numero o gaulez Michelet, o médico Raspail, o sabio Pasteur, o portuguez Theophilo Braga, o inglez Spencer, e esses sublimes espiritos que se chamáram Litré, Frœbel e Pestalozzi. Estes caracteres que citamos, e outros taes como Lombroso, Richet e Wiliams Crookes, podem em qualquer dia ou em qualquer tempo ter professado opiniões erróneas: todavia como amam sobretudo a Verdade pela Verdade, e não a sacrificam jamais á sua egoista vaidade pessoal, logo que a tópam no seu caminho, eis correm para ella de coração sorridente e braços estendidos...

É, pois, como lição comovente de sacrificio e de piedade que a ingenua creança abandona de bom grádo os céos, a fim de conduzir o Velho Pae de

mãos dadas, pelos infernos infinitos da Vida, cantando para o consolar uma baláda provençal popular, que é de uma piedosa e filial harmonia.

Nobre conde de Béarn,
amádo Pae de Inesilha,
não te quer a tua filha,
por nenhum homem deixar!...

Assim termina o autor o poema, exemplificando mais uma vez uma das suas teorías — o *sacrificio do Amor pelo Amor* — e n'uma das suas manifestações mais puras, o de uma filha por um Páe.

Todavia, no sentido metafisico, isto tem ainda uma significação muito mais alta. Esta filha é a espiritualisação do delicado mito da *Psyché* antiga. Ella é a propria *alma humana* errando na terra, foragída, chorosa e perseguida, e bastantes vezes ensanguentada e desconhecida, mas devotando-se sempre pelo Deus do Amor, o Amádo Espirituál, o *Páe Mistico.*

IV

Mentem os Senhores Reis, os Bispos, os Juizes

Este verso parece á primeira vista incorreto, e todavia não o está. O caso está simplesmente na maneira de o ler. E a rasão é por que na poesia, há o verso que é correto ou incorreto á vista, e aquelle que só o é para o ouvido.

Verso é, — como os Estétas sabem — um agrupamento de palavras sugeitas a um determinado numero de silabas e de pausas, regrádas por um ritmo e um metro musical. O verso póde deixar muitas vezes de ter rima: porém, para merecer o nome, precisa infalivelmente de ter ritmo. Depende portanto, como a musica, do Tempo e do Numero, e das pausas que formam o conjunto musical.

Logo, portanto, as silabas breves que mal se pronunciam, que se pronunciam de corrida e com uma fraca emissão de voz, ou que se elidem umas nas outras, pouco ou nenhum valor musical teem, e chegam a ser como se não existissem ás vezes para a contagem das silabas.

A harmonia do verso precisa de agradar sempre ao ouvido, por isso, quanto mais cadenciádo, melhor é o verso musicalmente falando.

Para a esbelteza porém da forma e cumprimento das regras poéticas, requer-se tambem que satisfaça á vista. Temos portanto versos que muitas vezes são incorretos ao ouvido, o que lhes tira muito do seu valor — pois que na música o ouvido é tudo — e outros que são apenas incorretos á vista, e que pouco ou nenhum valor tem.

É n'este ultimo caso que está o alexandrino:

Mentem os Senhores Reis, os Bispos, os Juizes,

que nos parece incorrecto visualmente, por ter uma silaba a mais, se acaso lermos a palavra *senhores*

por extenso, mas que deixará de parecer tal se se eliminar o *e* de *Senhores* e substituirmos a vogal pela apóstrofe, escrevendo *Senhor's*.

O mesmo se poderá dizer d'estes outros do poema:

Pôr de côcoras o Sol e o Escorpião de joelhos.
Lançando o ultimo olhar aos ultimos esplendores.
Antonio na Tebaida e S. Simão na collina.

Com a convencionada apóstrofe, que indica que se eliminou uma vogal cuja emissão deve ser precipitada e quasi sumída, os versos ficarão completamente modelares. Eil-os.

Pôr de côc'ras o Sol e o Escorpião de joelhos.
Lançando o ultimo olhar aos ultimos splendores.
Antonio na Tebaida e S. Simão na c'luna.

O autor, porém, antipatisa geralmente com as apóstrofes, e só as emprega em urgencia extrema. Prefere que se dê ás palavras a ortografia correspondente á eliminação da silaba, sem a apóstrofe sinal indicativo d'essas contrações, como se faz logica e gramaticalmente em prosa. Assim elle escreve frequentemente no poema *musclo* em lugar de musculo, *monóclo* por monóculo, *ofrendas* por oferendas, e *crepusclo* por crepusculo. E nós crêmos que faz muito bem. Está no seu pleno direito de poeta, ao qual muitas liberdades são concedidas e perdoádas, segundo os codigos horacianos. Se para al-

guma cousa na realidade serve a classica *liberdade poetica*, nunca tão logica e gramaticalmente ella terá sido empregáda!...

Dissémos que os versos bem cadenciádos, pausádos, são os mais musicaes. Decerto que o são. É preciso porém que a beleza do verso não consista só na música, mas sim no conceito, na energia por vezes, no andamento intrepido ou languido d'elle. É por isto mesmo que a poesia é mais varonil do que a música, apesar que a musica tambem tem os seus *andantes*, *alegros*, e *aceleratos*. Se o andamento do verso fôr de vehemencia e de arranco, os versos duros não serão um defeito, mas sim uma consequencia do assunto. Se o verso se espreguiçar languidamente e amorosamente, o ritmo necessariamente deve ser vagaroso como convém, e os versos chamados *frouxos*, em vez de serem considerados incorretos, serão muitas vezes assás melodiosos. Assim Victor Hugo e o Dante teem por vezes versos duros, Leopardi e João de Deus frouxos. Isto porém não são incorreções, são verdadeiras intuições musicaes. Cadenciadamente e em correntía prosa tem tres silabas a palavra *Saudade*. Garrett e João de Deus, como verdadeiros liricos porém, escreviam *sa-ú-dá-de, sa-ú-do-so, sa-ú-do-sa-mente*.

Os decadistas modernos — tanto em França como em Portugal — tem hasteádo um tanto revolucionariamente o pavilhão dos hiátos e das cacofonías. Teem proclamado demagogicamente a revolta contra a tirania da *cesúra* dos alexandrinos.

Alguns dos seus versos é certo ficam por vezes bastante insonóros e cacofónicos: todavia devemos observar que todos as vezes que se trata de exprimir uma ou mais locuções correntías e populares, estes defeitos não se devem excomungar com todas as fórmulas e rituaes canonicos, pois que dão um aspecto de singeleza e naturalidade ao assunto, o que é sempre preferivel á mentira retumbante e pomposa. Todavia, como pregoavam os latinos, *est modus in rebus*. O que equivále a rogar a estes senhores que não abusem assás das suas naturalidades. Em quanto, porém, ao assassináto da *cesúra* do alexandrino, que sepára os dois hemistichios, não lhes achamos rasão nenhuma em perpetrarem esse crime truculento e anti-musical. A *cesúra* é uma pausa muito agradavel que torna o verso sempre magestoso e cadenciado, e cheio de uma harmonia deliciosa. Exterminal-a a ferro crú, paréce-nos um caso quasi tão grave como o assassinio de D. Ignez de Castro, porque emfim para desculpar o crime d'essa linda e infeliz senhora, ainda havia a razão *patríotica* a alegar: mas com respeito ao da harmoniosa *cesúra*, não há nada. É um exterminio assás feio e pouco estético. Se esses poetas a exterminam por amor da independencia do verso, que consideram em ferros servís, dir-lhe-hemos que não teem direito a darem a esse conjunto de silabas esse bonito nome de *verso*, por que privando-o da *cesúra*, elle torna-se positivamente ás vezes uma chilra prosa mal ritmáda e assás semsaborona. E

para fazer verso que pareça prosa, achamos preferivel fazer prosa que pareça verso. Um largo trecho de alexandrinos privados d'ella, ou o que é peór, um poema inteiro cheio d'elles, faz-nos sempre o efeito da lingoagem de um homem atacádo de uma congestão, da epilepsia, ou da *tarantula*.

V

Uma Sala d'um Palacio em Jerusalem [1]

É n'uma sala quadrangular, que abre para um balcão de marmore, na collina de Sião, e cerca do local onde foi o Palacio de Herodes.—O balcão tem quatro faces. que olham para os quatro pontos cardeaes.—É de marmore lavrado, com chão de mosaicos, reverberante ás estrellas.

D'ali se avistam as verdes collinas de Jerusalem:—a torrente de Kedron, com suas aguas quietas e geladas:—o valle de Josaphat, com suas brancas sepulturas, tumulos dos Prophetas e dos Patriarcas:—e o valle de Tyropaeon, de que Salomão fez outr'ora a Praça da Porta das Aguas.

D'ali se descobrem, sobre os flancos escarpados de Sião, espessas massas verdes de Ciprestes, que

1 Afim de não embaraçar o entrecho da acção, o autor colocou certas rúbricas mais extensas no fim, para os curiosos.

dominavam o antigo Palacio Real, outr'ora todo construido de marmore branco, ao noroeste do Moriah.

D'alli se descortinam, alem do Moriah, onde esteve o Templo de Salomão—que era todo de marmore, com laminas d'ouro macisso—a collina de Bezetha, que foi chamada a Cidade Nova—a collina d'Acre, a mesquita d'Omar, o Santo Sepulcro, e o Monte Sagrado das Oliveiras—todo povoado d'olivedos escuros, pinheiros, palmeiras e mirtaes—d'uma solenidade saudosa sob o ceu estrellado da Siria.

Á brancura da noite oriental, desenrolam-se mais ou menos acentuadas:—Ruinas, Mesquitas Arabes, Antigas Piscinas Hebraicas, Jardins, Pontes, Plataformas—o valle de Tyropaeon que ia ter á fonte de Siloé, excavada por Salomão na rocha viva e celebre pelos seus pomares de romanzeiras:—a planicie de Jericó, cuja estrada conduzia as caravanas hebraicas, atravez da Arabia e da Mosopotamia, ao comercio das Indias:—o Jordão, o rio dos Profetas, que vai reunir-se ao Lago Asphaltite:—e, em toda a sua magestade historica, o monte de Sião, onde está a mesquita d'El-Sakara, e onde foi a Cidadella Antonia—que era cercada d'um muro quadrangular, com quatro torreões elevados nos quatro angulos—dominando extensos jardins regados por fontes de bronze.

A sala é profunda, mal alumiáda, enorme, toda com colunas de marmore negro.

Tem quatro portas, duas lateraes, duas ao fundo, com quatro reposteiros vermelhos. É toda abobadáda, fria, respirando um ar judaico.

Moveis raros e instrumentos de varias siencias enchem toda a amplidão da sala, e dão-lhe um aspecto fabuloso de museu numismatico, de biblioteca rara, de gabinete scientifico. Vêem-se ali bronzes florentinos, moveis incrustados de nacar e de marfim, antigas esculpturas egipcias,—medalhas de Reis Barbaros.

Não é o laboratorio do alquimista da Edade Media, ou o museu do Antiquario. É o gabinete do homem moderno, atormentado da ancia de saber, da insaciavel curiosidade de conhecer todas as cousas.

Vêem-se alli diversos instrumentos de Astronomia, lentes de todos os graus, esferas, telescopios, ao pé de livros da Gnose, da Kabála, da Cristiologia, da Contenda Religiosa—o que faz pensar n'uma fórte preocupação talvez da sintese das Religiões.

Entre todos os objectos raros do que ha mais profusão é de vestigios da arte judaica—por muitos contestada—e onde se encontra o veio da inspiração Egipcia, Grega, Fenicia.

Alli se vêem, ao pé de vasos de ouro lavrado, ornados de lirios, de anémonas, pampanos, e ca-

chos d'uvas,—que era o symbolo de Kanaan, ou Terra Prometida—as figuras *d'acherims*, estatuetas das divindades femeninas, que serviram ao culto idolátrico antigo, quando os Judeus adoravam nos altos. Ali se vêem instrumentos de musica atribuidos a Jabel, e artefactos de cobre atribuidos a Tubal-Kain. Ali se encontram, ao pé da sardónia, o lapis-lazuli, a ágatha, e a amethista onde se acha gravado e escaravelho sagrado do tempo dos Pharáos, moédas cunhadas sob Agrippa, tendo n'uma face tres Espigas, simbolo da abundancia—e da outra um Pára-sol.

Vêem-se ali tambem aquelles ornatos d'oiro das mulheres judías, contra que invectivavam os Profetas:—os *saharônim*, amuletos d'ouro: os *lekaschim*, talismans: os *botté-nephesch*, frascos d'essencias: e os braceletes d'oiro, de prata, de marfim trabalhado, que eram apelidados *çamid*.

Ali se encontram finalmente os ricos *tabbath*, aneis de joias das mãos:—os *periscellides*, que se usavam nos pés,—e o *tctaphoth*, branco turbante sirio, que as Judías enlaçavam nas tranças, coberto d'uma lamina de ouro.

No meio da sala está uma grande secretária d'ébano, contendo manuscriptos, palimpsestos, livros de sciencia, e uma carta geographica da Lua, amplamente desdobrada. Um candelabro, em cima da secretária, só com tres luzes acesas, deixa as

columnas e os moveis n'uma obscuridade crepuscular.

Mas o que impressiona e domina toda a sala — os moveis raros e as columnas negras — é, ao fundo, um enorme busto em bronze da Siencia — busto quasi tragico e a que o esculptor deu uma expressão atormentada.

O balcão deita para um jardim de largas dimensões, onde sob a luz do luar, se distingue a massa verde dos Sicomoros, das Palmeiras, dos Terebintos, e todas as vegetações de folhas agudas e metalicas da Siria.

Na sala penétra o cheiro acre das romazeiras. — Os galos cantam. — A Lua sobe silenciosamente.

VI

A Cidade do Mal *

É de noite: e ás luzes palpitantes dos reverberos, vê-se passar um mundo babilonico e variado de trajos.

São mercadores europeus, Principes, Doges, Rajahs, Nababos, Fakirs, Bispos, Ermitas.

N'um vaivem de oceano, vêem-se passar os habitantes das cidades mais afastadas do Globo — desde o Arabe involto no seu albornóz branco e fu-

* Veja-se a pagina 42.

mando no seu chibouk, como n'um bazar populoso da Smyrna,—até ao horrivel Laponio, selvagem de maxillas achatadas, habitante das neves polares, involto nas suas pelles. Perpassam confusamente, vultos vestidos do *kafftek* e da tunica siria: Bispos com as suas mitras brilhantes: Papas com as suas thiaras misticas: Rainhas com os seus diademas de scintilações de pedras. Todo este revoltoso oceano passa, grita, atropella-se, comprime-se, uiva, blasféma, canta, ri, insulta-se, embebéda-se—e por vezes esmurra-se. No meio da Praça alguns Indios das bordas do Ganges, assentados como quadrumanos, e em posições de idolos fabulosos, olham com assombro no seu proprio umbigo—em attitudes de Budhas sismando nas religiões. Mulheres de perfís biblicos, com a sua amphora antiga, passam conjuntamente com Egipcios de rosto de Esfinge: Reis Barbaros com diademas de plumas: Númidas crestados do deserto: Mongóes de craneo achatado: *Rajahs* montados em elefantes, com xaireis d'ouro, cobertos de parasoes: Fakirs musulmanos, cheios de excrementos e as barbas estreladas no peito—e legiões de Tartaros Selvagens, com rictus de Feras.

Ao fundo involtos nos seus andrajos, reconhecem-se os Judeus pelos seus olhares obliquos, longos narizes hebraicos, expressão servil. Muitos, cobertos d'uma lepra imunda, cheiram ignobilmente a alho.

Debaixo das arvores lateraes da Praça, inu-

mera multidão sentada, fuma, bebe, toma cognac, absintho, embriaga-se, e dá beijos nos collos das Meretrizes que passam n'uma nuvem de perfumes, arrastando longas caudas de velludo como serpentes. Certas mulheres velhas, miseravelmente vestidas, oferecem, baixo aos consumidores umas outras que as acompanham teatralmente vestidas d'Aristocrátas, de Aldeãs, de Burguezas, e até de Matronas: — de topéte alto, arrastando velludos custosos, baixando os olhos com dignidade. Algumas mais impudicas, oferecem-se todas nuas, debaixo das arvores, chamando os viandantes como na antiga Babilonia: e outras, estendendo as mãos suplicantes, apostrofando os homens, com palavras meigas — gabam suas abominações secretas e as formas do seu Corpo.

Vêem-se ali divagar todos os Crimes, todos os Deboches, todas as Monstruosidades Ocultas. Ao fundo, passam como n'um cosmorama, em carros puxados por cavallos negros, com xaireis d'ouro, as semi-nuas e monstruosas Abominações. Algumas são d'uma belleza archangelica, mas atormentáda: outras trazem túnicas bordadas de pérolas á moda oriental, e nos diademas de carbunculos escriptas palavras abominaveis. São treze. Os seus nomes são: o Estupro, a Assolação, o Incesto, a Perversão, a Perversidade, o Deboche, o Parricidio, a Bestialidade, a Sodomia, o Infanticidio, o Onanismo, a Degradação, o Sacrilegio. São commandadas por uma que é maior de todas, — e que reune

As sociedades conscias do perigo iminente do crescimento das humanidades, em relação aos meios escassos de conservação d'ellas — por que a lei de Malthus é uma espáda de Damocles terrivel, de que se póde blasfemar, mas da qual não há fugir — teem-lhe oposto como empecilhos e barrancos, ainda que frageis, os *freios sociaes.*

O ascetismo dos *Fakirs* da India: dos *Derviches* e outras comunidades orientaes: dos cultos de Vesta em Roma e de Taní em Carthago: ou a do respeito mistico á Virgindade professada por muitos e varios povos ancestraes, não teem tido socialmente outro objetivo.

Portanto, quando o autor celébra a felicidade dos *Ventres Estereis*, contra o sentir geral dos contemporaneos e o dos povos semitas, onde o ventre da mulher infecunda era maldito e execrádo, é que deante d'elle se antolham as consequencias desastrosas do atavismo e das hereditariedades nefástas: dos raquitismos: das epilepsias: da frequencia dos casos tetarológicos e das monstruosas *táras.* O autor colóca-se então no mesmo ponto de vista sentimental do Cristo, quando em Jerusalem carregando com o madeiro, e caminhando no trilho pedregoso que ia dar ao Calvario, bradou para as mulheres que o pranteavam: — *Beatæ steriles et ventres qui non genuerunt, et ubera quæ non lactaverunt*, o que em linguagem vulgar significa: *Felizes das estereis e dos ventres que não gerarem e dos peitos que não poderem amamentar!...*

O Cristo referia-se então ás Judías estereis da futura Jerusalem. No tempo do célebre cerco que lhe pôz Tito, a fome chegou a taes extremos, que as melhores das mães devoravam os filhos que haviam amamentado a seus peitos.

A feição do soneto aparenta-se ironica, revoltada, e macábra talvez. Mas isso é puramente o feitio literario peculiar ao autor, e em que elle por um contraste sentimental e estético, exprime no fundo uma *antinomía*—um sentimento contrario—isto é uma verdadeira e latente amargura.

Com o mesmo objectivo moral portanto, tal e qual como o Cristo a respeito das mulheres de Jerusalem, o autor cogitando na legião sempre crescente e ululante dos *tarádos futuros*, repéte tambem como elle, amargamente: — *Beatæ steriles et ventres qui non genuerunt et ubera quæ non lactaverunt!...*

O Fetichismo das Patrias

Com esta tése, o autor não pretende provar de forma alguma que o Homem deve desamar a sua propria terra natal. Não seria logico, nem racional, nem moral, prégar o amor da humanidade e excluir d'esse amor o patrio torrão, como se fosse um logar á parte, abaixo dos *péles vermelhas*, dos hotentótes, ou dos esquimós. Nem mesmo tal doutrina se poderia supôr nunca compativel com as convicções do autor. Elle já se sacrificou outr'ora por ella.

O que o autor entendeu provar é que as rivalidades das Patrias tem contribuido a aumentar a *natural ferocidade humana*. Próva que ellas retrográdam a civilisação cada vez mais, por que as atrazam no caminho da hegemonia universal. Longe portanto de serem considerados inimigos da patria todos os que prégam o pacifismo ou tendem a aproximar cada vez mais os seus paizes da fraternidade humana, ellès só devem ser considerados benemeritos e verdadeiros sabios. Taes são Tolstoi e Hervé e tantos outros que ainda hoje são tidos como réprobos, n'uma sociedade ainda toda obsecáda pelo Militarismo, pelo Caciquismo, pelo Imperialismo.

Podemos, portanto, estimar a propria patria; mas colocarmos-nos em guerra aberta contra o pômo da discordia que as militarisa e erriça de espadas e baionetas, por que as colóca no mesmo pé de egualdade marcial das antigas hordas barbaras de Tamerlão ou de Gengis-Khan.— N'este ponto, a Humanidade só tem progredido na Balistica.

Eis a escála dos ideaes que devemos preferir sobre todos:

1.ª . . . . . a Deus
2.ª . . . . . a Consciencia
3.ª . . . . . a Humanidade
4.ª . . . . . a Justiça e a Moral
5.ª . . . . . a Patria
6.ª . . . . . a Familia
7.ª . . . . . a Felicidade Pessoal

Só depois de se ter sacrificado por todas estas nobres cousas, é que o Homem tem direito a pensar em si proprio.

Se Deus fosse visivel? . . .

Santo Ignacio de Loyóla foi um grande Santo, cheio de fé segundo as tradições misticas e o *Flos Sanctorum*. Não recusamos crêl-o. Não seremos nós que desmintamos a tradição teológica, por que não temos provas nenhumas em desabono da sua virtude e sinceridade, visto que o proprio fanatismo é por vezes sincero.

Todavia, o que é certo e matematicamente irrefutavel, por que fálam alto os factos e as cifras, é que a sua doutrina foi nefasta, e fez inumeras vitimas e fanaticos perniciosos.

É possivel que ella tenha sido mal interpretada pelos seus sequázes, pois que assim como se vêem com frequencia tradutores que atraiçoam o pensamento dos autores, identicamente se vêem Discipulos que atraiçoam as teorías dos Mestres. O que é irrecusavel é que os discipulos de Santo Ignacio—se os povos e os reis os tivessem deixado—teriam exterminado da face da terra toda a moral e até o nome do Espirito Supremo.

O autor referiu-se pois á doutrina que hão prégado e praticado os discipulos de Loyóla, e não ao proprio Loyóla, quando disse que se Deus fosse visivel algum d'estes dois o mataría:—ou Kain, representante das forças intintivas e brutaes da

Natureza—ou Santo Ignacio, simbolo da diplomacía fanática. N'esta tése porém é óbvio que o autor se serviu de uma bem conhecida figura de Retorica. pela qual se toma o efeito pela causa, e por tanto implicitamente a doutrina pelo Mestre, e os discipulos pelos seus Reitores. E tanto é certo que frequentes vezes os discípulos desacreditam as teorías dos mestres, que ahi vemos os Epicuristas de todos os tempos, a confirmal-o.

Epicuro disséra um dia, perlustrando em seu jardim de um extremo a outro extremo, ao uso dos peripatéticos no Forum, que o fim moral do Homem era o *prazer*. É claro que se referia espiritualmente á prática da virtude e do ***bem pelo amor do bem***, que mais tarde preceituou Kant.

Epicuro era um austero filosofo sóbrio, sisudo, virtuoso da Grecia. Cremos que o unico defeito moral de toda a sua vida pacáta foi o confiar demais no poder dos átomos libertinos. Segundo elle. estes átomos foliões e amorúdos teriam engendrádo, ***por si só***, todo o Universo. Esta teoria perfilhou-a e propagou-a Lucrecio no seu poema ***De Natura rerum***, o qual coméça logo o seu introito por uma calorosa invocação á combustivel e doidivanas Venus. Ora fazer de todos os átomos deuses creadores do Cosmos, era, confessemol-o, abarrotar até mais não ser o Velho Olimpo Pagão, que, como todos sabem, não éra nada arisco em receber no seu seio divindades folgasãs. O velho Filósofo, porém, que era forrêta para si mesmo, mas que era assás gene-

roso do que pouco ou nada lhe custava para os outros, não se preocupou de modo algum com os esbanjamentos da sua filosófica bizarria, nem com suas consequencias joviaes. Todos os átomos que topáva em seu caminho, fazia-os logo Demiurgos. Era condecoral-os, a seu modo!... [1] Esta ancestral libertinagem dos átomos geradores foi, porém, fatal á reputação futura do pobre Filosofo mazombo e serio, amigo de declamar causas ponderosas e graves. Morto Epicuro, eis que começam os seus discipulos a doidejar e a engolfarem-se em toda a sorte de prazeres equivocos e crapulosos e a penetrarem folionamente demais pelas vitualhas e os vinhos finos de Falerno e de Téos, e outras mil pagodeiras luculianas, desacreditando por completo a memoria do sóbrio Filosofo, que apenas comia umas mal cosinhadas ervas do seu minguádo hortejo, em Athenas.

Para Epicuro, os átomos que elle fizera todos deuses, exerciam uma função imortalmente fecundadora e creadora. Para os seus discipulos, elles eram uns divertidos e imortaes frascários. Epicuro havia faládo do fenómeno dos átomos sem lhe pro-

1 Todos os filosofos materialistas, desde os antigos até aos modernos, Descartes, Schopenhauer, M.me Clemence Royer, e até ao recentissimo snr. Dantec, teem provado pouca originalidade nas suas teorías filosoficas, pois todos não fazem mais que reeditar, com poucas variantes deterministas, as doutrinas dos átomos de Epicuro. — Ponha-se os olhos n'este sudario, e veja-se como ha mais de vinte seculos tem progredido a Filosofia!...

fundar a causa. Os seus discipulos viram em todos os fenómenos materiaes e cosmicos as causas de tudo. Epicuro teorisou o *amor*, sem todavia subir até á sua mistica origem. Os seus discipulos fizeram de todo o Cosmo uma panteistica bambocháta. Cuidado pois, muito cuidádo, com a cáfila ululante, terrivel e demoniaca de taes discipulos, tanto dos sequázes de Loyóla, como dos discipulos do Filosofo de Gorgetos!...

O Homem será sempre o Lobo do Homem

Muitos se admirarão talvez de que tendo o autor escrito a *Genése do Heróe*, proclamando-se um adversario ferrenho de tudo quanto seja atentar contra a vida do seu semelhante, e portanto adversario de todas as guerras e conquistas, termine o seu poema declarando que o Homem morrerá sobre o ultimo palmo de terra do planeta, arrancando ainda—como um derradeiro Kain—o ultimo sôpro de vida e o ultimo pedaço de pão ao seu irmão Abel.

Não ha rasão, porém, para taes repáros. Na tése que o autor defendeu o *Homem é um monstro corréto e aumentádo*, encontra-se a cabal explicação d'isto.

Por muito pessimista e amarga que a tése do autor pareça, isto significa cristalinamente que o autor póde ser o defensor acerrimo de um determinado ideal, mas que não leva o seu proselitismo

ao ponto de falsear a verdade. Dando um prazo próximo para a realisação de uma Utopia, que não crê realisavel jamais no planeta tal como está, atento o estado de degenerescencia progressiva que ameáça a Raça Humana, o autor poderia lisongear o ventrudo e burguez Optimismo Contemporaneo, mas mentiria á sua consciencia. É por isso que no Vale de Josafat, elle apresenta os ultimos sobreviventes do cataclismo planetario degladiando-se e exterminando-se até á ultima, e com um furor bem digno dos Trogloditas ou dos homens da Edade da Pedra. Será necessario que novas humanidades renasçam e que novas civilisações vindouras prosigam o verbo do progresso interrompido—tal e qual como uma palavra que se compléta na página seguinte—para que então o ideal cubiçádo se realise, por que só então será o tempo proprio em que a semente florirá e frutificará. Sabemos perfeitamente que o Homem é o animal que mais tempo leva a completar. Pois identicamente é a Humanidade. A sua gestação, a sua cerebração, a sua civilisação fazem-se lentamente. A actual Raça Humana está ainda muito feroz para atingir o ideal da pacificação universal.

Por isso em quanto não adviérem os Tempos Novos, aquella ideal Jerusalem que S. João viu no seu rochedo escarpádo de Patmos, ou aquella radiosa Cidade Futura dos utopistas—o *Homem continuará a ser sempre o lobo do Homem.*

Devemos nós por isso descorçoar e deixar de

combater as guerras e as chacínas?... Jamais. Deveremos, pelo contrario, ainda mais do que nunca, e sobretudo todos os que teem uma mentalidade superior, sermos uns ferrenhos e encarniçados intransigentes contra as sangueiras patrióticas e as internacionaes chacínas. O dever humano consiste em sacrificar-se sempre em prol de todos que hão de advir: — dos nossos filhos, dos vindouros, das raças futuras.

O Homem-Deus, e o Homem-Satanaz

Sobre o personagem misterioso do Anti-Christo tanto os exegétas como os doutores da Egreja muito tem discreteádo e muitas torrentes de tinta teem corrido.

Fervilham tanto as hipóteses sobre a sua personalidade, como sobre se elle será realmente um Homem ou apenas um Símbolo: sobre se será uma realidade individual, ou meramente um termo colectivo designando uma futura humanidade corrupta e incrédula.

Quanto ao que se sabe ácerca do fatidico numero 666, cifra misteriosa de que tantas cousas se teem dito, numero simbólico, com que S. João no Apocalypse o assinála, como estigma maldito sob o qual se encoberta um nome verdadeiro e humano, muitos tiranos e malvádos teem sido apontádos, com maiores ou menores probabilidades criticas.

Alguns, como Rénan, pretendem que estes algarismos correspondiam ao valor numeral das letras do nome de Lucio Claudio Nero. Outros criticos, pelo contrario, afirmam que corresponde aos nomes do imperador Diocleciano e de Julião Apóstata. S. Paulo, porém, na segunda epistola aos Tessalónicos, deita por terra todas estas hipóteses erróneas, quando muito claramente assegura que o homem *da perdição e do pecádo*, com que elle designa o Anti-Cristo, virá nos ultimos dias planetarios e reinará nas épocas finaes da universal incredulidade. Eis como S. Paulo se exprime: — Ninguem vos engane pois, que elle (o dia do Senhor) não virá sem que antes venha a apostasía e sem que tenha aparecido o homem da perdição e do pecádo. *Neque vos seducat ullo modo: quoniam nisi venerit discessio primum, et revelabitur fuerit homo peccati, filius perditionis.* Logo, portanto, Claudio Nero não era o Anti-Christo de que o Apóstolo nos manda precaver, pois que tendo sido S. Paulo contemporaneo d'este Cesar, não falaria então certamente por este teor.

Decerto que Nero, Diocleciano, Julião Apostata, Leão x, Alexandre Borgia, o proprio Napoleão Bonaparte e varios outros tiranos ainda teem sido denominádos com mais ou menos rasão *Anti-Cristos.* Muitos decerto o foram pelas suas blasfemias, turpitudes ou perseguições á Egreja. Todavia nenhum d'elles é aquelle personagem terrivel a quem se referem os vaticinios biblicos. Tambem não é

um simples nome colectivo, designando uma humanidade vindoura incrédula. É um homem pernicioso e audaz, que se denominará a si proprio, o verdadeiro *Messias* de Israel, isto é, aquelle que há muito esperam os Judeus, iluminados sempre de um vago espirito de messianismo e cujo ideal é um Messias combativo, batalhador, libertador, que lhes cumulará a ambição patriotica do predominio sobre todas as raças.

No Evangelho de S. João, Cristo muito distintamente o indica, dizendo:—Eu vim em nome de meu Páe e vós não me recebeis: se viér outro em seu proprio nome, a elle recebereis. *Ego veni in nomine Patris mei, et non accipietis me: si alius venerit in nomine suo, illum accipietis.* No banquete do Palacio em Jerusalem, no poema do autor, todos os Sabios e Doutores da Lei levantam as suas taças de oiro e pedrarias em sua honra e gloria. É pois um homem e não somente uma raça. É um mortal que é a verdadeira antitese do Cristo.

Mas ha mais indicios seguros. S. Paulo, na segunda epistola já citáda aos Tessalónicos, claramente aponta os signaes certos porque elle poderá ser reconhecido. São trez. Eil-os:

Primeiro. Será um grande Mago que fará toda a sorte de prestigios, fascinações, e maravilhas, polo poder de Satanaz. *Cujus est adventus, secundo operæ Satanæ, in omne virtute et signis, et prodigiis mendacibus.*

Segundo, Opor-se-há e elevar-se-há sobre tudo

que fôr divino, de sorte que se ostentará no proprio templo, revelando-se como a Divindade. *Qui adversatur et extolitur supra omne quod dicitur, ita ut sedeat, ostendens se tanquam sit Deus.*

Terceiro. O poder do Anti-Cristo sómente será destruido com a segunda vinda de Jesus, que o exterminará com um sôpro da sua boca e o seu divino resplendor. *Et tunc revelabitur ille iniquus quem Dominus Jesus interficiet spiruto oris sui, et destruet illustratione adventus sui eum.*

Irrecusavelmente nenhum dos anti-Cristos dos exegétas corresponde a este terceiro requisito de S. Paulo.

Eis pois as tradições mais autenticas cristãs que o autor procurou, rebuscou, e preferiu a todas as demais hipóteses pouco provaveis.

Muitos d'ellos foram de certo uns torpissimos perseguidores dos cristãos, e portanto *anti-Cristos*, mas não foram o *Anti-Cristo*. Isto é, aquelle que melhor representa a tenebrosa Siencia do Mal pondo o seu pé de ferro sobre a cerviz da humanidade, o Mágo armado ao mesmo tempo do Telescópio e da Espada, o Sobre-Homem forte, por excellencia, o egoista implacavel e inabalavel a toda a sentimentalidade, sonhado por Niezstche.

D'entre os romanos, Julião Apóstata é o que mais estaria decerto nos casos das primeiras condições, por que foi um Mágo e tambem um Batalhador, mas não satisfaz ao terceiro requisito de S. Paulo.

Postos pois de parte todos os outros, só o Anti-Cristo de S. Paulo e de S. João foi preferido, não só pelas razões expostas, mas tambem porque ao autor, lhe fornecia uma sintese mais larga, mais santa e mais alta.

Na segunda edição da obra que refundiu e completou, conservou todavia a antiga fórmula literaria, em que fundira o Naturalismo com o Simbolismo.

O Naturalismo é decerto a forma sincera mais humana da Arte. O Simbolismo convém a todas as grandes subtilezas espirituaes. N'elle se adaptáram sempre as concepções mais nobres, desde os aforismos e os apólogos familiares, até ás Lendas, ás Religiões, ás Párabolas do Cristo.

*
* *

Uma cousa de um efeito verdadeiramente pitoresco e original é que n'este poema não só a vida vulgar de todos os dias é dramatisáda, mas tambem até a vida interior, a vida do Sonho, da Idea, da Nevrose, da Imaginação, do Cérebro.

Imaginae um Cérebro que se descerrasse e iluminasse por meio dos raios cathódicos, dos X ou N, e que de repente a psicologia finissima de um autor qualquer, perturbador e magico, vos podesse fazer observar no cérebro, como n'uma camara optica, uma Cidade, uma Floresta, um Palacio, umas Ruinas, (talvez Balbek ou Jerusalem á lua) ou um Navio nos mares dos Pólos.

Seria maravilhoso e bizarro, não é verdade?... Pois bem: então debruçae-vos sobre esse mesmo Cérebro, que talvez vos assombrareis mais. Não só vereis, como n'um espetaculo teatral, o que se passa adentro de uma caixa ossea: mas até ouvireis os Sentimentos, os Odios, as Paixões, os Sonhos, rugirem, vociferarem, blasfemarem e carpirem esguedelhados, fazendo gestos tragicos e deslocações passionaes, tal e qual como nas ribaltas e á luz dos lustres, n'uma Lirica Opera.

Na *tragedia de um Craneo*, por exemplo, vereis as pompas dos Céos Católicos: cuidareis escutar as harmonias das Esféras como o Filósofo Anáxagoras: ouvireis clamar as Rainhas com os seus mantos de purpura de Cós e os seus diademas doirados: as filhas da Judéa soluçarem debulhadas em lagrimas: e as Santas, arrancando as suas auréolas côr de fogo, torcerem as suas mãos pálidas de cera, que empunham as largas e verdes palmas dos Martirios. É a Psicologia em ação. É a Idéa forçada a revelar-se, a agitar-se, a esbracejar. e a cantar a sua sanguinolenta tragedia ou as suas chagas secretas, como a lamentavel Antigona, a apaixonáda Cordélia, ou a mistica e histérica Santa Teresa de Jesus.

Tem pitoresco e uma realidade emotiva e bizarra.

Não se cuide, porém, que esses diálogos dos sentimentos palpitantes e em chaga viva, sejam romanticos e desequilibrados. Nada d'isso. No meio

de um lance o mais melodramático, a Psicología, sempre serena e subtil, põe a sua nota correta e e impecavel.

Quando nos Céos Católicos, as filhas da Judea, desgrenhadas e n'um côro uivante, rógam ao Anti-Cristo que lhes permita sepultar o seu Pseudo-Jehovah, o deus que ellas crêem ser o dos seus paes Abrahão ou Jacob, Rachel que é idólatra, de repente retráe-se, interrompe-se, e sente escrupulos misticos de ofender os deuses de seu pae Labão: os velhos deuses pátrios e consagrados de Haron.

Mas algumas das Hebreias, tambem idólatras, socegam-na baixinho. Amostram-lhe furtivamente amuletos de Moab ou do Egipto: com cabeças de chacal, ou o *escaravelho sagrado* de Memphis. É que ao psicólogo não escapou este natural retraímento gentilico da mulher supersticiosa da Mesopotamía.

Esta forma original de dramatisar a psicologia abre largos horisontes e recursos novos á Arte, e foi pela primeira vez iniciáda pelo autor na poesia. Não é talvez ocioso registral-o.

Post-Scriptum

Resposta á Moral Burgueza

Chegados ao fim d'estas notas, afigura-se-nos que temos na nossa frente a figura de um Barrigudo e Rabujento Catão, que préga sempre uma palavrosa moral como o Senhor Proudhomme, que pragueja e rósna de tudo a propósito de tudo, vulgarmente conhecido pelo nome do Conselheiro *Pó-Pó-Pó*, o qual nos interpéla e rúge:

— Afinal para que escrever um livro amargo e pessimista, a respeito de o Homem Abominavel que sómente ha de reinar nos finaes do escaqueirádo planeta?... Por que formular tambem umas teses amargas, cheias de doutrinas anarquistas e libertarias, que terminam finalmente pelo nihilismo mais absoluto e exterminador?... Semelhante livro no fundo é pernicioso e imoral.

Então, encarando fixamente o arrogante e absurdo Catão da Burguezia e do Capital, respondemos-lhe fria e serenamente:

— Perpetrais um gravissimo erro, caro Senhor Conselheiro *Pó-Pó-Pó!* por que o Anti-Cristo já hoje se manifesta no globo terráqueo. Lêde as palavras de S. João e S. Paulo e meditae nos factos práticos. Elle já declama, já faz tramoias, já discursa, já conspira,

já janta á meza dos luxuosos hoteis quando viája. e até já passeia finalmente em automoveis da força de sessenta caválos. É o homem mais poderoso e arqui-milionario do seculo, e ha de durar seculos de seculos, por que é imortal como o Judeu Errante. A sua obra de devastação, de negação, de corrupção, já elle a váe propagando e semeando pelo mundo em fóra, sem esperar que sôe o ultimo ronquído da Trombeta Final. Para que o conhecesses bem e não vos deixasses enrolar nas suas rêdes, é que vos narrámos a sua vida, as suas batalhas, as suas intrigas, os seus amores, os seus incestos, e as suas atrocidades, tal e qual como Jacques de Inglaterra escreveu a Corografia dos Estados de Satanaz. Temos muito pezar de não vos podermos oferecer um retrato seu, uma autentica fotografía sua. Mas isso é assázmente dificil de obter-se, porque elle caracterisa-se perfeitamente a toda a hora do dia, da tarde, da noite, como o melhor ladrão, como o melhor policia secreto, ou como o melhor discipulo de Rocambole. Umas vezes metamorfoseia-se de tal sorte que nos recorda logo a figura arrogante e loira, de bigodes aprumádos e em riste, do actual Kaiser da Alemanha: outras vezes apresenta-nos a face barbúda, mas fria e levemente apática do sanguinolento *Csar* de todas as Russias.

Tambem enverga frequentemente o trajo eclesiastico e terrivel do Geral dos Jesuitas, vulgarmente conhecido pela denominação do *Papa-Negro*. E até mesmo há quem diga que o teem lobrigádo

sob a máscara glabra e demoniaca do famoso Cónego Droque de Wuyssmans, oficiando a *Missa Negra* e revelando ás damas histéricas e galantes o Diabo com pés caprinos, cheirando a enxofre, com chavelhos côr de fogo e completamente nú.

Outros boátos, bem mais sinistros e vermelhos ainda correm. Assegura-se que a sua mão perniciosa está bem patente nos ultimos sucessos tragicos de Portugal, e manifestamente famosa no sanguento regicidio. Tudo póde ser, por que tudo n'elle é Confusão, Perversidade, Enigma. Proclama a liberdade até á licencia, e finalisa pelo Despotismo. Cultiva a Siencia que deve ser a auxiliar da Vida, e fabríca explosivos que proporciónam a Morte. Declara-se livre-pensador e ateu, e embaraça malignamente toda a meáda do universo sob a samarra negra da Reacção, servindo-se de Demétrio, um espião dos Jesuitas. É este Jesuita, por seu mandádo, que dá o ultimo beijo, como Karioth, na face do Cristo. Elle foi a mão que riscou no espaço o *irreparavel gesto*. O Jesuita foi a boca que deu o ósculo. O Cristo é o Homem-Deus, isto é, o tipo modelar e ideal a meditar e a reprodusir. Elle é o Homem-Satanaz, o Sobre-Homem egoista de Niezstche, ferreamente couráçado da Vontade, e implacavel e inabalavel ás lagrimas, ás suplicas, e a toda a fragil e humana sentimentalidade. Traça rudemente sem papel, sem lapis, sem esquadro, uma eterna linha recta para os seus fins, que é o *poderio mundano*. Cristo é o idealismo e a evolução do espirito para a Conscien-

cia. O Anti-Cristo é o materialismo cerebral evolucionando para o Déspota, Barrabás é o materialismo dos sentidos evolucionando para o Monturo. Barrabás é a canalha impia fanatisada, bestialisada pelo materialismo, sem deus, sem moral, sem religião, ébria e em farrapos, mas conservando sempre o seu plebeu *bom senso*. É o seu bôbo, o seu histrião, o seû instrumento, a sua vitima, o seu urso, o seu palháço. O Anti-Cristo, no poema, morre fulminado pela aparição lutuosa do *Irreparavel*. Barrabás expira enterrando-se n'um lameiro. O Irreparavel era o sôpro da boca de Jesus, que profetisára S. Paulo. O Lameiro era o final do Porco, pois tal tinha sido a vida d'aquelle borracho histrião da cínica gentalha.

A' falta de traços fisionomicos do Anti-Cristo, muitissimos materiaes podemos fornecer a respeito d'elle. É cem vezes mais milionario do que Rokefeller, o rico industrial de New-York, e tem tambem o estomago tão derrancádo pelas gastralgías como elle. Fabríca explosivos tão terriveis como Orsini, e distribue-os de graça pelos anarquistas pobres—como uma esmola cristã—o que é o cúmulo da Ironia Macábra. Tem no seu cofre forte o famoso *signo-saimão*, que atráe todo o oiro da Terra, e é um poderosissimo Mágico.

Alem d'isso, tem relações muito singulares com personagens influentes da alta roda, que todavia mal suspeitam que elle é o Supremo Enredador. Tem-no visto jogar o *bluff* com a duqueza de

Uzés: ter conferencias muito sabias com o Geral dos Jesuitas e o padre Himalaia: trincar *brioches* muito aristocraticamente nos chás do senhor D. Miguel II.

É, portanto, o mais contemporaneo dos contemporaneos, e todas as prevenções e instruções sobre elle são tão saudaveis como preceitos médicos contra a tuberculose ou o cancro.

Falemos agora das Teses Selvagens:

Ventrudo Burguez que te proclamas Catão Virtuoso, e devóras ávidamente e á sucápa toda a sorte de livros imoraes, indecentes, e pornográficos, sem receares que elles possam caír sob os olhares inocentes das tuas meninas, semi-virgens, galantes, e Rainhas da Moda! não me queiras aturdir com a brancura da tua Honestidade, que eu bem sei que essa brancura é como a dos Sepulcros cheios d'ossos, tibias, e fémurs. Não proclames tambem a toda a gente que as Teses Selvagens são ultra-socialistas, pessimistas, anarquistas, ou libertarias, nem creias ou finjas acreditar, que ellas são os mandamentos da lei do proprio Senhor das Trevas Flamejantes, vulgarmente denominado o Senhor Diabo.

Acaso tu poderás jurar sobre a tua honra, sobre a tua cabeça, ou sobre a tua alma, que a Historia não é um lamaçal, que o Homem não é progressivamente máo, que a Civilisação actual não é uma mentira, que civilisar não tem sido sempre rapinar, que a Mulher nas Capitaes não se desmoralisa, que o Lupanar não floresce e a Familia não se desorga-

nisa, finalmente que a Humanidade não degenéra e a Alma Humana não se empulha e encanálha cada vez mais?... Não. Não o podes jurar por certo.

Entretanto, Burguez Austero, de peitilhos lustrosos e botões de oiro, se no fundo és um hypocrita velhacáz e maráo! — prégue-te eu o que prégar — tu continuarás a alardear sempre a tua indignação postiça e verboirral, nas ruas e nas praças soalheirentas, nas reuniões estrepitosas e palavrosas, ou nas largas e rasgádas Avenidas, se cuidares que isso te colóca em fóco, no teu bairro, no teu club, ou na tua freguezia.

Entretanto se tu, baixinho e á caláda, ou cerrando cautelosamente a tua porta, quizeres ser, um minuto sequér da tua vida, sincero ante a tua propria consciencia, tu exclamarás decerto a respeito das téses: — *São grossas verdades puras!...* A *Humanidade é uma ninhada de Viboras!...* A *Civilisação é uma pútrida Carcassa!...*

Ainda que isto seja dito por ti, a tua sinceridade me satisfará comtudo, Leitor Burguez e Ventrudo, acredita-me!...

As obras ao principio malditas, proíbidas, e até queimádas pela mão do verdugo nas Fogueiras Publicas, que originam a indignação e o asco das grandes massas, que são acolhidas com vociferações e berros, com rugídos e assobíos, que ocasiónam emfim a arruáça, a pedráda, ou o Odio, tornam-se ás vezes tambem os augustos Evangelhos da Humanidade e constituem depois a sabedoria das nações.

Descobre-te ante ellas, Riquissimo Burguez do ro, Grotesco Hipópotamo do Metal!— estas obras o o *Inferno* do Dante, a *Conquista do Pão* de ropotkine, a *Sonáta de Creuser* de Tolstoi, o *Je use!* de Zola, e os *Quatro Evangelhos de Jesus.*

As injurias do Vulgácho contra estas obras ao rincipio condenadas e excomungádas, mais tarde urvam a fronte e ajoelham, bátem nos peitos e azem o acto de contrição.

Acaso na propria siencia não existem teorías oje aceitas, que foram outr'ora objecto de escandalo?... A noção dos *antipodas* não foi acaso já uma terrivel herézia?... Muitos discipulos não se afastaram do Cristo, e os Galileus não o quizéram arremesar de uma ribanceira abaixo, por terem suas doutrinas por escandalosas?...

O autor, portanto, para conjurar todos os absurdos juizos erróneos—tal como a Santa Barbara para conjurar os raios e trovões, formúla esta bizarra ladainha dominical:

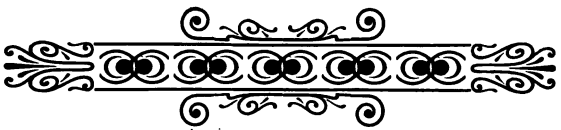
Á CONSCIENCIA!

—Incorruptivel, Invisivel, e Terrivel, que sábes tudo! Rainha das sagrádas audacias!... Senhora das supremas dedicações!... Mãe dos heroicos atrevimentos! defende dos coices das Bestas, dos grunhídos dos Porcos, das peçonhas dos Judas, das mentiras dos Sabios, e das tolices dos Materialistas, estas irreverentes mas excelentes verdades, estas escandalosas mas virtuosas Teses Selvagens!

ERRATA

—

A pag. 470, no começo da 7.ª linha, a palavra *Papa* está alí indevidamente, devendo lêr-se junta ás palavras *Alexandre VI*, da linha seguinte.



INDICE

	PAG.
Carta Aberta	VII
Prefacio ás Teses Selvagens	1
Téses Selvagens	3
A Genese do Heróe	4
O Fetichismo das Patrias...	5
Sob o Homem está a Féra...	6
A Historia é um Lamaçal...	7
A Civilisação é uma Mentira	8
A Siencia faliu	9
O Homem é um monstro correto e aumentado	10
Elogio do Selvagem	11
Ao Leitor	12
Introdução. — A Voz temerosa da Consciencia	15
Primeira Epoca. — Os Cristos do Mal... ...	19
O Navio Cholérico...	21
Sala de um Palacio em Jerusalem...	29
A Cidade do Mal...	42
Téses Selvagens — Os Gemidos da Arvore...	89
Crescei e Multiplicae	90
A Natureza é impassivel	91
A Aritmetica da Perversidade...	92
Ninguem compreende Jesus...	93
Autopsia do Amor...	94
Segunda Epoca. — O Crepusculo de Jehovah e de Jesus	95

PAG.
Uma Camara de Estudo 97
Uma Azinhága entre Rochas... 103
Uma Rua d'aldeia... 116
Um quarto interior em casa de Celeste... ... 130
Outro quarto interior... 133
Os Céos Catolicos... 144
Uma Eira ao luar... 174
N'um campo ajardinado 192
Um bosque — Um Chalet iluminádo 207
Téses Selvagens. — O homem é progressivamente Máo 217
A Mulher das Capitaes desmoralisa-se... ... 218
O Suicidio progride 219
O Lupanar floresce 220
O que dizem as Ervas... 221
O que dizem as Florestas... 222
Terceira Epoca. — A' Seducção segue-se a Desilusão 223
A Floresta dos Desejos 225
Téses Selvagens — O Egoismo do Futuro... 247
A Siencia fortifica a Maldade Humana... ... 248
A peor Tirania será a dos Máos Sábios... ... 249
O Homem é o maior Cancro do Planeta ... 250
Civilisar significa Rapinar... 251
As Eras Patriarcaes 252
Quarta Epoca. — A ultima Ilusão da Humanidade 253
O Derradeiro Cataclismo 254
Sala de um Palácio em Jerusalem... 255
Téses Selvagens — Hossana a Barrabás... ... 301
A Vibora Oculta 302
A Diplomacia do Mal... 303
A Filosofia do Desencanto... 304
A Idolatria Humana 305
O Ultimo Soluço 306

PAG.

Quinta Epoca. — O Homem será sempre o lobo do Homem... 307
No Vale de Josafat 309
Téses Selvagens — O Amor Livre... 337
O Trapo Lindo 338
Vaidade, Ambição, Arte e Gloria... 339
A velha noção do Céo... 340
O Fim da Siencia... 341
A Civilisação máta a Moral 342
Sexta Epoca. — Trevas e Agoas 343
Os Sobreviventes da Terra... 344
A Torre da Blasfemia... 345
Téses Selvagens — A Familia desorganisa-se 375
A Pata do Bicho 376
A Humanidade degenéra 377
Se Deus fosse visivel 378
O mundo odeia o Ideal... 379
A Alma encanálha-se 380
Setima Epoca. — A Patria da Consciencia... 381
Sintese Final 399
Notas Explicativas—Qual é o fim do Homem? 407
Post — Scriptum 487

K152574
YC